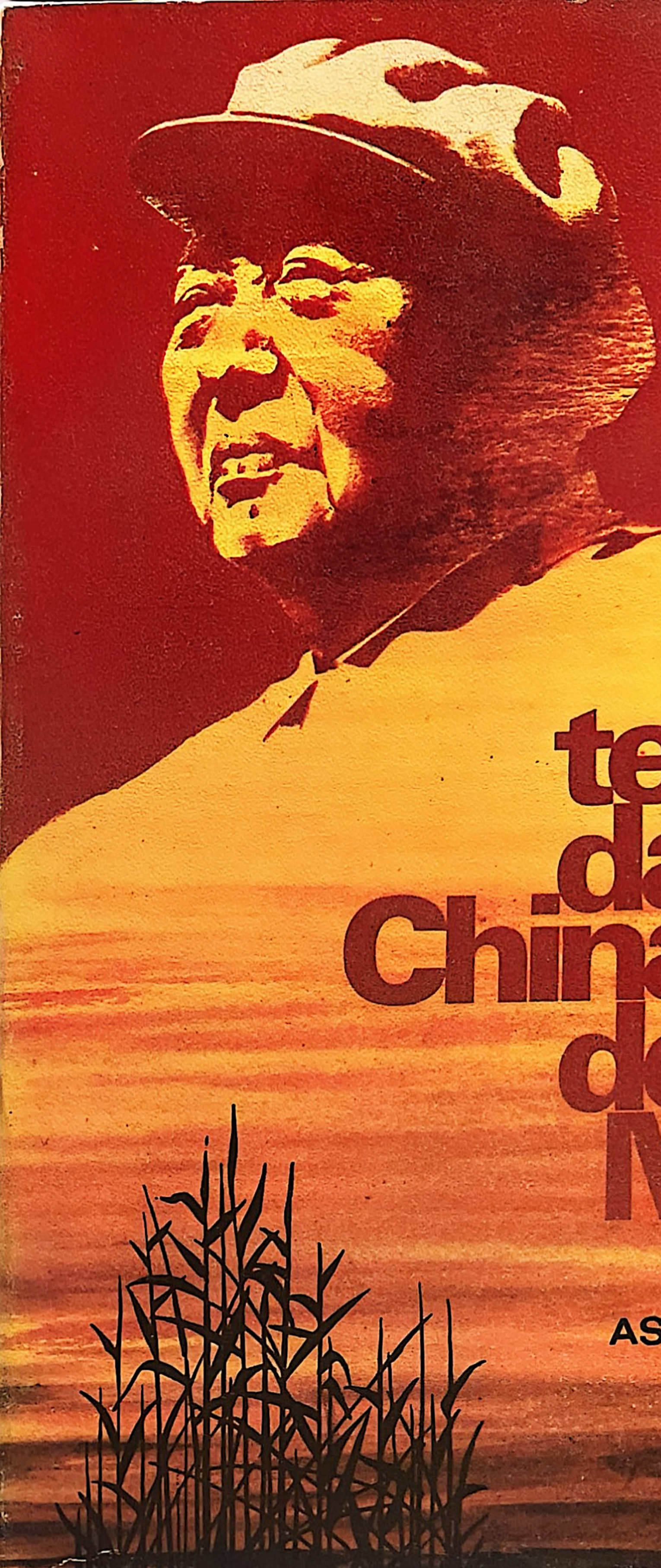

textos da China de MAO

prosa
poesia
teatro

ASTER

TEXTOS DA CHINA DE MAO

COLECÇÃO PERSPECTIVAS

1. — TEXTOS DA CHINA DE MAO, Rosanna Pilone

ROSANNA PILONE

TEXTOS DA CHINA DE MAO

O que dizem e como se exprimem os poetas e escritores da China de Mao

EDITORIAL ASTER
LISBOA
1975

TITULO ORIGINAL
Se Ci Chiedete da dove Veniamo
© 1974 RIZZOLI EDITORE, Milano

TRADUÇÃO: **INACIA FIORILLO**
CAPA: **GERALDES SOBREIRO**

TODOS OS DIREITOS EM LÍNGUA PORTUGUESA RESERVADOS À EDITORIAL ASTER, LDA., LARGO D. ESTEFÂNIA, 8-1.º, LISBOA-1

Uma certa fase da Revolução Chinesa — na prática, a era de Mao — sem dúvida que já se concluiu. Quer os anos presentes, quer aqueles que se lhe seguirem nascem, no fundo, da temática iniciada (pelo menos oficialmente) em 1949, continuada e, em parte, adquirida vai para mais de vinte anos. Vinte anos dos quais já é possível fazer um balanço efectivo, enquanto o presente fica ancorado em nebulosidades e incertezas só solucionáveis com o tempo. O mesmo é dizer que só daqui a uns anos será possível escrever a sua história. Contudo, pelo que diz respeito ao período inicial da revolução comunista na China, qualquer que venha a ser o julgamento ou o redimensionamento futuro — como também sobre os homens que a quiseram e a fizeram — o seu caráter de ruptura e de irreversibilidade duma tradição de milénios permanecerá inegável. Resumindo, terá sempre o significado duma reviravolta definida, profunda e fundamental, dada ao país. Se a esta se seguirá uma certa estase ou sucessivo desenvolvimento, isso já não é da competência do presente volume, cujo único fim possível e desejado foi o de identificar, segundo um itinerário ideal e cronológico, mediante uma escolha de textos e autores «oficiais», além das impressões directamente colhidas na China (no fundo, cada qual regressa duma viagem com o que pode e o que quer) — o sentido cultural desta reviravolta. Pois que não há dúvida de que, mesmo com todas as limitações impostas por uma época de transição, de «meditação» entre o passado e o futuro, um discurso se evidencia. Um discurso de cultura global, que interessa toda a sociedade chinesa do futuro e da qual a arte e a literatura são já as mais imediatas e directas expressões.

PREMISSAS

No início do século XIX, a China apresenta-se como um país subdesenvolvido, em parte feudal, em parte colonial, tendo por um lado o pesado encargo de 90 % de analfabetos, na sua maioria rurais, e do outro o património de uma tradição esplêndida, mas sem dúvida privilégio de poucos, e que, tendo ultrapassado o ápice do seu Io, estava agora claramente em crise. Pelo meio, intersectam-se e agem poucas vozes «ocidentalizantes», com um peso próprio não indiferente, ainda que relativamente pequeno.

O mundo de Confúcio, que o mesmo é dizer o período feudal, que durou quase dois mil anos, foi um mundo de perfeição estilística cristalina, que produziu obras notáveis no campo do conhecimento humano — arte, cultura e ciência. Mas foi também um mundo cruel, gélido e dramático desde o mais drástico apartheid *(posto em prática, por causa da propriedade de terras, pelas cortes feudais-imperiais), que negava precisamente a arte, a cultura e a ciência a multidões de analfabetos que viviam à sombra das torres de marfim dos senhores confucianos. Multidões que, atiradas para o cinzento que ainda hoje distingue visivelmente as habitações humildes da Pequim velha em relação às cores esfusiantes da Cidade Proibida (antiga sede do Senhor, por antonomásia, ou seja, o Imperador) não alinhadas com o monólogo culto que nelas se desenrolava, viviam as suas próprias expressões culturais e artísticas, que não eram evidentemente consideradas como tais, mas frequentemente incluídas e confundidas no termo ambíguo de folclore.*

A verdadeira crise, e com ela a primeira brecha no mundo feudal, deu-se com a instauração na China do domínio colonial branco, nos séculos XVIII e XIX. Seguindo-se no tempo, nasceu uma nova e reduzida classe burguesa local, urbana e submissa aos estrangeiros, chamada dos compradores, *que principalmente nas cidades costeiras deu início, com o pedido de novos e reconhecidos direitos de presença já confirmada, a um concreto movimento anti-monárquico, que amadureceu no início do século XX.*

1911 marca o início da primeira República chinesa, nascida sob a égide de Sun Yat-sen, um dos primeiros pais da pátria *moderna. Foram anos de caos, de grande instabilidade política e económica, de «vias múltiplas» e nem sempre claras, mas, feitas as contas, foram anos fertilíssimos de grandes esperanças e de parciais realizações. De facto, se dum lado a República burguesa se coloca como um momento de ruptura e de oposição à milenária e esboroada «norma» confuciana, pelo outro lado vergada ao peso duma tradição milenária não facilmente superável, tão profundas eram as suas raízes, ligada a interesses e pressões de carácter individual e de classe, a nível local e estrangeiro, o próprio equívoco das suas soluções incompletas a reduzir a uma experiência relativamente reformista sob muitos ângulos. Contra aquele pouco que se obteve e realizou, demasiado ficava por fazer. Se, num certo sentido, as cidades se emanciparam, os campos chineses, e portanto ¾ do país, ficaram, pelo contrário, envolvidas no letargo feudal.*

1911 e os anos seguintes nem defrontaram nem conseguiram uma solução concreta para os enormes problemas de fundo que acicatavam a China, mas deixaram-nos não apenas por solucionar mas, ao contrário do passado, já mais potencialmente individualizados e identificados e susceptíveis de resolução. De facto, a abertura de 1911, pelas evidentes contradições que ela própria trazia, propôs-se como o pressuposto de diversas directivas identificáveis em dois nomes que fizeram história, Chang Kai-chek e Mao Tse-tung. O primeiro, tradicionalista e burguês, retirado para a Formosa, sairá da cena; o segundo, nacionalista também, mas comunista, abrirá os caminhos para o 1949 chinês.

O período que medeia de 1911 a 1949, ou seja, a passagem da República burguesa à popular, marca para a China a longa e dolorosa pesquisa duma nova e mais verdadeira

identidade nacional, vivida e compreendida em experiências dramáticas e formativas, como seja o domínio colonial, a invasão estrangeira, a resistência, e finalmente, a guerra civil. Tudo isto movimentando-se sob a capa do feudalismo, corrente a quebrar, «montanha» a abater.

Duas são as personalidades mais importantes neste arco de tempo: Lu Hsun (1881-1936) e, naturalmente, Mao Tse-tung (1893).

Ao nome do escritor Lu Hsun está ligada a primeira revolução cultural de 1919 (1), que significou a abertura daquela nova via que, nascendo do fracasso de 1911, se viria a concluir positivamente apenas em 1949. Revolução cultural e não apenas literária, pois que, se por um lado se debatiam problemas de forma e de conteúdo artístico (nova literatura para a nova realidade), de língua (vulgar contra o clássico), etc., por outro lado tomavam-se compromissos sérios e diferentes que, tendo como fim primeiro o da revolução social, recusando por isso a fórmula arte pela arte, punha esta última ao serviço da primeira.

Em resumo, tratava-se antes de mais de subverter toda a estrutura sócio-económica do país. Acrescente-se ainda que, sobre este mundo em fermento, além dos motivos já focados, agiam quer as novidades da moderna ciência e da moderna democracia ocidentais, não tanto introduzida localmente pelos Brancos quanto trazidas para a pátria pelos returned students *(os Chineses que tinham estudado nos Estados Unidos, na Europa ou no Japão, e exemplo típico destes é Chu En-Lai), quer o fértil primeiro encontro com o marxismo-leninismo que saíra, vitorioso e portador de promessas «absolutas», da revolução russa de 1917.*

No centro da enorme gestação de que deveria surgir a China contemporanea, está a figura de Lu Hsun, ensaísta e escritor, humanista num sentido completamente novo, ho-

---

(1) O dia 4 de Maio de 1919 marca para a China uma etapa decisiva. Enquanto que na Conferência de Versalhes se tomavam decisões desfavoráveis ao país, pela primeira vez estudantes e intelectuais, proletariado e pequena burguesia se uniram pelas cidades, em manifestações e greves de protesto contra o Governo, que foi obrigado a demitir-se. O «movimento de 4 de Maio» representou a via para o despertar popular, que iria ter como próximas etapas a fundação do Partido Comunista Chinês, em 1921, e o início dos movimentos revolucionários nos campos.

mem singularíssimo, tão chinês e tão diferente dos Chineses, que foi talvez o único chinês que, com Mao (ainda que muito menos conhecido no estrangeiro), tenha uma medida e uma projecção universais. Não é por acaso que, em 1966, ou seja, no início da segunda revolução cultural, nas estradas da China revolvidas pelas guardas vermelhas, o seu retrato foi levado em cortejo, as suas palavras citadas como exemplo, como que a querer significar um regresso às origens autênticas do movimento e àqueles primeiros e vitais movimentos que haviam de distinguir e transformar os anos, de 1919 para cá.

Em Xangai, fulcro e símbolo da época, do domínio colonial na Ásia — que ainda hoje se pode ver nos altos edifícios da Bund, que foram bancos, hotéis, delegações e sedes dos Brancos —, Lu Hsun vivia numa viela distante, que de certo modo recorda o Sul da Itália — o mais interno, rústico e campesino —, ainda que actualmente esteja a ser superada esta situação por um fictício consumismo de fachada. Era numa ruela tipicamente asiática, pobre e populosa, cheia de sons, de cores e, naturalmente, de crianças. Uma casa modesta, não intacta, mas que encerra o seu espírito; onde habitou durante os últimos anos da sua vida um homem invulgar, um daqueles homens que trazem uma mensagem, talvez parcialmente, utópica, mas capazes, todavia, de actuar sobre a realidade que os circunda. Não é difícil imaginar quanto ele tenha pago por tudo isto, sobretudo nos anos obscuros, quando a nova via parecia distante se não impossível: porque é sempre repousante e fácil permanecer na «normalidade» usual e corrente, sem falar na segurança que daí advém, — enquanto que o afastar-se dela exige um duro preço. Bem o dizia o bom do Confúcio, que percebia do assunto e que precisamente convidava ao «conformismo» e à «ordem» («afastem os olhos do que não está em ordem», dizia) e condicionava as pessoas, para a real conservação dos poderes, a um indispensável imobilismo (²). Não é por acaso que em Lu Hsun e em Mao se sente frequentemente uma «ânsia» de desordem como sinal de vitalidade e de mutação.

(²) Um breve apontamento sobre Confúcio. Erroneamente, mas não ilogicamente, erguido quase à glória dos altares e ao equívoco da «sabedoria» e da «santidade» por excelência, na realidade Confúcio (que dizem ter nascido em 551 a.C.) foi um hábil economista e homem político que acabou por ser o intérprete e o porta-voz mais autorizado da ideologia feudal-imperial. Mediante a recolha e em parte a elaboração dos textos clássicos, estabeleceu determinadas regras de conduta (os famosos rituais confucianos, que compreendiam, por exemplo, o respeito filial e o culto dos antepassados — tudo formas de imobilismo, que o mesmo é dizer meios reais de poder), sobre os quais se fundou e se sustentou durante milénios o grande Império chinês.

Provavelmente naquela sala, àquela secretária, num daqueles abafadíssimos dias de Xangai, tão densos do cantar das cigarras (talvez o som mais típico da China estival, contínuo e ensurdecedor) Lu Hsun terá pensado nas crianças que ouvia a jogar no beco, terá imaginado para todos um futuro melhor. Terá mais uma vez perguntado intimamente que fazer para os salvar, como ensinar-lhes, passados dois mil anos, a não comer mais carne humana... Com estas palavras concluía metaforicamente o seu primeiro conto, que não por acaso se chamava Diário de um Louco, *que tanto rumor havia de suscitar à data da sua publicação, em 1918, na revista «Juventude Nova», e com o qual se iniciava a moderna cultura chinesa. Lu Hsun ou a esperança, poder-se-ia dizer. E aqui fica um grande ponto de interrogação: às suas esperanças ainda não foi dada uma resposta definitiva — nem se sabe se alguma vez isso será possível — enquanto outras crianças jogam naquela viela, ou noutras semelhantes noutros países do mundo, e a carne humana, seguindo a metáfora luhsuniana, continua a ser, quer se queira ou não, o alimento preferido.*

Lu Hsun morreu tuberculoso em 1936, a poucos anos da Conferência de Yenan de 1942 — aquele Yenan que era então a capital e o coração da revolução —, durante a qual Mao devia pronunciar os seus já clássicos mas ainda válidos Discursos sobre a Literatura e a Arte. *Relação feita numa conferência,* sui generis, *ao ar livre, com quatro bancos de madeira e «quatro gatos» (³) que, concluindo uma época e*

(³) Eis como recorda o acontecimento o escritor Chiou Li-po: «No centro havia uma mesa e uma cadeira, enquanto que os assistentes à reunião se sentavam de frente, em cima de tudo o que pudesse servir de assento. Esperámos um pedacinho, em silêncio. Chegou o camarada Mao Tse-tung com um rolo de papel debaixo do braço. Parou junto da mesa e começou imediatamente a falar. Pouco depois, sentou-se. Depois, como se estivesse melhor em pé, levantou-se e continuou a falar sem se interromper. Quando acabou, juntou-se a nós

iniciando outra, lançava como que uma ponte ideal entre as duas margens: em poucos anos, de facto, o Partido Comunista iria passar da ilegalidade da guerrilha para a oficialidade do poder. O que iria dar início a outra dimensão bem diversa, claramente pós-luhsuniana e já mais abertamente maoista.

Lu Hsun e Mao Tse-tung são as personalidades mais modeladoras da primeira metade do século XX chinês. Sobre o «grande chefe» muito já foi dito: mesmo no Ocidente, abusou-se e fez-se grande consumo do seu nome e do seu pensamento, nem sempre com exactidão. E nem sempre se entendeu o seu significado visto à luz dum certo período histórico. E frequentemente, mesmo para os mais jovens, teve apenas o valor dum poster. *Quem sabe, talvez um dia a História possa redimensionar este homem e o culto da personalidade que por um certo período o acompanhou; talvez Mao seja esfrangalhado por algum ilustre camarada nalguma ilustre tribuna dum congresso — repetir-se-á assim o eterno jogo das responsabilidades, a culpa de um homem perante uma época, e tudo enfeitado como débitos e desencartamentos simplicísticos; talvez, segundo uma praxe bastante típica, venhamos a assistir à desmaoização, depois à contra-desmaoização, ao degelo contra o gelo, etc., e assim também o maoismo apresentará (se é que já o não fez) os vários reversos da medalha. Tudo isto é no fundo previsível e entra na lógica da História. Mas poderá querer dizer tudo isto e, ao mesmo tempo, não querer dizer nada. Pois que há um significado efectivo, ainda que relativo, nas pessoas e nos acontecimentos, que o simples e histórico ultrapassar de uma realidade contingente pode, inicialmente, mas não a longo prazo, ofuscar. Se aquilo que hoje é válido já o não é amanhã, isso não diminui minimamente o valor objectivo do momento, ou seja, de ontem.*

---

para ser fotografado. Há sempre vento em Yenan, no mês de Maio. Mas lembro-me que nesse dia não soprava. Estava-se bem ao ar livre e havia calor. Nesse ambiente nasceram os Discursos sobre a literatura e a arte». *Uma fotografia histórica, na verdade, que mostra reunido um exíguo número de homens modestamente vestidos, inseridos numa atmosfera bem diversa daquela que actualmente vigora nos congressos nacionais dos escritores chineses, nos quais participam já, em função oficial, vários milhares de delegados.*

Ambos políticos e letrados — com aquela poliédrica coincidência de aspectos frequente na história da China — Li Hsun e Mao Tse-tung permanecem a premissa ideal e necessária para o 1949 chinês, para a qual ambos tanto contribuíram, se bem que de maneira diversa. Neste volume, apresentamos, do primeiro um texto, ou antes, uma conferência que ele proferiu em Hong-Kong em 1927, A China Emudecida, *que, se bem que trate especificamente do problema da língua (¹), tem todavia um valor substancial e simbólico de grande importância. Trata-se, mais profundamente, do apelo e da batalha para uma nova identidade nacional que compreendesse, com a voz e a expressão escrita, a presença real das grandes massas chinesas na vida oficial do país. De Mao, apresentamos aqui algumas partes essenciais da conclusão dos* Discursos sobre a Literatura e a Arte *de 1942, que representam a continuação do discurso luhsuniano; resumindo, a actuação para a nova identidade.*

(¹) Batiam-se nesses anos por uma reforma de fundamental importância. Pedia-se a abolição da língua clássica (o wen yen, *«língua escrita», expressão das élites confucianas e feudais), normalmente usada na vida oficial, nas escolas, na literatura, no teatro, etc., e queria-se introduzir no seu lugar e que fosse reconhecida, a linguagem comum, o vulgar — o* pai hua, *a «língua branca», quer dizer, até então* «não escrita». Lu Hsun foi um dos primeiros escritores a usar o vulgar.

LU HSUN

A China emudecida

Em primeiro lugar desejo exprimir a todos vós o meu agradecimento respeitoso por terem vindo, apesar da chuva que cai torrencialmente, para escutar esta minha fútil e vazia conversação.

O argumento de que desejo falar hoje é: «A China Emudecida».

Nesta ocasião combate-se no Sequiang e no Chensi, mas não sabemos se lá o povo chora, ou ri. Hong-Kong parece muito tranquila, mas quem vive fora da cidade não sabe se os chineses que aí estão se encontram bem, ou não.

Quem desejar que os outros participem nos próprios pensamentos tem à disposição esse meio formidável que é a escrita. E se a maior parte dos chineses de hoje é incapaz de a utilizar, a responsabilidade é dos nossos antepassados, que nos transmitiram esse terrível encargo. Mesmo depois de anos de esforços, a escrita apresenta tais dificuldades, que a maior parte dos chineses, em vez de as superar, as ignora e renuncia a escrever. Há quem nem saiba qual o carácter que corresponde ao próprio nome, ou então não o sabe escrever, mas apenas pronunciar. Mas o círculo daqueles que o podem ouvir é de tal modo restrito, que é como se fosse mudo.

Outros há, porém, que, superadas as dificuldades iniciais, consideram a escrita como um tesouro e se divertem a usar termos eruditos ao alcance duma minoria de cuja compreensão nem tão pouco pode ter a certeza. E é como se ele fosse igualmente mudo, porque decerto a grande maioria não o entende.

Os homens civilizados distinguem-se dos selvagens graças à escrita, que permite a cada um transmitir pensamentos e sentimentos aos outros homens e à posteridade. A China também tem uma escrita, mas tão arcaica e indecifrável que exprime apenas sentimentos antiquados e fora de moda, distantes da massa do povo; aquilo que ela exprime pertence ao passado e nada tem a dizer aos chineses de hoje, que, incapazes de se entenderem, são como grãozinhos de areia desagregados.

Pode ser divertido considerar a escrita como uma curiosidade tanto mais válida quanto menos abordável. Mas com o único resultado de agravar a situação dum povo já incapaz de exprimir os próprios sentimentos ou de responder a uma injúria ou a um insulto. Não existe um único livro bom sobre acontecimentos importantes como a guerra chino-nipónica, a revolta dos Boxer ou a revolução de 1911. Ninguém foi capaz de falar do dia em que se fundou a República. E, além disso, se no estrangeiro se fala da China, são os estrangeiros que o fazem, e não os Chineses.

Este silêncio não era tão grave na época da dinastia Ming, porque então os Chineses exprimiam-se relativamente melhor; mas, quando os Manchú invadiram a nossa terra, todos os historiadores foram mortos, especialmente aqueles que tratavam do último período Sung, e, claro, aqueles que falavam de argumentos contemporâneos. De modo que durante o reinado de Chieng Lung, ninguém se atreveu a escrever; os chamados estudiosos acabaram por melhorar o seu conhecimento dos clássicos, recolher e imprimir velhos textos, escrever brevemente de argumentos distantes do próprio tempo num estilo antigo e ultrapassado. As novas ideias eram tabú; os autores escreviam como Han Yu ou como Su Tung Po, que eram válidos, sim, mas quando dissertavam de argumentos que se referiam à sua época. Como podemos nós hoje fazer um discurso válido com a voz deles, com palavras que já são antigas? É a voz deles, mesmo admitindo que as imitações sejam convincentes; deles, não a nossa. Mas os Chineses continuam a jogar o mesmo velho jogo; e é triste ter de admitir que temos os homens, mas não as vozes. E os homens não se podem calar, a não ser que estejam mortos, ou, melhor dizendo, que sejam mudos.

Restaurar a linguagem desta China que ficou em silêncio durante tantos anos não é empresa fácil; é como dizer a um

morto que ressuscite. Ainda que eu pouco saiba de religião, penso que seria aquilo a que os crentes chamam «milagre».

O doutor Hu Shih fez uma primeira tentativa no ano precedente ao movimento de 4 de Maio (1919), reclamando uma revolução literária. Para aqueles que se deixam impressionar pela palavra «revolução», e para aqueles outros que ficam aterrorizados, chamar-lhe-emos «reforma», porque se trata duma reforma e porque desse modo é mais inofensiva. E, além do mais, uma revolução literária não mete, de certo, o medo que meteria uma Revolução Francesa. Visto que a língua chinesa é tão engenhosa que nos permite certas subtilezas, usemos, pois, o termo «reforma». Tudo aquilo que queremos, é isto: em vez de sobrecarregar as nossas cabeças aprendendo uma língua de mortos, deveríamos falar a dos vivos; em vez de tratar a língua como uma curiosidade, deveríamos escrever naquela linguagem corrente que todos conhecem. Contudo, uma simples reforma literária não basta, porque as ideias erradas tanto podem ser expressas na linguagem corrente como na clássica: por isso, impõe-se a necessidade duma mudança nas ideias e, portanto, de reformas sociais. Mas, quando estas reformas se manifestaram, nasceu uma reacção e começou uma batalha.

Na China, basta acenar com uma reforma literária para encontrar imediatamente uma oposição. Parecerá pois estranho que o uso do vulgar tenha encontrado relativamente poucos obstáculos no seu caminho: mas o motivo existe. O Chinês é o homem do compromisso, do meio-termo: se, por exemplo, alguém propuser que se abra uma janela numa divisão demasiado escura, encontrará uma discordância geral. Mas, se a mesma pessoa propuser que se elimine o tecto, os outros acabarão por pactuar, e ficam muito felizes por abrir a janela. Na ausência duma proposta drástica, o Chinês nunca condescenderá à mais simples e inofensiva reforma. Foi assim que, quando o senhor Chien Hsuan-tung propôs contemporaneamente que se abolissem os ideogramas chineses e se latinizasse a linguagem — que teria sido uma reforma normal —, os nossos corajosos Chineses precipitaram-se a aprovar a relativamente inofensiva reforma literária, para consagrar todas as suas energias a insultar Chien Hsuan-tung. O vulgar acabou por obter daí uma vantagem e difundir-se, pois que, graças à proposta de abolir os caracteres chineses e de usar o alfabeto

latino, já tinha poucos opositores e menos obstáculos no seu caminho.

Mas os Chineses, que odeiam as decisões rápidas, em vez de dar por concluído o debate sobre os respectivos merecimentos da língua clássica e da língua vulgar, ainda estão inutilmente discutindo. Alguns, por exemplo, afirmam que o chinês clássico é compreensível em todas as províncias, enquanto que a linguagem falada varia de região para região e não pode ser entendida em todo o país. Ora, é claro que, possuindo uma educação normal e melhores comunicações, todo o país estará em condições de perceber e adoptar o vulgar mais compreensível, enquanto que a linguagem clássica é compreensível em todas as províncias, mas a poucos. Outros argumentam que, se todos usamos o «vulgar», deixaremos de ser capazes de ler os clássicos e a cultura chinesa morrerá. À parte o facto de que teria sido melhor para muitos da nossa geração não terem lido os clássicos, não há necessidade de nos alarmarmos: aquilo que os clássicos contêm de verdadeiramente válido pode ser traduzido para vulgar. Aqueles que afirmam que as numerosas traduções feitas no estrangeiro, dos nossos clássicos, são uma prova do seu valor, nós diremos que os estrangeiros também traduziram os hieroglifos egípcios e os mitos dos negros africanos, não para demonstrar a sua importância e valor, mas por motivos bem diversos. E, além do mais, não é assim uma grande honra, ser traduzido por eles.

Àqueles que mais recentemente argumentaram que o importante é a reforma do pensamento com o fim de traduzir as novas ideias numa linguagem clássica clara e simples para encontrar menos oposições, reconhecemos uma certa sensatez. Mas bem sabemos que quem não quiser cortar as unhas compridas (1), nunca cortará o rabicho!

Usando a língua dos antigos, que poucos sabem ouvir e entender, continuamos separados uns dos outros, ignorando o sofrimento do próximo. É indispensável, se quisermos viver, que os jovens deixem de falar a língua de Confúcio, de Mêncio, de Han Yu e de Liu Tsung-yuan. Vivemos noutra era. Os tempos mudaram. Hong-Kong já não é a mesma dos tempos de

(1) Nos fins da dinastia Ching, era moda entre os estudiosos deixar crescer as unhas. Era um modo de se diferenciar daqueles que faziam um trabalho manual.

Confúcio, e não podemos falar duma cidade moderna com a linguagem do velho sábio: hoje, seria absurdo dizer: «Oh que admirável cidade és tu, Hong-Kong!»

Devemos falar a nossa língua, a língua de hoje, para exprimir os pensamentos de hoje, os sentimentos de hoje. Seremos diversos, é inevitável, dos mais velhos, e dos melhores, que consideram o vulgar inútil e consideram os jovens escritores pueris e ridículos. Mas a maior parte dos Chineses pode apenas usar a linguagem corrente, e honestamente, não podemos dizer que todos sejam vulgares e incapazes. Quanto à infância, não nos devemos envergonhar dela mais do que um menino se deve envergonhar de si próprio perante um velho: os jovens valem precisamente porque podem crescer e amadurecer, até ficarem decrépitos e corruptos. Nem vamos dizer que só depois de se estar maduro se pode fazer um movimento: nem uma camponesa seria tão tola que o afirmasse. Se o seu filho cai enquanto aprende a andar, é evidente que não vai mantê-lo deitado até ele ser capaz de andar...

Os jovens devem, antes de mais, transformar a China num país que se saiba exprimir. Devem falar corajosamente, avançar sem medo, sem esperarem vantagens pessoais, refutando os antigos, exprimindo com sinceridade o seu pensamento. Ser sincero não é, certamente, coisa fácil; cada um de nós tem dificuldade em o ser, começando por mim, que sou diferente, agora que vos falo, do Lu Hsun que fala para as crianças ou os amigos. E, contudo, podemos exprimir-nos com uma certa clareza, expondo ideias relativamente sinceras. Só com esta condição podemos promover a China e o mundo. Só assim poderemos viver no mundo com os outros países do mundo. Ora vamos lá a ver quais são as nações cujas vozes actualmente ninguém ouve: o povo egípcio, por exemplo, e o anamita, e o coreano não têm palavras para nós. E nem sequer a Índia, se se exceptua Tagore.

Só temos duas possibilidades: ficar apegados à nossa língua clássica — e morrer, ou recusá-la — e viver.

1927

MAO TSE-TUNG

Discursos sobre literatura e arte na conferência de Yenan

Camaradas! Reunimo-nos três vezes no espaço dum mês. À procura da verdade, tivemos calorosos debates com a participação de algumas dezenas de camaradas, membros do Partido ou a ele estranhos, que tomaram a palavra ilustrando amplamente os problemas e concretizando-os. Penso que, no seu conjunto, o movimento literário e artístico obterá algumas vantagens disso.

Qual é o ponto central da questão? A meu ver, servir as massas, e estabelecer de que modo as servir. Se estes dois problemas não forem resolvidos, ou se não forem resolvidos de maneira adequada, os nossos escritores e artistas não se poderão adaptar ao ambiente e as missões que têm de enfrentar e esbarrarão numa série de dificuldades de carácter externo e interno. Nas minhas conclusões tratarei especialmente estes dois problemas e reflectirei sobre algumas perguntas que a elas se ligam.

Primeiro problema: ao serviço de quem devem estar a nossa literatura e a nossa arte?

Este problema já foi a seu tempo resolvido pelos marxistas, e em especial por Lenine. Já em 1905, Lenine insistia em que a nossa literatura e a nossa arte devem estar «ao serviço de milhões e dezenas de milhões de trabalhadores». Aos nossos companheiros que se ocupam de literatura e de arte nas bases de apoio anti-nipónico poderia parecer que este problema já estava resolvido e que nada mais havia a dizer. Na verdade, não é assim... Há pois um motivo para que continuemos a afirmar que mesmo dentre estes companheiros nem todos encontraram uma resposta clara e justa para a pergunta: ao

serviço de quem devem estar a literatura e a arte? É então possível que entre eles haja ainda quem considere que a literatura e a arte revolucionárias devam estar ao serviço, não das vastas massas populares, mas dos exploradores e dos opressores?

Existe, evidentemente, uma literatura e uma arte ao serviço dos exploradores e dos opressores. A literatura e a arte criadas para a classe dos proprietários de latifúndios são a literatura feudal e a arte feudal. E estas foram a literatura e a arte das classes dominantes na época feudal, na China. A influência desta literatura e desta arte é ainda hoje bastante forte na nossa terra. A literatura e a arte para a burguesia são a literatura burguesa e a arte burguesa... Na nossa opinião, a literatura e a arte não são destinadas a essas categorias de pessoas, mas ao povo. Já dissemos que a nova cultura chinesa é, na fase actual, a cultura anti-imperialista e antifeudal das vastas massas populares, que é dirigida pelo proletariado. Hoje, aquilo que é verdadeiramente do povo é necessariamente dirigido pelo proletariado, enquanto que aquilo que é dirigido pela burguesia não pode pertencer às massas. Isto, é claro, também se aplica à nova literatura e à nova arte, elementos da nova cultura. Devemos recolher a rica herança e continuar as melhores tradições literárias e artísticas da China e dos países estrangeiros, mas o objectivo deve ser pô-los ao serviço das massas populares. Não nos recusamos, evidentemente, a utilizar as formas literárias e artísticas das épocas passadas; nas nossas mãos, essas velhas formas, transformadas e enriquecidas por um novo conteúdo, tornam-se também elas revolucionárias, próprias para servir o povo!

Mas que são, afinal, essas massas populares? As vastas massas populares são os operários, os camponeses, os soldados e a pequena burguesia citadina, que constituem 90 % da população do nosso país. Por isso a nossa literatura e a nossa arte estão em primeiro lugar ao serviço dos operários, a classe que dirige a Revolução; em segundo lugar, ao serviço dos camponeses, o nosso aliado mais numeroso e seguro na Revolução; em terceiro lugar, dos operários e dos camponeses armados, ou seja, da oitava e da nova quarta armada e das outras unidades militares do Povo, forças fundamentais da guerra revolucionária; em quarto lugar, das massas trabalhadoras e dos intelectuais da pequena burguesia urbana,

que são também nossos aliados na Revolução e que podem colaborar connosco num período bastante longo. Estas quatro categorias, que representam a grande maioria do povo chinês, são pois as vastas massas populares.

A nossa literatura e a nossa arte devem estar ao serviço daqueles que pertencem às quatro categorias de que acabo de falar. Para as servir, devemos colocar-nos em posições proletárias, e não de certo em posições pequeno-burguesas.

(...) Resolvido o problema de «quem servir», passamos ao de «como servir». Os nossos companheiros puseram assim a questão: devemos esforçar-nos por elevar o nível da literatura e da arte, ou por a popularizar?

(...) Dado que a nossa literatura e a nossa arte são essencialmente destinadas aos operários, aos camponeses, aos soldados, popularizá-las significa torná-las populares entre eles, e elevar-lhes o nível significa progredir partindo do nível actual dos operários, dos camponeses, dos soldados. Que devemos nós popularizar entre as massas? Aquilo que responde aos gostos e necessidades das classes dos proprietários latifundiários feudais? Ou aquilo que corresponde às necessidades e ao gosto da burguesia? Ou o que responde às necessidades e ao gosto dos intelectuais pequeno-burgueses? Nada disso. Devemos popularizar entre os operários, entre os camponeses e entre os soldados, apenas aquilo que corresponde aos gostos e necessidades destes! Por isso, antes de educar os operários, os camponeses, os soldados, é preciso ter andado na escola deles. Isto é especialmente verdade no que diz respeito ao elevar de nível. Para elevar uma coisa, é necessário partir duma base. Façamos um exemplo com um balde de água: levantamo-lo do ar, ou do chão? Ora bem, donde devemos partir para elevar o nível da literatura e da arte? Da base da classe feudal? Da base da burguesia? Da base dos intelectuais? Nem duma, nem da outra, nem tão pouco da terceira; é preciso elevá-lo partindo unicamente da base das massas dos operários, dos camponeses e dos soldados. Isto não significa, contudo, elevar os operários, os camponeses e os soldados à «altura» da classe feudal, da burguesia ou dos intelectuais pequeno-burgueses; significa, sim, que devemos elevar o nível da literatura e da arte seguindo a direcção em que avançam os operários, os camponeses, os soldados, seguindo a direcção em que avança o proletariado. Também neste campo é necessário aprender com os operários, com os camponeses,

com os soldados. Porque unicamente partindo deles é que poderemos compreender duma maneira justa o que é a popularização e a elevação do nível da literatura e da arte, e encontrar a relação justa entre uma e o outro.

(...) O problema que se apresenta hoje aos operários, aos camponeses e aos soldados é este: eles empenharam-se numa luta encarniçada e sangrenta contra o inimigo, mas são analfabetos e ignorantes — resultado este do longo domínio da classe feudal e da burguesia — e por isso reclamam com insistência um largo movimento de educação primária, reclamando as noções e as obras literárias e artísticas de que têm urgente necessidade e que possam facilmente assimilar (...) O primeiro passo no seu interesse não é «acrescentar flores a um brocado», mas «oferecer carvão para quando nevar». Por isso, nas condições actuais, o dever mais urgente é o da popularização. Seria uma atitude errada subestimar ou ignorar este dever.

O trabalho de popularização não pode ser, de modo nenhum, separado de elevação de nível. Não só já é possível popularizar certas obras melhores mas assistimos também a uma elevação constante do nível cultural das largas massas populares! Se o trabalho de popularização permanecesse sempre fixo no mesmo nível, se mês após mês, ano após ano nos ministrassem sempre as mesmas coisas... sempre os mesmos ideogramas — homem, mão, boca, faca, boi, carneiro — que diferença haveria entre o aluno e o professor? E que valor teria uma popularização desse género? O povo pede a popularização das obras e que ao mesmo tempo o seu nível se eleve mês após mês, anos após ano. Neste caso, a popularização significa popularização para o povo, e elevar o nível significa elevar o nível para o povo. Esta elevação de nível não pode partir do ar, não pode ser conduzido entre quatro paredes, mas tem de se basear na popularização. Ele é determinado pela popularização e, ao mesmo tempo, é o guia da popularização.

(...) No mundo contemporâneo, cada cultura, cada literatura e cada arte pertencem a determinadas classes e seguem determinadas linhas políticas. A arte pela arte, a arte acima das classes, para além da política ou independente dela, na realidade não existe. A literatura e a arte proletárias fazem parte da inteira causa revolucionária do proletariado; como diz Lenine, são «uma pequena roda e um pequeno parafuso» do mecanismo geral da revolução. Por isso o trabalho literário

e artístico ocupa no quadro de toda a actividade revolucionária do Partido uma posição definida e bem estabelecida; é subordinado aos deveres revolucionários postos pelo Partido num certo período da revolução... Não concordamos em valorizar, até cair no erro, a importância da literatura e da arte, mas também não concordamos em minimizar a sua importância. A literatura e a arte estão subordinadas à política, mas também elas, por seu lado, exercem uma grande influência sobre a política (...) Não compreender isto seria um erro. Além disso, quando falamos de subordinação da literatura e da arte à política, nós queremos dizer subordinação à política de classe, à política das massas, não à chamada política dum pequeno número de homens políticos. A luta revolucionária na frente ideológica e artística deve ser subordinada à luta política, porque unicamente através da política as exigências das classes e das massas podem encontrar uma expressão concentrada. Os políticos revolucionários, os especialistas da política que se apoderaram da ciência ou da arte da política revolucionária, outra coisa não são mais que os dirigentes de milhões e milhões de outros homens políticos — as massas. A sua missão é recolher as ideias destes homens, ou seja, das massas, fazê-las passar através dum processo de refinação, e devolvê-las às massas, para que as massas delas se apoderem, e as ponham em prática.

(...) A velha época acabou para sempre. Por isso devemos, sem a mínima hesitação, fundir-nos com estas novas massas. E se, entre estas massas, os companheiros continuarem, como disse da outra vez, a «não possuir consciência nem compreensão» e a permanecer «heróis que não sabem realizar os seus feitos», pois bem, esses terão dificuldades, não só nos campos, mas também em Yenan. [2]

---

[2] No discurso de abertura da conferência, falando dos escritores e dos artistas, Mao tinha dito que «até à data eles não possuem nem conhecimento, nem compreensão, são como «aqueles heróis que não sabem onde realizar os seus feitos». Que conhecimento lhes falta? O das gentes. Os nossos escritores e artistas não conhecem bem, — ou não conhecem nada — daqueles que descrevem, nem o público. Não conhecem os operários, os camponeses, os soldados, não conhecem os seus enquadramentos. O que é que não compreendem? A linguagem, ou seja, não estão familiarizados com a rica e viva linguagem das massas. (...) Quando digo que sois semelhantes àqueles heróis que «não sabem onde realizar os seus feitos», quero dizer que os vossos elevados discursos não são

(...) A China vai para a frente e não para trás (...) E, visto que é indispensável integrar-se na nova época, a época das massas, é necessário resolver completamente o problema das relações entre o indivíduo e as massas. As palavras de Lu Hsun devem tornar-se o nosso mote: «Franzindo as sobrancelhas, com frio desprezo, desafio as mil pessoas que apontam um dedo acusador contra mim. Mas, vergando a cabeça estou pronto, como um boi, a servir uma criança». «As mil pessoas» são, aqui, o inimigo; nós nunca abaixamos a cabeça perante um inimigo, por mais feroz que seja. Por «criança» entende-se o proletariado e as massas populares. Todos os membros do Partido, todos os revolucionários, todos os escritores e os artistas revolucionários devem seguir o exemplo de Lu Hsun, devem ser os «bois» do proletariado e das massas populares, e ao proletariado e às massas populares devem dedicar todas as suas forças e toda a sua vida. Para que os intelectuais possam fundir-se com as massas, e servi-las, é preciso muito tempo, o tempo necessário para se conhecer. É possível, ou antes, é certo, que este processo comportará sofrimentos e atritos, mas, se forem decididos, alcançareis o objectivo.

1942

apreciados pelas massas. Quanto mais vos armais em veteranos, quanto mais desempenhais o papel de «heróis» perante as massas, e procurais vender-lhes a vossa mercadoria, menos as massas estão dispostas a aceitar-vos. Se quereis que as massas vos compreendam, se quereis fundir-vos com elas num todo único, tendes que encontrar em vós a determinação de vos temperardes através dum longo e até mesmo tormentoso processo de reeducação». (N. d.C.)

1949

Em 1949, Mao vence e funda a sua República. Após uma estase que durou milénios, o país encontra-se numa reviravolta extremamente significativa. Inicia-se no mesmo ano e oficialmente a era de Mao, que tem, também, um peso cultural, onde qualquer texto ou qualquer coisa escrita tem o valor de documento.

Dá-se na China, em 1949, o *boom* da cultura. E estala exactamente quando se diz aos Chineses e eles compreendem, que a cultura pode ser, e é também, como o «vizinho do lado». Isto é, que fala, age e se comporta como *tu*.

Desde então, há uma ânsia famélica de neófitos para se alfabetizar e aprender, para escrever e fazer cultura. Todos experimentam e se empenham a fundo. Num arco de poucos anos, as cifras do analfabetismo (90 por cento em 1942, segundo Mao) diminuíram bastante e todos se sentem, senão poetas, escritores e letrados, pelo menos participantes do facto cultural, ou seja, conscientes de serem eles próprios cultura, não já o objecto — e por vezes na China nem isso eram —, mas o sujeito da mesma. Não é ainda o tempo do génio, como dizia Lu Hsun num seu escrito, e nem sequer — poderíamos acrescentar — o de cultivar o terreno para que o génio surja (a época actual, planificada, talvez recuse a genialidade, mas é decerto e sobretudo o momento de cultivar o terreno para condições de vida mais decentes e civilizadas. Como quem diz, lançar a semente para que nasçam searas. E, onde dantes era o deserto, já não é pouco...

A cultura é como o vizinho do lado: tratava-se, em relação ao passado, de um salto qualitativo e quantitativo que

não foi fácil compreender e dar. A Cultura por excelência permanecera, de facto, durante séculos, arrocada nas cidades proibidas «dos vários senhores confucianos: Abstracta, defendida pela discriminação feita pelos funcionários-letrados e pelos exames de estado (1), inacessível e incompreensível ao vulgo, vivia das gestas e da linguagem daqueles senhores, ligada a acontecimentos heróicos e românticos (e portanto morais) de imperadores, cavaleiros e damas distintas que, frequentemente, ao som de lânguidos instrumentos, morriam graciosamente de amor. Que é sempre, digam o que disserem, um modo de morrer «bem».

A dissolução do velho mundo aristocrático, iniciada, como se disse, nos primeiros dez anos de 1900, deu um primeiro golpe, e não pequeno, à Cultura tradicional, tirando-lhe de cima um pouco da sua impermeabilidade e abrindo-lhe, como uma greta, os portões para mais amplos espaços neste momento ainda não bem definidos. Nos anos vinte e trinta, esta liberalização cultural coincidiu com a económico-social, de um tipo burguês particular que, contudo, introduziu no contexto chinês as vozes da mais avançada cultura humanística do Ocidente. Darwin, Ibsen, Gorki, para citar apenas alguns nomes, estavam presentes nesses anos na China, na China «moderna» das cidades industriais e comerciais, e sobretudo nos ambientes universitários e intelectuais, alimentando, e ao mesmo tempo condicionando, a *intellighenzia* local. Daí derivou uma mistura de nova cultura em parte *compradora,* ou seja, ocidentalizante, mas em parte também densa de fermentos autóctones, que interessava em geral pequenos grupos de pessoas e que constituiu um tronco de raízes múltiplas, donde saíram escritores como Mao Tun, autores de teatro como Kuo Mo-jo ou Tsao Yu (hoje todos depurados ou em fase de auto-crítica); e entre eles distinguiu-se, pelas suas mais amplas aberturas, Lu Hsun. Ainda que limitada, a experiência teve igualmente uma importância definida: tinha sido dado o primeiro golpe em estruturas que pareciam

(1) Instituídos no século II a.C. e abolidos em 1905, os exames de estado — para concorrer aos quais era preciso estudar os textos clássicos ordenados por Confúcio — seleccionavam e formavam um certo tipo de burocracia feudal, conhecida precisamente por «funcionários-literatos» por neles coincidir quase automaticamente o poder político e cultura.

inabaláveis, e entrevia-se uma abertura. Seriam encontradas em seguida aberturas mais amplas.

Contudo, a verdadeira dessacralização da Cultura — aquela que deixaria de proibir «aos cães e aos Chineses» (parafraseando um célebre aviso posto nos bancos dum jardim público), aquela dessacralização que deixaria conduzir a cultura para a fazer nascer pelas estradas e pelos caminhos da China, sob vestes esfarrapadas entre gentes e linguagem de todos os dias, «comuns», já não privilégio de poucos nem mito para muitos —, só se realizou nos anos da resistência. Uma resistência muito longa, que, iniciada por Mao nos campos e tendo acabado depois na guerra civil, levou de casa em casa, de porta em porta, entre cruéis e desumanas experiências, o sopro e o incentivo à mudança. E houve realmente mudança.

A guerrilha obrigou, na verdade, o camponês da China a despertar, revolucionou o seu torvo e imóvel eu tradicional, a sua família, o seu arrozal, a sua aldeia, até as mais profundas raízes do seu ser milenário. Um despertar cruel... «Cidades e aldeias tingem-se de vermelho», escreverá, nesses dias, Yin Fu, um terno poeta, e, pode acreditar-se, não simbolicamente. O sangue era sangue. Mas, continuava, «este não é o tempo do pranto (...) porque as lágrimas nos entregariam ao inimigo». Lágrimas houve, não é difícil pensá-lo, e dor: mas não houve aquele tipo de «entrega». Se o sofrimento foi inaudito, inaudito foi também a capacidade de resistir e de se recompor. O Vietname (e outros países) vive actualmente qualquer coisa que a China conheceu a seu tempo e que constituiu uma tomada de consciência vital (que doutro modo talvez se não conseguisse alcançar), o banco de prova, o duro preço pago por um futuro melhor: uma terra queimada, sobre a qual construir.

«Nas colinas há cavernas e aí vivem os camaradas», diz um cantar da época.» Pelas colinas sobem carreiros, que são como degraus altos demais para o inimigo. Sobre as colinas há árvores cheias de folhas: assim não passamos fome; e há riachos cheios de água: assim não temos sede quando vamos para a batalha». Condições inconcebíveis para quem não viu certas zonas da Ásia, da África ou da América Latina. Para quem não sabe (ou não pensa) como se pode viver ou sub-viver, e portanto combater e morrer), em condições sub-humanas. Ainda hoje, em Yenan, se podem visitar as

cavernas escavadas nas colinas, onde viviam os camaradas — e numa destas Mao passou longos anos escrevendo e elaborando na solidão algumas das suas melhores coisas. E, noutros sítios, escolas, hospitais, depósitos escondidos entre os montes, escavados em longos corredores debaixo do chão. Foi nestas condições que se iniciou e se desenvolveu a resistência, que se verificou a mudança. E as pessoas aqui, começaram a compreender e a manifestar-se a si próprias de maneira diferente.

Culturalmente falando, a resistência chinesa agiu e exprimiu-se nestes três filões: os cantares populares, os jornais murais e o teatro. Sobretudo neste último, pela correspondência imediata, mesmo visual da sua linguagem acessível a um público na sua maior parte analfabeto, foi uma poderosa arma ao serviço da Revolução, e não foi por acaso um dos primeiros géneros a amadurecer, em 1949. Nos exércitos de Mao militavam de facto algumas companhias teatrais, soldados-actores, que improvisavam cenas e diálogos, bailados e acções mimadas, pelos campos, nas bases militares, nas esquinas das ruas, onde quer que uma oportunidade se apresentasse: olha como te trata o patrão, em que se baseia o seu «patronato», porque se deve combater e estudar, e aquilo que se pretende. Entoando os novos cantos, os exércitos vermelhos entravam e desfilavam pelas cidades e aldeias libertadas: com a proposta para uma vida diversa, levavam consigo este novo género de representar teatro, um género chamado *yangko* — do nome duma dança popular do arroz— que, ainda que relacionado com algumas formas clássicas (o canto alternado ao diálogo, a acção mimada, etc.) se propunha, apesar disso, um conteúdo revolucionário definido. E, entretanto, os muros cobriam-se de cartazes com figuras de operários, camponeses, soldados, imagens evidentemente menos levianas do que as habituais da arte clássica, enquanto os jornais murais com novas ideias expressavam e introduziam um modo diverso de escrever e de se exprimir.

Foi neste clima que nasceu a cultura do mundo de Mao, uma cultura pobre, grosseira, sem ouropéis nem lampejares, extremamente politicizada porque extremamente condicionada por uma situação difícil, uma cultura que dava os seus primeiros passos incertos e balbuciava as suas primeiras palavras incertas, o iniciar duma problemática ainda actualmente em fase de pesquisa e de profundidade, além de maturidade. Nas suas intervenções na conferência de Yenan em 1942, Mao, no fundo, sintetizava a experiência vivida durante os longos anos de clandestinidade: punha os antecedentes, dava resultados, apresentava soluções próprias para quebrar definitivamente aquele silêncio trágico da China, a que aludia Lu Hsun. Finalmente, a libertação de 1949 ratificava a validade de todo este mundo: iniciava-se oficialmente, nesse ano, a cultura de Mao, que se dirigia ao povo, para o povo, uma experiência de largo raio de acção, que nunca ninguém, antes, tinha projectado. Apresentamos aqui algumas das suas vozes, certamente poucas na multidão que pretendem representar, mas, de qualquer modo, sempre testemunho válido do período que então se iniciava e que hoje, parcialmente, já se concluiu.

1

Nas primeiras obras literárias que apareceram imediatamente após a ascensão dos comunistas ao poder, sente-se, definida, a procura daquele passado imediato que tanto peso teve na formação da realidade presente. Aos movimentos juvenis e contestatários dos anos trinta, que simbolizaram uma tomada de consciência diferente da da revolução de 1911 e que se desenrolaram lado a lado com as guerrilhas nos campos, é dedicado um romance cujo título é mais que nunca significativo: O Canto da Juventude. *Publicado em 1958, obra-prima duma escritora, Yang Mo (nascida em Honon em 1915), bem depressa se revelou um* best-seller *com tiragens vertiginosas. Em seguida, foi, também feito um filme, igualmente popular e hoje um clássico de cinemateca.*

A acção do romance desenvolve-se entre 1931 e 1935, e diz respeito a um momento particular da luta e do despertar intelectual das cidades, para que contribuíram, por vezes com o sacrifício da própria vida, as gerações novas, e sobretudo os estudantes. O Canto da Juventude *narra de facto as experiências de alguns jovens chineses e concentra-se na figura de uma estudante, mais tarde professora, Lin Tao-cing, que, rebelde ao antigo sistema patriarcal e feudal representado pela família, foge e escolhe o caminho dum conhecimento diferente, passando gradualmente da procura duma liberdade individual à duma consciência colectiva no sentido mais amplo. Tudo isto definido sobretudo através das suas relações com dois homens. Casada com Yu Yung--Tse, abandona-o quando se tornou mais consciente através da personalidade dum jovem revolucionário, Lu Cia-ciuan e pelo amor não-expresso que os une. Mas a esperança acabará nas prisões de Chiang Kai-shek, onde o jovem perderá a vida.*

É a diferente expressão dos sentimentos e a existência destas três personagens que se encontra num dos capítulos do romance que aqui apresentamos: das dificuldades já latentes entre Ling Tao-cing e Yu Yung-tse, até ao encontro cheio de significados silenciosos com Lu Cia-ciuan, último encontro antes da prisão do jovem, doloroso prelúdio do seu fim.

YANG MO

O Canto da Juventude

Uma noite, Yung-tse saiu depois de jantar, deixando sozinha Tao-cing a arrumar a mesa e os pratos. A dona da casa acendeu a telefonia, e aos ouvidos de Tao-cing chegaram as notas duma canção popular, cheia de baboseiras:

Cai uma chuva ligeira:
O céu está escuro
E frio o vento...

Sem vontade, Tao-cing punha tudo em ordem. E o seu enjoo por aquela música sentimental parecia aumentar em proporção com o fragor das notas. Suspirou desalentada e foi nesse momento que sentiu uma mão leve poisar no seu ombro. Voltou-se e reconheceu Lu Cia-ciuan. Já não o via há tanto tempo! Atrapalhada, tirou o avental, corou, e depois disse, quase sem voz:

— Irmão (1) Lu! Há séculos que não te vejo! Mas onde tens estado?...

Tao-cing não voltara a ver Lu Cia-ciuan desde a demonstração do 1.º de Maio (Entre os amigos) Pai Li-ping tinha partido para Xangai, Hsu Ning vinha uma vez por outra visitá-la, mas sempre com pressa. E deste modo a vida de Tao-cing caíra na monotonia de todos os dias. Os seus olhos, dantes alegres e cheios de vida, pareciam ter perdido todo o esplen-

(1) Frequentemente, neste volume, usar-se-ão termos como Irmão, Irmã, tio, avô. O que não implica necessariamente qualquer relação de parentesco, é simplesmente uma maneira coloquial com que os Chineses se costumam dirigir uns aos outros.

dor, e já não cantava pela casa. Mais uma vez se sentia completamente desanimada.

— Desculpa se não apareci antes; tive mais que fazer do que de costume durante estes últimos meses. — Poisou a bolsa que trazia consigo, e perguntou: — Como tens passado, Tao-cing? Andas ainda em baixo?

— Ando! Sempre, sempre... — Tao-cing baixou a cabeça e fez um gesto, como para esconder uma lágrima. — Vês, a minha vida é como um pântano — nada senão discussões e ler um livro atrás do outro... Irmão Lu, diz-me tu o que hei-de eu fazer! — Com o rosto erguido, fitava-o com intensidade, de lábios trémulos.

— Esperava que viesses —, quero dizer, que o Partido viesse salvar-me... — Lu deitou um rápido olhar à sala e ao quintal, depois sentou-se e sorriu. — Sei o que sentes, Tao-cing. Mas tem confiança. Faremos o que pudermos para te ajudar... — O tom da voz era grave, mas os seus olhos eram calmos e gentis, como sempre. — O terror branco torna-se cada vez mais pesado. Estão peneirando Pequim inteira para prender os revolucionários. O 3.° regimento da polícia de Chang Hsiao-hsien é que trata disso. Soubeste que Hsu Ning também foi preso?

— Não me digas! Hsu Ning! — Tao-cing estava horrorizada. — Quando foi?

— Na mesma noite em que Lo Ta-fang e os outros estudantes partiram para Chiahar para se juntar ao exército. Não sei se te lembras que Lo Ta-fang acabara de sair da prisão. Hsu Ning também queria partir, mas acabou por adiar, e prenderam-no. Estes são tempos cruéis, Tao-cing, e a luta é à faca. Já pensaste nisso?

— Mais do que julgas! — Tao-cing corou e apoiou-se à mesa. — Mas também acho preferível morrer duma morte heróica, a viver uma vida inútil e monótona! Não tenho medo da morte, nem de nada!

Os olhos penetrantes de Lu encararam o rosto gracioso, corado pela excitação, e sentiu que podia confiar plenamente naquela mulher cuja vida estava cheia de contradições. Olhou-a de frente nos olhos e perguntou-lhe: — Ainda queres morrer duma morte heróica no campo de batalha? — Sorriu para consigo. — Não é justo, Tao-cing! Nós unimo-nos à Revolução para viver, não para morrer; para viver uma vida mais digna e para ajudar todos os oprimidos, e são milhares e milhares! Porque

é que queres morrer antes de ter realizado qualquer coisa de válido? Não é justo.

— Nesse caso, irmão Lu, diz-me tu o que hei-de fazer... Até agora não há nada de revolucionário na minha vida.

— Está bem. Se é isso que desejas, peço-te imediatamente ajuda. A expressão de Lu tornou-se carregada, de repente. — Preciso de três coisas. Mas pensa bem e vê se podes. Primeiro, tenho uns papéis que gostaria de deixar aqui seguros, por uns dois dias. Depois, gostava que esta noite levassem uma mensagem minha. Terceiro... — Fez uma pausa e observou-a atentamente. — Terceiro, gostaria de ficar aqui esta noite se fosse possível. Há uns dias que tenho agentes atrás de mim — até agora, ao vir aqui, tive que despistar um.

A alegria de Tao-cing desapareceu de repente. Vendo-o a falar tranquilamente da sua vida de cada dia e de outras coisas, não tinha pensado que estivesse em perigo.

Impressionada pela sua calma e pelo seu bom humor, fixou-o, atónita.

— Farei tudo o que quiseres, irmão Lu. Tanto tenho sempre desejado ser dos vossos! Claro que podes ficar aqui — Vou dizer a Yung-tse e fica o caso arrumado. (Mas, ao pronunciar aquele nome, corou).

Lu estava inclinado para a frente, com uma mão na testa, e um pé em cima do banco. Tinha o sobrolho franzido e um ar grave no rosto aberto e seguro. Depois dum instante de silêncio, bateu com a mão no tampo da mesa e sacudiu a cabeça.

— Não, Tao-cing, é melhor não falar nisso ao velho Yu. Com certeza não quer que eu passe aqui a noite... Mas tenho que escrever umas coisas e talvez possa ficar um bocado. Não se poderia pedir-lhe que viesse um pouco mais tarde? — Estendeu-lhe o saco. — Tem dentro folhetos de propaganda. Guarda-os bem, que os não veja o velho Yu.

— Está bem.

Tao-cing pegou na velha sacola com o mesmo cuidado com que a mãe recebe nos braços o seu filho acabado de nascer. Num instante, a alegria tinha afastado as preocupações anteriores. Com a sacola entre os braços, os olhos luminosos, a mulher olhou para ele. «Irmão Lu, fica cá esta noite! Se não o queres ver, vamos dormir para outro lado e deixamos-te livre. Prometo-te...» Queria prometer-lhe que o protegeria do perigo, mas não o disse. Como podia ela, jovem e infantil

como era, usar palavras maternais com um homem que considerava seu mestre?

— Não, não é preciso!

A veemência de Tao-cing fez sorrir Lu, que disse:

— Tao-cing, gostava que fosses a casa duma pessoa. Mora um bocado afastada, longe daqui, mas é melhor que vás já. É a senhora Li. Tens que lhe dizer só isto: «Já voltaram do cinema o pequeno Tai, o pequeno Wu e o pequeno Wang? O pequeno Feng porta-se muito bem». Se ela disser que voltaram, significa que tudo corre bem. Mas, se não a encontrares ou alguém te perguntar o que queres, diz que é alguém da tua família, ou que te enganaste na casa. Faz como te parecer melhor. Mas procura manter-te calma e lúcida.

Disse-lhe depois que não falasse nisto a ninguém e terminou com algumas recomendações gerais.

— Os meninos que foram ao cinema — que quer dizer? — E Tao-cing tinha os olhos abertos de espanto.

— Não perguntes aquilo que não precisas de saber — esta é uma das nossas regras — respondeu Lu, gentilmente, mas com certa firmeza.

Tao-cing assentiu enquanto com uma mão amarfanhava a baínha do casaco. Estava confusa e ansiosa, mas este novo elemento de mistério aumentava o sabor de viver. Queria dizer qualquer coisa, mas não conseguia abrir a boca.

Olharam-se em silêncio.

Depois, a mulher levantou-se, não queria perder tempo. Fez-lhe um aceno com a cabeça e dirigiu-se para a porta. Mas de repente veio-lhe à ideia que talvez lá fora estivessem os agentes à sua espera. E que, provavelmente, mal ela saísse, o prenderiam a ele. O terror pregou-a ao chão, e apoiou-se à porta, olhando para ele com os olhos mortiços, incapaz de exprimir a relutância que sentiu em se mexer, e o sentimento de revolta que a possuía.

— São oito e meia, Tao-cing. É melhor ires andando! E Lu continuava a olhar para ela.

— Está bem, irmão Lu, vou já! Espera aqui por mim!

Apertou os lábios e preparou-se para sair. Mas, antes de passar o limiar, Lu chamou-a: — Não estejas nervosa e não vás tão apressada. Está calma! A agitação pode estragar tudo. Eu espero por ti aqui até poder. Mas, se, quando voltares, não me vires, não te preocupes. Daqui a três dias venho buscar a sacola.

— Tens que esperar! Não te vás embora... Tao-cing pegou-lhe na mão. Tinha os olhos húmidos.

Naquele momento, os sentimentos de Lu eram muito complexos. Estava impressionado pelo entusiasmo da moça pela **causa** e pela admiração que demonstrava por ele, e que nem sempre podia esconder — e impressionado a pontos de lhe apetecer dizer-lhe tudo. Mas nem pensar nisso era bom. Assim, com a mão da jovem entre as suas, limitou-se a falar-lhe como um irmão, em tom afectuoso, mas grave.

— Tu não sabes o que significa atravessar uma luta amarga, Tao-cing. Não sabes a gravidade, a complexidade... Se eu não voltar daqui a três dias... (os seus olhos gentis e luminosos olhavam-na intensamente), tens de queimar aqueles papéis. Futuramente — mas só se tiveres fé na nossa causa e souberes lutar por um futuro melhor, creio que alcançarás a meta e os teus ideais se realizarão. Há uma coisa que não deves esquecer, Tao-cing. A nossa causa nunca será aniquilada. Nunca conseguirão matar-nos todos: somos multidões! Muito provavelmente voltaremos a ver-nos...

Tao-cing olhava-o fixamente, sem perder uma vírgula. Para ela, as suas palavras eram ouro. Mas, quando aquilo que ele estava dizendo teve significado claro, desatou a chorar. E pensou desesperadamente num esconderijo para o proteger dos reaccionários. Mas encontrá-lo, onde? Ficou assim, pensativa; depois, lembrou-se de que era tempo de se aviar — e não queria que lho repetisse. De má vontade, preparou-se para sair enquanto Lu acrescentava: — Não te esqueças de nada, Tao-cing. Tens que transmitir tudo aquilo que te disse à senhora Li, palavra por palavra. E tem cuidado pelo caminho. Se vês que alguém te segue, não venhas logo para casa... espera um momento! Diz ao velho Yu que não volte muito cedo, por favor!

— Farei como desejas. Não te preocupes! — E com estas palavras Tao-cing saiu rapidamente e desapareceu no crepúsculo.

Sorrindo, Lu ficou encostado à ombreira da porta, como se Tao-cing ainda estivesse ali, no sossego do quintal.

Tao-cing foi direitinha ao Hotel Oriental, ao quarto de Li Kuo-ying, onde realmente encontrou Yu-tse. Pediu-lhe que viesse cá fora; depois, disse-lhe, séria:

— Tenho que sair esta noite. Podes ir para casa mais tarde?

— Que é que aconteceu? Porque hei-de estar fora se não me apetece? Que diferença faz se esperar por ti em casa?

Os olhos desconfiados de Yu-tse tornaram-se ainda mais pequeninos.

Tao-cing não sabia que dizer. Não lhe queria ocultar nada. Além disso, não havia nada de que se envergonhar. Por isso murmurou-lhe ao ouvido: — Yu-tse, Lu Cia-ciuan é perseguido e foi esconder-se em nossa casa. Vai mais tarde, sim? Eu vou-lhe fazer um recado.

Yung-tse ficou imóvel e pensou: «É uma bela noite de verão, cheia de perfume das flores. Terá um encontro com o amante... Por isso não quer que o marido vá a casa...» Olhou-a de través e sibilou:

— Então o teu amigo está à tua espera?... Mas acontece que a casa é minha. Por isso volto quando bem me apetecer! — Voltou-se, e em passadas largas entrou no quarto de Li, batendo com a porta. Tao-cing sentiu-se infeliz, despeitada. Ficou uns momentos indecisa, no escuro do corredor. O seu instinto dizia-lhe que entrasse no quarto e convencesse Yung-tse, mas lembrou-se de Lu Cia-ciuan e recobrou a calma. Cerrando os dentes e abanando a cabeça, voltou para trás. «O melhor é ir andando. É inútil discutir com ele».

Apenas duas horas antes de chegar junto de Tao-cing, Lu Cia-ciuan, Tai Yu e outros tinham entrado no maior cinema da zona oriental da cidade. Depois de o público ter tomado lugar na sala tinha fechado a porta, e Lu, como antes fora combinado, tinha subido para o palco e começara a falar do comunismo, das vitórias do Exército Vermelho, da necessidade de resistir ao Japão para salvar o país. Os outros, entretanto, giravam pela sala, distribuindo folhetos brancos. O pessoal do cinema tinha perdido a cabeça e nascera uma confusão terrível entre o público: muitos tinham tentado escapar-se, mas a porta estava trancada. Naturalmente, antes que Lu acabasse o discurso, o local estava circundado pela polícia. Com uma presença de espírito enorme, Lu tinha tirado o gorro, procurara disfarçar-se e saíra com a multidão. Não sabia o que se passara com os companheiros, e assim mandara Tao-cing ao quartel-general.

Mas já estava marcado. A polícia secreta tinha-lhe posto os olhos em cima, obrigando-o a esconder-se de cada vez sob diferente aspecto. Por sorte que tinha conseguido fazer perder o seu rasto ao agente que o perseguia e chegar são e salvo a casa de Tao-cing. Sabia bem que ali estava seguro, porque

ninguém suspeitaria que Yung-tse nutrisse simpatias para com o comunismo. Tinha a certeza de que Yung-tse não o deixaria ficar; mas não tinha coragem de sair. Qualquer tipo de consideração cedia perante a necessidade imediata dum esconderijo, mesmo que temporário.

Ainda que tendo regressado duma dura prova e em jejum desde manhã, Lu sentou-se tranquilamente à secretária de Yung-tse, para escrever um apontamento urgente. Várias vezes, enquanto tentava concentrar-se, os seus olhos caíram sobre o pão que via na pequena dispensa de Tao-cing. Mas não tinha tempo para comer. Era uma coisa urgente e não queria que Yung-tse chegasse antes de ter acabado. Foi isso, contudo, o que aconteceu. E deu lugar a uma viva troca de palavras entre os dois homens, mas doutro género.

Lu estava de facto a escrever quando a porta se abriu e entrou Yung-tse, com um chapéu de feltro cinzento, uma longa veste azul e uma pilha de antigos livros chineses debaixo do braço. Ficou lívido ao ver um estranho sentado à sua secretária, sereno e tranquilo como se estivesse na própria casa. Os seus olhinhos pequenos pregaram-se em Lu como se fosse um desconhecido. Por educação, reteve os insultos e os palavrões. Mas, mesmo ainda antes que conseguisse pensar numa frase de ressentimento que fosse ao mesmo tempo digna e cáustica, Lu inclinou a cabeça e sorriu-lhe.

— Já chegaste, velho Lu! Há meses que não nos vemos!

E levantou-se, dobrando com indiferença a folha em que estava a escrever.

Tentando controlar-se o melhor que podia, Yung-tse perguntou: — Que estás a fazer na minha casa?

— Tao-cing disse-me que esperasse aqui por ela.

— Pediu-te que esperasses por ela?

A resposta de Lu irritou ainda mais Yung-tse, que, apesar disso, conseguiu controlar-se. Voltando-se para a parede, disse com voz rouca: — Lu Cia-ciuan! Por favor, acaba com isso de andares a enredar Tao-cing com as tuas grandes ideias! Quero lembrar-te que é minha esposa! Não é justo usar meios subtis para destruir a nossa felicidade!

Imóvel junto da porta, Lu olhava tranquilamente os ombros curvos e ossudos de Yung-tse — a sombra da sua cabeça na parede parecia um cogumelo grande e negro e o seu corpo, comprido e magro, parecia o caule do cogumelo...

— Não tens vergonha de falar dessa maneira, velho Yu? — retorquiu gravemente Lu. — Não te esqueças que, além de seres marido de Tao-cing, és um dos estudantes que professaram abertamente o seu patriotismo. Se a tua felicidade foi destruída, deves atribuir a causa apenas em ti mesmo. — E, dizendo estas palavras, abriu calmamente a porta: olhou para Yung-tse e desapareceu.

Ao ver-se só, quase apalermado, Yung-tse sentou-se à secretária e escondeu a cabeça entre os braços magros. A tristeza tinha afinal substituído a ira. E, quando ergue a cabeça para a luz eléctrica, débil àquela hora da noite, o seu rosto comprido pareceu ainda mais magro e enfiado que de costume...

Tendo encontrado facilmente a senhora Li e entregado a mensagem de Lu, Tao-cing voltou para a rua e subiu para um **rixó,** para voltar a casa. Estava excitada e satisfeita por tudo ter corrido bem. Mas o perigo em que Lu se encontrava encheu-a de presságios sinistros. Sentada no carrinho, deixou vaguear para longe os seus pensamentos, e só quando chegaram ao princípio da sua rua é que se lembrou da recomendação de Lu, de ver se alguém a tinha seguido. Lamentou a sua negligência e olhou atentamente à volta. Tranquilizou-se quando viu que a rua escura estava deserta e que não se via ninguém. Desceu do carrinho e, com o coração apertado, entrou em casa pela porta das traseiras.

Era meia-noite e a divisão estava envolvida numa profunda escuridão. Ao entrar, ergueu, tremendo, a mão para acender a luz.

Lu não estava e Yung-tse estava na cama com o rosto voltado para a parede. O homem voltou-se e, sem uma palavra, olhou-a fixamente. Sem saber qual fosse o seu estado de espírito, ela perguntou:

— Quando é que chegaste? Onde está Lu Cia-ciuan?

— Eu sei lá! Não sou eu que tenho de tomar conta do teu ilustre amigo!

— Devias ter vergonha, Yung-tse! Escuta-me bem, se esta noite Lu Cia-ciuan for preso, terei de pensar que foste tu quem o denunciou! — E Tao-cing fitou-o como um inimigo.

Yung-tse sentou-se de repente. Consciente de que tinha no seu arco uma flecha, não recorreu a pretextos mas contestou:

— Ainda não cheguei a isso. Mas posso vir a chegar, se alguém tentar roubar-me a mulher.

À débil claridade da luz, os rostos estavam palidíssimos

Depois dum instante de silêncio, Tao-cing recuperou a calma pensando que tinha de descobrir, fosse como fosse, e o mais depressa possível, para onde fora Lu. Disse então num tom amável.

— Yung-tse, procuremos entender-nos! Ninguém te está roubando a mulher. A situação é desesperada: diz-me lá para onde foi.

— Saiu logo, assim que eu cheguei; eram onze horas. — Com um amargo sorriso, Yung-tse abanou a cabeça. — Como teria podido suportar a companhia dum antiquado como eu? Por isso, assim que me viu, foi-se logo embora. Mas não te preocupes! Ainda tenho alguma consciência. Achas-me capaz de denunciar alguém?

Tao-cing não sabia se alegrar-se ou não. Lu não fora apanhado ali, e isso dava-lhe um certo alívio. Mas não tinha conseguido retê-lo toda a noite, e isso não excluía a sua responsabilidade se ele fosse apanhado depois de ter saído da casa deles. Mergulhada nos seus pensamentos, com a cabeça baixa, ali ficou por uns momentos sentada. Depois, porque a divisão estava fechada e lhe parecia que o coração lhe rebentava no peito, saiu para o quintal e ficou parada debaixo duma macieira, olhando ausente o céu estrelado. Pesava-lhe não ter podido levar a cabo a sua missão completamente.

Yung-tse chamou-a do quarto.

— Não te vens deitar, Tao-cing! Queres ficar aí fora toda a noite? Também ele, aparentemente à sua espera, não conseguia pegar no sono. Mas não lhe ligou, e ficou ali com os olhos voltados para o horizonte negro. Só depois de muito tempo pareceu despertar e suspirou. «Sou mesmo um feixe de nervos» disse consigo. «Mas posso esperar! Afinal, três dias passam depressa».

2

Volta continuamente nos escritores chineses contemporâneos a lembrança dos anos de guerra: longas dezenas de anos que, mesmo quase destruindo o país, amadureceram e marcaram o afastamento concreto do mundo antigo. Uma luta armada a que a guerrilha nos campos deu um impulso determinante , aqueles campos que constituíam a verdadeira praga do antigo «Império do Meio», o leit-motiv *da Revolução popular chinesa, que precisamente nesta sua «via rural para o socialismo» se diferenciou da russa, proletária e urbana.*

São, de certo modo, contos de canto da lareira, fábulas e parábolas exemplares — tal como as do Coração, onde uma geração de Italianos tem colhido princípios morais (numa época em que era belo e justo morrer pela pátria e talvez não pelos companheiros), e que outra geração, fatalmente, desconsagrou e ultrapassou. Um tipo de mito renascentista e nacionalista que ainda hoje está vivíssimo na China, e precisamente por causa da fase histórica que atravessa. Está presente e perceptível em cada aspecto da vida chinesa, no cinema, no teatro, nos jornais, na história que se ensina nas escolas, às vezes também nas narrativas orais que improvisados e modernos trovadores fazem das gestas destes Ho Ci-piao do passado, heróis positivos duma causa que se considera válida e justa. E juntamente com o mito, uma exortação evidente: com uma nova geração já presente, procura-se que esta não só não esqueça o preço que a resistência chinesa — para além da fácil e inevitável retórica — pagou pela China do presente, mas que precisamente continue o seu significado e o seu espírito «permanentemente».

O autor do conto Arroz para os guerrilheiros, *Wang Yuancien (nascido em Xantung em 1929), juntou-se, ainda menino, ao Exército popular de libertação. Correspondente de guerra das várias frentes, ocupou-se em seguida e dirigiu algumas actividades editoriais e culturais que, duma maneira artesanal e não poucas dificuldades, se desenrolavam no âmbito das próprias forças armadas. É autor de algumas colecções de contos,* O salário do partido, *e* As novas gerações, *nos quais recorda a experiência e o significado desta época.*

WANG YUAN-CIEN

Arroz para a guerrilha

Nessa tarde, tinha um encontro marcado com Ho Ci-piao, na sede da administração provincial.

O encontro tinha sido decidido nessa mesma manhã. Kou, que presidia à administração, tinha-me falado de Ho Ci-piao. Tratava-se de um antigo revolucionário que em 1933 tinha sido presidente duma junta democrática de operários e camponeses. Nos dias extremamente difíceis da luta nas antigas zonas libertadas, tinha-se revelado, em várias missões, particularmente útil aos camaradas. Trabalhava actualmente, na «secção das antigas áreas libertadas», na administração provincial.

O local não era muito afastado da minha casa: ficava do lado norte de uma estrada que, semelhante a um T horizontal, se cruzava com aquela onde eu morava. Como geralmente em todas as pequenas cidades, era uma rua muito estreita. E ainda parecia mais porque no meio tinham estendido, sobre grandes lonas, arroz a enxugar ao sol. Arroz que provavelmente pertencia aos celeiros públicos e que alguns jovens estavam naquele momento remexendo e estendendo com umas tabuinhas curtas, de madeira, pregadas em longos cabos.

Enquanto ia andando, perguntei a mim mesmo: que tipo de homem é um velho revolucionário?

Quando cheguei à administração provincial, disseram-me que Ho Ci-piao tinha acabado de fazer um discurso a alguns quadros e que tinha ido para casa.

Ho Ci-piao habitava numa pequena divisão quadrada, perto da «secção das antigas áreas libertas». Bati várias vezes, mas ninguém respondia. A porta estava aberta, e por isso entrei:

Ho Ci-piao estava estendido na cama, com um cachimbo de bambu na mão, os olhos fixos no tecto, como em **transe.** Mas, vendo entrar um estranho, pôs-se imediatamente de pé.

«Está bem» exclamou, quando acabei de lhe explicar o motivo da minha visita. Depois, calçou os sapatos e, sem pressa, começou a apertar os atacadores. Pareceu-me perceber que estava preocupado com qualquer coisa e que procurava assim, perdendo tempo, não o mostrar.

Na claridade débil da luz eléctrica, apercebi-me que era um homem já de certa idade. Além disso, tinha vestido um uniforme azul que não ajudava nada a parecer mais novo. Era quase calvo, sem um único cabelo nas fontes. Com a testa franzida e as pálpebras baixas, parecia fatigado.

— Sei que acabaste de falar, e talvez estejas cansado — disse eu. — Se quiseres, podemos adiar a conversa.

— Disse apenas poucas palavras a propósito da compra do trigo — esclareceu — e não estou absolutamente nada cansado. Dizendo isto, levantou-se: estava bastante enervado.

— É a primeira vez que compramos trigo, aqui — acrescentou. — Mobilizaram todos os quadros da província por causa disso. Mas alguns têm receio de se não mostrarem suficientemente empenhados e continuam a baixar os preços para cifras irrisórias. Os jovens, nem sequer imaginam o que eram estes trabalhadores rurais! Aqui, nesta nossa velha base, praticamente todas as pessoas com mais de quarenta anos passaram através de várias experiências. Desenraizaram daqui os senhores, dividiram a terra, combateram durante três anos na guerrilha e durante oito na guerra da resistência contra o Japão, fomentaram a luta atrás das linhas inimigas... Passaram-se mais de vinte anos, e lutaram por quê? A Revolução venceu, a terra foi novamente dividida, já não temos senão que construir. Há alguma coisa que não estejamos dispostos a dar? Nos tempos passados, teriam dado a própria vida pela pátria e a vida dos entes queridos. Agora que o governo lhes compra o trigo e lho paga, achas que não o querem mesmo vender? Fiquei furioso, acabei por lhes contar todas as coisas que nós aqui, juntos, fizemos durante a Revolução.

Praticamente já tinha começado a contar o que eu tanto desejava.

Muito bem — disse eu — então, conta-me essas coisas também a mim.

Acenou que sim. Agarrou no cachimbo, encheu-o de trinchado fino, tirou uma fumaça profunda. Através do fumo, notei-lhe no rosto a mesma expressão de pouco antes, quando eu tinha entrado. Provavelmente o seu pensamento recuava até acontecimentos distantes. Depois duma longa pausa, aproximou de mim a cadeira e começou a contar.

«Falo-te de coisas que aconteceram há vinte anos. No outono de 1934, o núcleo principal do Exército Vermelho, que estava aqui aquartelado, deixou a zona para se unir à Longa Marcha. Eu tinha já preparado a bagagem e estava pronto para partir, quando recebi a ordem de me não mexer: podia unir-me ao movimento clandestino, ou ir para as montanhas, para infiltrar a guerrilha nas linhas da rectaguarda inimiga. Era uma ordem do Partido, de maneira que tive de ficar. Quando o contingente do Exército Vermelho aqui estava, apesar das contínuas campanhas de envolvimento provocadas pelas tropas brancas, o local tinha toda a aparência duma base revolucionária. Naqueles dias, a vida era uma luta contínua — era preciso apoiar a frente, aumentar as fileiras do Exército Vermelho, organizar a produção, os cursos nocturnos e assim por diante — não se tinha um segundo de descanso. Quando os homens do Exército Vermelho partiram para se unir à Longa Marcha, naquela longa caminhada entre montanhas e rios, senti-me muito só.

Ainda me lembro do dia em que partiram; estava enevoado e choviscava. Estavam todos atarefadíssimos em recolher provisões, preparar macas, preparar doentes e feridos, orientar o desalojamento, etc....

Só quando tudo estava pronto, já sobre a tarde, pensei em mim. Devia decidir-me, unir-me ao movimento clandestino, ou ir para as montanhas? Naturalmente que podia fazer as duas coisas. A partida do Exército fazia-me sentir dentro uma coisa estranha... Depois de ter pensado várias vezes, decidi, contudo, ir para as montanhas.

Tomada a decisão, faltava realizá-la o mais depressa possível. E, como isso significava estar longe de casa bastante tempo — e ninguém podia dizer quanto —, tinha de falar nisso aos meus e pensar neles. A família era pequena, só minha mulher e um filho. Minha mulher era uma pessoa inteligente. Tinha-se inscrito, como eu, no Partido, e ocupava-se então da associação feminina local. Não iria decerto contra a minha decisão. Estávamos casados havia mais de dez anos e tínha-

mos um filho, um rapazinho tão esperto que eu me sentia loucamente envaidecido. Tinha a cara redonda e o nariz pequenino. Os olhos grandes, cheios de espírito e de inteligência. Frequentava nesse tempo a escola elementar «Lenine» e chefiava um grupo de pequeninos nos Grupos Juvenis. Era bom aluno e ocupava-se também muito dos Grupos. Tinha nove anos quando pela primeira vez tentámos atravessar o cerco inimigo. Ele cuidava dos feridos com outros garotos da associação, punha a água a ferver, cozia os ovos, lavava a fruta, despejava os bacios. Estas crianças trabalhavam de noite e de dia. As mães bem ralhavam com eles, mas eles continuavam a recusar-se a ir para casa. Todos apreciavam a inteligência de meu filho. Por vezes, os conterrâneos e os companheiros gozavam comigo: Eh!, amigo, tens sorte com a prole! Já se vê que, como presidente da junta provincial, julgas ter percorrido uma grande estrada. Mas deixa lá o teu filho crescer e há-de ser secretário da comissão provincial do partido!» Eu acreditava nestas palavras. E pensava que o meu filho prometia!

Nesta altura, Ho Ci-piao calou-se. Agarrou no cachimbo e recomeçou a fumar. Observei que a sua escura e velha mão tremia quase imperceptivelmente. Do rosto, tinha desaparecido a expressão excitada que tinha enquanto falava do Exército Vermelho e da vida na base revolucionária.

— Que faz hoje o teu filho? — perguntei.

Não me respondeu. Fitou-me um instante. Depois, subitamente, disse:

— Ainda não tens trinta anos, pois não?

Respondi que de facto não os tinha. Contou então pelos dedos e murmurou:

— 1934, 1944, 1954... pois, teria trinta e um anos agora, pouco mais que tu. Tinha sete anos quando chegou o Exército Vermelho, e doze quando partiu. Por esse motivo, chamavam-lhe Hung Ci, Sete Vermelho... Mas estou divagando. Voltemos onde tinha ficado.

Assim, disse a minha mulher: «Decidi ir para as montanhas. Acabo de fazer trinta anos; ainda posso suportar privações e andar durante horas». Procurei então dizer-lhe qualquer coisa para a confortar. «Tu conheces-me. Nada me poderá impedir de trabalhar para a Revolução. Subiria até uma montanha de espadas pela nossa causa. Hung Ci já tem doze anos.

Já não é preciso andar sempre atrás dele. Tu ficas aqui, segue as ordens do Partido e verás como tudo irá bem.

Naturalmente, a minha mulher não fez nenhuma objecção. Mas uma separação é sempre dolorosa. Assim, abriu a boca várias vezes e várias vezes a fechou, sem dúvida para dizer alguma coisa, mas sem nunca encontrar as palavras certas... Assim combinei tudo com a minha família e na mesma noite fui-me embora.

Depois de ter tudo bem examinado, o Partido confiou-me este encargo: tinha de me encarregar de todos os problemas daquele destacamento de camaradas, ou seja, passaria a ser o oficial responsável pela manutenção, (alimentação e vestuário) de todo o grupo; um trabalho que eu já fizera. Muitos se recordam que, durante a campanha, para furar o cerco inimigo, uma das ocupações mais importantes era a de abastecer a frente. Mas nesses dias trabalhávamos numa base. E, mal se fazia o pedido, estava tudo pronto. Mas agora a nossa base estava nas mãos dos diabos brancos e tínhamos de procurar sozinhos o alimento e o vestuário, coisa que tornava extremamente espinhoso o trabalho do oficial.

O nosso destacamento encontrava-se numa montanha, a sul, que fica a cerca de 60 li (1). Habitávamos em buracos cavados num desfiladeiro, cobertos por chapéus de sol abertos ou por alguns ramos. Ainda havia arroz para comer, que tínhamos levado para cima antes de virmos. Cozinhava-se uma vez por dia, e durante a noite, quando o inimigo não podia ver o fumo. Como não tínhamos panelas, usávamos canas de bambu. Lavava-se o arroz, depois metia-se em pedaços de cana, com água, e atiravam-se para o lume. Quando o bambu estava carbonizado, era sinal de que o arroz estava cozido. Assim, durante um certo período, não houve problemas. Não podia certamente dar coisas excepcionais a comer aos homens, mas havia uma quantidade suficiente de arroz e de batata doce. Não tínhamos nem sal, nem azeite; mas por vezes obtínhamos alguma verdura em salmoura.

E assim se foi vivendo, por longos meses. De vez em quando, havia escaramuças com o inimigo, cujo moral não estava certamente famoso visto que não conseguia avançar um passo, que para nós era uma vantagem. Acabámos também

---

(1) Medida chinesa que equivale a meio quilómetro.

com alguns proprietários locais, o que aumentou a confiança das pessoas em nós.

Mas tudo isto se refere aos primeiros meses, quando recebíamos ajuda das aldeias que ficavam no sopé da montanha. Mas, após algumas derrotas, o inimigo compreendeu que não era coisa simples ter que enfrentar as tropas vermelhas, mesmo sendo em número limitado, e que o uso da força não bastava. E recorreu a novos métodos. Lentamente, a situação piorou. Se bem me lembro, era Janeiro! Uma noite, às escondidas, o tio Sung Hsiang, que morava na aldeia de Sungtso, chegou ao acampamento e trouxe-me um **tan** [2] de arroz grado, e uma saca de batatas doces, cortadas e depois postas a secar. «Camarada Ho» disse-me «provavelmente estes são os últimos bagos que te trago. Os diabos brancos evacuaram todas as aldeias e afastaram-nos das montanhas.

Penso que, de futuro, será difícil trazer-vos arroz, porque os soldados patrulham todas as estradas». Todos conhecíamos como o tio Sung era teimoso. Quando se tinha formado a base revolucionária, tinha sido o primeiro a unir-se à liga dos camponeses pobres. Certa vez, tinham conseguido prendê-lo e tinham-no castigado deixando-o pendurado um dia e uma noite, mas ele não tinha falado. Naquele momento tinha os olhos cheios de lágrimas. Sabia muito bem os dias duros que esperavam aqueles duzentos homens nas montanhas.

Naturalmente não foi só com a aldeia de Sungtso que foram interrompidos os contactos: aconteceu o mesmo com todos os outros. O inimigo não conseguia vencer-nos em batalha, e assim tentou fazer-nos morrer de fome.

Dadas as condições, era difícil encontrar uma solução. Quando calhava, iniciávamos uma pequena briga com algum senhor do lugar, que tinha regressado às suas terras. Assim obtínhamos umas coisas. O inimigo tinha há pouco ocupado a nossa base e era em número superior ao nosso. Além disso, estava sempre alerta e travar batalha significava para nós demasiadas percas. Não tínhamos qualquer contacto com as secções locais do Partido e não era fácil reatá-las. Deste modo carecíamos de quase tudo. De quando em quando, aproveitando duma ocasião, um camarada subia até nós com risco da própria vida, para nos trazer qualquer coisa, mas era perigoso, e muitos foram mortos. Por fim, a comissão provincial do Partido proibiu estas expedições solitárias.

(2) Medida chinesa de cerca de 50 kg.

A vida nas montanhas tornou-se cada vez mais difícil. De inverno, não tínhamos nada quente para nos cobrir, nem podíamos dar qualquer assistência aos doentes ou aos feridos, que se multiplicavam [3]. As munições eram insuficientes e estávamos sem notícias. Mas, a maior dificuldade era com certeza encontrar comida. Tínhamos apenas poucas centenas de **cin** [4] de arroz; púnhamos de parte uma certa quantidade para os doentes e os feridos. O resto, dividiamo-lo entre nós. No princípio, a cada homem tocou meio **cin** de arroz por dia. Depois, apenas seis **liang** [5]. Depois, dois... Por fim, muitos companheiros viviam apenas de raízes e ervas bravas. Provámos tudo o que crescia nas montanhas: ervas daninhas, cogumelos, rebentos de bambu, fetos, cascas de árvore, raízes, e assim por diante. Apanhámos também alguns animais bravios e peixes e camarões pequenos nos rios. Em suma, tudo o que se podia comer. Conta-se que o antigo imperador Chen Nung Nung costumava fazer experiências com ervas daninhas para encontrar remédios. Bem, todos nós éramos Chen Nung... Todos os dias batíamos a montanha, cavava-se aqui e acolá, provava-se de tudo um pouco. Quando se encontrava uma planta, uma erva ou uma raiz não demasiado amarga, anunciava-se aos outros. Comi uma quantidade de ervas esquesitas e estive doente por isso mais do que uma vez.

Mas, mesmo assim, não chegava. Por causa da fome, estávamos todos pálidos e magros.

Viste Kou, não viste? Nesse tempo, estava muito doente. Tinha febre alta todos os dias, com os olhos mortiços, estava na pele e no osso. Já nem conseguia engolir a sopa que lhe preparávamos com ervas bravas. Precisava era dum pouco de arroz, mas não havia. Cada vez que eu olhava para aquele rosto amarelado, apertava-se-me o coração. Por sorte que um dia conseguimos apanhar uma cabra montês com uma armadilha, e conseguimos assim evitar que piorasse. Lembro-me

(3) Para evitar contactos entre população civil e os camaradas, a táctica — idêntica à dos Americanos no Vietnam — era de evacuar as aldeias espalhadas por vastos territórios, para os deslocar, agrupar e «fundir» numa única zona mais facilmente controlável.

(4) Medida chinesa, cerca de 600 gr.

(5) Medida de cerca de 30 gr.

que nesse tempo tivemos um pequeno confronto com o inimigo. Uma coisa que se resolveu num instante, mas, quando nos retirávamos, Niu Kuang, um camarada da rectaguarda, foi ferido. Uma ferida ligeira, que geralmente não impede de fugir. Mas ele estava tão enfraquecido por aquele longo período de fome, que não conseguiu correr. Tinha caído além das nossas linhas. Quando demos por isso e o fomos procurar, o inimigo já o tinha capturado e morto. Quase que chorei quando soube da sua morte. «Era um bom camarada» disse: «Não morreu na luta, mas de fome».

Foi então que lamentei não me ter deixado ficar onde estava, de me não ter unido ao movimento clandestino. E, de qualquer maneira, lá sobre os montes não havia problemas gerais de que eu me ocupasse. Anteriormente, tinha sido presidente da administração local. Lembrei-me de que, talvez aproveitando a confusão que se seguira à «fusão das aldeias», seria melhor voltar para o meio das pessoas e tentar mandar qualquer coisa para os montes.

O comissário político do destacamento e a comissão provincial do Partido aprovaram a minha ideia e, com um guia, desci imediatamente para o vale, em reconhecimento. Tinha que ver quais os atalhos que subiam até lá, e também quais as actividades do inimigo, a fim de restabelecer contactos com os homens nos montes.

Parti na noite seguinte. Da última vez que o tio Sung tinha subido até aí acima, tinha-me dado a direcção de minha mulher e do meu filho; de modo que consegui encontrá-los. Depois da «fusão» que o inimigo provocara, tinham-se também mudado para Sungtso. Quase não os reconhecia. Estavam magros e amarelentos. Soube assim que nos últimos seis meses tinham passado privações, como nós. Minha mulher ficou muito surpreendida quando me viu. Na verdade, eu tinha deixado crescer a barba e coxeava. Julgou que estava realmente ferido. Tocou na perna ligada com trapos e quase gritou. Então eu levantei-me, e, esticando a perna, sorri: «é para enganar os diabos brancos. Vá, despacha-te, dá-me qualquer coisa de comer». Contei-lhe depois tudo e senti-me muito melhor. Entretanto, Hung Ci continuava a abraçar-me.

Julguei que encontraria qualquer coisa de decente em casa para comer, mas a única coisa que minha mulher me trouxe foi pão feito com batatas doces e alguns pepinos conservados em vinagre, que não sabiam a nada. Mas sempre era melhor

do que as ervas campestres. Enquanto comia, veio-me à ideia uma coisa: o tio Sung tinha-me dito que, depois da «fusão», ainda havia seiscentos **cin** de arroz em minha casa, e os próprios camaradas tinham ajudado minha mulher a transportá-lo. «Como é que já não há arroz?» perguntei então. «Comemos um bocadinho cada dia», respondeu, mas não podia durar sempre, não achas? O que tu estás a comer é a porção de Hung Ci. Para mim, tenho isto. «E mostrou-me dois pedaços de pão feitos com ervas e casca de árvore. Era tão duro, que não o consegui partir. Mas, ao dar-me aqueles dois pedaços de pão, tinha-me apertado a mão olhando para Hung-Ci. Percebi: tinha-o escondido.

Durante a noite, enquanto o meu filho dormia, contou-me tudo. Dois meses antes, prevendo dias difíceis, tinha escondido mais de duzentos **cin** de arroz. Nem sequer tinha dito nada a Hung Ci, bem sabendo que as crianças às vezes não se sabem calar. Pensava mandá-lo depois para os montes. Disse-me também que os camaradas do lugar — todos, pessoas que se conheciam bem umas às outras — se tinham organizado. Calculavam as condições dos homens, lá em cima, e preparavam-se para mandar auxílio. Mas o inimigo controlava-os à vista, de modo que não sabiam bem como é que estavam as coisas nas montanhas. Por isso ainda não se tinham mexido.

Os homens das montanhas combatiam decididos, mas as pessoas da aldeia também faziam o seu papel. Havia arroz para mandar para cima, mas não era uma agulha ou um cordel, que se ponha na algibeira. Para o mandar, era preciso estabelecer planos cautelosos. Mas eu primeiro, tinha de me alojar.

Para que os diabos brancos me não descobrissem, não podia ficar em casa. Falei disso longo tempo com minha mulher e, por fim, ela teve uma ideia que me pareceu sensata: cavar um refúgio atrás da casa. Durante o dia, ficaria ali escondido, mas de noite poderia sair para me ocupar do meu trabalho. Começámos imediatamente. Chamei Hung Ci e disse-lhe baixinho: «Vamos para as trazeiras cavar um refúgio para o teu papá». Levantou-se logo e seguiu-nos para o quintal. Apanhava as pedras, transportava a terra, trabalhava com grande entusiasmo.

Trabalhámos os três durante toda a noite e, de madrugada, o refúgio estava pronto, a terra tinha sido levada para longe. Minha mulher cobriu o buraco com troncos, palha e

erva, de maneira que de fora ninguém dava por nada. Aparentemente era uma meda de lenha, e na realidade ocultava o meu quarto de dormir. Dentro, pusemos areia e erva fofa. Podia estar sentado ou dormir, mas não entrava uma réstea de luz.

No dia seguinte, minha mulher mandou vir os camaradas do Partido, para combinarmos como mandar o arroz para os montes. Todos mostraram alegria por me ver. Foram muitas as propostas. Alguns sugeriram que se cozesse o arroz e se fizessem pãezinhos, não muito grandes. Mas o coisa não era praticável porque só se podiam levar poucos de cada vez. Outros propuseram que se levasse o arroz até um certo sítio, onde os camaradas viriam depois buscá-lo. Mas nem isto era possível. Seria preciso mandar um homem de cada vez, e um só não podia levar o suficiente. Mandar muitos homens era fazê-los cair numa emboscada e ter grandes perdas. Mas a pior coisa seria revelar as actividades do Partido. Finalmente, o tio Sung saiu-se com uma proposta: «Vamos esconder o arroz debaixo da lenha», disse, «e depois levamo-lo lá para cima». Desatámos todos a rir com esta saída. Há de facto um provérbio que diz: «Quem vive perto das montanhas vive das montanhas». Nós vivíamos exactamente ali ao pé das montanhas, e todo o nosso combustível vinha dali. Nesse tempo, a lenha escasseava. Porque havíamos nós de a levar para a montanha? Mas foi precisamente isto que me lembrou uma coisa: «Não se riam» — disse eu — «A ideia é boa». Simplesmente não levaremos a lenha mas pediremos autorização para a ir apanhar. Usaremos como balanços canas de bambu muito grossas. Tirando o miolo, podemos encher a cavidade de arroz. E levamo-lo assim para cima. «Era um trabalho lento, como o das andorinhas que constroem o ninho. Mas, com muitos homens e muitas expedições, podia-se alcançar o fim.

Todos acharam que era uma boa ideia. A falta de lenha era um dado de facto. Até o inimigo tinha necessidade dela. De modo que, quando pedimos a autorização, esta foi-nos concedida, mas com a condição de entregar-mos metade da lenha que apanhássemos e que um soldado escoltasse os nossos homens. Este facto era imprevisto. Para nós, que tínhamos um plano a executar, aquele soldado devia ser como cego. Não podia descobrir absolutamente nada.

Assim, sob os olhos do inimigo, começámos a transportar o arroz para as montanhas. Segundo o combinado, todas as

manhãs o tio Sung subia pelas montanhas com um grupo de homens. Num bosque muito cerrado, num local combinado com os camaradas, iam cortar canas para fazer balanços, que poriam a secar ao sol. Depois, como por acaso, deixariam cair as canas que levavam consigo, ou cheias de arroz, de sal, e de hortaliça conservada. Ao entardecer, carregavam a lenha nos novos balanços, deixando no local os utilizados — «bolsas de arroz» como lhes chamávamos — para que os camaradas os apanhassem.

Depois de tudo combinado, para a saída do primeiro transporte, com a ajuda da população, consegui deixar a aldeia. Avancei por um carreiro desconhecido e cheguei ao meu destino. Vendo-me de regresso, os meus companheiros perguntaram: «Velho Ho, onde estiveste tu este tempo todo?» Ninguém sabia daquilo que íamos fazer. «Quem se ocupa da manutenção que há-de fazer senão procurar alimentos?» perguntei alegremente. «Ah, sim? E conseguiste arranjar alguma coisa?» E rodearam-me fazendo uma quantidade de perguntas. «Claro que arranjei qualquer coisa» respondi. «Vão apertar o cinto só por pouco tempo. Ao por do Sol, iremos juntos buscar o arroz».

As coisas correram bem. Com ajuda dos camponeses, não tive dificuldade em continuar por esta via. Além disso, com o passar do tempo e com a desculpa de que era inválido, tornei-me cada vez menos suspeito aos olhos do inimigo e pude mover-me livremente, mesmo em pleno dia.

O transporte do arroz nas canas de bambu continuava bem. Se não acontecesse qualquer coisa, era claro que poderíamos continuar assim indefinidamente. Mas, neste mundo, raramente as coisas vão como deviam, e daí a pouco o inimigo descobriu o nosso tráfego.

Certa manhã, com efeito, quando já iam a meio do caminho, os nossos homens pararam para fumar. O diabo branco que os acompanhava viu uma jóia que pendia da bolsa do tabaco de tio Sung e aproximou-se. Primeiro, tentou tirar-lha. Bem, aquele pendente era uma coisa que o tio Sung tinha herdado. Não era fácil roubar-lho, e não o daria por nenhuma razão deste mundo. A consequência foi uma zaragata que acabou à pancada. O soldado apanhou um dos paus para dar com ele no tio Sung, e deu com o arroz.

Estando o truque descoberto, o inimigo bateu terrivelmente no tio Sung. O tio Sung morreu mas não falou. Os outros foram

presos. Mas não acabou aqui. A vigilância do inimigo tornou-se mais apertada. Foi retirada a autorização de ir apanhar lenha. Foram patrulhadas todas as estradas que iam para as montanhas. Fizeram também um inventário da quantidade de arroz que cada família possuía, e todo o excesso foi requisitado. Além disso, saiu uma lei pela qual se considerava culpado de «traição e conivência com os comunistas» quem quer que levasse alimentos aos camaradas.

Mas nós tínhamos também previsto isto, e assim as percas de arroz não foram demasiadas.

É fácil imaginar o que aconteceu lá em cima. Descoberta a coisa, foi impossível manter qualquer contacto com as aldeias próximas. As dificuldades eram as mesmas que anteriormente. Vim a saber que nos últimos dias tinha havido alguns recontros com o inimigo e que daí tinham obtido umas coisas. Mas precisamente eu, que me ocupava da manutenção, sabia muito bem que aquilo que se tinha apanhado ao inimigo não ia durar muito.

Enquanto se procurava estudar entre todos o que se havia de fazer, um homem desceu dos montes. O Partido queria que reuníssemos todo o arroz possível, que depois o entregássemos a uma pessoa de confiança até que no momento oportuno, os camaradas o viessem retirar, ou então, no caso de extrema necessidade, ver se podíamos mandar alguém levá-lo.

Mas como havíamos de juntar o arroz sem que o inimigo se apercebesse? Reunimos várias noites para discutir isso! Por fim, tivemos uma ideia. Tínhamos que nos meter nos negócios. Encarregaram-se disso alguns dos nossos, homens competentes e de confiança. Adquirimos grandes potes e sacos de farinha, e organizámos uma pequena indústria de **fen-tiao,** um tipo de massinha feita com feijão.

A nossa actividade era um tanto esquisita. Havia uma indústria que não tinha comércio e uma loja que não vendia nada. Preparámos uma certa quantidade de **fen-tiao,** pusemos a secar diante da porta e deixámos de trabalhar. Todos os dias eu mandava Hung Ci ficar de guarda ao **fen-tiao.** Nós os adultos, então, para prevenir qualquer contratempo, sujávamos as mãos com farinha e fazíamos uma reunião. Discutia-se o movimento clandestino, como reagir aos fiscais, a apropriação da terra, como interpretar algumas notícias, e assim por diante. Estudava-se cada fase do trabalho, punham-se diversas soluções, tal e qual como antigamente, quando tínhamos uma

base. Hung Ci era esperto e de confiança. Com uma cana de bambu punha-se sobre uma pequena altura perto das grelhas, num local donde podia dominar o terreno circunstante. Parecia que ali estava para manter os pássaros afastados, mas na verdade vigiava atentamente os movimentos do inimigo e qualquer pessoa suspeita. Se tipos deste género se aproximavam, dava um grito, agitando a cana: «Ehi, fora...» Outras vezes, era mais falador e ouviam-se injúrias: «Ehi lá, filho duma bruxa, que roubas o comer das pessoas». Ao ouvi-lo gritar, nós recomeçávamos imediatamente o trabalho. Por vezes, moíamos os desperdícios dos feijões que já tinham sido moídos várias vezes, ou peneirávamos a farinha que já tinha sido peneirada montes de vezes, tudo para dar impressão duma actividade esfusiante. Claro que por vezes tínhamos de vender os **fen-tiao.** Mas levávamo-los para uma cidade distante, ou mesmo para aqui. A nós pessoalmente, as vendas não nos rendiam nada; cada tostão era dado às secções do Partido que precisavam deles para comprar remédios para os homens nas montanhas.

Tudo caminhava bem. Camaradas do Partido e simpatizantes mandavam-nos aquilo que tinham podido salvar, arroz e batatas doces. Se interpelados pelos soldados, respondiam: Compramos desta massa. Quanto a nós, excepto as batatas doces, o resto escondíamos tudo. Naturalmente os diabos brancos faziam frequentes **contrôles,** mas sabíamos como responder-lhes. «Os negócios correm bem de verdade» dizíamos. «Vêem? Estes montes de batata são o nosso lucro». E deste modo, num só mês, conseguimos esconder mais de mil **cin** de arroz.

Mas havia ainda um problema a resolver: agora que tínhamos reunido o arroz, como havíamos de o mandar lá para cima? Alguns estavam impacientes. «Podemos muito bem arriscar a vida», diziam «e levá-lo lá acima por um atalho desconhecido». Sim, umas vidas pouca importância tinham, desde que os camaradas tivessem que comer. Mas o risco tinha de ser enfrentado apenas em caso de extrema necessidade. Não se tratava apenas da perca de alguns homens; o perigo estava em desvendar as actividades do Partido. «Calma», pedi. «O Partido mandará dizer quando tiver verdadeira necessidade, e então entraremos em acção».

«Tudo se passou como eu tinha previsto. Pouco tempo depois, certa noite, um homem trouxe-me uma ordem escrita

do Partido. Poucas palavras: «Em breve haverá batalha. Manda arroz, seja como for. Esta Noite». A ordem estava assinada pelo comandante do destacamento e pelo comissário político. Geralmente, as ordens eram de viva voz. E se escritas, raramente assinadas. Mas aquela tinha a assinatura do comandante e do comissário político, e as palavras «seja como for» e «esta noite» revelavam a urgência da coisa. Que fazer? Era já meia-noite. Àquela hora, era difícil encontrar alguém. E mesmo que o encontrasse, podia não saber o caminho. E o homem que tinha trazido a ordem tinha mais qualquer coisa a fazer e não podia vir.

Eu era o único que me podia ocupar da coisa. Pensei nisso um instante, depois chamei minha mulher e propus-lhe que fossemos os dois, porque duas pessoas podem levar mais arroz e porque ela, sendo mulher, poderia mais facilmente deslocar-se de dia, no caso de ser necessário transmitir qualquer mensagem. Mas, depois de ter pensado melhor, minha mulher disse: «É melhor que vá Hung Ci contigo. Já está crescido e pode voltar sozinho. É mais importante que eu fique na aldeia». Tinha razão. Tínhamos também que avisar os outros, de modo que, se me apanhassem, fizessem outra tentativa na noite seguinte. «Está bem», concordei eu. «Partimos imediatamente. Amanhã de manhã, diz aos outros que fui pela estrada de Chuangchiungkou. Se até amanhã à noite não tiveres notícias minhas quer dizer que me apanharam pelo caminho. Nesse caso, irão outros dois, mas por outro atalho.

Aprontei-me rapidamente. Tomei os dois paus de balanço — um grande, para mim, capaz de transportar oitenta **cin,** outro, mais pequeno, para trinta **cin,** para Hung Ci. Uma quantidade suficiente para uma boa refeição. Estando tudo preparado, acordei Hung Ci. Estava a dormir e murmurou: «Está ainda escuro. Tenho que ir lá para fora assustar os pássaros?» «Não, hoje nada de pássaros» respondi. «Vamos para a montanha, levar o arroz aos teus amigos do Exército Vermelho». Saltou, contente, da cama. «Óptimo», disse. «Eles têm as espingardas. Diz-lhe para me darem uma». Estávamos já a sair quando minha mulher deu a Hung Ci dois pãezinhos de farinha de feijão. «São os dois únicos que nos ficaram» disse, como a desculpar-se. «São para quando voltares para trás. Se ficares lá em cima, terás que te adaptar novamente à sopa de ervas do campo». Depois, dirigindo-se a Hung Ci: «Tem cuidado quando

regressares. A mamã para prémio vai-te preparar uma boa sopa de aveia».

Afastámo-nos, tranquilos, da aldeia. Para evitar as patrulhas inimigas, seguimos por um carreiro pouco batido e começámos a subir rapidamente. Ainda tenho diante dos olhos a cena. Estava muito escuro e nem nos víamos nos olhos. Para se encorajarem, os diabos brancos ululavam como lobos nas vertentes da montanha. Seguíamos rapidamente o atalho e imediatamente, com aquele peso aos ombros, ficámos todos suados e com a respiração entrecortada. Além do pesado fardo, tinha que olhar pelo meu rapaz. De tempos a tempos, murmurava: «Hung Ci». Respondia-me: «Sim, estou aqui». Sentia um aperto no coração ao ouvir aquela voz tão jovem. Tinha apenas treze anos, nem era do tamanho do pau de balanço; e, mesmo assim, tinha que me seguir e subir de noite por aquela montanha, com risco da própria vida.

Quando a Revolução vencer e chegar o Exército Vermelho, pensava eu, quero que estude e que depois encontre um trabalho. Havia de lhe dizer: «Filho, viveste os dias em que o país anseava por nascer. Sabes quanto custa a vitória. Faz tudo o que puderes pelo Partido e pelo Povo. Constrói o nosso país, e fá-lo melhor cem vezes do que a nossa velha base». Entre parêntesis, camarada, eu naquele momento não sabia com o que poderia parecer a nossa pátria, nem tinha a mínima ideia da construção. Mas pensava que lhe havia de dizer: «Depois da vitória, quando puderes comer o suficiente e vestir-te decentemente, não esqueças os dias em que os nossos companheiros viviam sobre as montanhas e comiam raízes e cascas de árvores. Só os seus sofrimentos tornaram possível às novas gerações...»

Mas, enquanto eu assim divagava, Hung Ci aproximou-se, correndo, de mim e com voz trémula murmurou: «Escuta, papá...» As crianças têm o ouvido fino. Ouvia-se realmente um rumor no bosque. Como se alguém andasse — muitos andassem, meu Deus! A patrulha dos diabos brancos, pensei. Empurrei Hung Ci e tomámos por outro caminho, mas era tarde demais. Caminhávamos demasiado depressa e os nossos passos eram pesados demais. Além disso, os cestos batiam contra o ramos das plantas. Os soldados localizaram-nos. Gritaram, agarraram nas espingardas e dispararam várias vezes. Estávamos desarmados e não nos podíamos defender, mas disse comigo que não nos apanhariam vivos. Começámos a

correr ainda mais depressa, mas estavam mesmo em cima de nós. Estava muito escuro e eles cada vez mais perto. Eu estava terrivelmente cansado com o pesado fardo sobre os ombros e muito preocupado com o meu rapaz. Percebi que dificilmente conseguiríamos escapar. Havia de abandonar o arroz? Não! Estavam à espera dele lá em cima. Se não o abandonava e me apanhassem, isso significava perder homens e arroz. Que fazer? Junto de mim, Hung Ci respirava com dificuldade. Ao ouvir a sua respiração entrecortada, tive uma ideia. Mas imediatamente senti um arrepio por todo o corpo. É um bom filho, pensei — que vou eu dizer a minha mulher? Mas não havia outra saída. Eu teria podido tomar o seu lugar, mas ele não podia tomar o meu...

O fogo do inimigo estava cada vez mais próximo, mais distinto. Não havia tempo a perder. Parei, poisei a carga e abracei o meu filho. Senti entre os meus braços os seus ombros jovens e magros. Apertei os dentes e disse devagar: «Filho, dá-me os teus cestos. Corre pela montanha, para poente. Corre! Corre! Tinha os olhos cheios de lágrimas. Meu filho não percebia. Abanei-o com força e, olhando-o bem no rosto, repeti: «Obedece ao teu pai, filho, corre e faz o maior barulho que puderes». Palavras que queimavam. Pareceu então compreender. Deixou cair os seus cestos, meteu-me qualquer coisa na mão e desapareceu.

Desatou a correr pela vertente da montanha. Os seus pés batiam nas pedras e nos seixos, fazendo um grande barulho. Aquele rumor — aquele rumor... era como se me pisasse o coração, no mais profundo. Aquele barulho atraiu a atenção do inimigo, que se dirigiu para aquele lado e continuou a perseguição.

Agarrei os cestos do meu filho, coloquei-os sobre os meus. Como pesavam! Então, senti qualquer coisa na mão. Tacteei com os dedos: eram os dois pãezinhos que a minha mulher tinha dado a Hung Ci. Olhei para onde o meu filho desaparecera. Estava escuro e não vi nada. Ultrapassei um pequeno bosque e meti-me por outro caminho. Foi então que ouvi tiros de espingarda, dos lados para onde o meu filho correra.

Continuei pelo atalho com aquele peso sobre os ombros, sem dar pelas pedras que me feriam os pés e pelos ramos que me golpeavam o rosto. Sentia-me como embriagado, terrivelmente confuso. O peso parecia aumentar cada vez mais — como se transportasse duas montanhas sobre os ombros. Mas

continuei. Estava tão atordoado, que me parecia caminhar sobre algodão, fofo algodão. Mas prossegui.

Cheguei ao campo antes do amanhecer. Alguns camaradas tinham vindo ao meu encontro, mas tinham ido por outro caminho e não nos tínhamos encontrado. Já tinham regressado e ajudaram-me a descarregar as cestas.

Na manhã seguinte, o comandante reuniu os homens junto das plantas de bambu, e pôs o arroz perante eles. Quis que contasse como o tinha trazido. Via os seus rostos descarnados, queimados pelo sol, os olhos que brilhavam. Corpos magros, com a vontade firme. Reforçou-se em mim, então, a fé na vitória final. «Filho», pensei «não morreste em vão». Contei brevemente o facto. Sem dizer uma palavra, os camaradas baixaram as cabeças. Dei um passo na direcção deles e acrescentei: «Quando ontem saímos de casa, o meu filho disse-me que lhes pedisse uma espingarda. Era só um capricho de criança, mas nunca o esquecerei. E sou eu agora que vo-lo peço. Camaradas, dêem-me uma espingarda e deixem-me ir convosco». Agarrei depois nos dois pãezinhos que o meu filho não tinha podido comer e dei-os a um jovem que estava na minha frente.

Falou então o comandante. Indicou o arroz e disse: «Camaradas, este arroz foi reunido pelos camponeses com muita dificuldade. Trouxeram-no para aqui homens, com risco da própria vida. Não é arroz, é o próprio coração do povo. Nós somos as forças revolucionárias. O povo dá-nos de comer para que possamos prosseguir na luta e combater pela vitória final da Revolução! Este auxílio tem que ser pago dando o melhor de nós mesmos. Camaradas, limpem as armas e preparem-se para combater. E na cozinha preparem o arroz. E subam a bandeira!»

Por cima do bosquezinho de bambu, subiu a bandeira vermelha. Brilhou ao Sol da manhã, gloriosa e viva.

Neste ponto, Ho Ci-piao calou-se. Passou a mão descarnada nos olhos húmidos e com aquele gesto pareceu apagar do seu rosto qualquer sinal de sofrimento e de tormento. Depois, ergueu a cabeça e olhou-me a direito nos olhos. Aproximou-se mais, com a cadeira, e disse: «Camarada, estas são as coisas que eu hoje disse. O arroz é o ouro do camponês. No passado, correu sangue por isso. No passado, em condições assustadoras, nós demos a nossa vida para que os homens que combatiam tivessem que comer. Mas agora, que vencemos e que

o País está construindo o seu futuro, porque havemos de ser tão mesquinhos?»

Era meia-noite quando o deixei. No alto céu, uma Lua pálida e fria brilhava sobre a vastidão da Terra. Enquanto andava, no centro do caminho vi aqueles montes de arroz que, à luz do luar, pareciam lençóis de ouro. Olhei depois para além dos tectos das casas: ao longe, distinguiam-se as montanhas onde a nossa gente tinha combatido e derramado o próprio sangue. Ao vê-las recordei o que me tinha contado Ho Ci-piao, o velho revolucionário, e murmurei: «Que homens!».

Fiquei ali um bocado, ao lado daqueles montinhos de arroz, a olhar o perfil e as cristas das montanhas azuladas.

3

Já mencionámos a importância do novo teatro. Em 1945, podemos já encontrar uma obra completa e acabada a partir das expressões teatrais surgidas do yangko. A rapariga dos cabelos brancos, *que, se bem que assinada por dois jovens então com vinte anos, Ho Cing-ci e Ting Yi, é, no fundo, fruto de trabalho colectivo. Representada nesse ano no clima e no palco de Yenan — um palco e um clima ideais —, pode ser considerada como a primeira manifestação concreta da temática cultural, exposta por Mao em 1942. Tendo ganho a seu tempo um prémio Estaline para a literatura, é ainda hoje muitíssimo popular na China, e já se fizeram duas versões cinematográficas (antes e depois de 1966).*

Representada também em Itália, A rapariga dos cabelos brancos *(que parece ser inspirada num facto real) apresenta de certo modo o típico contar de estilo antigo: dum lado, o pobre aldeão Yang, do outro, o rico senhor Huang — proprietário de terras — que vive significativamente numa casa chamada «Casa da Virtude Acumulada». Para pagamento das dívidas contraídas com o dono, Yang é obrigado a ceder a filha Hsi-erh aos Huang (da obra, é a primeira cena que aqui apresentamos); depois, desesperado, deixa-se morrer na neve da gélida noite. Seduzida pelo senhor Huang e tendo ficado grávida, para evitar ser por isso «eliminada», a rapariga foge e esconde-se numa caverna nos montes, fingindo-se uma deusa, para poder sobreviver mediante as ofertas dos camponeses da zona. Da violência sofrida nasce uma criança e entretanto, pelas privações sofridas, os cabelos de Hsi-erh*

ficaram precocemente brancos. Como se verá na outra cena, a rapariga será finalmente encontrada pelo noivo Ta-ciun.

O final é fácil de intuir: o senhor Huang será condenado por um tribunal revolucionário de camponeses e Hsi-erh (com Ta-ciun) devolvida «à nova vida que começa», visto que «o nosso tempo chegou». Uma situação típica da primeira metade do século XIX na China e uma obra aldeã exemplar, com múltiplos significados. O novo e o antigo defrontam-se e são explicados, e certamente cada um dos enjeitados coolies *pode ver nela qualquer coisa de si. Os fantasmas voltam a ser homens e canta-se «a chama nunca extinta», que desde agora ilumina as planícies. Na cena, sobre um fundo de cartão, ergue-se um sol vermelho e brilhante. É uma imagem muito querida do teatro contemporâneo chinês, cuja simbologia é evidente: o sol comunista como momento de libertação.*

HO CING-CI e TING YI

A rapariga dos cabelos brancos

ACTO I

CENA 2

A casa do Sr. Huang. Uma pequena divisão junto da sala, com uma mesa e cadeiras. De um alto tocheiro colocado sobre a mesa, a luz duma vela ilumina um livro de contas, um abaco, um tinteiro, um antigo cachimbo chinês. Fora de cena, ouvem-se gargalhadas, rumor de copos e as vozes de algumas pessoas que jogam. O Sr. Huang entra, palitando os dentes. Está meio ébrio.

HUANG **(canta)**

Festejando e bebendo saudamos o ano velho,
penduramos grinaldas e lanternas para celebrar o [novo ano!
Os nossos hóspedes estão satisfeitos
Ébrios de alegria, não de vinho.
Que importa, pois, que os pobres tenham fome?

... Bom, não vivi em vão! Tenho muito boa terra e óptimas colheitas. Passei toda a vida a fazer pender a balança para o meu lado e a abrir caminho à minha frente, quer em casa quer fora. Nestes últimos anos, a nossa família tem passado magnificamente. Minha mulher morreu o ano passado; minha mãe queria que voltasse a casar, mas eu sinto-me mais livre assim. As mulheres custam pouco; são como os restos de um naufrágio; se uma me agrada, como a desta noite, tudo se pode arranjar com facilidade.

(Entra o fiscal Mu, que administra as terras do sr. Huang, com o camponês Yang).

YANG **(canta timidamente)**

As lanternas vermelhas por baixo das goteiras
encandeiam meus olhos: não me sinto tranquilo.
Que quererá de mim?
Hsi-erh, em casa, está à minha espera.

MU — Velho Yang, o sr. Huang está aqui. Deste lado **(entram na sala).**

HUANG — **(delicadamente)** — Cá estás, velho Yang. Senta-te. **(indica-lhe uma cadeira, mas o velho Yang não se atreve a sentar-se).**

MU — **(servindo o chá)** — Toma chá. **(Yang continua calado).**

HUANG — Preparaste tudo para o Ano Novo, velho Yang?

YANG — Senhor, bem sabeis como estão as coisas. Nevou quase duas semanas e não temos nem lenha, nem arroz em casa. Há muitos dias que nem acendo o fogão.

MU — Bom, olha, velho Yang, não vale a pena lamentares a tua pobreza; o sr. Huang sabe tudo a teu respeito, não é?

HUANG — Sim, velho Yang, sei que não te encontras em boas condições económicas, mas estamos no fim do ano e tenho que te pedir que me pagues a renda **(abre o livro das contas).** Tu cultivas uma parte da minha terra. No ano passado, não me deste o dinheiro, nem este Verão, nem no Outono.

MU — contando no abaco — cinco vezes cinco... duas vezes cinco dez...

HUANG — Lembra-te do que nos deves. No tempo do meu pai, quando a tua mulher morreu, quiseste comprar um caixão e pediste-nos um empréstimo. Há dois anos estiveste doente e fizeste a mesma coisa. No ano passado, aceitaste um juro de cinco por cento ao mês. Pelo juro composto, o total é de...

MU — **(contando no abaco)** — Os juros compostos são de — cinco vezes cinco vinte cinco, mais dez...

HUANG — Vês, velho Yang, está tudo aqui bem claro, o preto no branco. Hoje é o último dia do ano, velho Yang: a renda tem de ser paga. Se tens aqui o dinheiro, muito bem: pagas, e a dívida fica cancelada. Se os não tens, então vai, e encontra meio de os obter. O fiscal vai contigo.

MU — Vá, despacha-te. Estou pronto para ir contigo. Vamos, velho Yang.

YANG **(rogando)** — Oh, sr. Mu... Senhor... Por favor, hoje não. Não tenho dinheiro, não posso pagar nem a dívida nem a renda **(com a voz cada vez mais fraca).** Senhor... Senhor Mu...

HUANG — Vamos, velho Yang, assim não. Hoje é o fim do ano. Se tens dificuldades, eu ainda estou pior. Tens de me pagar.

YANG — Senhor...

HUANG — Vamos, tem paciência. Digas o que disseres, a dívida tem de ser paga.

MU — Ouviste o que disse o senhor Huang, velho Yang? Ele nunca retira o que diz: tens de encontrar maneira de pagar.

YANG — Que hei-de eu fazer, senhor? Um velho como eu, sem parentes ou amigos ricos — onde hei-de encontrar o dinheiro? **(Suplicando)** Senhor...

HUANG — Vendo que a situação se orienta a seu favor faz um sinal a Mu) Bem...

MU — A Yang: ouve, velho Yang, um modo havia. O senhor Huang encontrou uma solução. Se quiseres...

YANG — Diga-me de que se trata, senhor Mu.

MU — Vais a casa e voltas com Hsi-erh para pagamento da renda.

YANG **(transtornado)** — O quê?...

MU — Vai, e volta com Hsi-erh como pagamento da renda.

YANG **(ajoelha-se, suplicante)** — Senhor, isso não!

(canta)

O inesperado pedido da minha filha como pagamento
Foi como um trovão num céu sem nuvens!
Hsi-erh é o tesouro do meu coração,
Prefiro morrer, a perdê-la!
Suplico-vos, senhor, tende piedade de nós,
Deixai-me passar, por esta vez!
Hsi-erh é tudo o que tenho no mundo,
Aquilo que me pedis é mais do que o que eu posso [suportar!

HUANG **(em pé, sobranceiro)** — Em suma, Yang, estou procurando ajudar-te: traz a tua filha para aqui, a viver tranquila alguns anos. Não estará melhor do que na tua casa, a

padecer fome e frio e mil faltas? Além disso, não a trataremos mal. E a tua dívida ficará também cancelada: isto significa que com uma cajada matas dois coelhos!

YANG — Senhor, não! Não me podes fazer isto!

MU — Mas, velho Yang, parece-me que vocês, os pobres, procuram abusar da generosidade dos ricos: o senhor Huang quer ajudar a tua família. Repara, Hsi-erh passará aqui os mais belos anos da sua vida, terá de tudo, andará vestida como uma senhora e bastará levantar um dedo para obter alimentos ou de beber. Estaria muito melhor do que em tua casa, onde passa fome e frio. O senhor Huang está muito preocupado com tudo o que faz padecer Hsi-erh. Por isso seria melhor que aceitasses.

YANG — Mas, senhor Mu, a minha menina é a alegria dos meus olhos. A mãe dela morreu quando a pequenita tinha três anos e eu criei-a o melhor que pude. Já estou velho, e tenho-a só a ela, que é ao mesmo tempo como um filho e uma filha. Não posso deixá-la partir! **(dirigindo-se a Huang)**: Senhor...

HUANG **(decidido)** — Ora! **(Yang dirige-se a Mu, que o ignora. Passado um instante, Huang continua)**: Não posso esperar mais tempo, velho Yang! Decide-te: dá-me a tua filha, ou paga a dívida.

MU — Velho Yang, o senhor Huang hoje está de bom humor. Não o faças zangar, ou será pior para ti.

HUANG **(aborrecido)** — Basta! Decide-te! Diz-lhe que traga a rapariga amanhã **(vai a sair)**.

YANG **(tenta segurá-lo por um braço)** — Senhor, espere!

HUANG — Larga-me! **(empurrando Yang, dirige-se rapidamente para a porta e sai)**.

MU — Vês, é melhor que tu aceites, velho Yang. **(dirige-se para a mesinha, para redigir o contrato)**.

YANG **(impedindo-lhe a passagem)** — Não, não podes fazer isso **(canta)**:

Que mal fiz eu
Para ser obrigado a vender minha filha?
Passei muitas dificuldades na vida,
Mas nunca julguei ter que chegar a este ponto!

MU — Pensa bem, velho Yang; não sejas tão tolo! Deves aceitar as coisas como estão, gostes ou não assim **(afasta Yang e agarra numa caneta para escrever o contrato)**.

YANG **(agarrando a mão de Mu)** — Não! **(canta)**:

O céu destrói a erva que só tem uma raiz,
A inundação arranca a ponte feita duma só tábua.
É a única filha que tenho:
Não posso viver sem ela!

MU **(furioso)** — Não sejas parvo. Ao ponto a que chegámos, se fazes irritar o patrão, vai ser bonito...

YANG — Vou a qualquer lado expor o meu caso **(faz para sair correndo)**.

MU **(dando um murro na mesa)** — Aonde queres ir contar o teu caso? O juiz é nosso amigo... Aonde queres tu ir?

YANG **(apalermado)** — Eu... eu...

MU — Não serve de nada, velho Yang, não és carne para os dentes dele... O melhor é fazeres o contrato e assinares aqui com o teu dedo, para aceitar o negócio: **(escreve)**.

(Entra Huang impaciente)

HUANG **(furioso)** — És mesmo cabeçudo, velho Yang! Deixa que te diga que o negócio se conclui hoje, quer queiras, quer não **(a Mu)**. Despacha-te e escreve o contrato.

YANG **(vendo-se perdido)** — Ai!

MU **(lendo enquanto escreve)** — «O rendeiro Yang deve ao senhor Huang a quantia de ... Como é demasiado pobre para pagar, quer vender a filha Hsi-erh ao patrão, para extinguir o débito. Ambas as partes estão de acordo e não revocarão esta decisão. Considerando os acordos orais insuficientes, fica este contrato como testemunho... Assinado pelas duas partes, senhor Huang e rendeiro Yang, a pela testemunha fiscal Mu». Bom, as palavras voam mas o escrito fica. Anda cá, velho Yang, põe aqui a impressão do teu dedo.

YANG **(quase fora de si)** — Senhor, não podeis fazer isso!

HUANG — Ah, não? Muito bem, diz a Liu que o ate e o leve ao tribunal.

YANG **(tomado de pânico)** — O quê? Mandar-me para tribunal? Oh, senhor!

MU **(agarrando a mão de Yang)** — Põe aqui o teu dedo **(agarra-lhe à força a mão e carrega com o dedo no papel)**.

YANG **(assustado, vendo a tinta no dedo)** — Oh! **(e deixa-se cair para o chão)**.

MU — Pronto, basta uma dedada para cancelar uma dívida de tantos anos... **(estende o documento a Huang, que lhe faz um gesto. Mu verifica que Yang respira)**. Está bem.

HUANG — É melhor ires-te embora já. Trás Hsi-erh cá amanhã. **(para Mu):** Dá-lhe aquele documento.

MU **(ajudando Yang a levantar-se)** — Esta cópia é a tua... **(dá-lhe o documento).** Amanhã, traz aqui Hsi-erh para apresentar felicitações pelo Ano Novo à família do senhor Huang. Diz-lhe que venha, passará um bom ano. Vai! **(empurra Yang para fora e fecha a porta).**

HUANG — Velho Mu, amanhã vai lá abaixo com alguns homens: não vá o velhote ao chegar a casa ignorar o contrato e fugir, porque, nesse caso, perderíamos a rapariga e o dinheiro.

MU — Está bem.

HUANG — Ah! Outra coisa: Não deixes que se saiba nada do negócio, por amor de Deus! Ficaria mal, no dia de Fim de Ano. Se aqueles desgraçados espalham a coisa, mesmo tendo o direito do nosso lado, não seria fácil explicar a questão. Se alguém te fizer perguntas, responde que minha mãe quer ver Hsi-erh e que vais buscar a rapariga para que venha felicitar a Velha Senhora.

MU — Muito bem **(sai).**

HUANG — Ah! A única maneira de se ser rico é à custa dos pobres. Se não tivesse obrigado o velho Yang, não obtinha Hsi-erh!

YANG **(voltando a si, fora da porta)** — Ó céu, céu assassino! **(canta, afastando-se):**

O céu mata sem pestanejar!
A casa do patrão é o inferno!
Sou um velho louco, um velho louco!
Porque pus o meu dedo no papel, há bocadinho?
Vendi a minha única filha,
o teu pai abandonou-te, Hsi-erh!
Esperas-me em casa para festejar o Ano Novo
[e és feliz,
Mas eu caí na mais profunda dor.
Com esta mão vendi a minha única filha,
Como hei-de encarar com ela ao voltar para casa?

(sai da cena)

ACTO V

CENA 2

Noite. O templo da deusa. As ofertas estão sobre o altar. Está escuro e sopra o vento. Entra Ta-ciun com Ta-so. O primeiro tem uma pistola, o segundo um punhal. Aproximam-se da entrada do templo, olham em redor, murmuram qualquer coisa, finalmente entram. Ta-ciun indica um canto ao companheiro, ele esconde-se noutro. As lâmpadas dançam ao vento enfurecido. Pausa. Fundo musical.

TA-SO **(nervoso)** — Ta ciun! Ta-ciun!

TA-CIUN **(interrompe-o)** — Calado! **(faz um gesto e ficam ambos em silêncio).**

(Entra a deusa dos cabelos brancos. Esconde-se atrás do altar. Olha em volta, vê que não está ninguém e aproxima-se do altar para retirar as ofertas. Ta-ciun e Ta-so saem dos esconderijos).

TA-CIUN **(grita)** — Quem és?

HSI-ERH **(surpreendida e atrapalhada)** — Ah! **(faz menção de se atirar a Ta-ciun).**

(Ta-ciun dispara. Hsi-erh cai, atingida no braço, mas consegue erguer-se novamente e foge).

TA-CIUN — Ta-so! Depressa, vamos atrás dela!

(A cena muda. Um caminho de montanha. Entra Hsi-erh, ferida, que corre com dificuldade. Atravessa o palco e sai. Entram Ta-ciun e Ta-so).

TA-SO — Para que lado foi? Desapareceu novamente!

TA-CIUN **(examinando o terreno)** — Não se vê rasto de sangue.

TA-SO — Há aqui uma subida. Deste lado.

TA-CIUN **(de repente)** — Olha, Ta-so. Uma luz!

TA-SO — Uma caverna! **(ouve-se uma criança chorar).**

TA-CIUN **(à escuta)** — Parece o choro duma criança... Ta-so, vamos atrás dela. Acende a lâmpada. **(Saem).**

(Música. Assobiar do vento. A cena muda novamente. O interior duma caverna. Uma candeia de azeite numa saliência da rocha, uma luz débil que ilumina e revela toda a tristeza e o horror do local. Num canto há lenha, frutos silvestres, milho e as ofertas trazidas do templo. Sobre a lenha, uma

criança esbraceja e chora; aterrorizada, Hsi-erh entra na caverna, dá uns passos, tapa a entrada com um grande pedregulho. Ao ver a mãe, a criança grita com mais força: «Mamã!» Ouve-se a voz de Ta-ciun lá fora: «Ta-so! Aqui! Aqui!» Deslocam a pedra que fecha a entrada e penetram na caverna. Ta-so alumia com a lâmpada. Hsi-erh salta para junto do menino, para o defender.)

TA-CIUN — **(mantendo Hsi-erh sob a mira da arma)** — És uma criatura humana ou um espírito?

TA-SO — Vamos! És uma criatura humana ou um espírito?

TA-CIUN — Fala ou disparo!

HSI-ERH **(com ódio)** — Eu...

TA-CIUN — Vá, fala que te deixo ir embora.

HSI-ERH — Eu... Eu... **(grita)** Sou um ser humano, humano, humano! **(canta)**

Sou feita de carne e de sangue! Tenho um coração
[como o vosso!
Porque dizeis que não sou um ser humano?

TA-CIUN — Donde vens?

HSI-ERH **(canta).**

No sopé das montanhas corre um rio,
A minha família é da aldeia de Yangko!

TA-CIUN E TA-SO **(surpreendidos)** — Como chegaste até aqui?

HSI-ERH — É tudo culpa da família Huang! **(canta):**

Vós obrigastes o meu pai a matar-se!

(Ta-ciun e Ta-so estão atónitos)

Obrigastes Ta-ciun a abandonar a casa!
Queríeis matar-me, mas eu não queria morrer!
Fugi e vivi nesta caverna
com um tal ódio e um tal desejo de vingança
que fazem parte dos meus ossos e do meu sangue!
Ah! *(chora)* Pensavam que tinha morrido?
Enganaram-se, enganaram-se! *(ri profundamente)*
Eu sou um fogo que nunca podereis apagar,
Uma árvore cujas raízes não haveis de arrancar!

TA-CIUN E TA-SO — Diz-nos o teu nome. Como te chamas?

HSI-ERH **(canta).**

Sou o fogo da planície, a árvore da colina!
Sou Hsi-erh e estou ainda viva!

(Ta-ciun e Ta-so estão sem fala). E vocês então voltaram, mas desta vez dou cabo de vocês! Acabo com vocês! **(avança para eles. Ta-ciun e Ta-so ficam imóveis. À luz da lâmapada, Hsi-erh vê o rosto de Ta-ciun)** Ah, tu, tu! **(reconhece-o de repente).** Mas és Ta-ciun? **(Cai-lhe nos braços desmaiada. O menino chora).**

TA-CIUN — **(como em sonho)** Sim... é Hsi-erh! **(está imóvel, não sabe o que fazer).** Depois vê a ferida no braço. Ah! **(pega num lenço, ata-lho em volta do braço com tristeza, e vai chamando docemente)** Hsi-erh!

TA-SO — Hsi-erh! **(a rapariga recupera por causa da dor da ferida, suspira e abre os olhos. Vendo Ta-ciun, sabe que tudo corre bem e fecha os olhos, tranquila. Fundo musical).**

TA-CIUN **(olha, primeiro, para Hsi-erh, depois para a caverna. Ao recordar o passado, os olhos enchem-se-lhe de lágrimas. Depois, ergue-se furioso)** — Agora percebo tudo! Ta-so, corre depressa ao distrito, que vão prender o senhor Huang. Diz ao velho Chen para escrever o relatório!

TA-SO — Está bem! **(corre para fora).**

TA-CIUN — Hsi-erh! Hsi-erh! Viemos buscar-te **(a rapariga abre os olhos).**

HSI-ERH — Buscar-me? **(abana a cabeça).**

TA-CIUN **(com convicção)** — Mas não percebes, Hsi-erh, que as coisas mudaram? Lembras-te quando o tio Chao nos falava do Exército Vermelho? Pois bem! O Exército Vermelho chegou. E nós, os miseráveis passamos a ser os patrões! Não precisas já de te esconder! Temos de nos vingar!

HSI-ERH **(passado um bocadinho, em voz baixa)** — Ah... as coisas mudaram... mudaram! Vingança! **(acena que sim com a cabeça)** Vingança!

(Ta-ciun põe o seu casaco sobre os ombros de Hsi-erh, depois pega no menino e, com Hsi-erh, sai da caverna. Está surgindo a aurora e as aves cantam.)

CORO **(fora de cena).**

Nasce o Sol! Nasce o Sol!
Um Sol esplêndido, luminoso!
Há gerações e até agora
passámos dores e penas!
Mas agora vemos a alvorada,
que leva consigo a tristeza da noite!
Onde tinha ido a nossa Hsi-erh,
Que por tantos anos nos deixou?
Mas hoje, hoje,
descemos os montes,
abrimos as cavernas
para salvar Hsi-erh!
Para a salvar!

(Entra Ta-so com o chefe do distrito, a tia Wang, a tia Chang, o velho Chao e outros.)

TODOS **(cantam).**

Onde está Hsi-erh?

TA-SO — Além, lá vem ela!

TODOS **(cantando).**

Hsi-erh voltou! Hsi-erh volta para casa!

(Adiantam-se para a cumprimentar e ficam petrificados ao vê-la).

TIA WANG **(aproximando-se dela)** — Hsi-erh!

TIA CHANG — Hsi-erh.

(Ao ver aqueles rostos familiares, Hsi-erh fica sem fala. Depois, murmura: «Tio Chao, Tia Wang, Tia Chang!» atira-se finalmente para os braços da Tia Wang e soluça. Estão todos comovidos. A Tia Wang e a Tia Chang afagam os cabelos de Hsi-erh.)

O CHEFE DO DISTRITO — Amigos, não estejam tristes! Hoje libertámos Hsi-erh e foi magnífico. Amanhã, numa reunião pública, será feito o processo ao senhor Huang e vingaremos Hsi-erh. Agora, vamos embora.

TODOS **(cantando).**

Camponeses, companheiros, não choreis!
Os velhos tempos obrigavam os homens a tornarem-se
[fantasmas,
mas a nova época transforma os fantasmas em
[homens
A nossa desditosa irmã foi salva!
A nova época transforma os fantasmas em homens.
Hsi-erh está outra vez connosco!

(saem cantando)

4

É necessário recuar muito no tempo, até ao Livro dos Cantares *— uma antologia anónima do século VI antes de Cristo — para encontrar qualquer coisa que se aproxime das primeiras manifestações poéticas da China libertada. Precisamente como então, não são as correntes nem individualidades excepcionais que dão vida aos versos, mas sim uma espécie de consciência comum, uma maneira de ser e de viver em conjunto — e a palavra «coral» parece ser, na verdade, a mais apropriada para definir tal género de poesia.*

O Livro dos Cantares *reproduz a vida das comunidades agrícolas primitivas, pré-confucianas, anteriores portanto ao aparecimento do «Sábio» por antonomásia, que veio enquadrar com mão de ferro, ideologicamente, um império já por si economicamente e concretamente definido. Aí se fala de sementeiras e de colheitas, de fomes e de inundações, de festas agrícolas e rituais, de nascimentos, casamentos e mortes: uma vida em comum, com dificuldades, mas por vezes também com alegrias vividas por todos. Há, depois, como que um salto de alguns séculos, nos quais se sucederão poetas elegantes, geralmente de Corte, ou pelo menos funcionários públicos, que, se bem que bons versificadores em vulgar, se limitaram a ser populistas mais ou menos iluminados. Embora, por vezes, passassem nos seus versos, como que em contra-luz, a miséria e as gentes do povo, a Lua dominava, soberana e gentil, as «donne d'amore» e o vinho eram exaltados e os salgueiros pendiam chorando sobre as águas, evidentemente límpidas, dos resguardados jardins imperiais...E tudo isto em rima perfeita.*

O início da era de Mao, ou seja, o pós-Confúcio, marca o regresso à poesia primitiva, é como, com um salto de dois mil anos, reencontrar uma voz. Linguagem clássica ultrapassada, rimas, métrica, conteúdos elegantes e minuciosos, a voz repropõe-se, de facto com uma autenticidade indiscutível e viva! São os cantos dos exércitos populares, as mensagens dos jornais de parede, as expressões anónimas dos camponeses e dos operários. A coralidade naturalmente tem novos aspectos, ancorados na realidade presente; o Partido fornece os tractores, as equipas de socorro mútuo, as escolas. É o início de todo um novo mundo poético que, desde os primeiros jornais murais, onde ainda revive o drama do passado, através das sementes simbolicamente trazidas pelo Exército Vermelho e que depois germinaram — construção duma «casa» paga com o sangue e com a qual devemos «ter cuidado» —, alcança aquele «pensar, falar e agir» sobre que se alicerça a primeira verdadeira revolução do Oriente.

A POESIA REENCONTRADA

Os ricos e os pobres

«Como poderia haver um homem rico
se não houvesse milhares de pobres?» (1)
Donde vêm estas palavras?
Foi certamente o patrão que as disse:
o coração do patrão não tem piedade.

Jornal de parede

As contas do patrão

O dedo do patrão escorre sobre o livro das contas:
É como se uma faca cortasse o coração dos camponeses.
O rumor rítmico do abaco soma o que se deve
enquanto as lágrimas escorrem pelos rostos, à escuta.

Jornal de parede

Uma palavra

Uma palavra do amo
significava um tormento para o povo;
o rosnar dos seus cães velozes
espalhava o terror nos nossos corações.

Jornal de parede

---

(1) (Trata-se dum antigo provérbio chinês. A frase aliás, reproduz Confucio, onde se lê que a norma para produzir riqueza consiste no facto de que «muitos produzem e poucos comem» e que «aqueles que produzem são rápidos, e lentos os que consomem»).

Comer

Duas refeições em três dias;
Não é fácil ter o estômago vazio;
O choro das criancinhas esfomeadas
aflige os anciãos:
maldito seja o patrão!

Jornal de parede

O velho feudalismo

O patrão possui a melhor terra,
os seus celeiros estão a abarrotar,
mas pouco deles sai.
Tem as alfaias, os ferros do ofício,
e um grande búfalo de guarda à sua porta.
O pobre nada tem;
Se quer alguma coisa, tem de se apressar
a abater o velho feudalismo.

Jornal de parede

Ao pobre uma possibilidade

Usar azeite da candeia, em vez de toucinho
Vestir de cascas de árvores, em vez de seda.
Combater sem medo de morrer;
a melhor maneira de ajudar um pobre
é oferecer-lhe a possibilidade
de fugir da miséria.

Canto revolucionário de Hupeh

Coro

Se nos perguntam de onde vimos,
nós respondemos: vimos do povo.
Se nos perguntam para onde vamos,
respondemos: vamos ter com o povo,
para aprender com a experiência autêntica
de milhares e milhares de anos.

Viemos para mobilizar a gente,
para produzir e resistir ao inimigo.
A força do povo é ilimitada
e só dele é que a podemos obter;
viemos para aprender como prestar auxílio,
libertar as terras e abrir vias novas.

Dentro destes limites, nas zonas democráticas
já nos movemos com liberdade;
aqui cultivaremos a flor da vitória
para que possa florir sobre estas áridas colinas. (²)

Ke Ciun-ping

Sementes que germinam

Os abetos e os ciprestes têm muitos ramos.
Certo dia, no Sechiuan do Norte,
Passaram sobre os seus cavalos
Os homens do Exército Vermelho;
deixaram-nos sementes vermelhas
muitas, todas dessa cor, bem sabendo
que os sofrimentos dos pobres acabariam
apenas se as plantassem.
Assim a gente nutriu essas sementes,
como se alimenta um bom terreno,
até elas crescerem e se espalharem
como ramos, sobre a nossa terra.

Canto revolucionário do Sechiuan

Profecia

Eu não preciso que me leiam o futuro
ou coisa desse género;
hoje, tenho a certeza que o meu destino
é certamente bom.

(²) Canto escrito antes de 1949, nas áreas já libertadas e dominadas pelo exército comunista.

É na realidade grande sorte
ter nascido neste dia
com a responsabilidade
dum mundo novo sobre os ombros;

sabendo que só
onde acenar uma bandeira vermelha
pode nascer
um novo dia.

Recusarei a velha sociedade
e saudarei o novo dia
Porei nos meus cantos todo o meu coração
para que o novo mundo os escute.

Agora, sou um homem novo
e escrevo novas poesias:
ao som dos tímbales revolucionários
dentro da minha grande nova família. (3)

Tien Cien

Depois chegou o partido comunista

Em pequeno, era pobre demais para ir à escola;
apascentava os animais com qualquer tempo
mas odiava os animais, porque outros os comiam
enquanto eu tinha fome.

Depois, veio o Partido Comunista
e as coisas mudaram;
juntei-me ao Exército
para defender a minha terra e a casa.

Dantes, ninguém era capaz de escrever
nem o mais simples caracter;

(3) Poesia escrita no dia da libertação de Pequim, no Outono de 1949..

hoje, nós estudamos ao mesmo tempo
a teoria e a prática. (4)

Anónimo

Horizontes que se abrem

Como um vasto oceano,
hoje abrem-se diante de nós
muitas possibilidades de vida;
de facto, hoje, onde quer que o homem trabalhe
há uma oportunidade, um tesouro a descobrir:
tudo aquilo que pode fazer.

Unir-se a um coro, recitar no teatro,
construir linhas férreas, pilotar avião,
trabalhar num laboratório,
escrever poesias, descer montes nevosos,
guiar um navio entre grandes vagas,
explorar o Árctico ou os trópicos, viver numa tenda.

Na vida de cada dia,
repara também nas pequenas coisas;
acende o fogo dos outros com a tua chama,
abre o coração dos outros com o teu coração;
a vida é esplêndida, e imensa,
e onde há vida há um tesouro.

Ho Ci-fang

(4) Este «estudar ao mesmo tempo a teoria e a prática» apresenta uma ideia fundamental em Mao, vasado numa frase, só aparentemente banal, que diz que «um homem tem que andar com as duas pernas». Trata-se, mais profundamente, da eliminação de qualquer tipo de diferenciação, antes de mais, entre classes, depois, entre teoria e prática, matéria e espírito, campo e cidade, trabalho intelectual e trabalho manual, e assim por diante. Precisamente no que diz respeito ao campo da cultura, sabe-se que os intelectuais na China passam determinados períodos do ano a trabalhar nos campos, ou nas fábricas, tendo como finalidade o não perderem os contactos com as massas e não fazer do próprio trabalho uma aristocracia diferenciada.

Por favor, tomem conta da minha «casa»

Deponho o uniforme,
Mas não dez anos de recordações:
Deixar a unidade
É como deixar a casa.

Abandonei a minha casa com voz firme
e uma vontade superior aos meus anos;
abandonei o meu pai e a minha mãe
para combater pela libertação.

Deram-me nessa altura um casaco almofadado,
Consertaram as minhas meias e os meus sapatos de pano:
Uma camaradagem que não vos digo,
uma gratidão que não sei exprimir.

Em sete dias aprendi a disparar
(...) e, sem receio de nada
segui o Partido onde se lutava,
marchando por milhares de **li** sem ceder.

A construir fortificações para defender as colinas,
as minhas mãos encheram-se de calos;
para me abrir uma estrada entre os rios,
o meu corpo cobriu-se de cicatrizes.

Juntei-me ao Partido durante a luta,
aprendi a ler sem ir à escola:
um pastor que se juntou ao Exército
e que o Exército tratou como um filho.

Deponho o uniforme,
Mas não dez anos de lembranças:
deixar a unidade
é como deixar a casa.

Agora, regresso a casa para me unir à produção;
limparei pela última vez a minha espingarda
e entrego-a, para que,
se houver necessidade, outros a usem.

Aperto as mãos dos meus companheiros,
Abraço-os, e não consigo afastar-me:
camaradas de combate,
por favor, tomem bem conta da minha «casa»!

Exército Popular de Libertação

Os pobres tornam-se senhores

Se bem que sejamos pobres,
o nosso destino não é permanecê-lo.
Se bem que sejamos pobres,
os nossos ideais realmente não o são;
quero apagar a injustiça do tempo antigo
e fazer do pobre o senhor.

Anónimo, Hupeh

A terra dividida

Hoje, a terra foi dividida justamente;
traçaram-se os novos limites
e escreveram-se as novas actas;
esta terra
é deste camponês que a cultiva. (5)

Jornal de parede

Os legítimos donos

Os utensílios da produção
regressam aos seus legítimos donos, os que os usam;
a terra regressa ao povo que a cultiva;
abre-se para o povo um novo caminho:
a esperança de anos e anos torna-se realidade.

Jornal de parede

---

(5) Convém ter presente que a reforma agrária se aplicou na China em diversas etapas: duma primeira subdivisão individual (a que se faz claramente referência nestes versos, onde se fala de actas de propriedade novas), passou-se para as cooperativas e depois para as comunidades.

Sugeitar-se já não

Com as nossas mãos dadas
recuperámos a nossa terra;
a terra voltou para o povo:
nós agora é que nos ocupamos
de arar, semear, colher,
tratamos daquilo que nos pertence;
já vai longe a necessidade de nos sujeitarmos
à ira dos outros.

Jornal de parede

O grupo de socorro mútuo

O grupo de socorro mútuo
significa que todos juntos
trabalharemos a terra.

Ninguém explorará os outros,
Ninguém fará nada sozinho;
o produto será de quem o produz
ninguém terá pouco
e cada um terá o mesmo lucro:
todos nós desejamos
participar nisto!

Anónimo

A alvorada

Formámos a Liga dos Camponeses
e desde então é como ver a aurora
e descobrir que a força dos pobres é invencível;
durante gerações o rico foi enriquecendo,
mas hoje, subitamente, tudo isso
vai cair a nossos pés.

E neste presente exigimos
o saldo daquilo que nos foi tirado;
penso na minha vida passada,
no meu «haver» nunca «havido».
Seriam na verdade precisos uns anos
só para fazer as contas.

Anónimo (Sechiuan do Norte)

Algo de novo sobre a nossa terra

Ergue-se o vento de Primavera;
Uma tempestade abate-se sobre nós.
Quantos amam a China
partem para pôr freio às águas do rio Huai. (*)
Passámos apenas um ano em Pan Ciao
e agora o grande dique está pronto.

As bandeiras esvoaçam ao vento;
Cada grupo compete com os outros
para obter um melhor resultado;
para operários e camponeses, reunidos aos milhares,
é uma honra servir o País e o Povo.

Nas novas margens desabrocham as flores;
hoje a inundação já não mete medo:
os campos serão irrigados e não submergidos pelas águas:
isso significa electricidade, poder comer, vestir-se,
maior serenidade, uma produção de massa,
e entre os campos, transformados em jardins,
passarão vitoriosas as novas máquinas.

De modo que hoje, com os nossos irmãos mais velhos,
os operários da indústria,
trabalhar para criar um novo país
significa realmente qualquer coisa.

Sci Hsi-min, operário do dique de Pan Ciao

(*) Trata-se duma das mais importantes realizações do governo comunista chinês. O dique de Pan Ciao, que controla as águas do rio Huai, é de vital importância para cerca de 53 milhões de pessoas e para cerca de um sétimo de toda a terra cultivável da China.

Este ano

Porque é que este ano
a nossa colheita foi tão boa?
Porque é que este ano
o **kaoling** é tão vermelho?

Não porque o céu nos tenha olhado
com benevolência
mas porque este ano os pobres
iniciaram uma nova vida.

Ninguém se admire se este ano
os camponeses trabalharam muito:
não é porque muita gente cultiva pouca terra,
mas porque as coisas agora mudaram.

A terra mudou de dono,
e se nós, os novos proprietários
não a tratássemos com amor,
quem havia de o fazer?

Anónimo

A margem do campo é a sua aula

A beira do campo é a sua aula,
A terra é o quadro.
A mãe é a aluna,
A filha a mestra.
Quando a aluna dá um erro
a mestra corrige,
a aluna não diz uma palavra
mas apaga e escreve outra vez.

Anónimo (Hopei)

Três bombas atómicas

Atrever-se a pensar, falar e agir
é como três bombas atómicas
que esfacelam as cadeias de uma superstição
e dum sentimento de inferioridade de há milénios.

Exército Popular de Libertação

5

Um título certamente indicativo Manhã em Xangai, *que é afinal como dizer a alvorada dum novo mundo. Refere-se a um romance escrito nos anos cinquenta (e de que traduzimos aqui um capítulo) que nos leva ao ano de 1949, o ano da libertação. Estamos em Xangai, uma cidade populosa e vozeante, cheia de contradições e por isso vivíssima, atormentada e frequentemente no centro de acontecimentos determinantes para a história da China contemporânea (em 1921 foi aí fundado o Partido Comunista chinês e em 1966 daí partiu o primeiro grito da segunda Revolução cultural).*

Em 1949, a cidade, inflaccionada e desorganizada, está na mão dos comunistas, os últimos barcos estrangeiros soltaram as amarras e fizeram-se ao largo, abandonando o grande porto regurjitante de «sampan», os pequenos e os grandes juncos de velas coloridas. Homens de negócios, diplomatas e missionários brancos — além dos chineses abastados — foram-se embora, ou estão a fazê-lo, uns para Hong-Kong ou Formosa, outros para uma pátria mais distante, não convencidos, nem talvez conscientes daquilo que estão vivendo, ou seja, de levarem consigo os despojos duma verdade que já não é verdade — clássicas ficarão, nesse aspecto as esplêndidas fotografias de Henri Cartier-Bresson, publicadas em 1955. Os cais estão desertos e inactivos para o tráfego internacional, o chinês volta a ser a língua oficial do lugar, instala-se um governo mas tem ainda que encontrar um «caminho» mais definido, enquanto nas estradas ecoam os cantos e as danças das tropas populares, os ricos burgueses que ficam, sujos privilégios serão inicialmente

mantidos vivem numa fase de expectativa e de ambiguidade os últimos fogachos do seu fictício esplendor. Depois, serão inseridos no curso comunista, mas a sua inserção revelar-se-á bastante difícil e perigosa (falaremos disso mais adiante).

Entram em cena Hsu Yi-te, rico industrial algodoeiro, e a sua terceira mulher (a poligamia, de uso comum no país, só em 1950 será abolida). São ambos típicos expoentes daquela burguesia compradora, *nascida dessa época, à sombra dos «estrangeiros em flor», ligada aos mitos do Oriente (mesmo até certo ponto os pueris, de um «bâton» ou de uma fotografia da Greta Garbo), oferecem, através da pena de Ciou Er-fu (nascido em Nanquim em 1904 e autor da* História do Dr. Bethune, *de* O rochedo das andorinhas *e de* Os meninos de Hsiliusciui*), o quadro de uma sociedade na decadência e numa fase de extinção perante a nova «alvorada» que se avizinha.*

CIOU ER-FU

Manhã em Xangai

«É só dizeres-me a prenda que queres». Hsu Yi-te atirou a frase para ali e ficou à espera da resposta de Lin Wan-ci.

No dia 29 do próximo mês, Lin Wan-ci faria precisamente trinta anos. Havia já um tempo que Hsu Yi-te lhe tinha prometido que para a circunstância iria dar uma festa em sua honra, e agora aproximava-se o momento de manter a promessa. No quarto da mulher estavam precisamente os dois a discutir isso. Quer por razões de prestígio social quer para dar alegria a Lin Wan-ci, Hsu Yi-te tencionava convidar muita gente, dar uma grande recepção, bastante animada, que durasse todo o dia. Pensava convidar quem quer que tivesse com eles a menor relação e todas as personalidades em vista no mundo dos negócios que conseguisse reunir. Deste modo Hsu Yi-te poderia exibir a riqueza, respeitabilidade e posição e ao mesmo tempo poderia contactar com gente interessante no campo económico. Ainda que desejando uma prova mais concreta do seu afecto, Lin Wan-ci não era contrária à ideia do marido, ou seja, a de dar uma grande recepção, também porque isso reforçaria a sua posição na casa. Posição que, actualmente, era a posição humilde de terceira esposa, se bem que parentes e amigos, o próprio ambiente, todos, em resumo, conhecessem melhor Lin Wan-ci do que as outras duas, e soubessem que era ela que tinha Hsu Yi-te na mão. Sob este ponto de vista, sentia-se perfeitamente satisfeita. Mas, como uma festa do género custaria bastante, pensava, que prenda lhe caberia? Certamente que os parentes e amigos iriam mandar os rolos habituais de parabéns, e coisas que tais e que a ela nada lhe diziam, e sem as quais passaria muito bem. Por isso pergun-

tou a Hsi Yi-te que prenda lhe dava para essa ocasião. Mas Hsi Yi-te revelou mais malícia do que o previsto e perguntou por sua vez o que ela queria. Lin Wan-ci ficou um bocadinho calada; depois, ocultou cuidadosamente os seus pensamentos e, com um olhar levemente reprovativo, disse:

— Prefiro que sejas tu a escolher.

Hsu Yi-te franziu as sobrancelhas e, para apalpar o terreno, sugeriu:

— Bem, vou-te oferecer um casaco de vison...

— Não é uma prenda, pelo menos daquelas que depois nos ficam como recordação — disse a mulher, abanando a cabeça. — O vison em Xangai não faz falta, não queres certamente que eu fique assada, pois não?

— Então o que dizes a uma pulseira de jade?

— Já tenho uma.

Hsi Yi-te abanou com força a cabeça, que parecia destinada a nunca encanecer, e olhou para fora da janela, para o sol do entardecer e para o prado ainda verde, como a querer dizer que não lhe chegavam outras ideias. Passado um instante, voltou-se de novo para a mulher e disse, quase suplicando:

— Diz-me o que queres, querida, que eu dou-te tudo.

Lin Wan-ci fez uma careta aborrecida, e respondeu:

— Não, tens de ser tu a escolher!

— Está bem.

Hsi Yi-te procurava manter toda a paciência possível, precisamente porque a queria contentar. Lembrou-se então de que a mulher, certo dia, tinha admirado muito um brilhante que a esposa de Ma Mu-han tinha no dedo. Tinha dito que era uma jóia belíssima especialmente pela luz e os reflexos que deitava a cada movimento da mão. Não tinha bem a certeza de que fosse este exactamente o seu desejo, mas sucedia que era esse mesmo. Muito satisfeito consigo mesmo pela ideia que tinha tido, apressou-se a dizer:

— Pronto, pronto, achei...

— O que é?

— Um brilhante.

— Já é mais próprio de uma prenda de anos, sim. — E passou-lhe perante os olhos o grande brilhante que a mulher de Ma Mu-han tinha no dedo. Já há tempos que tinha aquele anel no pensamento. Já tinha um, mas era muito pequeno, nem um carate. Felicíssima, procurou mostrar-se indiferente, e perguntou:

— De que tamanho?

— Dois carates.

— Não, obrigado.

— É muito pequeno?

Não obtendo resposta, Hsu Yi-te elevou logo a oferta:

— Achas bem três?

Sempre com estudada indiferença, Lin Wan-ci disse apenas:

— Eu não sei, vê lá tu.

Apercebendo-se contudo dos seus verdadeiros sentimentos, Hsu Yi-te quis mostrar-se generoso:

— Bem, então não se fala no tamanho. No fundo, trata-se só de mais algum dinheiro. Tudo o que quero é que fiques contente.

— Agora já vai melhor. — E olhou-o, ainda arreliada.

— Escolhe-o como quiseres — disse o homem, e apressou-se a mudar de conversa, com receio de que a mulher continuasse a falar do tamanho do brilhante: — Era melhor, contudo, que te acompanhasse alguém que perceba dessas coisas.

— Quem, por exemplo?

— Não sei; quem dizes tu?

— Podias vir **tu** comigo.

— Eu?! Não percebo nada dessas coisas.

— Mas sempre percebes mais do que eu.

— Perde-se uma quantidade de tempo a entrar e sair das lojas, e eu infelizmente tenho muito que fazer nestes dias, não posso ir com certeza.

Lin Wan-ci olhou-o pelo canto do olho:

— Mas tens sempre tempo para andar a passear com os outros.

Receando que a «outra» viesse à baila — e não a primeira ou a segunda mulher, mas Ciang Ciu-hsia, Hsu Yi-te chamou-as rapidamente em causa: — Saí porventura com as outras duas nos últimos tempos?

Na verdade, nunca tinha saído com elas, ultimamente. Retomando o argumento que lhe importava, a mulher perguntou:

— Que me aconselhas, nesse caso?

É isso mesmo o que eu te estou a perguntar.

— Bem, vejamos... — Pensou um instante; depois, com a mão, indicou a porta do corredor em frente da sua. Era o quarto de Ciu Jui-fang, a segunda esposa.

— Queres dizer Jui-fang?

— Sim. Ela gosta destas coisas. Conhece muitos ourives...

Mas não era esta a pessoa que Hsu Yi-te tinha na ideia. De maneira que se apressou a explicar-lhe o motivo pelo qual não concordava:

— Vais mesmo pensar nela, porquê? Não queres passar o teu aniversário em paz? Se Jui-fang sabe o que eu te ofereço, ciumenta como é, nunca mais me larga. Não, não podes pretender que todos, aqui em casa, façam o que tu queres, e não me venhas dizer que não conhecemos mais ninguém.

Lin Wan-ci pensou logo em Feng Yung-hsiang. Corou, e para que Hsu Yi-te não se apercebesse do seu embaraço, tirou da manga um fino lenço verde-pálido e passou-o pelo rosto. O coração batia-lhe com força. Tinha, realmente, pensado em ir acompanhada por Feng Yung-hsiang, mas nem por sombras manifestou este pensamento, e, com geito de menina mimada, acrescentou:

— Tu não tens tempo e nem queres que outra pessoa venha comigo!

O homem explicou, com calma:

— Não é isso, só quero que vá a pessoa indicada. E Jui-fang não é. Ora pensa bem: não tenho razão?

— De acordo, pronto. Não vai ninguém comigo e eu vou sozinha. Está bem assim?

Hsu Yi-te fez um leve aplauso de aprovação:

— Acho que é o melhor.

— Queres dizer que a coisa melhor é que tu não venhas...

Hsu Yi-te pegou num cigarro, acendeu-o, deu uma fumaça; depois, sorrindo, com os olhos fixos numa fotografia da Greta Garbo que estava em cima do fogão, acrescentou:

— Escolhe o que quiseres, que eu pago a conta depois.

Com receio de que ela não estivesse de acordo, Hsu Yi-te apressou-se a falar doutra coisa, e, para que ela percebesse que, pelo que lhe dizia respeito, considerava concluído o assunto, disse:

— O velho Wang deve ter preparado o café. Desço e vou comer qualquer coisa.

— Vou também tomar uma chávena.

E, assim, sentaram-se na salinha do andar inferior, e, enquanto bebia o café, o homem disse em voz baixa:

— Hoje, tenho muito que fazer no escritório... acho que vou chegar tarde...

Para sua grande surpresa, uma vez sem exemplo, Lin Wan-ci não deu importância ao facto, mas respondeu alegre:

— Está bem. Mas pensa na tua saúde, uma vez por outra! Acabas por adoecer com tanto trabalho. Vens jantar? Se quiseres, espero-te para comermos juntos.

— Não, não venho. Não fiques à espera. Não devo cá chegar antes das onze.

— Então, fico em pé à tua espera.

— Não te preocupes. Estarás cansada.

Pelo menos superficialmente, esta troca de frases poderia dar a impressão dum afectuoso interesse por parte dos dois, mas a realidade era que, tendo a certeza da hora do regresso de Hsu Yi-te, ela podia ver à vontade para se encontrar com Feng Yung-hsiang, enquanto que ele, por seu lado, podia estar com Ciang Ciu-hsia; óptimo exemplo de respeito e de acordo entre marido e mulher, com vantagens para ambos.

— Desculpa, tenho que ir lá acima.

— Precisas de qualquer coisa? Vou eu!

— Não, é ainda por causa daquele parente dela, Ciu Mu-tang. Ela está à minha espera no quarto, para me falar.

— Então vai, está muito preocupada com o primo.

Hsu Yi-te subiu, portanto, para ir falar com Ciu Jui-fang, sua segunda esposa, que o esperava impaciente; quando depois o viu aparecer-lhe pela frente, todo sorrisos, inquietou-se ainda mais, e, carrancuda, disse friamente:

— Aposto que te esqueceste daquilo que te tinha pedido, não foi?

— Que queres tu dizer? — perguntou-lhe Hsu Yi-te, aborrecido, enquanto o sorriso lhe desaparecia dos lábios. Ao pôr o pé entre-portas, não esperava ser agredido por aquela língua afiada.

— Que quero eu dizer? Nunca mais me disseste nada.

— Se queres falar disso, acalma-te primeiro.

Reparando que se tinha zangado, a mulher baixou imediatamente o tom da voz:

— Eu estou bastante calma, mas é o coração que me dói.

— Mas eu não te disse que já falei duas vezes com Feng Yung Hsiang e que prometeu ajudar-nos? Já falou com alguém que tem que ver com estes casos, mas não obteve nada; foi pessoalmente à sede do Partido Comunista, mas disseram-lhe que tudo seguirá a linha política da reforma agrária e da lei, e que portanto não há nada a fazer.

— E não podemos imaginar qualquer coisa?

— Ciu Mu-tang é o que é; que julgas tu que eu posso fazer? — E, ao dizer isto, Hsu Yi-te abriu os braços, desconsolado, como quem lhe pede a ela uma solução.

— Umas luvas não os tornariam menos severos?

Tinha esprimido o miolo para se sair com esta brilhante ideia, e logo imediatamente se pôs a lamentar-se:

— Comigo, nunca tu te preocupas, mas, se fosse por Lin Wan-ci, a esta hora já tinhas resolvido a coisa.

— Ora pensa bem. As tuas preocupações são as minhas. Mas aquilo que tu dizes não serve de nada. Agora estão os comunistas no poder e já não é como no tempo de Kuomintang. É escusado lá ir com dinheiro, não o recebem. Tudo tem que seguir a política do governo e vão dividir também a terra que pertence aos membros do Partido; eles próprios serão presos se não seguirem a lei. Feng Yung-hsiang diz que não há nada a fazer. Que hei-de fazer eu?

— Mas ninguém pode dizer uma palavra, ao menos reduzir-lhe a pena? — E Ciu Mu-tang relembrou o que lhe tinha dito o seu velho servo Wang, quando regressara de Wusih: que tinham prendido Ciu Mu-tang sob acusação de culpas bastante graves. E provavelmente acabaria mesmo por perder a vida, pois os camponeses tinham pedido que fosse fuzilado. Ao pensar nisso, deu-lhe vontade de chorar, e disse em soluços: «Pobre Mu-tang, numa aflição com esta idade!...

Hsu Yi-te sabia que não havia nada a fazer, mas não podia permanecer diante dela, naquele estado, sem tentar ao menos consolá-la: — Não fiques nesse estado, que eu vou outra vez ter com Fang Yung-hsiang e pode ser que se arranje qualquer coisa.

— Pois sim — respondeu Ciu Jui-fang e, com aquele fio de esperança, enxugou as lágrimas com um lencinho azul-noite. — Diz ao senhor Feng que lhe fico imensamente grata se conseguir resolver tudo.

— Ao menos, espera que resolva, antes de lhe agradecer — observou Hsu Yi-te, deitando os olhos para o seu relógio, de marca Elvin. — Bom, tenho que ir andando agora, tenho uma quantidade de coisas a fazer no escritório.

— Não há tempo a perder, pode sempre acontecer qualquer coisa dum momento para o outro.

— Claro. Temos que resolver isto depressa — prometeu Hsu Yi-te, bem sabendo que o caso de Ciu Mu-tang, pelo que lhe tinha contado promenorizadamente Wang, era quase sem esperança.

— Vou também ter com Yen nien; talvez nos possa dar um conselho.

— Não acho que o teu irmão possa ajudar muito, mas vamos lá ver. Vamos lá agora os dois, com o carro. É num instante.

Tendo acabado de sair Hsu Yi-te e Ciu Jui-fang, Lin Wan-ci voltou rapidamente para trás, subiu ao quarto e aproximou-se do telefone para chamar Feng Yung-hsiang. Respondeu ele, e ela, rapidamente, sem saber controlar-se, disse: Yung, Yung, venha já, fico à sua espera.

Foi evidente que, inicialmente, Feng Yung-hsiang não percebeu de que se tratava, pois levou tempo a responder. E então, impaciente, erguendo o tom da voz, a mulher acrescentou rapidamente: «Tem que vir. Tenho imensas coisas para lhe contar, coisas importantes. Venha imediatamente, fico à sua espera na salinha do rés-do-chão».

Do outro lado do fio a voz respondeu: «Vou já».

Lin Wan-ci sentou-se depois em frente do toucador, para refrescar a pintura, olhou para o espelho e viu o rosto em chamas; o caracol na fronte descia-lhe por cima das sobrancelhas fininhas e os olhos resplandeciam, felizes, cheios de ardor juvenil. Penteou o caracol rebelde, fixou-o com um ganchinho, depois ficou sentada, quase encantada com a própria imagem no espelho, assim, sem um gesto. De repente, apontou com o indicador da mão esquerda para a Lin Wan-ci do espelho, como que a convidá-la a ter cuidado, mas aquele movimento pareceu fora de propósito, um daqueles gestos felizes e excitados que se fazem num momento de exaltação incontrolada. Sentia crescer dentro de si a esperança e o sangue corria-lhe veloz nas veias: uma corrente que parecia subir-lhe ao rosto. De facto, era como se cada gota de sangue lhe tivesse corrido para o rosto, de modo que este parecia de fogo e que iríamos queimar-nos se lhe tocássemos. Como ébria, ficou a olhar-se no espelho, ignorando tudo em seu redor.

No silêncio, ouviu-se o som do despertador junto da cama, ligeiras notas musicais que diziam que mais um quarto de hora tinha passado. Aquele som devolveu-a à terra, e lembrou-se de repente de que, dentro de pouco tempo, Feng Yung-hsiang estaria ali. Quase aborrecida, fez uma careta a Lin Wan-ci do espelho e disse: «Mexe-te, tola, não estejas para

aí sentada, despacha-te e pinta-te! Penteou-se rapidamente, pôs pó-de-arroz no rosto ardente, um **bâton** de Elisabeth Arden nos lábios: apanhou um espelhinho de mão e, segurando-o ao alto por detrás da cabeça, viu-se no espelho maior do toucador e finalmente, satisfeita, tirou a toalhinha que tinha posto sobre os ombros e com a mão sacudiu um pouco de pó-de-arroz que lhe caíra sobre o vestido.

Depois, abriu o armário onde havia toda uma série de variados e coloridos vestidos de estilo chinês: «Que hei-de vestir?».

Ergueu as sobrancelhas fininhas e procurou lembrar-se do que tinha vestido nos últimos dias: no domingo, tinha vestido o fato cor-de-rosa, segunda, o azul, terça, o verde-maçã, quarta, o amarelo-patinho, e neste momento vestia um cinzento escuro debruado de verde-azeitona, bom para estar em casa, mas não decerto para ir à rua Nanquim e sobretudo para ir lá comprar um brilhante com Feng Yung-Hsiang. Passou-lhes revista um por um; depois, escolheu um vestido de lã e seda vermelho. Pegou-lhe, decidida. Em seguida, abriu outro armário onde havia casacos e uns trinta pares de sapatos de vários tipos. Pegou nuns vermelhos, de meio salto.

Mudou de fato e por cima vestiu um casaco comprido de casimira preta, com três botões de ouro. Começou depois a rodar diante do grande espelho do armário, observando-se bem, dos pés à cabeça. Quando se vestia, não reparava apenas no estilo e na cor, mas apreciava também o efeito geral que devia resultar como um conjunto harmonioso de beleza e bom gosto, de molde a atrair imediatamente a atenção das pessoas. A coisa que mais lhe agradava era, no fundo, ver que as pessoas a admiravam e a imitavam. Olhou-se, satisfeita: ao casaco de casimira, um tanto vulgar, davam um tom particular os três botões de ouro, e os sapatos e o vestido criavam uma nota colorida, sem serem vulgares: ainda que tons tão definidos e diferentes, o negro e o vermelho ligavam entre si. Desceu, pois, tranquila, para o rés-do-chão e sentou-se na salinha, com a orelha apurada para o portão. Não se ouvia qualquer rumor. De quando em quando, olhava para o pequeno relógio quadrado de 17 rubis, que tinha no pulso esquerdo.

Nos últimos tempos, tinha pensado muito em Feng Yung Hsiang. Quando o não via, parecia-lhe que lhe faltava qualquer coisa na sua vida. Sempre que Feng Yung Hsiang estava para vir, corria a mudar de vestido e a pintar-se. Depois, quando

chegava, fazia de tudo para que se fosse embora cedo, ainda que o seu desejo fosse que ele ficasse mais tempo, pois só vê-lo lhe dava uma alegria e uma ternura indescritíveis. Quando, depois, já se tinha ido embora, ela ficava sozinha na casa de Hsu Yi-te, e sentia dentro de si todo o peso da sua incomensurável solidão.

Estava sentada na sala havia poucos minutos, e já lhe parecia que estava há horas à espera. Descansou no sofá, desiludida, mas sempre com a orelha à escuta.

Ouviu-se finalmente o rumor dum carro, o portão que se abria, os passos familiares de Feng Yung Hsiang. Mal entrou, a mulher foi ao seu encontro para o cumprimentar, deu-lhe timidamente a mão e com um olhar intenso sussurrou:

— Porque se demorou tanto? Estou há tanto tempo à espera.

— Bom, sabe, estava para sair logo após o telefonema, mas nesse momento chamou-me Sci Pu-Yun. Começou a falar, a falar, mas eu não percebi nem uma palavra, nem saberia referir o que é que ele me disse. Respondi-lhe que sim, e que nos víamos amanhã para examinar tudo. Poisei o telefone e vim a correr, só para ouvir dizer que chego atrasado. Foi um estúpido contratempo!

Fez-lhe uma profunda vénia, com ar de extremo respeito, e, a modos de um actor de ópera clássica, e declamou: «Senhora, pois que cheguei atrasado, que o vosso perdão me seja dado!»

Ouvindo que alguém estava chegando, Lin Wan-ci empurrou levemente para cima do sofá. Ela sentou-se na outra extremidade, longe dele, composta, a olhar para a porta. Entrou o velho servo Wang, com uma bandeja e duas chávenas de chá verde, muito forte, que poisou sobre a mesa, na frente dos dois. Deitou depois um olhar ao sorridente Feng Yung Hsiang e disse, obsequioso: — Bom dia, senhor Feng.

— Olá, velho Wang, como vai isso?

— Bastante bem, obrigado, senhor.

E, com delicadeza, foi-se logo embora, com a sua bandeja, fechando atrás de si a porta.

Na verdade, depois do telefonema de Lin Wan-ci, Feng Yung Hsiang poderia ter logo saído, mas, tendo chegado à porta de casa, tinha voltado para trás, e só saíra depois de ter dado uma leitura ao jornal. Tinha-se apercebido ultimamente de que a atitude de Lin Wan-ci a seu respeito se ia transformando, de uma educada tolerância e indiferença, para uma espécie de

amigável intimidade. E o facto de agora o ter chamado significava que já não podia mais controlar os próprios sentimentos por ele. Por isso tinha decidido fazê-la esperar, bem sabendo que isso a tornaria mais afectuosa quando ele chegasse. Tinha explicado o seu atraso inventando uma desculpa, o telefonema de Si Pu-yun, quer para lhe esconder o verdadeiro motivo, quer para lhe dar a entender que era um homem ocupadíssimo a quem se dirigiam, para conselho, mesmo pessoas muito importantes no mundo dos negócios.

Após o velho Wang ter saído e fechado a porta, Feng Yung Hsiang olhou para a mulher pelo canto do olho e disse: «Desta vez, foste vós que me dissestes que viesse». Atormentava-a de propósito. «Espero que não volteis a lamentar-vos de que Feng Yung Hsiang quer sempre ver-vos...

— Não comeceis...

— Engano-me?

— Não, tendes razão — respondeu a mulher, olhando para ele. — Mas não há necessidade de dizer essas coisas desagradáveis... um pouquinho más, não acha?

— Desculpai! Não volto a fazê-lo — disse ele, sorrindo. — E agora, dizei-me as coisas importantes para que me chamou.

Ouviram-se passos no corredor: era o velho Wang que ia para a cozinha... Mas Lin Wan-ci não podia adivinhar, e receando ser surpreendida por alguém durante a conversação, disse a Feng Yung Hsiang: — Aqui, não estamos descansados. Vamos para a biblioteca?

— Pois sim.

Levantou-se e, atrás dela, saiu da sala.

6

Ultrapassado o tempo dos muitos camponeses Yang que, constrangidos, como na Rapariga dos Cabelos Brancos, *cediam (quando não as afogavam nos rios), as próprias filhas aos patrões, inicia-se a época dos construtores, ou seja — daqueles que, sobre as ruínas do feudalismo e do colonialismo oficialmente em vias de destruição, se aplicam a construir a nova e desejada sociedade, pelo qual não pouco sangue correu. É este o tema de* Os Construtores, *uma moderna epopeia camponesa, um longo romance em volta dos campos e sobre os acontecimentos que marcaram os anos entre 1950 e 60, portanto no período em que se deu a reforma agrária que, em etapas sucessivas, devia levar à distribuição individual das terras e à formação das comunas. O romance, escrito por Liu Ching (nascido em Xensi em 1916, de origem camponesa e autor, entre outras coisas, de* Muro de Bronze *e da* Sementeira*), ainda que tratando especificamente dos problemas da terra, é sobretudo, como se verá no capítulo que apresentamos, história de homens, daqueles que trabalham nela — cada um com a sua bagagem de educação ou deseducação, como se quiser dizer, bem definida.*

É claro que uma revolução não se faz num dia; é claro que um revolucionário não é como uma planta «que cresce na estufa» e que está pronta para ser exposta no jardim mas vai vivendo e fazendo a revolução, tal como se aprende a «nadar nadando» e não doutra maneira: um conceito que voltará em 1966.

Em 1949, a Revolução estava ainda toda por fazer, mal começava; e por vezes não bastava uma lei para que o seu

conteúdo se tornasse vivo e operante, tantos eram os obstáculos que se opunham a cada mudança duma tradição ou de um costume radicados há séculos nas pessoas. E, por vezes, mesmo para além da mudança, permaneciam as ideias mais tradicionais e congénitas no homem.

É este o tema que vem a lume na personagem de Chen-Scian — o protagonista de Os Construtores *— e no episódio que o vê empenhado num recontro entre a nova e a velha mentalidade que ressuscita, nunca completamente abafada. A lição que daí se obtém é clara: «construir» segundo uma determinada linha é sempre obra dura e contínua, porque diz respeito a qualquer coisa que se deve actuar e viver dentro e fora do indivíduo, precisamente contra as limitações e o conjunto de tendências que o indivíduo transporta consigo e propõe outra vez.*

LIU CHING

Os construtores

Saía fumo negro do candeeiro de petróleo colocado em cima da mesa, que normalmente era utilizado para as orações aos antepassados, que se rezavam no Fim do Ano.

A luz débil alumiava os rostos dos camponeses sentados em volta da mesa ou de pernas cruzadas em cima de bancos baixos.

Junto da mesa, com as costas apoiadas na parede que fora ainda há pouco caida de branco, Chen-scian falava aos presentes. Na parede havia duas bandeiras de sentim vermelho, bandeiras que a Quinta Aldeia ganhara. Uma, por ser a primeira aldeia que pagara, em 1950, o imposto sobre o trigo. A outra, por ter participado activamente, em 1951, nos movimentos de resistência contra a agressão americana e na campanha de auxílio à Coreia. A Quinta Aldeia obtivera essas condecorações, conduzida por Chen-scian, que presidia ao conselho local. Entretanto na sua casinha de tecto de palha, ao ver aquelas duas bandeiras, era natural pensar: «Este Chen-scian deve ser um tipo fixe!»

Chen-scian tinha uma memória extraordinária. De maneira incisiva estava explicando as vantagens do projecto do empréstimo de trigo àqueles que dele precisavam, e estava-o a fazer sem esquecer uma única das palavras que o presidente e o secretário provincial do Partido tinham pronunciado. E era que, se durante a reforma agrária tinham sido dados pedaços de terra aos camponeses pobres e aos assalariados, estes tinham capitais muito pequenos, e portanto, se a administração local não conseguisse convencer os que tinham a emprestar o trigo com um juro mínimo, eles ver-se-iam obrigados a pedir aos

ricos com um juro de usurário. Ainda não havia muitos grupos de socorros mútuos, e a posição dos camponeses pobres, tal como a dos assalariados, ainda não estava suficientemente firme. Por isso o Estado devia-lhes dar uma ajuda. Doutro modo, eles ver-se-iam obrigados a contrair novas dívidas e a vender a terra recebida... Chen-scian foi muito claro.

«Isto demonstra a importância do pessoal do Estado aqui na aldeia» concluiu finalmente, com um tom de voz demasiado enfático para aquela simples reunião: «Camaradas! Veremos, em cada zona, quem tem trigo e quem não tem, vamos chamar por todos e todos terão que colaborar. Cada funcionário do Estado que tiver em demasia deverá ser dos primeiros a ceder algum, emprestado. A nossa aldeia nunca se recusou, perante tudo. Não vamos parar precisamente agora».

— Quando acabas com isso, Chen-scian? — gritou naquele momento a mãe. Já estava na cama, com as luzes apagadas, no quarto a nascente.

— O candeeiro de petróleo custa bom dinheiro. E não o vais buscar ao rio Tang continuou, lamentando-se com a nora. — Se soubesse que ia demorar tanto tempo, tinha-lhe dito que fizesse a reunião na escola. Lá tem uma bela lâmpada do Estado. Então, já podia falar a noite inteira.

Chen-scian corou de raiva. A mãe ridicularizava-o perante todos! Apercebeu-se de que os outros sustinham com dificuldade o riso, e só para não o atrapalharem.

Felizmente, a velha não voltou a abrir a boca. E, se o tivesse feito, aquele seu filho importante teria certamente acabado por lhe responder no mesmo tom.

— Alguma proposta? — perguntou Chen-scian, com um sorriso forçado. Meteu o cachimbo na bolsa do tabaco e encheu-o, tranquilamente. Olhou em volta com ar autoritário.

Seguiu-se um profundo silêncio, durante o qual, distintamente, se ouviu ressonar Chen-hai, o irmão mais novo de Chen-scian, no quarto a poente; e, mais além, os bois que ruminavam. A noite era muito calma. Para além do muro de cerca da casa de Chen-scian, uma casita entre os arrozais, alguém tocava violino com notas doces e agradáveis.

Ninguém falava. Sci-fu, um camponês abastado, representante da primeira zona da aldeia, estava ali sentado de pernas cruzadas, traçando com o cachimbo de metal sinais no chão de terra batida, a cabeça coroada por uma papalina de feltro. Com um velho casaco almofadado, Kao Tseng-fu, um camponês

pobre, estava sentado com um menino de uns quatro anos adormecido nos braços. Representante da segunda zona da aldeia, olhava aborrecido para o diagrama que Sci-fu estava traçando. Cing-hai, representante da terceira zona e a quem chamavam Homem de Ferro, conhecido e admirado pelo afecto que manifestava pelo seu velho pai, Kuo, também tinha trigo de sobra. Com um lenço na cabeça, estava encostado ao muro com os olhos fechados. Tinha tido uma jornada de trabalho, dura, e estava desfeito! O representante da quarta zona, Sceng-pao, ainda não tinha regressado da sede provincial. E faltava Sceng-lu, o seu substituto, que tinha mandado em sua vez Huang-hsi, rapaz de dezassete anos, com a ordem exacta de ouvir para depois referir tudo o que se dissesse, mas de não intervir no colóquio.

Com o cachimbo entre os dentes, Chen-scian deitava fumo pela boca e pelas narinas. Duma maneira brusca mas não malcriada, disse: «Ehi, Homem de Ferro, vieste participar na reunião, ou dormir»?

— Não estou nada a dormir! E, imediatamente, Homem de Ferro endireitou-se no banco. Sorriu embaraçado. Ouvi tudo o que disseste.

— Bom, nesse caso, que tens a dizer?

Homem de Ferro ficou atrapalhado. Indicou com o queixo Sci-fu, sempre ocupado com os seus desenhozinhos, dando a entender assim a Chen-scian que ele devia falar primeiro. Ainda que não tivesse visto nada um sexto sentido avisou Sci-fu de que estavam a chamá-lo à pedra, e ergueu logo a cabeça. Com o atrevimento petulante próprio dos ricos, olhou friamente para Homem de Ferro.

— Mete-te na tua vida! ordenou-lhe. — Também tens boca para falar, não?

Homem de Ferro, com o rosto em chama, sorriu timidamente, pestanejando.

— Vá, fala tu então, disse Chen-scian, aproveitando a deixa. Esperava conseguir convencê-lo a dar o trigo aos camponeses, como já tinha feito no passado. Mas Sci-fu disse, com ar desdenhoso: — Que falem os outros primeiro! Tenho que pensar numa coisa...

— Que estás a fazer aí? perguntou então Chen-scian. E, continuando com o cachimbo entre os dentes, tomou o candeeiro de petróleo e aproximou-se dele. Viu, traçados no chão,

riscos que se intersectavam em várias direcções. «Bem! o que é isso?» perguntou. «Diz lá!».

— Ora, não é nada, respondeu Sci-fu com um sorriso forçado. É só a minha nova cavalariça. Estou na dúvida de fazer duas portas para os animais e para as manjedouras, ou só uma. Se fizer uma porta, tenho de pôr a masseira assim, de norte a sul. Os cavalos ficariam com o focinho para oriente e a cauda para ocidente. Se fizer duas portas, ficaria de este a oeste, os cavalos com o focinho a norte e a cauda a sul. Há um contra e um a favor nas duas soluções. Fazendo só uma, as divisórias seriam maiores e ainda me sobrava madeira para fazer a porta exterior. Mas, na verdade, é aborrecido andar dentro e fora com os animais, e mesmo o ar não circularia bastante. Com duas portas, fica o arejamento resolvido e os animais entram e saem facilmente, mas para comerem é mais incómodo. Não sei o que fazer»! E Sci-fu indicou com o cachimbo os riscos no pavimento.

Chen-scian sentiu que a mostarda lhe subia ao nariz; as veias das fontes incharam. Pensou: «Enquanto eu falava, tu pensavas nestas coisas! E ainda por cima tens a coragem de me explicar tudo minuciosamente»! Cerrou os dentes, e o candeeiro oscilou-lhe no punho.

Mas claro que não podia deixar que os seus sentimentos pessoais interferissem com o que estava em discussão. Procurando controlar-se, disse: «Tens tempo de te ocupar disso em casa. Estamos aqui para discutir questões que dizem respeito a todos».

Sci-fu pôs-se em pé. Levou as mãos às ancas, mesmo aquela que tinha o cachimbo. Deu alguns passos, com o peito erguido, como para mostrar a todos a diferença entre a sua casaca acolchoada, de bom tecido preto, e a esfarrapada, de Tseng-fu.

— Amigos — começou. Tinham chegado ao tecto da sua nova casa e, para a ocasião, tinha tudo em perfeita ordem. — Vós sabeis que este ano construí uma casa com três divisões. Nos anos anteriores, quando tinha trigo a mais e me disseram que o emprestasse, assim fiz. Mas este ano, honestamente, a minha família não tem nenhum...

Ao ouvir estas palavras, Tseng-fu e Huang-shi desataram a rir. Homem de Ferro pareceu querer também associar-se à gargalhada, mas, depois, pensando que os seus interesses e os de Sci-fu, no fundo, coincidiam, suspirou e limitou-se a dizer: — Na verdade, as telhas, a madeira, os salários, o comer,

em suma, tudo o que serve para essa tua nova casa, deve custar uma quantidade de trigo.

Os grandes olhos de Chen-scian esquadrinharam-no com ar penetrante. Com a criança entre os braços, Tseng-fu voltou-se para ele e disse: — Não julgas que Sci-fu seja tão ingénuo como tu, Homem de Ferro! Há dois anos que prepara o material para a nova casa. Este ano tem apenas que pagar os salários e o comer dos operários. Pensa bem. Achas que um homem que calcula tudo minuciosamente como Sci-fu poderá ter falta de alguma coisa? É simplesmente ridículo!

Homem de Ferro sorriu, mas de maneira forçada. «Não sabia. Pelo que me contas, então ele tem excesso de...» Mas um olhar furioso de Sci-fu foi suficiente para o fazer engolir a palavra «trigo» que tinha na ponta da língua.

Tseng-fu e Huang-si riram-se dele. Homem de Ferro gostava de seguir os ventos e agradar a todos, mas acabava sempre por se sair mal.

— Sci-fu, disse então com dureza Chen-scian, ainda que se esforçasse por parecer cordial, queres então dizer que não tens nem um bocadinho de trigo para emprestar aos que aqui na aldeia dele precisam?

— Não me sobra nem um bago! Tenho mais de vinte pessoas em casa e todas têm de comer. E tenho também um dos rapazes na escola da cidade.

— Portanto, a frase «que todos os agricultores são como uma família», para ti não tem nenhum significado?

— Mas repara! Nem a minha família terá que comer até à próxima ceifa!

— Nesse caso, teremos de te incluir entre os necessitados! concluiu Chen-scian com pesada ironia. Olhou duramente para Sci-fu. Queria constrangê-lo a submeter-se.

Mas Sci-fu não manifestava qualquer sinal de obediência nem de perturbação. Queria evidentemente dar a impressão do homem sério e decidido, que nada mais tinha a acrescentar.

O rosto agreste de Chen-scian perturbou-se. A repentina insolência de Sci-fu fizera com que todos fixassem nele o olhar interrogativamente:

— És ou não és chefe do conselho local? Por que esperas?

Chen-scian sabia muito bem que se, Sci-fu não emprestasse o trigo, menos esperança haveria de obter de Homem de Ferro, de Sceng-lu e dos outros agricultores de nível médio. Na assembleia provincial, os vários expoentes dos conselhos

locais já tinham avisado que nesse ano iria ser difícil obter trigo emprestado. Mas era evidente que qualquer coisa se podia fazer, o mínimo, para ajudar as famílias mais necessitadas, tendo também presente que a Quinta Aldeia tinha uma das melhores administrações da zona de Hsiapao.

— «Sci-fu» — e na voz de Chen-scian ecoou um remoto aviso. «Não decidas já. É verdade que estás a construir a casa. Mas ninguém acredita que precisamente numa grande casa como a tua não seja possível recolher algum trigo para emprestar. Pensa melhor. Tem que haver solidariedade entre os agricultores ricos e os pobres, isso é muito importante».

Sci-fu, com a mão que segurava o cachimbo, levantou o chapelinho de feltro e com a outra coçou agradavelmente a cabeça. Sci-fu já passara dos cinquenta. Tinha algumas manchas cinzentas nos cabelos curtíssimos. Olharam todos para ele, à espera duma resposta. Mas ele limitou-se a pôr o chapelinho outra vez na cabeça e, com toda a calma, começou a encher o cachimbo, evidentemente imerso em profundos pensamentos. Depois, apanhou um fósforo duma algibeira interior e acendeu-o... Até ser dissolvida a secção, manteve a sua arrogância e o seu silêncio.

Mas, enquanto os vários representantes abandonavam o escuro quintal, de repente Sci-fu assumiu um tom afável e amigo:

— Huan-hsi, meu rapaz, disse, dirigindo-se a um dos presentes. Ainda na primavera passada emprestei ao teu tio, Jen o Quarto, sete medidas de trigo; no outono, devolveu-me duas. No ano passado, depois, pediu-me cinco. No total, deve-me dez medidas de trigo.

— Tu... que queres dizer com isso? — perguntou o jovem, aborrecido.

Sci-fu deu um profundo suspiro. «Ah, meu filho, tu nem imaginas em que chatices me meti com esta nova casa»!

Ah! Huan-hsi tinha finalmente percebido. Então, erguendo o tom de voz, disse:

— Estamos todos preocupados para que as famílias que precisam possam ter o trigo, e tu pensas em resgatar velhas dívidas! Mas não sabes que meu tio não tinha nem um torrão de terra antes da reforma agrária? Depois, há dois anos, deram-lhe um pedaço, mas ainda hoje tem que contar os tostões e poupar em tudo. Nunca pode erguer a cabeça. Claro, tu também terás complicações, mas estás a construir uma

casa! Enquanto o meu tio se diverte... todos os dias a trabalhar com a pá e a picareta, para os outros! Não achas que, se tivesse o trigo, to devolvia?

— Ora vejam o menino! Não te agites tanto! Quem julgas que eu sou? — um proprietário de terras? Que devo fazer, na tua opinião?

— Quem quer que peça o que é seu em épocas de penúria, é pior que um senhor feudal!

— Chefe! Ouviste-o? — E Sci-fu dirigiu-se a Chen-scian. — Tu tinhas garantido pessoalmente aqueles empréstimos. Tinhas-me dito que no Outono recuperaria o meu trigo. Se não mo pode dar agora, não importa. Posso esperar. Dizia por dizer. Mas este rapaz podia ser mais educado. Que dizes tu desta solidariedade entre os ricos e pobres?

— Nós não temos trigo! Podes ir a Pequim falar disso, e não temos o trigo na mesma! Pega no teu cavalo e vai-te daqui!», gritou-lhe Huan-hsi, puerilmente. Tinha frequentado as escolas primárias na cidade e não imaginava a real riqueza de Sci-fu!

Chen-scian ficou imóvel, como se tivesse recebido uma pancada na cabeça. Queria dizer qualquer coisa, palavras sarcásticas, mas de acordo com a sua finalidade: e, antes de tudo, queria repreender Sci-fu por ter erguido uma cortina de fumo em seu redor e ter acolhido passivamente o convite da administração; e, depois, repreender Huan-hsi pelo seu mau feitio. Mas não conseguiu encontrar as palavras certas. Em resumo, tinha sido apanhado de surpresa pela reacção inesperada de Sci-fu. Não conseguia ainda perceber a razão da sua repentina indiferença.

Foram-se todos embora e ele ficou sozinho à cancela. Parecia que as próprias estrelas, vívidas através dos ramos nus das árvores, se riam dele: «Que é feito do teu prestígio?»

Odiou-se por não ter previsto a influência que Sci-fu iria ter na região. E pensou irritado: «Que raça de bom comunista sou, se não conseguir levar a melhor a tipos como tu! Vamos lá a ver!»

«Chefe» sussurrou uma voz no escuro. Chen-scian voltou-se. Viu Tseng-fu com o seu menino. Com aquele filho nos braços e os fiapos sujos que lhe pendiam da casaca esfarrapada, Tseng-fu parecia um desesperado.

— «Vai para casa e deita o Tsai-tsai» — aconselhou-o Chen-scian.

— «Queria falar a sós contigo.»

— «De quê?»

— «Yao está a levar o trigo para casa do sogro, em Huangpao.»

— «E porquê?»

— «Porquê? Parece-te que um agricultor rico pode ter alguma coisa boa na cabeça? Diz que o sogro lho pediu emprestado. Mas a verdade é que são eles depois que emprestam, na cidade, e com um forte juro! Tseng-fu abaixou a voz ainda mais. Chen-scian, dizem que Sci-fu faz o mesmo na aldeia de Tsai, sob o nome do cunhado. Chen-scian, este projecto de emprestar o trigo a quem não tem... não me parece que esteja a caminhar bem...»

Era tarde. Mas Chen-scian, habituado a ser obedecido por todos os camponeses da Planície da Rã, não conseguia conciliar o sono. Sobrepunham-se na sua mente acontecimentos e recordações antigas. Quando tinham chegado à Planície da Rã, Sci-fu e seu irmão tinham vestidas roupas esfarrapadas, como as que hoje trazia Tseng-fu. Não podendo alugar terra suficiente para as suas necessidades, trabalhavam à jorna, tal como hoje ainda fazia Jen o Quarto. Sci-fu trabalhava sem tirar um dia de descanso. Nem tinha tempo de ir rapar a cabeça. Os seus cabelos ralos pareciam hirtas escovas de madeira, e a carne entre o indicador e o polegar das mãos sangrava quase sempre. No Inverno, as mulheres da família só usavam calças sem forro. Os meninos, esses, parecia que nem respiravam; com o frio, as suas perninhas ficavam vermelhas como beterrabas.

Mas, um Inverno, aconteceu subitamente qualquer coisa. Um senhorio local vendeu um terreno cultivado de arroz, que se estendia ao correr do rio Tsang, ao comandante duma divisão de cavalaria do Kuomitang. O novo proprietário, cuja família era dum «senhor da guerra» de origem assás duvidosa (1), vivia na cidade, e não só não percebia nada da cultura do

(1) A revolução de 1911, que marcou o desmembramento do antigo Império chinês, seguiram-se anos de anarquia e desordem, durante os quais se assistiu ao aparecimento e prevalência dos senhorios e dos capitães de aventura, precisamente os 'senhores da guerra', que, anexando com as armas aldeias e regiões, criaram núcleos separados de poder e de riqueza.)

arroz mas não tinha interesse nem inclinação para tratar com os vários rendeiros. Mandou por isso um encarregado da aldeia de Hsiapao para procurar uma família digna de confiança, a quem dar, arrendada, toda a terra. Este escolheu Sci-fu e os seus irmãos. A consequência foi que, poucos anos depois, Sci-fu já possuía um cavalo, um carro e uma certa abastança. Fora da eira, onde se malhava o trigo, havia sempre enormes montes de palha. Chen-scian lembrava-se disto tudo como se tivesse acontecido ontem.

Frequentemente, Sci-fu vestia-se a rigor e, com dois cestos de bambu cobertos por dois alvos guardanapos, ia à cidade, dar graças ao seu «deus da riqueza». Em cada estação, mesmo que estivesse muito ocupado, quando os pêssegos estavam maduros, Sci-fu levava pêssegos, quando os cactos estavam maduros, levava cactos. Na Primavera, levava ovos de pata, no Verão, melões, no Outono, o loto, no Inverno, as castanhas de água — tudo «dádivas» indispensáveis. E todas as vezes que regressava da cidade, Sci-fu apressava-se a descrever o acolhimento que tinha recebido na casa do senhor — e de como a Velha Senhora da família o tinha mandado escoltar pelos guardas até aos seus aposentos na casa senhorial, com quanta solicitude lhe tinha perguntado imediatamente pela terra... Era tão enjoativo, que os camponeses acabavam agoniados. «Vá lá!» troçavam dele! Queres dizer que nem te ajoelhaste, que nem dobraste a cabeça perante a Velha Senhora?

Mas Sci-fu não se importava nada com antipatia ou a inveja das pessoas. Com aquela terra arrendada tinha construído a fortuna da família. Todos os Invernos, pequenos proprietários, à beira da falência e com a miséria escarrada na cara, vendiam-lhe tudo, dando-lhe para as mãos as actas de propriedade da terra. No fim, as suas propriedades pessoais eram tantas, que resolveu sub-alugar a terra que ele próprio alugara. Apareceram então muitos camponeses da zona, e entre eles seleccionou alguns como sublocatários. Nesse número se encontrou também incluído o actual presidente do conselho local. Nesse tempo, visto que não conseguia alugar terra suficiente, Chen-scian girava pelas aldeias, vendendo louça de barro.

— Que renda queres por este arrozal?, tinham perguntado os novos rendeiros.

— O mesmo que eu pago ao senhorio, respondera Sci-fu, magnânimo.

— Ou seja?

— Eu ... Ora! A terra fica na margem do rio; neste caso, há um preço fixo.

— Quatro medidas de trigo por **mu** (²).

— Uhm... está bem... Sci-fu tinha fingido que procurava qualquer coisa e tinha voltado a cabeça para o outro lado.

Alguns tinham trocado um olhar. Suspeitavam de qualquer coisa, mas não disseram nada. Só os grandes olhos de Chen-scian tinham fixado o rosto embaraçado de Sci-fu.

«Tiozinho», tinha dito duramente, parece-me que tu pagavas três medidas por estas terras. Quando é que aumentou o aluguer?

Sci-fu corara. Apanhado em flagrante, tinha procurado mascarar o seu embaraço, zangando-se.

— Aluguer ou não aluguer, contigo basta! Estás sempre a criar complicações, tu!... O tom era o de um velho que fala a um jovem.

«Bom tiozinho», para obter condições melhores, Chen-scian nem pensara em salvar a fachada...» Não foi, se calhar, a miséria que nos trouxe todos aqui, para a Planície da Rã? E como era nesse tempo a tua família? Não está certo que mendigos que arranjaram um pedaço de pão hostilizem estes esfomeados que querem simplesmente comer!»

Lívido e atrapalhado, Sci-fu pôs e tirou o gorrilho que usava na cabeça. Pouco depois, tirou-o outra vez e, ainda corando, disse: «Não tenho outro remédio. Bem sabem quantas dádivas tenho que fazer todos os anos ao senhorio! Vocês cultivam a terra, mas ele só trata comigo. Se eu não agisse assim, considerava-me um ingrato. Mesmo que dividíssemos a despesa entre nós, como saber quanto cada um deve dar? Assim, pensei longamente e concluí que a solução mais simples era a de lhes pedir mais qualquer coisa pela renda. Assim... Assim... Na verdade, não sabia como dizer-lhes isso».

— Está bem. E fizeste bem em nos informar, tinha dito alguém, convencido, querendo evitar mais discussão sobre um assunto tão delicado.

— Não! Não está nada bem, exclamou então Chen-scian com o rosto endurecido. A quantas medidas de trigo equivalem as dádivas que Sci-fu leva ao senhorio? Já pensaram nisso? Seria apenas uma parte daquilo que lhe daríamos a mais?

(²) Medida chinesa de superfície cerca de 666 m quadrados.

De mau modo, voltou-se para Sci-fu e disse:

— Vamos fazer assim, tiozinho. Na próxima vez que tiveres de mandar coisas ao senhorio, diz-me. Eu zelarei para que todos dêem alguma coisa.

Desde esse dia, Sci-fu odiara Chen-scian. Se o via mudava de caminho. E quando não o podia evitar, fazia uma careta e a boca parecia um sorriso esticado. Umas vezes resmungava qualquer coisa, outras vezes, não dizia nada. Mas nos arrozais o prestígio de Chen-scian tinha subido imenso. Respeitavam-no como chefe dos camponeses oprimidos.

Após a libertação, Chen-scian foi eleito presidente da liga agrícola local, e foi então que a atitude de Sci-fu mudou a seu respeito. Quando agora se encontravam, o rosto de Sci-fu abria-se num sorriso que lhe chegava até aos cantos dos olhos, e cumprimentava-o com muitas cerimónias:

— Como estás, Chen-scian? Já almoçaste?

A seguir, a reforma agrária entrou pela aldeia de Hsiapao como um furacão. Quando Chen-scian passava pelos arrozais, a terra tremia sob os seus pés. Era o homem mais importante de toda a Planície da Rã. No calor das suas palavras e no seu modo enérgico de agir, reflectia-se a aspiração dos camponeses pobres pela terra e por mais justas condições de trabalho e de vida. Os grandes olhos de Chen-scian ficaram vermelhos pela falta de sono. Havia dois meses que não via Sci-fu. Dizia-se que o velho estava muito mal. Que não comia. Que tinha emagrecido, reduzido à pele e ao osso. Que provavelmente não viveria muito. Chen-scian achava que seria uma pena que um homem tão hábil no trabalho se finasse prematuramente.

Certa noite em que nevava, Chen-scian voltou para casa, depois duma reunião com a administração provincial. Tinha começado a despir-se quando ouviu bater ao portão.

— Quem é?

— Sou eu, respondeu a voz dum homem alcunhado Fala Barato.

Chen-scian tinha saído para abrir a cancela. Mas não foi Fala Barato quem se lhe deparou! Uma figura escura, alta e magra, passou curvada, a cancela. Fala Barato sustinha-o por detrás para que não caísse.

— Fala barato, quem é este homem?

— Sou eu... disse Sci-fu, com ar tímido e culposo.

— Que significa esta história?, perguntou Chen-scian, estupefacto.

Tinham entrado os três em casa, naquela mesma sala em que se reuniram uma noite para discutir o empréstimo do trigo. Sci-fu mais parecia um fantasma do que um homem. Tinha os olhos encovados nas órbitas e parecia um cadáver saído do caixão. Chen-scian ficou impressionado.

O tio veio saber das decisões do sobrinho», disse o velho, humildemente. Tinha a cabeça baixa, aquela sua cabeça sempre coberta pela carapucinha.

Chen-scian não compreendeu às primeiras.

— O destino do tio está nas mãos do sobrinho. Se quiseres que eu viva, viverei...

— Mas de quem fala ele?, perguntou Chen-scian a Fala Barato. Aquele jovem loquaz deu um tossicadozinho, limpou a garganta e apressou-se a explicar.

— Tem medo dum processo público. Há dois meses que não come nem dorme. De noite, ao mínimo rumor, manda lá fora alguém da família para ver se os soldados guardam a casa. De dia, mesmo se entra alguém por acaso, julga que o vêem buscar para o levar ao tribunal, e sua frio. Veio esta noite a minha casa e pediu-me que o acompanhasse aqui...

— Ah! exclamou Chen-scian, divertido. Agora que sou um homem importante, pensa que lhe vou pegar por causa daquela antiga história pessoal?

Sci-fu não abriu a boca nem levantou a cabeça.

— Não te preocupes, disse Chen-scian com ar autoritário. A comissão que se ocupa da reforma agrária examinou o teu caso e estabeleceu a tua posição social. És um agricultor abastado! Dantes, gostavas de te armar em senhor. Admite que erraste e muda o disco. Daqui em diante, darás o teu apoio aos camponeses pobres e aos assalariados.

Sci-fu olhou para ele, com os olhos encovados cheios de alegria. Era como se a alma lhe tivesse regressado ao corpo emaciado.

— Parentes ou não, nós camponeses somos uma única família. Chen-scian não pôde evitar pregar-lhe um sermão. Tu odiaste-me quando te impedi de pedires mais alguma coisa pela renda, lucro que depois seria só para ti. Fizeste tudo para me evitares, nem me querias falar. Não percebias que o teu indigno sobrinho queria apenas impedir-te de te tornares um patrãozinho.

Sci-fu inclinou ainda mais a cabeça. Depois, inclinou-a com ar de quem se despreza completamente...

No dia seguinte, quando Chen-scian chegou a casa, a mãe disse-lhe:

— Sci-fu mandou-nos um cesto com tâmaras, um jarro de vinho e massa. O vinho está no armário: fiquei com ele para ti. Os doces e a massa mendei-os ao teu cunhado. Está doente e não pode comer arroz.

— O quê! Mãe! Os grandes olhos de Chen-scian pareciam saltar das órbitas. Nós não podemos aceitar prendas! Temos que restituir tudo! Já mandaste as coisas?

— Já!

— Como podes ser tão estouvada? As pessoas vão dizer que o protejo para que mantenha a sua posição social.

— Eu sabia lá, respondeu-lhe a velha, apelando para toda a sua autoridade materna. Se alguém, para te amansar, te manda qualquer coisa e nós recusamos, até se pode ofender. Sabes muito bem que Sci-fu sempre gostou de mandar presentes. Mandava-os também ao senhorio, na cidade. Agora manda-os a nós. Que diferença faz? Se não queres mesmo aceitar, compra outro cesto de doces e manda-lhos.

— Basta, basta!, gritou Chen-scian. Agora já está! Eu não o protegi. Se alguém tiver que dizer, é com ele. E Sci-fu é um que sabe calcular bem as coisas. É capaz de começar outra vez com cenas, se recuso as suas dádivas.

Chen-scian não achou que valesse a pena beber o vinho. No dia de mercado próximo, foi com o irmão mais novo e fez a venda, na cidade de Huanpao, para comprar novas rédeas e uma cabeçada para o boi.

A pouco e pouco, Sci-fu recuperou a saúde. Quando foi feita a distribuição das terras senhoriais, já estava suficientemente forte para se pôr com os outros a implantar os postes com os nomes dos novos proprietários dos terrenos nos bordos dos arrozais. Revelou-se zelosíssimo nesta obra a favor dos camponeses pobres e dos assalariados. Mordendo os lábios pelo esforço, implantava os paus com extremo vigor. E quando passava alguém, quase em êxtase dizia: «Todos os camponeses são como uma única família...».

Certa vez, veio também Chen-scian, presidente da Liga Camponesa, e Sci-fu demonstrou-se ainda mais activo. Como se sem ele fosse tudo por água abaixo... Sceng-pao, Tseng-fu e Kaihasia estavam aborrecidos com a hipocrisia de Si-fu, mas

Chen-scian não achou nada de extraordinário. O amigo fazia progressos, não?

Completada a reforma agrária, Chen-scian propôs que se construísse uma pequena escola elementar no lugar de Kuan, num estreito vale entre montes. Para que também as crianças filhas dos camponeses pobres e dos assalariados pudessem estudar. Na reunião em que participava a aldeia inteira, ele olhou repentinamente para um camponês muito rico, e propôs que, como gesto de solidariedade para a libertação cultural e de quantos no passado tinham sido oprimidos, Yao oferecesse quatro choupos para fazer as traves; por sua vez os camponeses pobres e os assalariados trabalhariam de graça. Admirados por este corajoso plano de Chen-scian, os homens e as mulheres da Planície da Rã olharam para a cara infeliz de Yao. Hesitante, este ergueu a cabeça e, com um olhar hostil para Chen-scian, depois de ter engolido a raiva, consentiu.

Foi então que o tímido Sci-fu abriu passagem entre as pessoas e, por seu lado, ofereceu dois choupos, para demonstrar, como disse, «a solidariedade entre camponeses pobres e camponeses ricos». A oferta foi recebida com fragorosos aplausos.

Nas primeiras eleições, por proposta de Chen-scian, Sci-fu foi eleito representante da zona a levante do lugar de Kuan, na assembleia provincial. Na Primavera de 1951, Sci-fu emprestou aos camponeses necessitados da sua aldeia nem mais nem menos que seis **tan** de trigo. Na Primavera seguinte, deu mais cinco. Na assembleia da administração provincial, tudo isso foi contado para merecimento de Chen-scian. E os representantes das outras aldeias perguntaram entre si com que mágicas palavras o presidente da Planície da Rã tinha conseguido que tudo andasse tão bem...

Na sua cama, Chen-scian murmurou: «Então és assim, Sci-fu! Aplicada a reforma agrária, achas que já fizeste a tua parte! E não tens nenhum respeito por mim! Voltas a ser o mesmo dantes da libertação! Mas havemos de ver. Não sou um bom comunista se não conseguir ganhar a tipos como tu!».

7

No fundo, cada coisa tem o seu significado. Também as várias exposições industriais que cada estrangeiro que visita a China, mais tarde ou mais cedo, acaba por encontrar. Para quem, então, venha dum país altamente desenvolvido, elas têm quase um valor retrospectivo, como subir, ou rever por imagens, um caminho que leva aos primórdios duma industrialização que precisamente para o Ocidente foi diversa e muito anterior à chinesa e por isso com bastante incidência sobre o mundo asiático em geral. Quase que cada parafuso e cada prego nos são mostrados pelos Chineses e explicados com orgulho e emoção: do mesmo modo a rádio e a televisão, o automóvel e o tractor expostos nas grandes salas, entre bandeiras e inscrições, com pensamentos de Mao escritos em letras enormes. É de facto graças a Mao e ao mundo a que ele deu início que tudo isto foi possível. «Antes da libertação», dizem «não havia quase nada». Não é difícil crê-lo.

Com certeza, não havia os novos bairros populares construídos nos arredores das grandes cidades. Novos edifícios, grandes e esquálidos em geral, com o mínimo necessário. Aquele mínimo que também significa água corrente, esgotos, electricidade; creches, escolas, refeitórios e enfermarias em cada aglomerado. Lógico que até o quarto de banho mais modesto seja mostrado como a sétima maravilha, e que por isso se agradeça a Mao. A água já não é transportada em baldes e balanços, da fonte ou do riacho, por vezes de grandes distâncias. E os esgotos. Contam que Mao, no início do seu «mandato» não certamente divino, tinha posto soldados

de guarda aos rios durante um certo tempo. Para impedir que as gentes, segundo um uso milenário (mas que ainda hoje se pode ver nos turvos e sagrados rios da Índia) neles fosse fazer as suas necessidades, lavar a louça, a roupa e o próprio corpo, e, finalmente, bebesse aquela água. Sem falar nos animais mortos que neles flutuavam.

É tendo tudo isto presente que se lê um conto como Uma Nova Casa. *Escrito por Ai Wu — que nasceu no Sechiuan em 1904 e que chegou à literatura após vários ofícios, autor de* Noite do Sul, Sobre a Ilha *e* Forjados e Temperados —, *concretiza alguns aspectos da industrialização da China, uma realidade bem diferente da antiga donde nasce esta «casa», símbolo tangível não apenas de novas coisas, mas de novas relações humanas e sociais.*

AI WU

Uma nova casa

Enquanto o comboio se aproximava da periferia, Ho Hsue-ying olhou ansiosa pela janela. Sentiu que o coração se lhe enchia de alegria ao ver as mil luzes da cidade que resplandeciam como olhos afectuosos e alegres que lhe dessem as boas vindas calorosas. Inconscientemente, os seus lábios curvaram-se num sorriso, mas, recompondo-se, mordiscou-os para ocultar a quantos se sentavam na sua frente a excitação que a possuía.

Quando desceu do comboio, foi investida por um vento gelido que vinha da planície coberta de neve. Mas não reparou no frio. Poisou a mala no chão, o rolo com o necessário para dormir (1), os dois cestos; depois, olhou impaciente em redor. Não havia muita luz no cais. Observou as figuras negras que subiam para o comboio e as mais numerosas, que se dirigiam para a passagem subterrânea. Ouviu perto de si a voz feliz de um homem: «Ah! Cá estão!»

Respondeu logo, alegre, a voz duma mulher: «Filho olha o papá!»

O casal desapareceu, ela com o menino ao colo, ele com a bagagem. Hsue-ying ficou finalmente só. Olhou em volta. Já não estava ninguém. Sentiu-se um pouco triste.

«Mas não me tinha escrito que me viria esperar?»

A locomotiva recomeçou a resfolgar e saiu rumorosa da estação.

---

(1) Trata-se duma esteira de uso corrente na China, enrolada e de um cobertor.

Tendo ficado sozinha no cais, Hsue-ying sentiu todas as coisas em seu redor frias e estranhas. Até as vidraças brilhantes pareciam ter um ar distante. Foi então que sentiu a mordedura do vento. Tinha a cara e o pescoço gelados, as orelhas que ardiam com o frio. Enrolando-se melhor na echarpe vermelha, ganhou ânimo e dirigiu-se, resoluta, para a passagem inferior, com o rolo atravessado nas costas, a mala numa mão e na outra os dois cestos, um cheio de ovos e o outro de tâmaras vermelhas.

Tinha casado com Wei Chen-chiun havia seis meses, mas a maior parte do tempo tinha-o passado sozinha, salvo as poucas ocasiões em que ele viera a casa com uma licença-prémio. O facto de viver com a família do marido não lhe dava grande conforto. Sentia-se mais serena nos dias de trabalho, quando com as outras mulheres da aldeia extirpava as ervas ruins do trigo que crescia, ou quando cantavam todas em coro, dobradas nos campos de soja. Outro motivo de alegria eram as cartas do marido. Numa das últimas, tinha-lhe ele escrito que, no lugar onde trabalhava, estavam construindo as casas para os operários. «Assim que estiverem acabadas, vens para cá e poderemos viver juntos, finalmente». Uma bela notícia! Desde então, cada vez que lhe escrevia, nunca se esquecia de perguntar: «A nova casa está pronta?» Finalmente, chegou a carta em que dizia que lhe tinha sido destinado o alojamento nos novos edifícios, e que partisse portanto imediatamente para junto dele. No cúmulo da felicidade, ela respondeu de modo assaz infantil: «Sabes que nunca pus os pés num comboio. Tenho medo duma viagem tão comprida. E como te hei-de encontrar numa cidade tão grande? Peço-te, vem-me buscar!» Quando o marido lhe respondeu que não se podia deslocar porque estava muito ocupado nesse momento, chorou, desiludida. Nem reparou sequer na parte da carta onde dizia: «Vamos, dentro em breve, cumprir o plano quinquenal! E todos nós temos que cumprir o nosso dever a fundo para que possa apoiar-se em bases sólidas. Escrevemos, até, ao Presidente Mao, para lhe dizer que estamos decididos a respeitar o plano de 1952 com bem 20 dias de antecedência do termo fixado. A nossa moral está óptima, ninguém pede para se ausentar e todos recusam até um único dia de descanso! Como te hei-de ir buscar? Procura compreender-me».

Atirou a carta para cima da mesa e perguntou a si mesma, irritada: «Estará realmente assim tão ocupado?!» Contudo,

pondo de lado a desilusão, saiu contente, para ir comprar ovos e as tâmaras vermelhas para o marido, cujos gostos bem conhecia. No dia seguinte, seguiu as indicações dadas na carta — «Pede a alguém que te acompanhe ao comboio» — ocupou o seu lugar na carruagem, tranquila, confiante na promessa que lhe tinha feito: «Vou buscar-te à estação, com certeza».

Mas agora tinha chegado e ele não estava. Dirigiu-se lentamente para a passagem inferior, desceu a rampa e entrou na sala de espera. Pôs a mala no chão, com intenção de se sentar e descansar um bocadinho antes de retomar coragem e perguntar pela sua nova casa. Tinha só de saber onde era. Não era muito difícil. Estava contudo muito contrariada por o marido não ter vindo ao seu encontro.

«Eu penso nele todos os dias, a todas as horas, mas ele não se preocupa comigo», reflectiu, amargurada, olhando para os dois cestos com os ovos e as tâmaras.

Nesse instante, entrou uma jovem mulher. Tinha uma echarpe de lã escarlate em volta da cabeça e uma expressão alegre e segura no rosto largo e avermelhado pelo frio. Trazia um casaco preto acolchoado, desabotoado, de modo que na luz eléctrica sobressaíam mais os desenhos vermelhos e brancos da camisa azul que tinha por baixo. Assim que viu Hsue-ying, correu ao seu encontro: «Ah, encontrei-te!» E, levando ao peito as mãos cobertas pelas luvas de peliça, continuou: «Dei uma corrida, tinha receio de chegar atrasada e já te não encontrar... Oh, lembras-te de mim?... Sou Pang Yue-hsiang».

Inicialmente, tinha ficado admirada ao ver aproximar-se aquela jovem mulher que lhe pareceu que conhecia, se bem que se não lembrasse do nome. Ouvindo depois dizer Pang Yue-hsiang, corou embaraçada. Havia mais de um ano, quando Pang Yue-hsiang vivia ainda na aldeia, elas tinham brigado por causa da lenha e da erva que havia para cortar na colina. Depois daquele incidente, cada vez que se encontravam faziam ambas como quem se não via. Bom, realmente sentia-se embaraçada por a ter ali na frente, inesperadamente e, ainda por cima, Yue-hsiang tinha vindo de propósito buscá-la!

Parecia pois que Yue-hsiang tinha esquecido aquela velha história.

«Tinham-me dito que havias de chegar, mas não me disseram exactamente quando», disse ela, entusiasmada. «Há bocadinho, Wei telefonou para a Comissão para a Família, e assim

larguei o jantar e tudo, e vim logo. Tinha receio que não encontrasses a casa, visto que é a primeira vez que vens à cidade. Estás há muito tempo à espera?»

Hsue-ying estava muda de espanto. E sentia-se ainda mais perturbada pela gentileza de Yue-hsiang.

«Não muito ... Mas onde está Chen-chiun? Não era preciso incomodares-te tanto...» respondeu timidamente, com o rosto sempre em chamas.

«Está ainda a trabalhar. Qual incómodo? Que estás a dizer? Esta é precisamente uma das obrigações da Comissão para a Família», disse Yue-hsiang com um suspiro. Depois, encaminhando-a para a saída principal, continuou: «Espera aqui, vou procurar um carro».

Seguindo com os olhos, Husue-ying pensou: «Engordou. Como mudou, num ano! Fui mesmo tola em não saber que dizer... E dantes não era menos do que ela». Hsue-ying estava irritada. E especialmente com o marido, que a não viera buscar. Lá que não viesse, vá... mas mandá-la a ela!

Mesmo no carro, Hsue-ying continuava embaraçada. Sentada com os olhos fixos nas luvas acolchoadas, já velhas, que tinha na mão. O rumor seco dos cascos do cavalo e o raspar das rodas na estrada gelada eram de quando em quando interrompidos pelas chicotadas do condutor.

Perturbada por aquele silêncio, Pang Yue-hsiang procurou dizer qualquer coisa que cortasse o embaraço. Indicando com a mão os edifícios que se viam da janela, disse com orgulho: «Esta é a nossa siderurgia. Vês as luzes, quase que iluminam o céu! É ali que é fundido o ferro, além, onde estão aquelas duas colunas de fumo vermelho que saem da fornalha. Mais abaixo é onde fazem o aço, onde estão todas aquelas chaminés. É aí que trabalham Wei e Chiang...»

Ao ouvir estas palavras, Hsue-ying olhou para fora da janela. Viu uma longa série, aparentemente sem fim, de enormes construções consteladas de mil luzes. Nalguns pontos, havia clarões cor de azul safira, e a toda a volta havia colunas de fumo amarelo escuro com lampejos vermelhos que subiam para o escuro céu. Indistintas, à distância, recortavam-se as grandes chaminés e as mastodônticas estruturas. Estas, disse Yue-hsiang, eram os gasómetros. Havia um movimento contínuo de locomotivas, de carruagens e de estranhas máquinas que ela nunca vira antes, com as luzes da cabeceira acesas. De longe em longe, ouviam-se ranger lufadas roucas.

Hsue-ying não conseguia fixar os nomes das várias secções que Yue-hsiang ia descrevendo; a única que reteve foi a da produção do aço, e voltou-se várias vezes para olhar para aquele lado. «Claro, ao ver como aqui se trabalha, parece que nem tempo tem para dormir. O trabalho é mais violento do que o nosso, no campo», pensou. E, lembrando-se de que o marido, naquele momento, trabalhava precisamente ali, sentiu por ele uma ternura especial.

«Santo Deus!» exclamou de repente Yue-hsiang. E, dirigindo-se ao condutor, disse: «Não vás por essa estrada. Estão a arranjá-la. Não se pode passar!».

«Ohi, Ohi!», incitou o homem, guiando o cavalo por outra rua.

Quando o carro continuou, apareceram de repente diante dos olhos diversos edifícios, altos, quase reluzentes, bem conservados e limpos, uns construídos isolados em terrenos, outros em série. Os vários blocos estavam contudo distanciados uns dos outros, e a luz que saía das casas iluminava os espaços intermédios que estavam cheios de neve. Duma telefonia acesa, chegavam sons e cantigas. Ouviam-se também os motes de **Trabalhamos de noite e de dia** e de **Nós, trabalhadores, temos a força...**

Yue-hsiang puxou devagarinho Hsue-ying pela manga e, incapaz de ocultar um sereno orgulho, exclamou: «Repara, todas estas casas são para nós, operários. Na Primavera, cada família planta flores em volta da sua casa, de modo que, se abres a janela, chega-te logo o perfume».

Assim falando, Yue-hsiang animou-se. Sempre entusiasta, interessava-se activamente por tudo. E começou a descrever as condições sanitárias do bairro.

«A campanha contra as epidemias correu muito bem nesta zona. A nossa Comissão para a Família pôs em movimento toda a vizinhança as donas de casa que fizeram uma limpeza a valer em toda a vizinhança. As melhores até tiveram um louvor especial. Amanhã, levo-te a dar uma volta pelo bairro. Hás-de ver, cada casa parece acabada de construir». Depois, perguntou-me: «E, na aldeia, como corre a campanha contra as epidemias?...».

Oh, já não é como dantes», respondeu Hsue-ying, afastando dos olhos uma madeixa de cabelos. Tinha reencontrado a vivacidade habitual e, como sempre, tinha decidido não apresentar mal a própria terra. «Caçamos os insectos e limpamos os quin-

tais todos os dias», continuou. «A administração do distrito disse que, quanto a limpeza, a nossa pode ser considerada uma aldeia modelo. Alguns membros da Comissão de sanidade venceram prémios e têm rosetas vermelhas como distintivo».

«Aposto que tens uma!»

«Não podes dizer que não, quando ta dão!»

«Bem» disse Yue-hsiang satisfeita. Mas não se conteve que não acrescentasse: «Aqui a nossa missão é mais difícil. Na aldeia, há poucas famílias, mas aqui há milhares. Para as organizar a todas, seriam necessárias muitas comissões. Todos os membros do nosso têm tanto que fazer que nem calculas. Temos de explicar as coisas às pessoas, temos que as orientar, e depois controlar também o que se faz. Levamos a vida a passar duma casa à outra, sem deixar escapar nenhuma.

«Na aldeia, também temos muito que fazer. Seríamos criticados se nos descuidássemos fosse com o que fosse», replicou Hsue-ying.

«É verdade», disse Yue-hsiang. E, dirigindo-se ao condutor: «Por favor, vá um pouco mais depressa. Ainda tenho de ir a uma reunião». À luz dos lampiões da estrada, olhou para o relógio e explicou a Hsue-ying: «Aqui estamos ocupados mesmo à noite: não é como no campo».

Hsue-ying não respondeu. Mas, no seu íntimo, disse, impaciente: «Porque diabo é que ainda não chegámos?».

No vento cortante, ouviu-se o sibilar do chicote. O cavalo acelerou o passo.

Chegaram finalmente diante duma longa fila de construções, e aí Yue-hsiang disse ao condutor que parasse. Depois, acrescentou alegremente: «Ah, Wei deve ter regressado. Olha, a luz está acesa».

Hsue-ying não saberia dizer quais eram as janelas da sua nova casa. Mas pareceu-lhe que todas as janelas estavam iluminadas para a acolher com um sorriso. Ouvia-se o doce som duma música. Como se sentia feliz!

Tendo pago ao condutor, Yue-hsiang precedeu-a com a mala e o cesto das tâmaras. Hsue-ying seguia-a com o seu rolo e a cesta dos ovos. Chegaram rapidamente à porta. Ao abrir, Yue-hsiang gritou sorrindo: «Ehi, Wei, não vens cumprimentar a tua mulher?».

Hsue-ying esperava que o marido corresse ao seu encontro de braços abertos. Mas ninguém apareceu, e pareceu-lhe que o coração parava. Em casa, não havia sombra de Wei Chen-ciun.

Vieram, sim, ao seu encontro, três mulheres e um homem. As mulheres tinham as mãos brancas, sujas de farinha, e o homem tinha a vassoura na mão. Hsue-ying não os conhecia; de repente, teve receio que Yue-hsiang se tivesse enganado na casa. Mas os desconhecidos mostraram-se logo extremamente amáveis. Sorrindo, tiraram-lhe tudo das mãos. Um deles trouxe um banco para ela se sentar. E, quando se sentou, puseram-lhe nas mãos uma chávena de chá fumegante, como se fosse uma visita. Mas Hsue-ying sentia-se muito deprimida, porque o marido não aparecia. Tinha vontade de chorar e continha dificilmente as lágrimas.

Indicando Hsue-ying, Yue-hsiang perguntou ao homem: «Li, afinal já vieste, e Wei, que é capataz de esquadra, ainda não chegou a casa?».

Os olhos de Li dirigiram-se para Hsue-ying.

«Então não sabes como é, Wei? Quando há qualquer coisa de importante a fazer, esquece-se de tudo e, muito simplesmente, não consegue afastar-se do trabalho. Acabou o seu turno hoje às quatro da tarde. Mas, receando que alguma coisa não andasse no próximo turno e que a fusão do aço sofresse com isso, ficou e deu-me as chaves de casa. Bem, é claro que tu não sabes, mas é um trabalho importante».

Hsue-ying baixou a cabeça e nos seus olhos passou um relâmpago veloz. Sentia-se ferida. Não se importa mesmo nada comigo», pensou. «Acaba o seu turno e nem sequer vem para casa».

Mas Pang Yue-hsiang pareceu não se aperceber do desconforto de Hsue-ying. Era uma mulher que se irritava facilmente. Irritada pelas palavras de Li, protestou em voz alta:

«Quem te disse que eu não sei! Deixa-te de graças! Quem não sabe que o aço que produzem serve para a construção-base do nosso país? Sei perfeitamente o que estão a fazer!».

Hsue-ying não percebia nada desta conversa a propósito do aço. Tinha apenas a impressão de que Pang Yue-hsiang procurava exibir-se na sua frente: apesar disso, escutava atentamente. Esperava que continuassem a falar do marido.

Com ar agastado, Li dirigiu-se a Yue-hsiang:

«Visto que estás tão ao corrente, posso perguntar-te que tipo de aço serve actualmente para a construção-base? Vamos lá a ver, sabes?

«Escusas de te pôr a rir. Julgas mesmo que não sei? Nesse caso, sou eu que te pergunto: não é por acaso o aço que se

chama **ping-san?**» Na verdade, Yue-hsiang não tinha bem a certeza de que aço fosse; por isso, ostentando a maior segurança, tinha praticamente respondido com uma pergunta.

Li desatou a rir, com os olhos espertos, que piscavam. «Se fosse o **ping-san,** não haveria qualquer problema. Mas não é esse agora que serve; agora é o tipo **kang-san.** É uma nova liga, indispensável para as montagens dos estabelecimentos industriais. Toma nota! Assim, da próxima vez que te andares a gabar por aí, já não fazes confusão!».

Ainda que inexplicavelmente, Hsue-ying ficou contente por ver apanhada de surpresa Yue-hsiang, mesmo na sua presença, ainda que não compreendesse nada de todas aquelas palavras como construção-base, **ping-san** ou **kang-san.**

Por isso perdeu toda a antipatia e também toda a sua inveja por Yue-hsiang.

«Se soubesse tudo de tudo, seria eu o capataz da fornalha!» respondeu Yue-hsiang, corando vivamente pela derrota.

«Ora! Julgas que é assim tão fácil?» respondeu Li muito lealmente. Depois, acrescentou com ar de reprimenda: «Experimenta; Não é fácil fazer o aço **kang-san.** Chega para tirar o sono a qualquer. Wan, o chefe do segundo turno, aplicou-se a pontos de ter os olhos vermelhos e o fato queimado, e nem assim conseguiu fabricá-lo. Ficou tão arreliado que ontem estava quase a chorar. Imagina se por tua causa se tivesse de atrasar o fornecimento do aço e prolongar o tempo de construção. Tu que farias? Vocês, mulheres, falam no ar».

Hsue-ying ergueu a cabeça e olhou surpreendida para Li. «Ah, é assim tão difícil?», pensou. Sentiu-se preocupada pelo marido; imaginava-o já com os olhos vermelhos e os vestidos queimados.

Mas Yue-hsiang não se deu por vencida. «Santo Deus, quem te ouvir há-de julgar que é uma coisa excepcional!», exclamou. «Toda a gente havia de julgar que vocês que trabalham no aço são assim de nascença. No fundo, a vossa habilidade é apenas questão de estudo e de prática. Diz-me lá: há alguma mulher chefe de grupo na secção de fusão? «E, voltando-se para Hsue-ying, disse vivamente: «Fica sabendo que aqui também há mulheres que dirigem os homens que trabalham!». «Ah!» E Hsue-ying arregalou os olhos de surpresa e admiração.

«Mas na secção de fusão, não na experimental!», disse Li com uma certa satisfação e o rosto revelando desprezo.

«Ufa, não tenhas ilusões, madraço! Mais cedo ou mais tarde, as mulheres serão capazes de fazer também o aço, e então é que te havemos de mostrar!».

«Sim, claro, e tu hás-de ser o chefe de grupo!», riu Li. «Mas vê lá não te ponhas depois a chorar, como estava a fazer Wan!».

Hsue-ying franziu a testa: Li irritava-a. Não podia suportar o seu desprezo para com as mulheres. Tempos antes, nas esquadras de socorro mútuo da aldeia, o seu trabalho tinha sido igual ao de um homem.

«Ai de mim! Parece que a única pessoa notável que anda por aí é o teu chefe de grupo!», disse Yue-hsiang. Tinha o rosto afogueado pela discussão e gotas de suor perlavam-lhe a fronte.

«Claro que é um homem notável!», e Li voltou-se para Hsue-ying, acenando afirmativamente. «Não é fácil encontrar outro como Wei! No dia em que conseguiu obter o **kang-san,** vieram o director, o secretário do Partido e o presidente dos sindicatos, dar-lhe os parabéns. Apertaram-lhe a mão e pregaram-lhe ao peito uma roseta vermelha! Foi pena não teres assistido. Wei contou-te?».

«Não», respondeu Hsue-ying em voz baixa. Estava aborrecida por Wei Chen-chiun não o ter feito, mas ao mesmo tempo estava contente pelo marido se ter evidenciado.

«Bom, terás a possibilidade de ver estas coisas no futuro», disse-lhe Li para a consolar: «Aqui entre nós, quando um se torna operário-modelo, o sindicato manda-lhe um carro à frente da porta de casa, com os prémios que ganhou e uma banda de tambores e trombetas. Um verdadeiro espectáculo! Vêm todos os vizinhos aplaudir». Depois, falando para Yue-hsiang, acrescentou: «Verás que este ano Wei será proclamado operário-modelo».

Yue-hsiang, sentada, bebia o chá. Procurou arreliá-lo: «Creio que tu também tens boas esperanças, que mais não fosse pela tua língua comprida...»

«Claro!», replicou Li. E daí a um instante, dirigindo-se a Hsue-ying, com voz gentil, acrescentou: «Mas neste campo não há outro como Wei. Quando trabalha, esquece completamente tudo e a si próprio. Desde que conseguiu a inscrição no Partido, ainda mostra mais energia. Mesmo depois do seu turno, fica sempre ali junto das fornalhas, a ver como vão as coisas...».

Com as mãos sujas de massa, entrou na sala uma mulher para buscar uma coisa.

Ao regressar à cozinha, também quiz dizer uma das suas:

«Muitas coisas se podem contar de Wei. Por exemplo, os feriados. Mesmo quando é o seu dia de descanso vai sempre ao forno para dar uma vista de olhos. Outro dia, metemo-nos com ele: perguntámos porque é que pediu uma casa; afinal, seria suficiente levar as suas coisas e ir dormir junto da sua adorada fornalha».

Sorriu e afastou-se para a cozinha.

Hsue-ying gostava de ouvir louvar o marido. Estava, contudo, um pouco preocupada com ele. «Mas... devia também pensar na sua saúde».

Chegaram mais mulheres com crianças ao colo. Cumprimentaram Hsue-ying com um sorriso.

«Desculpe termos chegado tarde. Há ainda qualquer coisa a fazer?».

«Sim, ajudem a preparar o jantar», convidou-as Yue-shiang, sorrindo.

«Tanto falamos, que nos esquecemos de que a nossa hóspede vem de longe e ainda não jantou!».

Hsue-ying protestou logo:

«Sentem-se todas, por favor, e não se preocupem comigo. Posso arranjar-me sozinha».

Nesta altura a mulher que entrara na cozinha deitou a cabeça de fora e disse: «O jantar está quase pronto! Havia carne e farinha e fizemos almôndegas».

«Foi depressa!», aprovou Yue-hsiang. Depois, dirigindo-se a Hsue-ying: «Vês, tudo isto é obra da Comissão para a Família!», disse com orgulho.

«Mas eu também me meti nisso», disse Li, contrariado. «Quando vim primeiro trazer a chave, fui eu que as pus todas em movimento. Quando souberam que Wei se sacrificava tanto pela construção nacional, largaram tudo em casa e vieram ajudar. «E depois, olhando para as mulheres que acabavam de chegar, acrescentou: «Estes **elementos retardatários** foram retidos pelas crianças».

As mulheres escusaram-se: «Mas podemos ajudar a preparar o jantar. Enquanto que tu, que te gabas de ser o **elemento de vanguarda,** só prestas para estar na conversa fiada».

«Mandamo-lo para a cozinha!», disse uma.

«Sim, tu! para a cozinha!» e já outras duas o queriam apanhar.

Naquele momento, o amplificador do corredor salvou Li, que ergueu a mão para impor silêncio.

«Caluda! Ouçam. É hora de ir para a escola!».

Depois, com ar solene mas no fim malicioso, dobrou os braços sobre o peito, a querer significar que a sua obrigação tinha terminado naquele local. E correu dali para fora com um sorriso.

«Madraço!», riram-se as mulheres.

Mas interveio Yue-ying com um ar sério, e disse: «Camaradas, vamos, não devemos deixar o professor à espera!».

Enxugando as mãos, vieram da cozinha três mulheres.

«Nós temos que ir para a escola», disse uma a Hsue-ying. «Achas que podes acabar sozinha?».

Ao entrar em casa, ela tinha notado, pelas mãos, que as mulheres estavam fazendo a massa. Mas não tinha percebido para quem. Só naquele momento se apercebeu de que lhe tinham preparado o jantar. Ficou profundamente comovida. Corou e balbuciou: «É demasiado, demasiado...».

Yue-hsiang foi a última a ir-se embora. Chegada à porta, voltou-se.

«Talvez Wei venha muito tarde; põe as almôndegas a cozer e come!».

Hsue-ying sentia-se feliz por ver que todos mostravam respeito e amizade para com o marido. Ainda que tivesse fome, resolveu esperar por ele para jantarem juntos.

Tendo ficado sozinha, começou a inspeccionar a sua nova casa. Era tudo novo. As paredes brancas de neve, os vidros brilhantes nas janelas. Sobre a cama de ferro, nova, havia uma colcha às flores cor de rosa. Mesinhas e cadeiras tinham sido pintadas pouco antes, numa cor quente. Era também nova a fotografia, pendurada na parede, do Presidente Mao. Todas estas coisas lhe encheram o coração duma alegria especial. Entrou na cozinha e ali também era tudo novo — novas as panelas, as frigideiras, as tijelas, as conchas, as facas, a loiça. Ficou muito contente por ver que havia água corrente e um bico de gás. Pensou: Já não preciso de ir buscar água ao poço e de rachar lenha para acender o lume. É tudo bonito e prático!». Abriu depois outra porta e viu uma casinha de banho. Lembrou-se que na aldeia e a toda a volta só o cinema se podia gabar de ter uma tão bonita. Começou a passear pelas salas,

olhando para tudo; sentia-se feliz e sorria. Finalmente, não se pôde controlar e olhou para a fotografia do Presidente Mao.

«Presidente Mao, não achas a nossa casa verdadeiramente bela?».

Naquele momento, ouviu-se um rumor na porta e entrou Wei Chen-chiun empurrando a bicicleta. Com o rosto escuro, redondo e forte, parecia mais magro, mas a sua expressão era, de grande alegria. Oh, já chegaste!», exclamou. Depois, como embaraçado, acrescentou: «Tenho pena de não ter podido ir à estação...».

Inicialmente, Hsue-ying queria repreendê-lo, ou pelo menos mostrar-se zangada e dizer-lhe qualquer coisa como: «Então, é esse o bem que me queres?». Mas depois, com o rosto junto do do marido, foi-lhe impossível pronunciar aquelas palavras. Ajudou a arrumar a bicicleta e, sem baixar a cabeça, disse devagar: «Não importa. Sei que tinhas que fazer».

Arrumada a bicicleta, Chen-chiun apertou Hsue-ying nos braços. Olhou o seu rosto oval, escuro, inteligente e naquele momento tão corado, e disse com afecto: «Sabes, chegam muitos comboios à fundição que transportam o material ou o ferro fundido da fornalha. Cada vez que ouvia um apito, pensava que tu estavas a chegar e procurava apressar-me com Wan para que se acabasse depressa. Obtida a liga, sem sequer me lavar, montei na bicicleta. Vais-te rir, mas, com a pressa, até caí».

Assustada, Hsue-ying olhou para ele: «Magoaste-te?».

«Não me aconteceu nada», respondeu Chen-chiun, com um sorriso. «Caí na neve... E tu, medricas, estavas à minha espera? Zangaste-te, não foi?».

«Nem calculas!», disse Hsue-ying. «Vieram tantos para me ajudar! E arrumaram tudo; até fizeram as almôndegas!».

Fez uma pausa.

«Vou-tas preparar!», disse, contente, saindo dos seus braços.

«Ainda não jantaste?! Fiz-te esperar. Vou-tas eu cozinhar. Com certeza que estás cansada depois duma tão longa viagem», disse Chen-chiun, dirigindo-se para a cozinha.

«Mas tu também estás cansado! Trabalhaste todo o dia e ajudaste os outros. Descansa». E Hsue-ying empurrou-o docemente, obrigando-o a sentar-se. Depois, correu para a cozinha.

Mas Chen-chiun seguiu-a.

«Não estou nem um bocadinho cansado. E além disso estou satisfeito porque obtivemos duas coladas de **kang san**!... e tu estás aqui!». Perguntou-lhe depois, docemente: «Correu tudo bem, na estação, com Pang Yue-hsiang?».

Hsue-ying, que estava a deitar a água quente na chaleira numa panela, disse com propositado ar de queixa: «Mas porque é que lhe pediste que me viesse buscar?».

«Que houve? Não foi simpática contigo?», perguntou o homem, surpreendido.

«Não, foi até muito simpática! Só que... senti-me embaraçada. Não te lembras que tínhamos tido uma questão e que não nos falávamos?». E, ao dizer isto, Hsue-ying corou.

«Santo Deus!», troçou Chen-chiun. E com a sua grande mão bateu no ombro de Hsue-ying: «Mas porque reparas nessas coisas? Pang Yue-hsiang mudou muito do ano passado para cá. É uma mulher que estuda e trabalha. É amável com todos e sabe assumir responsabilidades. Todos falam bem dela. Já não é a **velha** Pang Yue-hsiang». Mas apercebeu-se subitamente de que a mulher se tinha irritado. Mudou imediatamente de assunto. «Claro, que agora que aqui estás também irás às aulas. Aposto que hás-de ser melhor do que ela. E, sobretudo, saberás assimilar as novas coisas antes dela, dado que estudaste mais. Além disso, és das que se empenham: quando trabalhas, não deixas que ninguém te ultrapasse. No que for possível, eu te ajudarei».

Hsue-ying estava novamente contente. Tapou a panela e, afastando uma madeixa de cabelo, disse, atenta: «Daqui a nada está pronto. Trouxe-te as tâmaras de casa; vai comendo algumas!».

Correu ao quarto, a buscá-las.

«Fino! Fino!». Há que tempos que desejava comer as tâmaras da nossa aldeia, disse com o coração sereno e cheio de alegria. Na verdade, não eram as tâmaras que o tornavam tão feliz, mas sim o sorriso que aparecera de novo nos lábios de Hsue-ying. E, contente, pensou: «Agora, finalmente, é uma casa!».

8

Nascido em Honan em 1927, autodidacta e depois professor nas escolas secundárias, autor de alguns romances breves (Quando a Neve se Derrete e Quando as Canas Florescem), *Li Ciun é, de certo modo, um filho legítimo da literatura chinesa contemporânea. Tendo crescido na realidade actual — contrariamente a outros escritores de formação antiga, que apenas a ela se ancoraram e nem sempre por livre escolha — o discorrer moderno pertence-lhe automaticamente. Esta sua história de Li Sciuang-sciuang, de que foi também realizado um filme muito popular já há uns anos, tem uma certa garra e uma «verve» límpida e autêntica, porque nos propõe aquele que parece ser a personagem mais surpreendente e «revolucionária» da China de hoje: a mulher.*

Existem no país grande número destas novas e jovens Li Sciuang-sciuang, agressivas, irreverentes, indóceis e barulhentas, que animam e forjam talvez um certo tipo de matriarcado, em cujo âmbito o homem surge como uma sombra incolor, não porque necessariamente mais débil, mas porque, também aqui — na China como noutros lugares, mas de maneira bem diferente, a sua virilidade patriarcal é «hipotética» e posta em discussão. Para compreender Li Sciuang-sciuang, basta deitar os olhos para o passado: um passado no qual a mulher chinesa, num dualismo de certa moral, existia ou como cortesã «dos cem modos de fazer amor», ou como boa e paciente mãe, (como a descreve Pearl Buck, para nos entendermos), apenas com a missão de gerar o filho Varão, Continuador da Riqueza e do Nome dos Antepassados. Qualquer excedente (feminino, claro) era atirado para

os rios, e foi apenas em 1950 que se pôs legalmente cobro a estes infanticídios. Também neste campo a resistência agiu como ponto de rotura, e desde então a mulher chinesa, evitando por vezes passagens e «nuances», caminha com os pés ligeiros — já não forçadamente desnaturados e contorcidos — que as poucas velhas sobreviventes olham certamente estarrecidas. O «sistema» dizia Confúcio, deve compreender tanto o palácio imperial como o último casinhoto do Império. Isso bem perceberam os marxistas chineses, ainda que duma maneira completamente nova e partindo da base em vez do topo, conscientes de que a revolução verdadeira, que nasce ou morre, é sempre defendida e levada por diante dentro da casa humilde, a mais pequena célula do país, isto é, no núcleo familiar, e depende de quem conserve o seu calor e a sua força.

LI CIUN

A história de Li Sciuang-Sciuang

1

Li Sciuang-Sciuang, a mulher de Sun Hsi-wang, um membro da brigada da comuna chamada Aldeia do Sol, tem vinte seis ou vinte sete anos. Antes do «grande passo em frente» em 1958, ou seja, quando foram constituídas as comunas na aldeia, bem poucos sabiam que a mulher tinha um nome próprio. Tendo casado cedo, tivera logo que cuidar de três crianças. Na época das cooperativas agrícolas, raramente tinha tempo para sair a trabalhar nos campos. Mesmo quando podia trabalhar alguns dias, estas eram incluídas na paga do marido. Hsi-wang falava dela como «a que vive na minha casa».

Visto que era qualquer coisa «na casa», não tinha naturalmente muitas ocasiões de pôr o nariz fora da porta. Mas, durante o «grande passo em frente», o nome de Li Sciuang-Sciuang saiu da obscuridade. Não só diante dos olhos dos membros da comuna, mas mesmo nos jornais, até nos que cobriam a província.

No início da Primavera de 1958, em toda a zona foi proclamada uma grande campanha para enfrentar o problema da irrigação. Com bandeiras, gongues e tambores, os jovens da Aldeia do Sol partiram para construir um dique em Heisciantou. Todos os que ficaram em casa tiveram que dar ao dedo para apanhar o estrume, transportar os fertilizantes, limpar a terra e plantar batata doce; não tinham tempo para as cearas. Sentia-se uma carência aguda de mão-de-obra.

A secção local do Partido convidou então todos os membros da comuna a escreverem as suas sugestões em grandes folhas, qualquer coisa de semelhante a manifestos de opinião ou jornais murais, e a pendurá-los nas estradas, de modo que

todos pudessem conhecer e discutir as várias propostas. No dia seguinte, as paredes estavam cobertas por estes manifestos de opinião. No mesmo dia, chegou à Aldeia do Sol, Lo Sciu-lin, secretário provincial da comissão do Partido. Caminhando pelas ruas, olhava com interesse os manifestos de várias cores. Um deles atraiu especialmente a sua atenção. Ainda que escrito com mão incerta e cheio de rabiscos, o conteúdo era muito original. Dizia:

«O trabalho de casa
Deixa-nos insatisfeitas.
Terias até capacidade de guia
Mas de nada serve aguçar o engenho.
Pelos trabalhos de casa estamos fechadas
Todo o dia na cozinha.
Colaboras no «grande passo em frente»?
Nós não podemos.
Construam refeitórios
O mais depressa possível
E então nós, as mulheres,
Desafiaremos os homens!»

Estava assinado: Li Schiuang-sciuang.

O secretário Lu ficou impressionado. Leu várias vezes aqueles versos de pé quebrado. «Pois olha, meu velho», disse batendo no ombro do tio Chin, «que é uma ideia! Uma ideia boa, muito boa. Se mobilizarmos as donas de casa, o nosso «passo em frente» terá realmente asas». Depois, perguntou: «Quem é esta Li Sciuang-sciuang? Parece-me que acertou em cheio. Que percebeu o que precisamos».

«Deve ser a mulher de Hsi-wang», respondeu o tio Chin.

Enquanto assim falavam, as sombras oblíquas das árvores iam-se lentamente erguendo para norte. Os camponeses que regressavam dos campos reuniram-se em volta dos dois secretários e puseram-se a ler o dito manifesto.

«Escreveu-o a mulher de Hsi-wang, tenho a certeza. No Inverno passado, com esse nome inscreveu-se no curso para analfabetos» disse alguém.

«É uma moça muito inteligente» observou outro. «Estuda com facilidade. Sim, pode ter sido ela.»

Naquele momento, Hsi-wang regressava dos campos, empurrando um carrinho. Mais velho bastantes anos do que a mulher, era também de humilde origem camponesa. Antes da libertação, tinha trabalhado dois anos num restaurante. Um dia, partiu sem querer uns pratos, e fugiu com medo de que lhe batessem. Passou outros dois anos com um grupo de músicos ambulantes e só voltou à aldeia depois da libertação.

«Hsi-wang!», chamou-o um vizinho. «Anda cá ver se foi a tua mulher que escreveu isto».

«Hsi-wang estremeceu ao pensar que a mulher podia ter escrito um manifesto de opinião». Espero que não tenha trazido para a rua a nossa questão de ontem», pensou para consigo. E ainda mais se preocupou quando viu que o secretário provincial do Partido e o da comuna estavam observando o manifesto. Aproximou-se para ver mais de perto e, com uma certa ansiedade, começou a ler. Quando chegou ao fim, foi como se lhe tirassem um peso de cima do coração.

«Está certo», estava dizendo o secretário. «Acho que acertou em cheio». Só então Hsi-wang reconheceu, molemente: «Sim, escreveu isto a que me faz o comer».

Uma gargalhada geral acolheu as suas palavras. O pobre Hsi-wang, julgando que se riam por causa do conteúdo daqueles versos, apressou-se a explicar: «Temo que não seja exactamente uma cabeça o que a minha cozinheira tem sobre os ombros. Ó gente, não façam caso do que ela diz!» E estendeu a mão para arrancar o manifesto.

«Que vais fazer?», interveio o secretário da comuna, agarrando-o pelo braço. «Isto é um manifesto de opinião, não sabes disso? Querias arrancá-lo assim? Ela dá o seu parecer».

Admirado mas ao mesmo tempo respeitoso pelas opiniões de outrem, Hsi-wang retirou prontamente a mão.

«Ouve bem, Hsi-wang» disse o secretário Lo. «Tua mulher tem uma óptima cabeça sobre os ombros. Vou levar este manifesto à comissão do Partido. Faremos uma reunião de propósito para discutir este assunto».

E, batendo com a mão no ombro de Hsi-wang, acrescentou gentilmente: «Acho que devias perder esses velhos hábitos! Devias deixar de dizer «a que me faz o comer...». Depois, dobrou a folha com todo o cuidado, meteu-o no bolso e dirigiu-se com tio Chin para os escritórios da comuna. A cabeça de Hsi-wang estava cheia de confusão. Empurrando o carrinho vazio, dirigiu-se para casa. Ao longo do percurso, começou a pensar na mulher: «Claro, é apenas uma mulher, é verdade, mas até o secretário Lo diz que escreveu coisas sensatas. Que

confusão! Felizmente que não escreveu aquela história de ontem... Se tivesse escrito um «manifesto de opinião» a meu respeito e o tivesse pendurado, provavelmente todos os vizinhos estariam do seu lado e contra mim. É realmente senhora do seu nariz... Será melhor eu ter cuidado, daqui em diante».

2

Exactamente uma semana depois da festa da Primavera, Hsi-wang discutiu com Sciuang-sciuang. Aconteceu isso quando ela, olhando com inveja os jovens que partiam para Heisciantou, veio a saber que precisamente onde terminava a zona oriental da aldeia iria ser cavado um canal de irrigação para orientar as águas do rio Hungsci. Sciuang-sciuang desejava participar nos trabalhos.

«Acaba com isso» disse-lhe o marido. «Alguém te pediu par ires?»

«Que importa se mo não pediram?» respondeu. «Sou eu que quero participar. É tão aborrecido estar em casa. Todos trabalham e procuram fazer alguma coisa. Porque é que só eu é que não posso ver-me livre desta cozinha e deste casinhoto?»

Hsi-wang não conseguiu fazê-la mudar de ideia e acabou por lhe dar licença para participar nas escavações. As três crianças foram confiadas a uma vizinha, ou seja à Quarta Tia.

Apenas com dois dias de ar livre, as faces de Sciuang-sciuang tinham ficado vermelhas como duas maçãs. Falava mais e ria frequentemente. Mas isso tudo mal se conciliava com os trabalhos caseiros, e sobretudo com o ter de preparar três refeições diárias. Antes do meio dia tinha de correr para casa para acender o lume e pôr o arroz a cozer. Mas o gongue que chamava os operários para o trabalho depois da pausa do meio-dia tocava sempre antes de ela ter tido tempo de comer qualquer coisa.

No dia em que tinham zaragateado, Sciuang-sciuang tinha chegado a casa ao meio-dia, ou seja, mais tarde do que de costume. Esperavam-na à porta três miúdos esfomeados. Tinha trabalhado muito nessa manhã e estava cansada: à sua espera estavam apenas as três crinças que tinham pressa de comer. Afastando a cortina da porta que levava ao quarto do casal, viu que Hsi-wang já estava em casa e descansava sobre o leito, fumando, sereno e tranquilo.

«Os meninos estão a chorar porque têm fome, e tu estás aí tão descansado», disse, irritada. «Com certeza sabes o que havias de fazer».

«A cozinha é trabalho de mulheres», respondeu Hsi-wang descontraído, apontando-a com um dedo. «Se eu fizesse o comer, daqui a nada pretendias que eu lavasse as fraldas do mais pequeno».

«Mas não vês que estou ocupada? E que tenho tanto que fazer?»

«E quem é que te mandou?»

Sciuang-sciuang, que já tinha preparado a massa e cortado as tirinhas, ao ouvir as palavras provocadoras do marido, bateu com a faca na mesa e disse: «Hás-de ver, tu! Quando tivermos acabado de cavar o canal e os campos forem irrigados, não hás-de ter nada da colheita».

«Não consegues privar-me da minha parte da colheita. E além disso serás mesmo tu quem ma há-de cozinhar.

Sciuang-sciuang ficou furiosa. «Não te faço nada de comer!» gritou. Sentou-se nos degraus da porta e começou a chorar.

Parecia que ia exalar a alma, mas Hsi-wang ignorou-a, como se nada de estranho se estivesse a passar. Passados alguns minutos, ergueu-se, foi à cozinha e viu sobre a mesa a massa que a mulher já tinha cortado.

Sem olhar para ela, disse: «Chegam-me. E também as sei cozer sozinho». Deitou a massa na água a ferver e agarrou num dente de alho. Descascou-o e pô-lo no almofariz, juntando-lhe um pouco de vinagre para fazer um tempero picante para a massa.

Quanto mais a mulher chorava, com mais força Hsi-wang pisava o alho. Ao vê-lo assim tão activo, Sciuang-sciuang irritou-se: «Julgas que vais comer descansado enquanto eu choro?» pensou. «Podes tirar isso do sentido!» Aproximou-se do marido e bateu-lhe duas vezes nas costas.

«Mulher, estás doida!» gritou ele, voltando-se, e ergueu o maço para lhe bater. Mas Sciuang-sciuang foi mais rápida do que ele. Com um empurrão, fez-lhe cair o maço da mão e deu-lhe um tal encontrão que Hsi-wang recuou até ao quintal e caiu de rabo.

Era tão ridículo, que Sciuang-sciuang desatou a rir, com as lágrimas a saltarem-lhe dos olhos.

Furioso, Hsi-wang ergueu-se com ar ameaçador. Mas a mulher enfrentou-o com calma: «Vamos ter com o tio Chin.

Que seja ele o juiz! Eu gostava de colaborar no «grande passo em frente». Mas tu não queres que eu trabalhe, e só me arranjas complicações. Que te passa pela cabeça? Vá, vamos lá!».

Hsi-wang tinha intenção de lhe bater, mas aquelas palavras pareceram-lhe sensatas. Percebeu que tinha errado e não queria continuar a discutir. Mas menos ainda queria ir com ela ter com o secretário do Partido.

Por isso deixou-lhe a mão e dirigiu-se para a porta. «Está bem» disse, ostentando uma certa coragem. «Vai ter com o tio Chin, que eu já lá vou também». Mas, apesar destas intrépidas palavras, escapuliu-se em silêncio e desapareceu.

Nessa noite, depois de ter deitado os meninos e acendido o candeeiro Sciuang-sciuang sentou-se junto da janela para coser solas para os sapatos de pano, e enquanto a agulha corria pôs-se a pensar. A luz vinda do oriente coloria os vidros de papel da janela. Ouviam-se gargalhadas, vozes em animada conversação, o rumor de pazadas de terra.

Assomando-se à janela, olhou para oriente. Trabalhavam no canal. Tinham disposto uma longa série de lanternas que, assim dispostas, pareciam um dragão altivo e luminoso; e, por debaixo, uma longa fila de homens agitava pás e picaretas. A terra parecia cor-de-rosa, sentiam-se baques surdos e rítmicos e, como uma onda, subia até Sciuang-sciuang um cantar alegre.

«Lá fora, todos estão ocupados. Só eu vou ficar aqui sufocada por esta casa e esta família?!» E sentia o coração apertado e o rosto em chamas. Não pôde continuar a coser descansada.

Abriu-se a porta e entrou gente. Pensando que fosse o marido, Sciuang-sciuang nem levantou a cabeça, para não o ver.

«Oh, mas que dona de casa és tu! Estás a dormir?»

Era a sua vizinha, Kuei-ying. «Julguei que era o meu amo e senhor que regressava a casa» disse sorrindo. «E afinal és tu».

«Discutiram?»

«A questão» explicou Sciuang-sciuang «é que temos dificuldade em comer no mesmo prato».

Riram-se muito, e aquela gargalhada fez agitar o sono do mais pequeno. As duas mães calaram-se.

«Onde estão os teus filhos?» perguntou Sciuang-sciuang baixinho.

«Acabei mesmo agora de os deitar. Não tenho sono. E tu?»

«Nem eu» respondeu Sciuang-sciuang. «Daqui a pouco temos água ao pé de casa».

«Que havemos de fazer?» disse Kuei-ying. «Todos os outros trabalham, mas nós, que fazemos? Ante-ontem, o meu marido foi com os do dique. Eu também queria ir, mas disseram-me que as mães e as crianças não são lá precisas. Ofereci-me para tratar da cozinha, mas responderam-me que depois ninguém olha pelas crianças».

«Fizeram um refeitório no dique?» perguntou Sciuang-sciuang excitada.

«Sim, tem também grandes panelões e grandes marmitas para cozer o pão. (O pão, na China, habitualmente é cozido a vapor).

«Bom» disse Sciuang-sciuang, atirando com as solas de pano para cima da cama. «Se fizeram um refeitório no dique, porque é que não se pode montar aqui um na aldeia?»

«Porque não?» respondeu Kuei-ying, batendo as palmas. «É uma ideia».

Satisfeitas, as duas jovens mulheres fizeram um programa completo, animando-se cada vez mais. Discutiram como haviam de organizar o refeitório e onde deixar as crianças; falaram disso até tarde. Finalmente, Kuei-ying foi para casa. Então, Sciuang-sciuang sentou-se e escreveu o seu manifesto de opinião, exprimindo-se com os versos tal como lhe vinham à mente. Acabou de madrugada. E antes de se deitar foi pendurar o manifesto.

3

Repentinamente, soou a voz do altofalante colocado sob os beirais: «Temos boas notícias, camaradas da aldeia! Para melhor organização e maior desenvolvimento, a comissão local do Partido, por iniciativa das próprias massas, decidiu fazer um refeitório na Aldeia do Sol...»

Feliz, Sciuang-sciuang saiu a correr. Chegada à cancela, viu que vinham correndo para sua casa Kuei-ying, a tia Chin, mulher do secretário do Partido, e a sua vizinha, a Quarta Tia.

«Sciuang-sciuang, o teu manifesto deu resultado. Fomos encarregadas de organizar o refeitório».

«Vá, toca a pensar como vamos fazer o fogão económico.»

«Mas quem é que sabe fazer um tão grande que dê para um refeitório?»

«Hsi-wang! Hsi-wang sabe fazê-los muito grandes, e com a tiragem suficiente.»

«E os panelões? Eu sei. Er-mao, o que mora ao fundo da zona oriental, tem um.»

Daí a pouco, o quintal de Hsi-wang estava cheio de gente excitada. Rindo e falando, as mulheres circundavam Hsi-wang e mandaram-no à procura de um lugar que se prestasse para instalarem o fogão do refeitório.

O refeitório ficou instalado no alpendre vazio dum quintal que pertencia a Sun Yu, um agricultor meio-abastado. Foram caiadas até brilharem três grandes divisões que davam para sul. Junto das janelas, colocaram duas grandes fornalhas, sobre as quais resplandeciam duas enormes panelas areadas. Junto do fogão havia duas tinas grandes como um boi. No canto da divisão, estava pregada à parede, com grandes tacos de madeira, uma grossa tábua com cerca de quatro metros por três e meio, que servia como banca de trabalho e mesa da cozinha.

O refeitório abriu as suas portas, servindo como primeira refeição milho e massa com lentilhas, um prato que os habitantes da aldeia chamavam «o peixe-que-olha-através-dos-bancos-de-areia». Como era o dia da inauguração do refeitório, apareceram também o secretário do Partido na comuna e o chefe da brigada de produção. Por indicação dos próprios habitantes, a cozinha tinha sido confiada a Hsi-wang, a Kuei-ying e à Quarta Tia, que morava na casa ao lado da de Sciuang-sciuang. Naquele momento, não foi nomeado ninguém para o lugar de supervisor. De maneira que se resolveu entregar o cargo ao filho de Sun Yu, ou seja, a Chin-chiao. Este Chin-chiao tinha o diploma da escola primária. Mas, como estava para completar vinte anos e ainda não tinha feito os exames de admissão para a escola secundária, tinha pensado começar a trabalhar.

O secretário do Partido chegou muito cedo. Ajudou a acender o lume naquele fogão de marca especial, depois, pegou em dois baldes e num balanço. Foi até ao rio e daí a pouco regressava já com água para encher as duas grandes tinas. Hsi-wang ficou muito impressionado ao ver o secretário, que já não era muito novo, encarregar-se deste trabalho pesado. Acabou de amassar, pediu a Kuei-ying que cortasse a massa

e foi a correr tirar os dois baldes e o balanço ao secretário. Depois, começou ele próprio a carregar a água do rio, e, em quase quarenta viagens, conseguiu encher as duas tinas até à borda.

À hora da refeição, todos os habitantes da aldeia, jovens e velhos, homens e mulheres, apareceram. Veio também Sciuang-sciuang com os seus três filhos. Pensava que o marido devia ficar bem de gorro branco e casaco de cozinheiro. A maneira como se movia para encher as tijelas, como retirava os talões da refeição e respondia às perguntas dos conterrâneos, acrescentando de quando em quando uma palavra brincalhona, tudo isso fazia com que parecesse 10 anos mais novo.

Quando começou a comer, Sciuang-sciuang olhou para o marido com um sorriso intencional. Pegou com os pausinhos delicadamente na massa que tinha na tijela e ergueu-a no ar antes de a meter na boca. Claro que gostava de massa, mas comia com gosto especial naquele momento, como para dizer a Hsi-wang: «Vês, gosto do que tu cozinhas». Ainda que percebendo o significado destes olhares, Hsi-wang voltou a cabeça, fingindo não ter notado nada.

O secretário do Partido não se sentou a comer, mas ia de mesa em mesa, perguntando ora a um ora a outro o que é que pensavam do refeitório. Quando chegou junto de Sciuang-sciuang, perguntou: «Gostas do comer que fazem aqui?»

«Não encontro palavras para te dizer como é bom!», respondeu ela. «Além disso, poupa-nos imenso tempo. Acabado de comer, é só limpar os lábios e sair. Tenho apenas que pensar no meu trabalho. Não preciso de me cansar com outras coisas». E, ao dizer estas coisas, deitou um olhar ao marido, que murmurou para consigo: «Reconheço que obtiveste o que desejavas».

Hsi-wang regressou a casa depois de ter lavado e enxugado os pratos do refeitório. Sciuang-sciuang estava a vestir os dois meninos mais pequenos para irem para a creche. Hsi-wang voluntariamente ignorou a excitação dos pequenos e deitou-se em cima da cama, gemendo e suspirando: «Oh! que cansado que estou! Tenho os ossos desfeitos...»

Sciuang-sciuang conhecia bastante bem Hsi-wang; sabia que ele costumava gabar-se deste modo do exaustivo trabalho feito. Por isso deixou-o prosseguir. Quando os meninos estavam prontos, veio buscá-los a tia Chin, que a creche tinha destacado para isso. Sciuang-sciuang esperou que saíssem;

depois, deitou uma chávena de água quente numa espécie de termos, e com um sorriso suave levou-a a Hsi-wang.

«Estás assim tão tão cansado?», perguntou gentilmente.

«Tenho os ossos desfeitos». E Hsi-wang fez uma careta.

Então, Sciuang-sciuang trouxe uma bacia de água. «Olha para ti», admoestou gentilmente. «Tens a cara pintalgada como a dum actor. E pensar que sempre te gabaste daquilo que farias se estivesses à testa dum grande restaurante... Só com uma coisa tu não és asseado. Felizmente estamos eliminando somente quatro calamidades. Se houvesse uma quinta, eras tu». (A campanha para a higiene pública incluía também a eliminação dos ratos, dos percevejos, dos mosquitos e das moscas). «Mas tu sabes que fui quarenta vezes ao rio e voltei sempre com os baldes cheios», protestou ele. «Experimenta tu a fazê-lo».

«Não sou eu que tenho de o fazer» respondeu Sciuang-sciuang com ar de compaixão». Eu só sei quanto custa fazer de comer. E é bem verdade que por fazer sozinha uma refeição nunca me pus para aí a gemer e suspirar, como tu fazes...»

«Vê lá como falas!» disse Hsi-wang, lavando a cara. «Calculo que agora te sintas muito no alto, agora que fazes um trabalho importante».

«Eu, porém, não sou indolente» respondeu Sciuang-sciuang. «E, além disso, todos os trabalhos são iguais. Não ouviste o secretário do Partido? Até fazer de comer é importante.

Ouvindo estas palavras, o espírito de Hsi-wang animou-se. «Diz-me lá» disse então «como era a minha massa?»

«Excelente. Bonita, comprida e cortada fininho».

O louvor entusiasmou Hsi-wang. «Oh, tu não sabes nada das minhas excepcionais capacidades culinárias» disse ele. «Se a esta massa juntares um bocadinho de frango, uns camarões secos e uma pitada de alga marinha, fica um prato que nem imaginas. Naturalmente no refeitório não há estas coisas finas. Mas quando...»

«Não quero ouvir», protestou Sciuang-sciuang.

«Ainda não acabei a frase. Como é que sabes o que quero dizer?», replicou Hsi-wang.

«Já sei que vais falar naquele teu restaurante na cidade. Enganei-me?»

Hsi-wang engoliu em seco: «Bem, e se fosse?»

«Mas porque é que estás sempre a falar naquele miserável restaurante? Não gosto de ouvir falar nisso! Isso acontecia

na antiga sociedade. Nesse tempo, o patrão chamava-te palavrões e batia-te. Podias preparar pratos maravilhosos, mas eram só para os senhores, para os déspotas locais, para aqueles miseráveis opressores. Nós o que é que tínhamos em casa para comer? Cevada, e tão cheia de água que te vias dentro como num espelho; pão de sêmeas, tão grossas que nem se amalgamavam. Nem no fim do ano se podia comer um pãozinho branco. Claro que no nosso refeitório não há comida fina, mas cada pedaço é para a nossa gente que trabalha. Não te deves gabar daquele antigo restaurante. Eu penso que, continuando com o nosso «salto em frente», dentro em breve colheremos mais trigo, teremos mais porcos e mais peixe nos viveiros. Mais cedo ou mais tarde, o refeitório há-de ter comida melhor do que a que tu preparavas no tal restaurante de que estás sempre a falar. Que importância tem isso? Se deres a tua melhor ajuda no refeitório, sabes quantas mãos libertas dos trabalhos caseiros? Agora, tomo conta dos porcos. Hoje temos 38 animais, mas no fim do ano teremos 150. Antes de haver o refeitório, tinha tanto que fazer em casa, que o tempo não chegava para criar só um».

Hsi-wang anuiu em silêncio. Havia muito bom senso nas palavras de Sciuang-sciuang.

4

Depois do trigo guardado, foi organizada uma comuna popular que abraçava a zona inteira, e as pessoas da Aldeia do Sol foram incluídas numa brigada de produção. O dique de Haisciantou estava pronto e a água corria para a aldeia pelo novo canal, vinda do rio Hungsci. Todos os campos se tinham transformado em arrozais.

Uma tarde, enquanto Hsi-wang cozia o pão, veio ter com ele Sun Yu, um homem de cerca de 50 anos, que deslizou para a cozinha vindo das suas instalações que davam para o quintal. Como a casa do refeitório era de sua propriedade e o filho era o intendente, por vezes ele aparecia por ali vistoriando, como que à procura de presa, olho nisto e naquilo, receoso de que a sua casa fosse danificada.

Quando Hsi-wang tirou a tampa da marmita que servia para cozer a vapor os alimentos, Sun Yu, empoleirado num banco,

disse com ar amigável: «Perfeito, Hsi-wang! O pão está bom, se, quando tirares a tampa vier branco, e não negro».

«Vejo que percebes de cozinha», respondeu Hsi-wang, satisfeito. «Esta farinha é da última colheita. Toma, prova um». E atirou a Sun Yu um pãozinho quente, muito bem preparado, que Sun começou a comer contente, enquanto continuava a conversar.

«No refeitório, fazem o pão só duas vezes por dia», disse Yu. «Aqui há poucos anos, e tu com certeza que te lembras, na época da nova colheita, na nossa família fazia-se o pão três vezes por dia».

«Tu talvez comesses três vezes ao dia; eu não comia. Por isso me sinto feliz por ver que os meus três filhos hão-de poder comer no refeitório tal como ele funciona agora». Mas o problema com Hsi-wang era ele ser demasiado bonacheirão para responder secamente fosse a quem fosse, e que por isso nunca se atrevia a exprimir com clareza aquilo que pensava.

«Bem, tu sabes como é. É fácil de dizer». E, erguendo os ombros com um suspiro, Hsi-wang parou com a conversa.

Deste modo Sun Yu pôde aperceber-se de que Hsi-wang era um homem superficial, cheio de respeitos humanos. «Quero pedir-te um favor, Hsi-wang» disse, entrando no assunto. «Amanhã é o aniversário da morte de meu irmão. Gostaria de oferecer alguns manjares ao seu espírito. Nós em casa estamos um tanto apertados, e assim preferia que mo preparassem vocês, aqui no refeitório, até para aproveitar a tua habilidade verdadeiramente excepcional».

Hsi-wang, que no refeitório se ocupava unicamente do pão, procurava apenas poder mostrar as suas capacidades. «Traz-me cá as coisas», disse. «Não é nada de extraordinário. Não te digo que não».

Sun Yu voltou à noite. Tinha dito a Hsi-wang que queria cinco pratos, mas chegou apenas com um pequeno frango. Mal viu aquele volátil solitário, Hsi-wang pensou: «Enfiaste-me o barrete...» No fundo, já tinha resolvido fazer a vontade a Sun Yu. Por isso não pôde evitar usar as provisões do refeitório. Além de usar azeite, sal, molho e outros ingredientes, usou também muitas hortaliças e massa feita com legumes. É evidente que Chin Chiao, o intendente do refeitório, viu todo aquele movimento; mas fingiu não dar por nada.

Hsi-wang passou grande parte da noite a preparar os maravilhosos manjares, sem provar uma migalha. Depois de ter

levado tudo para casa de Sun Yu, sobrou apenas uma meia chávena de molho de carne na panela. «Se quiseres, leva o resto» disse Sun Yu, magnânimo.

«Talvez não saibas» disse Hsi-wang, «mas depois de passar horas e horas ao fogão, nem se pode com o cheiro do comer».

«Então, leva-o para casa», insistiu Sun Yu.

«Não, obrigado. Em casa não gostam de frango». Na verdade, a recusa nada tinha a ver com a família gostar ou não de frango. Apenas temia a língua afiada de Sciuang-sciuang, porque sabia muito bem que ela desaprovava estas coisas. Efectivamente, quando ele ali trabalhava, Sciuang-sciuang tinha-o advertido muitas vezes de que não devia deixar que fosse quem fosse se aproveitasse dele ou da cantina.

No entanto, embora Hsi-wang procurasse esconder o caso à mulher, a verdade veio ao de cima. Bem diz o ditado: «A água passa pelas paredes». Ao cabo de dois dias, toda a gente começou a murmurar, primeiro em surdina e, pouco depois, de tal maneira que, não tardou muito que aparecesse na parede da cantina um «manifesto de opinião».

Hsi-wang era uma alma tímida. À vista do manifesto, assustou-se. «Se descobrirem isto, hão-de atribuir-me as culpas. Tenho de ter cuidado, se não quiser que se zanguem. O melhor que tenho a fazer é deixar já este lugar. Assim, não haverá nenhum sarilho, nem me verei forçado a negar um favor que me peçam».

Quando, nesse dia, voltou para casa e viu Sciuang-sciuang, deu um profundo suspiro.

Sciuang-sciuang, que comia na cantina anexa às pocilgas, nada sabia do que se passava na da aldeia.

«Que tens tu?», perguntou.

«Não me habituo a trabalhar na cantina», respondeu Hsi-wang, abanando a cabeça.

«Mas que é isso? Porque é que queres sair tão depressa? Não deves queixar-te de que o trabalho é pesado, nem deves recear ofender as pessoas.»

Esta última frase tirou as palavras da boca de Hsi-wang, que tinha intenção de se lamentar da posição difícil em que se encontrava um cozinheiro, e de dizer como lhe custava dizer que não a alguém, magoando-o. No entanto, depois de ter reflectido um instante, veio-lhe uma nova ideia.

«Olha, querida», disse, num lamento, «o cheiro da comida enjoa-me. Foi sempre assim. Até o cheiro dos pãezinhos cozi-

dos me revolta o estômago. Pensava que, tantos anos depois da primeira experiência, a coisa tivesse passado. Quem havia de dizer que o calor me faria voltar o enjoo? Não é que me pese o trabalho. Posso trabalhar mais nos campos: transportar o adubo, lavrar, ou seja o que for. Mas o que não sou capaz de suportar é o cheiro dos pães quentes. Agonia-me tanto, que nem consigo provar um naco de pão».

Vendo a cara triste de Hsi-wang, Sciuang-sciuang comoveu-se. «Se não é senão isso, não te preocupes. Vamos falar com o secretário do Partido, e pedimos-lhe que ponha alguém no teu lugar. É claro que podes fazer outros trabalhos. Todo é útil para o«grande salto em frente».

Hsi-wang pegou na bata branca e entregou-a à mulher, dizendo:

«Queres tu levá-la agora ao secretário do Partido? Pede-lhe que me arrange um substituto. Amanhã vou ao hospital, à consulta.»

Sem fazer ideia nenhuma do que tudo isto escondia, Sciuang-sciuang pegou na bata e dirigiu-se ao escritório da brigada. O secretário do Partido estava a falar com Kuei-ying e com a Quarta Tia, as outras duas cozinheiras da cantina. Sciuang-sciuang repetiu o que o marido lhe dissera. Mas, a meio da história, os outros começaram-se a rir.

«Não é o pão que lhe faz mal, Sciuang-sciuang», disse o secretário, «mas as suas ideias confusas. Escreveram um «manifesto de opinião» sobre ele. Olha aqui!».

Sciuang-sciuang olhou. O manifesto dizia:

«Ao companheiro Sun Hsi-wang:

Na noite passada, quando Sun Yu te veio falar, dizendo que queria fazer oferendas ao irmão defunto, tu pegaste no que pertencia à cantina, para lhe preparar cinco pratos. Se todos os cozinheiros fossem como tu, que seria da nossa cantina?»

Num momento, Sciuang-sciuang viu tudo negro à sua frente. «Dias e noites lhe repeti que não fizesse favores a ninguém. Julgava que tinha melhorado com o «grande salto em frente»... Mas continua a ser fraco e inseguro!»

O secretário do Partido pareceu compreender o que ela sofria. Trouxe-lhe um banco. «Sciuang-sciuang, não te admires muito do que aconteceu», disse-lhe ele com um sorriso. «Os velhos hábitos estão ainda muito radicados. Procuremos combatê-los! Procuremos também compreender o que pretendem esses camponeses ricos. A gente como Sun Yu não só quer

tirar vantagens da cantina, mas até gostaria de a ver desfazer-se em fumo... Quanto a Hsi-wang, se não quer continuar como cozinheiro, façamos-lhe a vontade! E a verdade é que não tinha grande jeito para o cargo. Para esse trabalho é preciso alguém que tenha pulso. Bem sabes que a cantina é muito importante. Este Verão, vamos ter muito que fazer com todos os novos arrozais, e vai ser preciso irrigá-los a preceito, para que a colheita seja boa. Portanto, temos de ter uma cantina eficiente».

As palavras do secretário do Partido estimularam o espírito de iniciativa de Sciuang-sciuang.

«Secretário», disse, «o que é que acha se eu fosse ocupar aquele lugar no refeitório?»

A proposta foi imediatamente acolhida por aplausos. «Há que tempos que te temos debaixo de olho», disse Kuei-ying. «Ficamos muito contentes por te ter entre nós».

«Sim, Sciuang-sciuang é exactamente a pessoa de que precisamos» confirmaram os outros. «Ninguém lhe come as papas na cabeça, não é como Hsi-wang».

Hsi-wang estava todo satisfeito em casa a tocar trompete, seguindo a área que os altifalantes da aldeia transmitiam. Com um gesto de raiva, Sciuang-sciuang atirou com a bata branca para cima da cama.

«Porque é que a trouxeste outra vez?, perguntou o marido, abaixando o trompete.

«Diz-me lá a verdade? O que é que te fez mal?»

«Não te disse já que é o vapor do pão fresco?»

«Não faças de mim parva. Em que complicação te meteste com Sun Yu?»

Hsi-wang ficou sem fala ao ver que a mulher estava ao corrente do facto.

«Que te estava eu sempre a dizer?», prosseguiu ela. «E tu ainda por cima te metes nesta complicação. É claro que devemos dar ouvidos àquilo que nos dizem o Partido e o Presidente Mao; mas isso não é tudo. Devemos também amar o Partido e defender as coisas boas que nos dá. Se alguém tenta sabotar as nossas iniciativas, não devemos ter receio de o enfrentar. Como pudeste fazer aquela combinação com Sun Yu?» Depois, referiu-lhe o que tinha dito o secretário do Partido e falou-lhe também do manifesto de opinião. Envergonhado, Hsi-wang baixou a cabeça.

«Penso que errei», admitiu finalmente. «Diz-me lá o que hei-de fazer agora? Podias escrever uma auto-crítica por mim, e eu depois pendurava-a».

«Se achas que deves escrever uma autocrítica, escreve-a sozinho. Põe por escrito o que acabas de me dizer».

«Devo voltar amanhã ao refeitório?», perguntou Hsi-wang. «Não, deixa lá. O secretário diz que tens as ideias políticas demasiado confusas. Já não te querem lá. A bata é para mim. Sou eu que vou trabalhar no refeitório».

Hsi-wang foi apanhado de surpresa.

«Então tomas o meu lugar?»

«Sim, fico eu com ele e não me vou comportar como tu.»

«Lá disso tenho eu a certeza. Mas eu que hei-de fazer? Podia ocupar-me dos porcos.»

«Mesmo para isso é preciso ter uma clara visão política.»

«Escuta, não sejas assim limitada. Não se tem 17 anos toda a vida. Ou julgas que eu sou como o rabo do rato, e que nunca hei-de mudar?»

Ouvindo estas palavras, Sciuang-sciuang sorriu e disse: «Vai, anda, e escreve a tua autocrítica!»

5

Desde o primeiro dia que passou como cozinheira no refeitório, Sciuang-sciuang deu mostras do seu carácter. Sun Yu, que tinha sido criticado por aquilo que acontecera entre ele e Hsi-wang, quis pô-la à prova. Ao primeiro almoço, bateu no peito e disse, não se dirigindo a ninguém em especial: «É claro que o cozinheiro dum refeitório deve saber a quem dar o coração, e dá-lo à pessoa certa».

«Eu não tenho que o dar a ninguém» respondeu bruscamente Sciuang-sciuang. «O meu já está aqui. E, se alguém julga que pode fazer avarias com o refeitório, está bem enganado».

Os conterrâneos ficaram contentes com esta resposta. «Desta vez, temos pulso firme e forte no refeitório», comentaram.

Antes do meio-dia, Sciuang-sciuang reuniu todo o pessoal: «Vamos fazer uma grande limpeza? Vamos tirar dali aquele monte de telhas e tijolos partidos, que estão no quintal, dar

uma caiadela nos muros, de maneira que tudo esteja limpo e a brilhar? Vocês o que acham?»

Concordaram todos; só Chin-chiao, o intendente, observou: «Todos trabalham nos campos. Quem nos há-de ajudar?»

«Não precisamos de mais ajuda. De dia, fazemos de comer e de noite limpamos. Bastam umas duas noites».

«Eu à noite tenho de fazer as contas», disse Chin-chiao. «Está bem. Cá nos arranjaremos. Afinal, será apenas dormir menos em algumas noites».

«Eu não me importo nada de ir para a cama tarde», disse Kuei-ying. Quando há qualquer coisa de urgente, até os rurais trabalham fora de horas. Porque é que nós não havíamos de o fazer?»

E como todos achavam a coisa entusiasmante, Chin-chiao teve de dar a autorização. «Este monte de tijolos e as telhas pertencem a meu pai. Pô-los de parte para construir uma nova casa. Se querem fazer limpeza, levem-nos para o norte do nosso quintal».

«De acordo», respondeu Sciuang-sciuang. «Diz-nos só onde os havemos de pôr.»

Nessa mesma noite, depois de terem lavado a louça, as mulheres começaram a tarefa. Com cestas e balanços, carregaram as telhas e os tijolos, trabalhando até ouvir cantar o galo, ou seja, quando todo o monte tinha sido removido. Na noite seguinte, Sciuang-sciuang pediu cal no forno da comuna e juntou com um atilho fios de linho para fazer uns pincéis. E assim começaram a caiar as paredes. Após duas noites de duro trabalho, o quintal parecia outro.

Passaram então à cozinha. Tudo o que foi possível transportar foi levado para fora e lavado, e a casa foi toda limpa de alto a baixo. Desde os alguidares e as panelas até à banca de trabalho — foi tudo esfregado energicamente, a pontos que não era possível encontrar um único grão de poeira. Quando o secretário do Partido chegou, ficou muito satisfeito.

«Não há dúvida que o trabalho pode resolver tudo. Em poucas noites, transformaram o aspecto da cantina.»

«Queremos que seja a cantina mais limpa da comuna. Dou-te a minha palavra de que não ficará viva uma única mosca ou um único rato aqui. É verdade: gostava de ter gase para tapar os alguidares e as tinas.»

«É fácil obtê-la. Mas espero que continuem a manter tudo limpo. E que não aconteça como da outra vez. Estava dizendo

com orgulho, a umas pessoas que tinham vindo visitar a cantina, que não tínhamos aqui um único rato, quando, naquele preciso momento, saiu um, enorme, de baixo do **kang.**» (1)

«Falas daquilo?», perguntou Sciuang-sciuang indicando uma velha cama de tijolo toda esboroada, cheia de canastras e bilhas vazias.

«Isso mesmo», respondeu o secretário do Partido.

«Não te preocupes», respondeu ela. «Esta noite, vamos a isso. Abateremos aquele velho **kang** inútil e levamos tudo daqui.»

Nessa mesma noite, Sciuang-sciuang, com os outros, começou a demolir o **kang.** Nas noites anteriores, enquanto limpavam o quintal e a cozinha, Chin-chiao tinha permanecido sentado no seu quartinho e, ao fazer as contas, batia com as contas do contador umas nas outras. Não se mexera para dar uma ajuda. Mas, naquela noite, quando ouviu as mulheres a remexer em volta do **kang,** correu, agitado, para junto delas:

«Que estão a fazer!?»

«Caçamos os ratos. Há aqui bem grandes», respondeu Sciuang-sciuang, brandindo o seu ferro.

«Parem, disse ele, aqui não há disso.»

Mas as mulheres nem lhe ligaram e continuaram a trabalhar. Vendo que lhe tomavam a coisa a sério, alarmado, Chin-chiao agarrou na maça que Kuei-ying manejava.

«Saiam» disse, que eu faço isso. Vocês, mulheres, não têm força.

Chin-chiao não batia no centro da mesa, mas continuava a dar pancadas apenas nos bordos.

«Para que são essas pancadinhas, Chin-chiao? Tens medo de acordar os ratos?», perguntou ela.

Não, aqui não deve haver nenhuns», respondeu ele.

«Então, não faças assim», continuou Sciuang-sciuang, e enterrou mais profundamente o ferro na cama. Mas, quanto mais caliça deslocava, mais Chin-chiao se apressava a colocá-los no lugar. Ela fartou-se e com poucos golpes secos e violentos, penetrou mais a fundo no **kang.** De repente ouviu-se um rumor seco, como de metal, e as mãos da mulher ficaram dormentes pelo golpe.

«Que é isto?», gritaram ao mesmo tempo as duas mulheres.

(1) Cama chinesa, em tijolo, sob a qual durante o inverno se deitam brasas. Geralmente, é largo, de modo a que nele caibam várias pessoas.

«Nada», disse Chin-chiao com a fronte perlada de suor. «Será só um pedaço de telha».

Mas ela percebeu que havia qualquer coisa de estranho. «Monstro ou diabo, vamos acabar contigo como acabámos com as quatro calamidades» gritou, e com as outras mulheres começou a bater com mais força do que antes. Rasparam a terra, afastaram a parte de cima e descobriram, escondidos no **kang,** uma roda de alcatruzes do período da libertação.

Ao ver isto, Chin-chiao empalideceu. Era uma alfaia que os seus tinham escondido quando se uniram à cooperativa no primeiro período destas. (2) Tinha ficado ali durante todos aqueles anos. A cantina tinha-se alojado tão rapidamente nas divisões vazias, que Sun Yu não tinha tido tempo de mudar o esconderijo.

«Chin-chiao, que faz esta orda no **kang?**», perguntou Sciuang-sciuang.

«Não tenho a mais pálida ideia» respondeu Chin-chiao. «O meu pai tem muitos amigos. Se calhar, algum deixou-a aqui.»

Eram quase quatro da manhã. Apercebendo-se de que dele não obteria outra resposta, Sciuang-sciuang propôs: «Não interessa de quem é. Agora, fica aqui. Amanhã contamos isto no escritório da brigada. Vamos dormir agora, que é tarde».

E regressaram todos a suas casas.

Sciuang-sciuang encontrou Hsi-wang profundamente adormecido. Para não o acordar, deixou-se cair em cima da cama mesmo vestida. Mas não tinha ainda adormecido quando ouviu alguém a chamar por debaixo da janela: «Hsi-wang, Hsi-wang!» Sciuang-sciuang reconheceu a voz do velho Sun Yu, mas não se mexeu. Passado um instante, Hsi-wang levantou-se.

«Quem é?»

«Sou eu, tenho que te dizer uma coisa importante», respondeu Sun Yu. Suspirando e resmungando, Hsi-wang levantou-se e tirou a tranca da porta maior. Sciuang-sciuang ouviu Sun Yu dizer qualquer coisa, mas não distinguiu as palavras. Ouviu porém distintamente a voz decidida de Hsi-wang: «Não, não posso. Não quero nada contigo».

(2) Quando os rurais se reuniram nas cooperativas agrícolas entregaram as alfaias agrícolas maiores, que foram pagas em dinheiro ou descontadas com percentagens sobre a colheita. Mas, dentre os agricultores remediados, alguns opuseram-se a estas cooperativas, não concordando com a iniciativa, e não fazendo nada para cooperar.

«Hsi-wang, temos o mesmo apelido» rogava Sun Yu. «Se calhar até somos parentes. Se se vem a saber, faço uma péssima figura. Não tenhas dúvida...» Sciuang-sciuang não percebeu o resto, mas imediatamente se ergueu a voz aguda de Hsi-wang. «Que queres tu dizer com — quando chegar **aquele dia** a roda será nossa? Porque é que continuas tão apegado às tuas coisas? Já é tempo de fazeres a **limpeza da Primavera** na tua cabeça. Vejo que nós dois não seguimos o mesmo caminho. Agora, vai-te embora. E escuta o que te digo: vê lá não acordes Sciuang-sciuang, que é melhor para ti!»

«Está bem, pronto, não digas mais nada», respondeu o outro, procurando acalmá-lo. «Eu entrego a roda».

Enquanto o marido falava, Sciuang-sciuang deu-lhe vontade de rir. Mas não percebeu a resposta de Sun Yu. Quando Hsi--wang regressou, abriu os olhos.

«Quem era?» perguntou.

«Era o velho Sun Yu.»

«Que queria ele de ti?»

Hsi-wang hesitou, e depois disse, gaguejando: «Bom, deixa, eu já lhe disse que se fosse embora! Agora, dorme». Para Hsi-wang, toda a questão acabava ali, com o facto de Sun Yu se ter afastado dali. Que importava o que ele tinha dito, visto que não fora com ele?

Mas Sciuang-sciuang soergueu-se. «Mas o que é que disse»?

Apesar de ter decidido manter a coisa para si, a mulher com poucas perguntas extorquiu-lhe a verdade. «Disse que se tu não falasses na roda que estava debaixo do **kang,** os outros também se calariam. E que depois quando chegasse o dia, seria nossa...»

Sciuang-sciuang nem o deixou acabar a frase. Afastou a colcha e desceu da cama. «O velho brigante quer voltar para trás e empreender novamente a velha estrada capitalista, enh? E, assim falando, dirigiu-se para a porta.

«Aonde vais?»

«À procura dele», respondeu Sciuang-sciuang, abotoando o casaco.

«Que carácter!», suspirou Hsi-wang. «Parte mais depressa que um foguetão».

Mas Sun Yu não estava em casa, e então ela foi direita ter com o tio Chin, o secretário do Partido, que, naquele momento — era ainda o alvorecer — já regressava com outros duma ronda pelos arrozais. Quando ouviram o que Sciuang-sciuang

contava, todos resmungaram contra aquele agricultor, dantes abastado, que procurava manter a sua propriedade privada.

«Há alguns anos, quando se uniu pela primeira vez à cooperativa», disse alguém «tinha-nos dito que vendera a roda! E afinal tinha-a escondido!»

«É uma lição para todos», disse o secretário do Partido. «Quando nós dizemos que há pessoas que gostariam de voltar aos velhos caminhos, muitos recusam-se a acreditar. Mas desta vez faremos de maneira a que todos falem disso e que se apercebam sozinhos das ideias destes agricultores abastados. E o que é ainda pior, é que Chin-chiao, que é jovem, é também egoísta. Mas ajudá-lo-emos a encontrar a estrada justa.»

6

Desde que Sciuang-sciuang foi nomeada chefe da cozinha, tudo correu da maneira mais rápida e eficiente. As pessoas gostavam da comida. A Sun Yu foi feito um sermão de primeira, e ele vendeu a roda ao município.

Precisamente nesse período, a comissão central do Partido convidou as cantinas a mecanizarem o trabalho, e assim a roda foi posta à disposição da cantina da Aldeia do Sol. De modo que foi colocada sobre o poço. Dela partiam dois grandes canos que levavam a água até às tinas da cozinha. E assim a cantina passou a ter água corrente.

O êxito inicial demonstrou que o caminho era melhorar os apetrechos da cozinha. As mulheres encheram-se de coragem e em pouco tempo conseguiram arranjar umas máquinas que serviam para cortar a hortaliça e outras para lavar o arroz. Tempo depois, Sciuang-sciuang teve ocasião de ver, ao visitar um hospital, uma espécie de panela em que o comer se mantinha quente durante um certo tempo. Quis imitar a coisa e colocou em dois carrinhos as panelas que continham os alimentos para levar àqueles que trabalham nos campos o arroz ou a massa quentes. Em quinze dias, todo o trabalho da cantina tinha sido praticamente aliviado e acelerado com simples expedientes mecânicos.

Depois da festa da Primavera, durante uma reunião dedicada a este assunto, à cantina de Sciuang-sciuang foi dado

o nome de Cantina da Bandeira Vermelha, e ela própria ganhou o apelativo de Trabalhadora Modelo.

Era no início da Primavera. Em volta da aldeia, os pessegueiros em flor sobressaíam como núvem cor-de-rosa no céu de Março. À beira da estrada, os salgueiros jovens moviam-se docemente, fazendo oscilar as videiras douradas e sacudindo felpa levezinha.

Nos campos, promessa de ricas colheitas, a água gorgolejava nos canais e unia-se ao sorriso e ao murmúrio que subia do trigo verde e orvalhado, que já chegava quase aos joelhos.

Todas as manhãs, com o seu carrinho, Sciuang-sciuang chegava a um grande espaço sob um salgueiro grande. Para avisar da sua chegada, acenava com um guardanapo, e bem depressa se encontrava circundada.

«Irmã Sciuang-sciuang, que há hoje para comer?», perguntava um rapaz.

«O que Sciuang-sciuang prepara é sempre bom. É sempre bem cozinhado. Podes comer de olhos fechados.»

Sciuang-sciuang servia massa fresca e pastéis quentes, e olhava com afecto para os camponeses que comiam, feliz porque o seu esforço, e dos outros na cantina ajudavam a produzir aquele trigo de ouro e aquele arroz graúdo que tanto significado tinham para o país.

9

Do novo papel da mulher na sociedade chinesa, ou seja da petulante mas activa Sciuang-sciuang, de certo modo protótipo e também precursora de um surpreendente e moderno feminismo oriental — surge um discurso preciso e de importância fundamental: o que diz respeito à família. Dizer que na China esta seja contestada em absoluto e que se pregue, por exemplo, o amor livre, é compreender realmente mal, ou antes, deformar agressiva e intencionalmente. Nunca como agora se viveu na China uma espécie de puritanismo familiar, ainda que de tipo completamente diferente do tradicional.

Na verdade, aquilo que hoje se discute e que desaparece é a família de tipo patriarcal, ancorada ao establishement *feudal que queria o homem primeiro, filho, e depois, pai, como que lhe impedindo — ou ignorando qualquer posição intermédia. O mundo antigo foi como um templo daqueles deuses imóveis e vetustos a quem era sacrificada qualquer juventude: através do respeito filial e do culto dos antepassados — os ritos confucianos — não era permitida nem pedida aos jovens uma voz e uma personalidade. Peças dum jogo mais vasto, com cruéis fronteiras, pedia-se-lhes apenas obediência cega — à propriedade, ao nome, à riqueza. Foi assim possível perpetuar nos séculos um determinado imobilismo de costume e de sistema: não nos surpreenda pois que a contestação a tudo comece precisamente com o abandono da casa paterna, ou seja, com a desobediência, para poder ser criada uma ordem nova.*

Traduzido também na Itália, escritor dos mais conhecidos da China, dos anos sessenta, Chiao Sciu-li (nascido no Xansi em 1906) é autor de vários romances, As Rimas de

Yu-tsai, Melhoramentoos na Aldeia, Li, A Aldeia Sanliwan *e de uma selecta*, Para os Campos, *donde recolhemos o presente conto.* O Patriarca *refere-se aos anos que precedem 1949 e narra os contrastes entre velhas e novas gerações, a impossibilidade, no fundo, de um diálogo (conceito revolucionário visto que nesse aspecto se concebia apenas o monólogo — geralmente o do pai) e as consequentes fracturas de valores aparentemente eternos, estabelecidos e estáveis há muito tempo. Escritor satírico, o humorismo de Chiao Sciu-li dirige-se aqui à imagem do Patriarca, típica imagem do velho mundo feudal, que, com a desagregação da antiga economia agrícola, viu nos últimos decénios, evidentemente com drama e dor, desaparecer e serem substituídos até nos seus esquemas familiares.*

CHIAO SCIU LI

O patriarca

O verdadeiro nome do Patriarca era Yang Ta-yung. Antes da guerra de resistência ao Japão, a sua família era de agricultores remediados. Mas depois, por causa duma colheita ruim, tinha sido obrigado a hipotecar a terra — excepto três **mu**. Tinham-na depois recuperado, por acaso, quando o 8.° Exército libertara a zona e tinha sido aplicada a política da redução das rendas e perdão das dívidas».

Apesar de não ter estudado, Yang possuía uma certa perspicácia. Seu sogro, quando ainda era vivo, negociava na província de Tonan. O cunhado de Yang tinha aproveitado das precedentes relações comerciais do velho para procurar, por seu lado, comprar e vender qualquer coisa naqueles lugares. Após um par de idas, levou Yang com ele. Qualquer que fosse a inclinação de Yang para a terra, deu-a completamente, e pensou unicamente em ganhar dinheiro com facilidade.

Yang tinha dois filhos. Ovo de Ferro e Ovo de Ouro. Durante a guerra, o mais velho, Ovo de Ferro, tinha conseguido frequentar a escola primária. Depois, conseguira um emprego na «repartição das finanças e do trigo» na administração da zona de limite. Ovo de Ouro tinha ficado em casa a tomar conta da propriedade.

Ovo de Ferro começou a escola secundária em 1941 — com 15 anos. Era um rapaz inteligente e capaz. Um amigo da família, funcionário da zona de confins, reparou nele durante uma visita à aldeia e sugeriu a Yang que mandasse estudar o rapaz. Yang, que tinha absoluta confiança no cunhado, pediu a sua opinião. O cunhado não só aprovou, mas desenrolou toda uma série de conceitos que lhe tinham sido transmitidos pelos antepassados sobre as relações humanas.

«Nunca se deve perder uma ocasião» disse. «Com quinze anos, tem que se ir pelo mundo e aprender as artes do ofício. Quanto mais o rapaz estudar, maiores serão as possibilidades. Além do mais, a instrução é grátis. Não é coisa que se desperdice.

Depois da lenga-lenga do cunhado, Yang consentiu que o amigo levasse Ovo de Ferro consigo, para a escola.

Mas o resultado foi que, depois, o cunhado teve que aturar durante diversos anos as admoestações de Yang. De facto, apenas depois da frequência de um período, os Japoneses lançaram uma grande ofensiva e a escola teve de ser evacuada. Uma linha de bloqueio inimiga separava a nova sede da aldeia, e deste modo Yang não voltou a ver o filho.

«Se não te tivesse dado ouvidos», dizia ele ao cunhado, «não teria perdido o meu filho».

O cunhado só pôde abaixar a cabeça. «Ai de mim! Um homem não vê mais longe do que a ponta do seu nariz. Mas, quem sabe, pode ser que se possa obter ainda qualquer coisa de bom».

Por um momento, ficaram os dois em profundo silêncio. «De bom?», continuou Yang afastando-se. «A única coisa boa que podia suceder era ter o rapaz aqui comigo».

A linha de bloqueio foi retirada em 1945, quando os Japoneses se renderam. Chegaram então notícias de Ovo de Ferro, que dizia que tinha encontrado trabalho na administração da zona limite, na «repartição de finanças e do trigo», e que já tinha casado. Quando a coisa chegou aos ouvidos do cunhado, este correu ao encontro de Yang, para saber mais qualquer coisa.

«Viste?», gritou ele, «eu tinha razão. Quanto mais se estuda, mais se obtém da vida. Podem-se conhecer professores e estudantes. Se alguém nos ajudar, podemos fazer carreira».

Como era natural, ao princípio Yang sentiu-se feliz. Mas depois surgiu-lhe uma dúvida.

«De acordo, o meu filho tem um emprego; então porque não manda dinheiro para casa?»

«Anda-se de burro, antes de comprar um cavalo. Começou agora a carreira. Já ouviste falar de alguém que tenha aquele serviço e que não enriqueça? Tem paciência. Estarás cheio de dinheiro antes de morrer.»

Mas passou um outro ano e Ovo de Ferro não mandou nada. Yang, então, escreveu-lhe poucas linhas, em que se

lamentava de dificuldades. Ovo de Ferro respondeu que os quadros governativos «tinham apenas as despesas pagas» — ou seja, eles não recebiam qualquer ordenado, mas era-lhes garantida a alimentação e o vestuário. Mas, acrescentava, tinha escrito às autoridades locais, para que dessem uma ajuda à família.

Quando recebeu a carta de Ovo de Ferro, o chefe da aldeia, que era parente de Yang, ficou furioso. Com a carta na mão, dirigiu-se para a casa de Yang.

«Recuperaste os teus campos e também uma parte da excedência das terras do senhor» disse-lhe: «Tu e Ovo de Ouro gozam de boa saúde. Trabalhas a tua terra e corre-te tudo bem. De que te queixas? Porque escreveste ao rapaz dando-lhe preocupações? Porque lhe deste a entender que a reforma agrária ainda não foi feita?

«Não disse nada disso. Ditei a carta e o meu cunhado escreveu-a.»

«E não lhe disseste que te devolveram a terra e ainda uma parte da propriedade patronal?»

«Bem, não, realmente não disse nada.»

«Claro, isso não disseste tu, mas disseste que atravessavas um período ruím. Não admira que o rapaz tenha percebido outra coisa. Bom, diz-me lá a mim, agora, o que é que te está a correr mal neste momento, exactamente.»

«Não estou passando nenhum mau período. Pensei simplesmente que, se lhe dissesse que as coisas aqui estavam um tanto difíceis, ele me mandaria dinheiro.»

«Tu só nisso é que pensas!»

«Não, não é verdade. Mas porque o havia de deixar sair de casa se não fosse para ganhar dinheiro? Há já diversos anos que trabalha e nunca me mandou um tostão.»

O chefe da aldeia não sabia se havia de rir ou de se pôr a chorar. Suspirou. «Chamámos-te para mil reuniões, mas a única vez que vieste foi quando dividimos a propriedade de sobra. E a culpa é só minha, se não soube fazer melhor o meu papel. Tu então julgas que os quadros de hoje são semelhantes aos dos velhos tempos, sempre a tramarem-se para se ficar rico? Quando a comissão da terra cá veio, pediu-nos algum dinheiro? Há pelo menos trinta ou quarenta pessoas da aldeia que trabalham fora, na administração pública. Que dinheiro é que mandaram para casa?»

«Mas eu estou velho...»

«Ainda não tens quarenta anos. Isso é ser velho?»

«Os dois últimos anos, foram um desastre para as minhas pernas.»

«Se ainda houvesse terra para distribuir, tu é que corrias mais do que os outros.»

«Queres dizer que é um erro pedir dinheiro ao meu rapaz?»

«Ora, para que serve falar com uma pessoa que pensa apenas no dinheiro? Deixa lá isso. Continua na mesma a recitar o teu papel de Patriarca». E o chefe da aldeia saiu dali irritado.

Yang, também aborrecido, nem sequer o acompanhou à porta. Durante aquele diálogo, tinham-se reunido debaixo da janela algumas pessoas, que se riram do que tinham ouvido. E quando o chefe da aldeia saiu, um tipo que andava sempre metido em tudo quis entrar, por seu lado, para ver a reacção de Yang. Saiu dizendo: «A cara de Yang está vermelha como uma beterraba».

No ano seguinte, pouco depois da colheita, Ovo de Ferro voltou a casa. Já era mais alto do que o pai e vestia o uniforme cinzento, um embrulho às costas e uma mala de coiro na mão. Atados nas tiras do embrulho, tinha uns sapatos de pano, do cinto pendia um pano para limpar o rosto e uma púcara esmaltada. Tudo segundo o estilo do exército popular de libertação. Apenas a cor do uniforme era diferente. Ainda conservava nos olhos o mesmo olhar atento, mas tinha perdido o jeito da criança que partira. Se não fosse ser tão parecido com o irmão mais velho — ninguém teria reconhecido Ovo de Ferro.

Naturalmente, a família de Yang ficou muito contente por o ver. A mãe examinou-o bem, voltando-o para todos os lados.

«Fizeste-te um homem, moço!», exclamou. «Punhos firmes e braços fortes. Bem, porque não trouxeste a tua mulher?»

«Está ocupada. Não lhe podia pedir que viesse.»

Sempre que alguém regressava à aldeia vindo de fora, era costume os vizinhos acorrerem em massa para o sufocar de perguntas. Ovo de Ferro tinha chegado a casa antes do sol-posto. Mas mesmo quando foi altura de acender a luz as pessoas continuavam a chegar.

Depois do jantar, a mãe estabeleceu o seu programa. «Esta noite, vou lavar algum trigo, amanhã ponho-o ao sol e à tarde vou-o moer. Depois de amanhã, faço um cesto merendeiro. No dia seguinte vais a casa do teu tio; depois no outro dia a casa de outro tio; no dia a seguir...».

«Um momento, mamã! Vai devagar. Tenho que partir depois de amanhã cedo.»

«Não és tu quem decide...»

«Claro que não sou eu a decidir. Depois de amanhã ao meio-dia está um carro à minha espera na cidade. Nessa mesma noite temos de nos encontrar na sede provincial do Partido.»

Yang irritou-se. «Nem penses nisso!» gritou. «Não te posso dizer num só dia todas as coisas que tenho para te contar.»

«Seja lá o que for, tens de mo dizer amanhã.»

«Há uma reunião esta noite, tio Yang» interrompeu-os, entrando, um rapaz. Olhou para Ovo de Ferro. «Quem é?» perguntou. Parecia-lhe conhecer aquela cara, mas não sabia quem era. Apertando a mão ao recém-chegado, perguntou ao pai: «Quem é o caramada?»

«É o segundo filho do Tio Três do quintal das trazeiras.» Ovo de Ferro pensou um instante: «Prosperidade! Não te lembras de mim? Eu sou Ovo de Ferro!»

«Irmão Ovo de Ferro! Se te encontrasse na rua, não te reconhecia». Eles, como os outros, também queriam saber as condições que havia noutros sítios. Era o ajudante do chefe da aldeia, e tinha vindo lembrar a Yang a reunião. Não tinha por isso muito tempo para dispender em conversas com os camponeses idosos. Por isso, perguntou rapidamente qualquer coisa e regressou ao trabalho.

«Descansa um bocado, Irmão Ovo de Ferro! Quando estiver livre, venho ter aqui contigo.»

Vamos, tio Yang! Os outros todos já lá estão.»

«Não posso ir. Ovo de Ferro chegou, e eu ainda não tive tempo de lhe perguntar uma única coisa.»

«Vamos! O chefe da aldeia disse-me que te levasse.»

«Mas não está lá Ovo de Ouro? Não basta que vá um da família?»

«Não. É uma coisa que diz respeito individualmente a todos.»

«Pronto. Vamos lá. Eu já venho.»

«Desta vês, vens mesmo?»

«Vou, vou!»

Prosperidade não podia fazer outra coisa senão regressar à sede administrativa local. Sabia bem que, mesmo que o voltassem a chamar, ninguém podia garantir-lhes a presença de Yang.

Ovo de Ferro estava sentado cá fora com o pai. A mãe estava dentro de casa. Acenderam o candeeiro. Dentro ficou

escuro. Quando Prosperidade se foi embora, a mãe deitou a cabeça de fora e chamou: «Papá, chega aqui». Yang entrou.

«O rapaz está rebelde» murmurou-lhe a mulher, «Tens que lhe dobrar a vontade. Não o deixes ir embora amanhã, seja lá como for.»

«Pois claro. Agora o principal é extorquir-lhe a verdade. Tem que nos dizer quanto ganha por ano exactamente.

Enquanto assim falavam, apareceu novamente Prosperidade. Ultrapassando o umbral, disse a Ovo de Ferro: «O chefe está em reunião e não tem tempo de vir aqui. Diz se podes ir ter connosco e falares tu também.»

«De que trata a reunião? Não estou preparado.»

«É para os pais dos rapazes da brigada civil, que irão para Sul com o exército.»

«Oh, bem! Vim cá precisamente por isso». E, levantando-se, seguiu logo com Prosperidade, quase que o empurrando com a mão.

Naquele momento, surgiu Yang, para ver o que se passava. Prosperidade viu-o e disse: «Vem connosco, tio Yang. És o último. Estão todos à tua espera».

«Está bem, vão os dois andando, que eu já lá vou ter.»

Qual era a finalidade da reunião? As nossas forças avançavam para a montanha Tapie, para apoiar o avanço era necessário a ajuda dos civis. Mas não era como nas campanhas precedentes. Dantes, as brigadas civis eram utilizadas só por breves períodos. Mas desta vez iam estar de serviço seis meses, ou um ano, e iriam atravessar diversas províncias. Deste modo, dentre os jovens, só eram escolhidos os mais robustos. Eram também recusados aqueles cujas famílias não dispunham de outros homens válidos. Além disso, estes jovens tinham que se inscrever voluntariamente, e para isso necessitavam da autorização da família. As inscrições eram apreciadas por homens que tinham atrás de si uma experiência militar. A comissão citadina para a guerra já tinha feito uma primeira selecção e agora reunia-se para decidir sobre os restantes. As famílias tinham liberdade de não dar autorização.

Apesar da quota de inscrição para a aldeia ser apenas de 15 pessoas, tinham-se inscrito 32. A comissão citadina tinha reduzido a cifra para 25. Quando Ovo de Ferro chegou à reunião, já tinham concluído a obra de escolha e registo. Faltava apenas a autorização dos pais.

Com esse fim, já houvera um primeiro encontro. O chefe da aldeia tinha convidado todos a colaborar. Explicou aos pais que ele próprio iria dirigir a brigada, e que portanto nada tinham a recear. O Patriarca, naturalmente não estivera presente. Naquela primeira reunião, um dos presentes, um pai com cerca de quarenta anos, tinha dito: Nós também tomamos parte nas brigadas civis. Transportamos trigo, danificamos as vias inimigas, transportamos os feridos e apanhamos munições. Por isso deixaremos ir os nossos rapazes. Até nós íamos, se nos quisessem — e não faríamos má figura. Destes vinte cinco rapazes, a única dúvida é por Ovo de Ouro. Não é fácil convencer o Patriarca.

«É como a correia duma sela», disse um de brincadeira. «Tragam-mo aqui, que eu já o arrumo».

«O que é o mesmo que dizer que não farás nada. O mais difícil é trazê-lo aqui. Se tu fores capaz, eu depois logo o convenço.»

«No fim da sessão, o chefe da aldeia tinho dito: «Hoje não estão todos presentes. De modo que não tomaremos nenhuma decisão definitiva. Voltem para casa e falem nisto com a família. Ver-nos-emos em breve».

No dia em que chegou Ovo de Ferro, pensava-se portanto chegar a uma conclusão. As autoridades provinciais queriam que no dia seguinte cada aldeia apresentasse a lista dos homens escolhidos. Os voluntários deveriam fazer os preparativos para partirem dentro duma semana.

Prosperidade acompanhou Ovo de Ferro à sede administrativa local, e entrou na sala de reuniões, para depois sair, acompanhado com o chefe da aldeia, que cumprimentou Ovo de Ferro.

«Vieste ver os teus, ou andas em serviço?»

«Em serviço. Andamos a ver como vai pela província a mobilização dos auxílios civis. Vim ter contigo também por isto. Depois de manhã de manhã, penso regressar à sede provincial. Se estiver tudo em ordem, partirei para a regional.»

Ovo de Ferro perguntou depois como iam as coisas pela aldeia.

«Aqui, tudo bem», respondeu o chefe da aldeia. «Superámos a quota que nos fora fixada. Eu próprio irei guiar a brigada.»

«Eu também vou guiar uma», disse Ovo de Ferro. «E mais doze dos nossos quadros o farão.»

O chefe da aldeia mandou depois entrar Ovo de Ferro na sala de reuniões. Todos os presentes se aglomeraram à sua volta, crivando-o de perguntas. Queriam saber da guerra de libertação. Ovo de Ferro falou das nossas vitórias nas várias frentes, depois leu uma lista dos prisioneiros, todos oficiais, e de alta patente, do Kuomitang. Explicou finalmente a necessidade de conduzir a revolução até ao fim.

A nossa zona já foi libertada, devemos portanto sustentar a luta daquelas que ainda estão nas mãos do inimigo.»

«Ovo de Ferro», interveio um homem de meia idade «eu estou habituado a falar claro. E digo o que penso. Dos vinte cinco rapazes que foram escolhidos, o único de que não temos a certeza é o teu irmão, Ovo de Ouro. Isto porque o teu pai é um homem com quem é difícil falar. Vê lá se consegues esclarecer-lhe as ideias, e fica tudo a postos.»

«O rapaz ainda mal chegou a casa», interrompeu o chefe da aldeia. «Não lhe arranjes sarilhos. É um dos nossos quadros e como tal, quando fala nas várias sedes provinciais ou regionais, é escutado. Mas, quando fala com o pai, é outra coisa. Deixa lá Yang. No fim de contas, partir menos um rapaz, que diferença faz?»

A sessão terminou. Ao voltar para casa, Ovo de Ferro perguntava a si próprio como poderia convencer o pai. Através das suas cartas tinha podido verificar que ele tinha ideias muito retrógradas, mas não supunha que o fossem a tal ponto. Contudo, decidiu que lhe havia de falar.

Quando entrou em casa, a mãe protestou: «Porque é que demoraste tanto tempo? O teu pai estava em pulgas».

«Porque é que não vieste, papá?» perguntou ele.

«Tenho muitas coisas importantes para te dizer. Não me posso ocupar agora com outra coisa.»

«Quais coisas, papá? Se tens alguma dúvida, diz-me!» Ovo de Ferro pensava que o pai não quisesse que Ovo de Ouro se unisse à brigada civil.

Yang suspirou. «Por onde começar? No ano em que foi adoptada a política da «redução da renda e do perdão das dívidas», devolveram-nos a terra.»

«Óptimo. O fim da Revolução é dar a todos um novo impulso na vida.»

«Recebemos a nossa terra e unimo-nos a um grupo de socorros mútuos.»

«Melhor ainda. Os agricultores são fortes quando estão unidos.»

«Os outros talvez; nós não.»

«Vocês não, porquê? Tu e Ovo de Ouro fartam-se de trabalhar.»

«Eu, com esta idade, não. Tenho as pernas fracas. Aqui, trabalha-se em regime de troca. Se eu não trabalhar no campo dos outros, tenho que pagar aos que fazem os turnos para trabalharem nos meus. Mas eu já não tenho muito energia. Temos, eu e outra família, em conjunto, um burro pequeno. Mas já tem dez anos. Mesmo quando puxa o arado todo o dia, ganha apenas 9 pontos-trabalho...»

«São normais essas questões de família! Falaremos nisso depois. Tinhas qualquer outra coisa importante para me dizer?»

«Mas é precisamente isto. Escuta. Um vizinho do teu tio tem um burro de primeira qualidade — tem 3 ou 4 **ci** (1), com um pelo cinzento que parece prata, tem quatro anos, bem constituído, em resumo, um bom animal de tiro...»

«E dizes-me isso a mim? Eu não negoceio em gado.»

«Bem constituído, bom animal de tiro e com um dono que deseja vendê-lo. Nem sequer pede muito. Acho que nos convinha comprá-lo. Aquele burrinho poderia fazer-nos ganhar quinze pontos por dia. Além disso, não me veria obrigado a arrastar as minhas pobres pernas pelos campos.»

«E o dinheiro?»

«Claro, isso é a coisa mais importante. Tu podias dar-nos uma ajuda. Eu punha também qualquer coisinha...»

«Oh pai, pai!», murmurou Ovo de Ferro. Não supunha nada que o pai ainda estivesse naquele ponto. Pensava em todos os outros que tinha visto pouco antes. Tinham todos a mesma idade do seu pai, mas eram homens razoáveis, interessados no bem-estar da sua terra. O seu pai só pensava em ter uma boa alimária e em explorar o trabalho humano em troca do de um animal. Este pensamento fez angustiar o coração de Ovo de Ferro, que, para mais, não sabia toda a verdade. O pai esperava, sim, trocar o trabalho humano pelo trabalho animal, mas naquele momento não existia nenhum burro com 3 ou 4 **ci** de altura. Quando Ovo de Ferro tinha saído, os pais tinham engendrado esta história para ver se lhe apanhavam dinheiro.

---

(1) Medida de cerca de 30 cm.

Mas Ovo de Ferro não disse palavra. Estendeu a esteira e deixou-se dormir. Depois de ter adormecido, o pai murmurou para a mãe: «Eu disse o que tinha para lhe dizer, mas não me respondeu.»

«Que fazemos agora?»

«Amanhã, logo falo com o tio dele.»

No dia seguinte de manhã, bem cedo, Yang foi procurar o cunhado. A este, as ideias mesquinhas nunca faltavam. «Não deve ser fácil arrancar-lhe dinheiro», disse a Yang. «Tens de fazer valer a tua autoridade como chefe de família. Deves dizer-lhe: «Se não ganhas qualquer coisa para nós, não te deixo ir trabalhar longe de casa». E o cunhado acrescentou mais umas instruções apropriadas ao caso.

Regressando a casa, Yang aplicou esta alta estratégia e, tendo chamado Ovo de Ferro disse-lhe: «Aqui entre nós, quanto é que ganhas por mês?».

Embora irritado com os modos do pai, que assim abertamente demonstrava o seu interesse pelo dinheiro, Ovo de Ferro respondeu: «Nós temos tudo pago; para que nos serviria o dinheiro? Não fazemos negócios».

«Então, se não ganhas nada, tens que ficar em casa a trabalhar no campo.»

«Não és tu quem pode decidir. Eu pertenço ao quadro governativo.»

«Não me interessa o que és. És meu filho.»

Ovo de Ferro resolveu falar nisso ao chefe da aldeia. Saiu a correr para fora de casa.

«Aonde vais? Volta para trás!», gritou o pai, correndo atrás dele.

Com Yang atrás dele, Ovo de Ferro chegou à sede administrativa local.

O chefe da aldeia perguntou que diabo estava sucedendo. Quando o soube pensou um bocadinho e depois disse: «Não há contenda entre pai e filho que não possa ser resolvida. Sentem-se lá os dois e acalmem. Primeiro, temos que acabar uma coisa urgente. Depois, veremos convosco. «Voltou-se depois para Prosperidade e disse: Vamos lá ver aquilo».

Prosperidade ficou parvo. Estava para abrir a boca e perguntar: «Aquilo o quê?, mas nesse momento o chefe da aldeia saiu da sala e não teve outro remédio senão segui-lo.

Ovo de Ferro e o pai ficaram sós. Yang sentou-se sem dizer palavra. Ovo de Ferro olhou para a mesa de Prosperidade

e leu com atenção a lista ainda não confirmada dos rapazes que seguiam na brigada civil.

Daí a pouco, apareceram o chefe da aldeia e Prosperidade. Deitando um olhar aos dois presentes, o primeiro disse ao segundo: «Se os deixamos aqui os dois sentados um em frente do outro, começam a discutir outra vez. É melhor dividir o trabalho de os reconciliar. Eu vou com Ovo de Ferro para casa e falo no caso. Tu fica aqui e fala com Yang. Pergunta-lhe a opinião pelo que se fez ontem à noite. Ovo de Ferro, vem comigo». E saíram os dois.

Prosperidade dirigiu-se ao pai. «Tio Yang, Ovo de Ouro disse-te qualquer coisa da brigada civil?»

«Eu não sei nada.»

«Então, eu já te explico. Mas antes vamos a ver se acabamos com esta história entre ti e Ovo de Ferro.»

«Não, não, não. Primeiro, falamos de Ovo de Ouro.»

«Está bem, se assim o queres». E Prosperidade contou que Ovo de Ouro tinha sido aceite entre os rapazes da brigada civil.

Yang deu um salto. «Nem por sombras! Vocês os da administração local têm a mania de fazer tudo grande. Como puderam decidir uma coisa dessas sem eu saber?».

«Não fizemos nada às escondidas. Foste convidado para duas sessões mas nunca apareceste. Aliás, não é uma coisa definitiva. É preciso autorização do chefe de família.»

«Não contem com a minha!»

«Isso é lá contigo. Mas ao menos deixa-me explicar-te de que se trata.»

«Não me interessa.»

«Deixa-me falar, tio. Depois farás como quiseres». Prosperidade descreveu a situação nas várias zonas do país, e expôs os motivos pelos quais a Revolução tinha que ser levada a cabo. Falou ainda mais tempo do que Ovo de Ferro falara na véspera, na reunião.

Estavam ainda conversando quando chegou o chefe da aldeia. Yang interrompeu Prosperidade. E, dirigindo-se ao outro, disse: «Irmão, não concordo com a partida de Ovo de Ouro com a brigada civil. Podem dizer o que quiserem, mas não concordo, é só gastar fôlego».

«Se não concordas, não o mandamos», respondeu o chefe da aldeia. E, mudando de assunto. «Aquele teu Ovo de Ferro

tem um feitio dos diabos. Enquanto eu falava, arranjou as coisas e foi-se embora. Não consegui segurá-lo.»

«O quê?»

«Foi-se embora. A mãe e eu ainda corremos um bocado atrás dele mas não o conseguimos alcançar.»

Na verdade, o chefe da aldeia tinha dito a Prosperidade para ficar com Yang só para ajudar Ovo de Ferro a ir-se embora, porque depois de sair tinha dito a Ovo de Ferro: «O teu pai está muito atrasado. Dá ouvidos ao malandro do teu tio e põe-se a inventar histórias só para te apanhar algum. Volta para a sede provincial. É a boa altura para te escapares. Este não é lugar para ti. Tens as coisas arranjadas?»

«Ainda não.»

«Quando chegarmos a tua casa, eu vou fingir que concilio as coisas entre o teu pai e tu. Mas não ligues. Arranja o saco e sai. Eu depois corro um bocado atrás de ti, mas devagar, até teres desaparecido. Assim poderei justificar-me perante o teu pai.»

«Foi assim que Ovo de Ferro se foi embora. E na aldeia disseram de Yang: Obrigou o rapaz a fugir. Pode continuar a armar-se em Patriarca.»

10

«A Lua cansada, foi-se deitar»: este poderia ser o epitáfio em memória da poesia antiga. Precisamente a poesia chinesa tradicional. E é o título duma poesia anónima da China moderna. Passados os primeiros anos difíceis depois da libertação, a bandeira vermelha desfralda-se enfim vitoriosa, e a voz torna-se mais ampla e mais segura: foram lançadas as bases dum mundo «e a terra parece vestir-se de diversa roupagem», e a coralidade das primeiras expressões poéticas torna-se mais completa e acabada. Nasce deste modo uma poesia nova, talvez «banal como as couves e os feijões» e por isso escrita com coragem, versos que permanecerão no tempo porque, como dizia um cantar do exército popular de libertação, «são o início daquilo que um dia será a posteridade». Como quem diz o sinal, a voz do povo num determinado estádio da História.

Canta-se o Partido, claro, e canta-se Mao: graças ao Partido e a Mao, ainda que haja carestia, hoje come-se, e a criança de sete anos vai para a escola. Já não está desarmada perante o destino, a natureza, os deuses do firmamento e os seus representantes na Terra; o homem está tomando consciência da força e do poder que lhe competem: põe-nos ao serviço duma produção incessante (o gap *com parte do resto do mundo, tem terrores alucinantes, que são vencidos em função duma determinada sobrevivência), que abolirá o silêncio das noites chinesas, confundirá os galos habituados às madrugadas do costume, para dar ao país, e portanto a cada um, não apenas uma aparência, mas efectivamente uma nova estrutura. Uma estrutura que tenha o recorte dos poços*

de petróleo, das máquinas, dos campos irrigados e das colheitas abundantes; que não seja como um fio de erva que facilmente se dobra à menor brisa, nem como uma ponte feita só dum tronco, que a primeira tempestade arrasta. Estes, com outros temas, aqueles que perpassam por estes «artistas colectivos» dos anos sessenta. E com eles nasce uma nova simbologia: há um sol em movimento no céu e um imóvel, em Pequim, a fonte do petróleo está na gente, e o fumo do alto-forno, como um novo dragão — símbolo tradicional de poder — não pode deixar de fazer lacrimejar os olhos assustados dos deuses contestados que perderam, e para sempre, a sua rota. Finalmente, Mao — e ninguém melhor do que ele o poderia — fazendo a partir dum ritual tradicional, a saudação ao Deus da pestilência, *diz definitivamente adeus a um passado dramático e cruel.*

OS CANTOS DA BANDEIRA VERMELHA

Esta classe do povo

Este vinho extrái-se deste fruto
Esta árvore tem estas flores
Esta época canta estes cantares
Esta classe do povo fala esta linguagem.

Operário têxtil de Xangai

Escrevemos as nossas poesias com coragem

Apenas trinta dias na escola rural
E já com coragem escrevemos as nossas poesias.
São provavelmente coisas banais, como couves ou feijão,
Mas finalmente têm qualquer coisa de autêntico.

Anónimo, Hopei

Operários, poetas e artistas

Nós operários, escrevemos poesias e pintamos quadros
E as nossas poesias e os nossos quadros têm um significado
porque nascem da nossa vontade
e porque «cavalgamos um veloz corcel».

Aqui estamos, com as nossas poesias e os nossos quadros,
Coisas que permanecerão no tempo.
Porque são poesias e quadros que nascem do trabalho,
Feitas por operários que são também poetas e artistas.

Anónimo, Pequim

Não te rias de mim

Meu jovem companheiro tão bem educado,
Não te rias se empunho a caneta como um cinzel,
Porque, quando eu escrevo
E meto o sangue do meu coração num Tatsepao (1)
E o ofereço ao nosso país
isso tem muito valor.

Anónimo, Hailungkiang

Se cantarmos o partido

Se cantarmos o Partido entre as areias do deserto,
o arroz cobrirá as planícies arenosas.
Se cantarmos o Partido sobre as áridas colinas,
os rios sobem-nas, para irrigar os verdes campos.
Se cantarmos o Partido, é porque águas límpidas
com flores de loto e peixes substituíram os pântanos.
Se cantarmos o Partido nas margens dos rios
É porque se ouve o rumor das turbinas e se acendem as [luzes.

Anónimo, Liaoning

(1) Um tatsepao, de uso comum na China é uma espécie de «manifesto de opinião» ou de jornal mural (falou-se nele na história de Li Sciuang-sciuang) que cada um pode escrever e pendurar pela estrada ou noutro lugar; um modo de exprimir publicamente as próprias opiniões, das sugestões, criticar-se a si próprio, a outrem ou ao governo; os jornais murais tiveram um primeiro surto durante a resistência; explodiram novamente «em grandes letras» na época da revolução cultural.

Os seus raios iluminam a terra

O Sol é quente é vívido:
Os seus raios iluminam a Terra.
Mas hoje já não temos apenas um sol,
mas dois, um velho e um novo,
que não são o mesmo.
Um vive em Pequim;
o outro, no céu.
O Sol do céu aquece o nosso corpo,
o sol de Pequim aquece-nos por dentro.

Anónimo, Hopei

Estou a chegar!

Já não há nenhum imperador de Jade no céu
nem rei Dragão sobre a Terra;
eu sou o imperador de Jade,
eu sou o rei Dragão!
Grito aos picos e às montanhas:
«Abram caminho, estou a chegar!» (2)

Anónimo, Xensi

Mil, dez mil dragões

Mil, dez mil dragões,
Unidos em circulo sobre os mais altos montes;
torrentes escorrem das suas fauces escancaradas
e o rugir das águas enche as colinas e planícies.
Nós comemos o suficiente mesmo quando há carestia,
Porque hoje o homem controla a natureza.

Anónimo, Sechiuan

(2) Estes breves versos ligam-se a um certo tipo de simbolismo tradicional aqui recolhido e transposto para chave moderna. Resumindo: trata-se da afirmação da presença nova do homem e do povo, que, derrotando o passado com os seus mitos no céu e os seus valores na terra, reclamam e descobrem em si (como se verá nas poesias seguintes) a própria força e o próprio poder.

Depende de nós

Depende de nós se os rios correm devagar ou depressa,
depende de nós.
Se dissermos «pára», a água pára;
se dissermos «corre», a água corre;
se dissermos «ergue-te», a água ergue-se;
se dissermos «gera electricidade», ela gera.

Anónimo, Liaoning

Se pergunto

Se olho para os montes Kunlun,
— os seus picos tocam o céu —
e pergunto onde começam todos estes picos,
a montanha responde-me:
«Meu jovem irmão, escuta-me:
Todos estes picos nascem dos meus pés e estendem-se
tudo em volta por milhares de li».

Se olho os montes Kunlun
cujos picos tocam o céu
e pergunto onde começam o Yangtse e o rio Amarelo,
a montanha responde:

«Meu jovem irmão, escuta-me:
esses rios terríveis nascem a meus pés
e estendem-se a sul e a norte.»

«Com dificuldade, por milhares de li
atravessei montanhas e rios,
só para te perguntar:
«Onde ficam as nascentes do petróleo?»

«Meu jovem irmão, no meu seio
o petróleo é como um mar;
espera apenas que homens corajosos
abram a porta com uma chave.»

«Mas em que montanha está o petróleo,
em que praia?
como se é homem corajoso
e qual é a chave para abrir a porta?»

«Em cada montanha há petróleo,
o petróleo está em todo o lado;
é corajoso quem não evita o trabalho
e a chave — é um homem ousado.» (3)

A lua, cansada, foi-se deitar

O Sol desceu por trás das colinas,
as estrelas vão fechando os olhos sonolentos,
A Lua, cansada, foi-se deitar;
mas as azenhas ainda acompanham os nossos cantos.

Anónimo, Xantung

O galo confunde-se

As lanternas rompem a escuridão
e no céu ecoam os golpes dos batedores;
o galo bate as asas e canta,
confundindo a luz das lanternas com a do dia.

Anónimo, Sechiuan

A água sobe as colinas

Homem após homem,
unidos numa longa fila;
balde após balde,

---

(3) Esta poesia é extraída duma selecção CANTOS DAS ZONAS PETROLÍFERAS DE YUMEN. Escreve na Introdução o autor, poeta de certo renome na China dos anos passados: «Quis descrever a vida e a obra de todos aqueles jovens, homens e mulheres, que no deserto procuram criar uma «primavera» numa terra desolada, onde, precisamente, nenhuma primavera floriu». Para além de qualquer referência específica a poesia foi escolhida pelo seu significado simbolista, que se prende ao de ESTOU A CHEGAR.

até formar um curso de água.
A fila chega até ao cimo
e assim a água sobe a colina.

Anónimo, Sechiuan

Esta água profunda é ouro

A água dos nossos canais de irrigação
Afasta para longe as penas e preocupações dos
camponeses.
Os canais dirigem-se para todo o lado,
irrigando as terras sobre as colinas.

Escorre a água nos canais
E o arroz no alto da planta une-se ao seu canto.

A água nos canais é profunda,
e para nós esta água profunda é ouro.

Anónimo, Hopei

Estes rios, donde vêm?

Não se pode dizer que haja poucas estrelas no céu,
Mas já são poucas, comparadas com os diques sobre o
[Hengyang.
Os espíritos da montanha já não encontram o caminho:
Todos estes rios, donde vêm?

Anónimo, Huann

A oriente da nossa aldeia há uma reserva de água

A oriente da nossa aldeia há uma reserva de água
onde se reflectem as sombras dos pássaros a voar.
Ó Nangwulola, (4)
não é então este o teu espelho?

(4) Famoso médico do período dos Três Reinos.

A ocidente da nossa aldeia há arrozais
que se elevam em terraços até quase alcançar o céu.
Ó felicidade,
não é por aquela escada que vens ao nosso encontro?

Povo Tai

Pode deslocar-se uma montanha

Um milhão de vozes que cantam em uníssono,
dois milhões de mãos que trabalham juntas:
assim, com poucos golpes de picareta e pá,
pode deslocar-se uma montanha.

Anónimo, Sechiuan

Um camponês só é como um fiozinho de erva

Um camponês só é como um fiozinho de erva,
que se dobra e requebra sob a brisa ligeira.

Um camponês só é como uma barquinha
que, perdida nas ondas, não consegue flutuar

Um camponês sozinho é como uma parede sem amparo,
Que uma tempestade faz inevitavelmente ruir.

Um camponês só é como a chamazinha duma vela,
que procura em vão resistir a um forte vento.

Um camponês sozinho é como uma pequena ponte
que, quando a água sobe, oscila e é arrastada.

Anónimo, Fukien

As comunas são como pontes de ouro

Um camponês sozinho é como uma ponte feita dum só pau;
a cada passo se arrisca o equilíbrio e pode-se cair.

As esquadras de mútuo socorro são como uma ponte
[de pedra
que não resiste a uma tempestade de vento e de chuva.

A cooperativa já é melhor, é como uma ponte de ferro,
mas não resiste ao tráfego mais pesado.

As comunas são como pontes de ouro
por uma única via conduzem a uma única meta.

Anónimo, Honan

As máquinas cantam em coro

No passado, aqui, tudo era tranquilo, de noite.
Ouviam-se apenas os insectos e o borbulhar das águas.
Mas agora já não há noites silenciosas
e as máquinas cantam em coro até à alvorada.

Anónimo, Hopei

Um dragão sobe para o céu

Do alto-forno ergue-se um fumo azul,
Que é como um dragão que sobe para o céu.
O fumo é mais do que o Imperador de Jade pode suportar
e lágrimas escorrem dos olhos doridos dos deuses.

Anónimo, Sechiuan

Aos sete anos

Com sete anos, meu avô pastava ovelhas
Com sete anos meu pai fugia à fome.
Eu este ano faço sete anos
Eu vou à escola da comuna.

Aluno anónimo

Calculador no lugar do ábaco

O que ontem servia
hoje já não serve:
as quotas estabelecidas esta manhã
foram amplamente superadas.
Vocês, aí, que estabelecem as médias,
é tempo de acabar de contar pelos dedos
e de usar em seu lugar um calculador.

Anónimo, Pequim

O adeus ao deus da pestilência

Verdes rios, colinas azuis — mas com que utilidade?
Estes pequenos gérmens deixaram até Hua To (5) sem
[poder;
ervas incultas sufocavam centenas de aldeias, homens
[acabados;
milhares de famílias consumidas, fantasmas que cantavam
[com alegria.
Sobre a terra percorro oito mil li (6) por dia,
Atravessando os céus vejo milhares de rios.
Se o Bifolco (7) perguntar pelo deus da pestilência,
responde: as alegrias e as penas passadas foram-se com
[as ondas.

O vento de Primavera expira entre dez mil ramos de
[salgueiro
Seiscentos milhões desta sagrada terra todos como Yao
[e Sciun. (8)
Flores que caem à vontade como chuva cor de creme;
Verdes montanhas transformam-se em pontes se tal for
[o nosso desejo.

---

(5) Refere-se à rotação da Terra.

(6) Medida chinesa que equivale a meio quilometro.

(7) Figura da antiga mitologia chinesa. Representa o camponês da China (Correspondente, de certo modo, ao nosso Zé Povinho.) (N.T.)

(8) Antigos e sapientes imperadores chineses.

Picaretas que brilham golpeiam cumes altos como o céu;
fortes braços deslocam os rios, sacodem a terra.
Perguntamos ao deus da pestilência: «Onde te meteste?»
Barcas de papel em chamas e lumes de vela iluminam o
[céu. (*)

Mao Tse-tung

(*) Rito arcaico para afastar os espíritos.

11

Houve quem observasse, e justamente, na minha opinião, que se pode falar da China actual como da maior experiência pedagógica em acto neste momento, no mundo. O valor efectivo desta observação pode ser facilmente constatado assistindo pessoalmente a determinadas experiências. Além das lições nas escolas, na fábrica ou nos campos, os jornais murais, os pensamentos de Mao cantados em grupo, etc., onde não exista ainda a possibilidade de dotar cada tecto chinês com uma ou mesmo mais antenas de televisão, sem contar com a imprensa corrente, os mass media *mais comuns são actualmente a rádio, o cinema e o teatro. Este último, sobretudo, mantém ainda hoje a função principal — e, diga-se o que se disser, de evidente valor político —, que tinha antigamente. O teatro foi, durante séculos, escola, templo é agora para o povo, e um poderosíssimo meio de comunicação que, sob uma aparência «recreativa» (vejam-se os bailados e os cantares, da ópera clássica), difundiam na realidade os «rituais» do poder confuciano.*

O teatro e o cinema modernos retomam hoje esta antiga função e apresentam-se como uma grande arena política, uma ribalta aberta e acessível a milhões de pessoas: exemplo disso, o Grande Mundo de Xangai. Teatro talvez único no mundo no seu género, que pode oferecer a um ocidental a experiência cultural mais extraordinária a que nos pode ser dado assistir, e que sozinho representa a trave mestra de todo um sistema, — quando foi construído, no início de 1900, falava-se dele como duma China em miniatura, e a expressão, ainda que diversamente, pode valer ainda nos nossos

dias. No grande edifício que inclui um palco ao ar livre e diversas salas internas, de modo que se podem realizar ao mesmo tempo doze diferentes espectáculos, revezam-se, das dez da manhã às dez da noite, ao preço de qualquer coisa, como vinte e cinco tostões por bilhete, cerca de dez mil pessoas. Números que falam por si. Pois bem, aqui canta-se, baila-se, ensina-se e representa-se Mao; aqui passam-se longas horas quase em família, ou melhor, em comunidade, comendo e bebendo, conversando e intervindo no espectáculo (as intervenções são bastante frequentes e por vezes interessantes), num clima de quermesse de aldeia, com o avozinho muito velhinho atrás e o mais pequeno a mamar. E, entretanto, é transmitida, e acolhe-se a mensagem, o novo «rito». À primeira vista, pode ser inaceitável, mas, na realidade, aquilo que antigamente era implícito, e ainda é, aqui resulta cruelmente explícito. Eis alguns exemplos.

O GRANDE MUNDO

O oriente é vermelho (1)

A Aurora

Na época de Mao Tse-tung, o povo chinês é feliz, a terra é bela.

Não podemos contudo esquecer os sofrimentos do passado; não podemos esquecer a nossa Longa Marcha sob a guia do camarada Mao Tse-tung.

Na antiga China, uma escuridão profunda envolvia nas suas trevas a terra e o céu. Esmagado pelo peso das algemas da miséria e da desventura, o povo arrastava-se, gritando a sua dor, procurando resistir às três grandes montanhas que tentavam esmagá-lo. A aurora parecia nunca mais querer chegar e a noite è a caminhada nunca mais terem fim.

---

(1) Novo **baile excelsior** no campo oriental, o **O ORIENTE É VERMELHO** é talvez o espectáculo mais representativo que a China levou à cena nestes últimos vinte anos. Nascido no teatro e transportado depois para a tela em cinemascope, ocupa uma **troupe** de cerca de 3000 pessoas e, desde 1946, data em que foi apresentado por ocasião do décimo quinto aniversário da nova república — circula por todos os palcos e todas as telas da China, com a sua lição de história viva em música, os seus cantares e danças populares. (Sob este último aspecto, recorda a lição dum Moisselev ou os coros do Exército Vermelho.) Apoteose da parábola maoísta, tipo dum determinado discurso de carácter agiográfico, é evidentemente um espectáculo para ser visto e ouvido, no papel, perde completamente o seu significado. Apresentamos aqui, contudo o recitativo que introduz os diferentes quadros, bem como o cântico **O Oriente é Vermelho,** cujas notas soavam quando o primeiro satélite chinês atravessou, significativamente, os espaços celestes.

Mas a noite não pode durar eternamente. As salvas da Revolução de Outubro anunciaram-nos o marxismo-leninismo. O grande movimento de 4 de Maio ergue a bandeira da luta contra o imperialismo e o feudalismo. Nasce o Partido Comunista Chinês! O camarada Mao Tse-tung aplica o marxismo-leninismo à Revolução Chinesa, iluminando-lhe os caminhos com a luz da verdade.

Sob a direcção do Partido Comunista Chinês, ergue-se a onda irresistível dos movimentos operários e rurais, varrendo todo o país. Surge uma nova situação: Os nacionalistas e os comunistas colaboram...

A centelha que incendeia a planície

Operários, rurais e soldados avançam corajosamente, erguendo bem alto a grande bandeira da Revolução.

Repentinamente, porém, novas núvens negras escurecem o céu. Rebenta, tremenda, a tempestade. — Chang Kai-chek atraiçoa a Revolução. É a chacina: O sangue dos comunistas e dos revolucionários chineses espalha-se no cais do rio Whangpoo, pelas margens do rio das Pérolas, pelas beiras do rio Hsianchang, nas regiões ao longo da Grande Muralha. As águas dos nossos rios, a nossa terra estão tintas de sangue.

Mas não se pode exterminar o povo, não se pode sufocar a revolução, nada consegue atemorizar os comunistas. «Eles erguem-se outra vez, enxugam o sangue, sepultam os companheiros caídos e retomam a luta».

Escuta... o rombo distante como que dum trovão, que anuncia o primeiro temporal de primavera: são os canhões da insurreição de Nanciang! Olha, além, uma luz que é cada vez mais clara: é o facho flamejante do camarada Mao Tse-tung, que nos guia para a «insurreição da colheita de outono». A tempestade da Revolução varre as margens do rio Yangtse, repercutindo-se de norte a sul.

As bandeiras vermelhas exultam ao vento. Uma centelha incendiou a planície. As forças revolucionárias das duas insurreições reunem-se sobre o monte Chiangkang.

Executa-se a reforma agrária, surgem, uma atrás da outra, as bases vermelhas de apoio. A luz do pensamento de Mao Tse-tung guia o desenrolar da grande revolução.

Atravessando milhares de montanhas e rios

A Revolução avança, vitoriosa. Surgem as bases vermelhas. Mas os oportunistas conduzem a Revolução por caminhos errados. Mais uma vez a causa do povo se encontra em perigo. (Contudo)... Mao Tse-tung, o nosso grande timoneiro volta a colocar o barco na rota certa, iça as velas e guia-a, através de rápidas correntes e perigosos baixios, de vitória em vitória.

A Longa Marcha é o arauto que proclama perante o mundo: o Exército Vermelho é um exército de heróis! A Longa Marcha é a força de propaganda que anuncia ao povo: a via percorrida pelo Exército Vermelho é a única via para a libertação! A Longa Marcha é o semeador que lança as sementes da Revolução: estas germinarão, hão-de crescer, florir, e finalmente darão os seus frutos!

A guerra de resistência anti-japonesa

O Exército Vermelho dos operários e dos camponeses completa vitoriosamente a sua Longa Marcha de 25.000 **li.** O 1.°, 2.° e 4.° Exércitos reunem-se no Noroeste. O estandarte da libertação nacional, desfraldado bem alto, incita o povo a unir-se a um grande movimento de resistência contra a agressão japonesa, para salvar a pátria.

Mas os reaccionários de Chang Kai-chek, sem se preocuparem com a sorte do país, voltam os canhões para o interior, decididos a esmagar o Partido Comunista e arrastando-se de joelhos perante o imperialismo japonês, cedendo-lhe vastos territórios da nossa pátria. Quantos perdem os seus entes queridos, quantos encontram o seu lar destruído! Gritos de furor se elevam do povo martirizado. Chega a hora da resistência! Às armas!

Os olhos de todos aqueles que se recusam a ser escravos olham para além das margens do vertiginoso Yenho, aos pés da Colina do Pagode, em Yenan. Yenan, farol da Revolução, tu guias o povo na sua luta contra os agressores japoneses, tu o conduzirás à vitória!

O VIII Exército e o novo IV Exército combatem furiosamente contra a furiosa onda dos invasores. Os reaccionários do Kuomitang bloqueiam as regiões libertadas, na tentativa de reduzir à impotência a população, pela fome. Mas o exército

e o povo, respondendo ao apelo do Partido Comunista e do Presidente Mao Tse-tung, lançam um grande movimento de produção. Confiando nas suas próprias forças eles superam todas as dificuldades e prosseguem a guerra de resistência.

Fazemos cair o domínio de Chang Kai-chek

Finalmente, alcançamos a vitória. Mas, imediatamente depois, Chang Kai-chek, o traidor, que durante os oito anos de guerra da resistência tinha ficado escondido no monte Omei, sai do seu covil para desencadear a guerra civil em todo o país. Nas regiões ocupadas do Kuomitang, o povo insurge-se contra a fome, a perseguição e a guerra civil e ninguém pode pará-lo. As portas das prisões não podem conter a maré crescente da resistência, as mangueiras da polícia não podem extinguir as chamas da luta.

Fazendo-se forte dos seus milhões de homens, armado pelos imperialistas americanos com aeroplanos e canhões, Chang Kai-chek escancara as fauces, esperando engolir as regiões libertadas. Não! a roda da História não pode andar para trás. É a luta decisiva. A luta entre a luz e as trevas, a luta entre dois destinos. É a bifurcação do futuro. A comissão central do Partido Comunista e o Presidente Mao chamam-nos para a luta. Ecoa a trombeta de guerra. Abatamos Chang Kai-chek! Libertemos toda a China!

O Povo Chinês está de pé

Caros camaradas! Lembram-se como de madrugada, quando ecoava o canhão e de noite, quando a tormenta enfurecia, nós sonhávamos com o dia da vitória? Esse dia chegou. Lágrimas de alegria nos velam os olhos, somos felizes, cada um é feliz, os rios cantam e riem, e as montanhas reconquistam a sua juventude. Ecoa poderosa a voz de Mao Tse-tung, ribombando por todo o mundo: nasceu a República Popular Chinesa: o povo chinês está de pé!

Mas o imperialismo americano não se resigna com a derrota sofrida na China e em toda a Ásia. Com uma mão, apanha o território chinês de Taiwan; com a outra, deita a tocha da guerra de agressão sobre a terra da Coreia. Chega-nos aos

ouvidos o rombo ameaçador da artilharia, que flagela toda a península. Vemos o clarão das chamas que se elevam altas no céu, para além do rio Yalu. Os nossos irmãos coreanos estão resistindo heroicamente ao ataque do inimigo.

O povo chinês e coreano têm a mesma carne e o mesmo sangue. A China e a Coreia estão ligadas por rios e montanhas. Não podemos ficar a olhar de braços cruzados. O Partido Comunista e o Presidente Mao lançam o grande apelo: ajudemos o povo coreano, resistamos à agressão americana, defendamos o nosso país e as nossas casas, cortemos as garras aos invasores!

As altas montanhas nevadas sobranceiras ao Tibet não são suficientemente altas para ocultar o Sol. Correm impetuosas as águas gélidas do Yalutsngpo, mas não tão impetuosas que arrastem consigo a Primavera. Um milhão de escravos põe-se de pé, à luz do Sol. O tépido sol da Primavera derrete as neves e os gelos milenários.

A nossa Pátria avança

O Rio Amarelo e o Yangtse prosseguem o seu antigo curso, mas hoje eles cantam connosco a imagem radiosa da nossa grande pátria socialista. Todas as nacionalidades da China sob a guia de Mao Tse-tung prosseguem a luta com um só coração e uma só mente, e realizam as três grandes transformações socialistas. O nosso povo avança sobre a via do socialismo, procurando alcançar metas cada vez mais elevadas, resultados cada vez maiores, mais rápidos, melhores e mais económicos. Devemos libertar Taiwan! Temos que levar por diante a revolução socialista!

O mundo avança

Todos os continentes estão em fermento, os mares levantam-se, enfurecidos. O vento de oeste está caindo, ergue-se impetuoso o vento de leste. Proletários de todos os países, uni-vos! Povos oprimidos, nações oprimidas de todo o mundo, uni-vos! Povos de todo o mundo, unamo-nos! Ombro a ombro, mãos nas mãos, varramos definitivamente as tenebrosas for-

ças do mal! O Sol Vermelho surgirá, radioso, para iluminar todo o mundo.

O Oriente é Vermelho

O oriente é vermelho
O Sol está nascendo.
Na China nasceu um Mao Tse-tung
Que se preocupa com o bem-estar do seu povo,
hu erh hai yo.
Libertou o povo
e pôs-se à nossa frente
para construir uma nova China,
hu erh hai yo.
Guia-nos em frente, sempre mais em frente.
O Partido Comunista é como o Sol,
que onde brilha leva a luz.
Onde houver o Partido Comunista,
o povo é livre.
Onde houver o Partido Comunista,
o povo é livre.
Livre.

A nova geração (2)

Os pais de Lin Yu-sceng são revolucionários. Capturados e mortos nas prisões do Kuomitang, antes de morrer escrevem

(2) O teatro e o cinema andam a par na China. Aquilo que se vê num palco vê-se depois numa tela. Por isso também uma parte duma encenação como aquela que aqui apresentamos (e cujo autor é Chen Yu), ou seja, a parte final do filme **A nova geração**, responde a um fim idêntico e entra no discurso introduzido com o Grande Mundo. Os temas são duma simplicidade exemplar: basta dizer que, no campo da imagem (incluindo televisão e banda desenhada, teatro de sombras e **marionetas**) existe também um grande «legendar» visivo — já típico do teatro antigo —, extremamente eficaz para a transmissão da mensagem. Por exemplo: os heróis bons e positivos são geralmente serenos e seguros de si, têm uma determinada pintura, sorriem também duma maneira persuasiva e serena; enquanto que os anti-heróis são, por assim dizer, mais feios e abrutalhados, têm a pintura mais acentuada e agressiva e a voz estridente e em falsete, os gestos exagerados e grotescos, e assim por diante. (N. do C.)

uma carta ao filho, Lin Yu-sceng, de quem em seguida se ocupou o seu camarada Lin Chen, que o criou na própria casa como um filho. (O rapaz não sabe que Lin Chen não é seu pai).

Chega a libertação. Lin Yu-sceng vive e estuda serenamente na nova China, e acabado de se diplomar em geologia, é-lhe designado um lugar num grupo de pesquisas na distante província de Chingai.

Cansado de viver com necessidades, e incapaz de se habituar àquela vida que era tudo menos cómoda, Lin Yu-sceng regressa a Xangai, dando como pretexto uma doença imaginária, e em menos de um ano, sob influência de ideias burguesas, torna-se um preguiçoso individualista. Para poder permanecer em Xangai, falsifica o certificado médico que atesta a sua incapacidade para um trabalho exaustivo na distante região de fronteira. Quando é dado um trabalho a Hsia Chenju, filha de Lin Chen, após diplomada, e a irmã desta, Lin Lan, quer ir trabalhar para uma fábrica, ele procura dissuadi-las disso.

Finalmente, descobre-se que falsificou o certificado médico.

Fora, chove torrencialmente. A sala de Lin está vazia. Lin Yu-sceng, de mau humor, está no quarto de Hsia Chen-ju que, em silêncio, se assoma à janela.

Entra Lin Chen na sala. Tem um envelope na mão. Seguem-no a mulher, Hsia Sciu-sciuan e a filha, Lin Lan.

Lin Chen (chamando, com voz dura) «Yu-sceng!»

Do quarto do primeiro andar, descem os dois jovens. Entram na sala.

Lin Chen caminha pela sala em grandes passadas. Depois, não conseguindo já conter a sua emoção e também a sua indignação, pergunta a Lin Yu-sceng: «Onde está aquele certificado médico?»

Lin Yu-sceng não tem outra escolha; tem que o mostrar.

Lin Cheng (com o rosto severo) «Vai pregá-lo na parede».

Lin Yu-sceng (rogando) «Papá!»

Lin Chen — «Que isto sirva de lição para ti, para mim, para toda a família. Desonraste a classe trabalhadora inteira. Abandonaste o teu posto de trabalho, mostraste-te indigno do Partido, que te ofereceu possibilidades, dos professores, que te ensinaram tudo aquilo que sabes, até dos teus pais, que deram a sua vida pela causa comum».

Lin Yu-sceng fica pasmado. Aproxima-se rapidamente de Hsia Sciu-sciuan, agarra-lhe numa mão e olha interrogativamente nos olhos.

Hsia Sciu-sciuan (com profunda emoção) «Escuta, Yu-sceng. Nós não somos os teus verdadeiros pais. O teu pai e a tua mãe são aquele tio Sciao-pai e aquela tia Yu-fen de que te falamos tantas vezes. Foram assassinados há vinte e seis anos numa prisão do Kuomitang».

Lin Yu-sceng (emocionado) «É verdade?» Larga a mão de Hsia Sciu-sciuan.

Lin Chen entrega-lhe gravemente um envelope que tem na mão. «Isto foi tudo o que a tua mãe te deixou. Abre-o».

Lin Yu-sceng agarra na carta e abre-a com mão trémula. Tira uma folha e uma fotografia, depois, lê em voz alta:

«Querido filho, os assassinos estão prontos e os companheiros cantam. Estamos à espera da execução. Não voltarás a ver os teus pais.»

Lin Chen e a mulher escutam, profundamente comovidos.

Com as lágrimas nos olhos, Lin Yu-sceng prossegue: «Meu filho, escrevo-te estas poucas linhas para que tu possas sempre recordar-te de que o teu pai e a tua mãe foram sempre trabalhadores e que deram os dois as suas vidas pela causa da Revolução. Um dia poderás até esquecer o teu pai e a tua mãe. Mas há uma coisa que não deves esquecer: é que existe um inimigo e que tu és filho da classe trabalhadora. Deves lutar até ao fim para a libertação da tua classe, pela causa da tua classe...»

Lin Lan e Hsia Chen-ju estão ambas muito comovidas também.

Lin Yu-sceng (com a voz mais rouca) «estamos para te deixar. Quando fores grande, lembra-te de manter bem alto a bandeira vermelha. Não te separes da Revolução, nunca abandones a luta. Segue o Partido e sê sempre leal para com o Povo... Adeus, filho querido, nunca esqueças as tuas origens...»

Lin Yu-sceng está esmagado pela dor e tem os olhos cheios de lágrimas. Grita: «Mãe, Mãe!» Esconde o rosto nas mãos e encosta-se à mesa a soluçar.

Os outros não ficam indiferentes ao seu sofrimento. Uns enxugam uma lágrima; outros movem-se pela sala, procurando disfarçar a comoção.

Após uma pausa densa de comoção, Lin Chen aproxima-se do rapaz e diz-lhe gravemente: «Filho, não chores. Sofri tanto como tu da primeira vez que li esta carta. Mas os teus pais não queriam que tu chorasses sobre as suas palavras, nem sobre a sua sorte. Queriam apenas que tu não esquecesses, que todos nós não esquecêssemos nunca que o inimigo ainda está à espreita e que devemos combater até ao fim pelos nossos ideais. Hoje sobretudo, que o imperialismo procura com todos os seus meios instrumentalizar os jovens para minar a Revolução, deves estar atento e lembrar as tuas responsabilidades...»

Lin Yu-sceng levanta a cabeça e agarra o braço de Lin Chen. «Papá... não digas mais nada». Levanta-se, volta-se e sai repentinamente sob a chuva que cai.

Hsia Sciuan-sciuan e Hsia Chen-ju, gritando, «Yu-sceng!», fazem menção de correr atrás dele.

Lin Chen manda-as parar. «Não, não serve de nada! Deixem-no ir. Que esclareça as ideias. Deixem-no ir».

Vê-se que, no exterior, Lin Yu-sceng caminha em grandes passadas pela rua ladeada de árvores, sob a chuva e o vento.

12

O Furacão, *o romance que deu fama a Chiou Li-po e o promoveu a dada altura ao primeiro plano entre os escritores da China contemporânea, inicia-se em 1949 com a entrada de um grupo de activistas para a reforma agrária, numa aldeia perdida nas campinas chinesas. É o início duma mobilização que, em palavras de Mao, fará «arrancar os camponeses como um furacão... como uma força extraordinária que nenhum poder conseguirá reprimir». Verificou-se assim, nos anos cinquenta, a primeira onda revolucionária, e os activistas, neo-funcionários do novo Governo Comunista acabado de surgir, tinham na sua frente uma tarefa nada fácil, de volume variável: durante séculos, os funcionários do Estado tinham representado prepotência e vexame, defesa do privilégio aristocrático, conivência com um poder hostil às grandes massas. Estes, pelo contrário, propunham-se como defensores e porta-vozes duma palavra que não era fácil compreender, por diferente, e de difundir, precisamente porque pretendia subverter o atávico* status *campesino. Portanto, figuras e conceitos novos, por todo o lado, nem sempre aceites e entendidos com benevolência. Uma batalha dura, como conta Chiou Li-po, mas por fim vitoriosa. Mas, volvidos os anos, com algumas coisas realizadas e tendo enfim a nova China alcançado a meta dos seus primeiros vinte anos de vida, segundo uma* praxis *decididamente normal, activistas e não activistas, tendo-se perdido em parte a carga revolucionária, apresentam-se como que entorpecidos, fala-barato, um tanto burocratas. O escritor observa, anota e por vezes sorri, num rápido quadro como é este da* Família do

Outro Lado da Montanha, *fazendo notar pequenas verdades, naquele momento banais, mas que adquirirão maior consistência nos anos seguintes, ou seja, na altura da Revolução Cultural de 1966.*

Tendo nascido em Hunan em 1908, expulso da Universidade de Xangai por actividades políticas, prisioneiro e depois evadido dos cárceres do Kuomitang, Chiou Li-po ensinou durante um certo período no Instituto Lu Hsun de Yenan. Jornalista, correspondente de guerra, tradutor (a ele se devem as versões chinesas de Pushkin e Sholokov), encenador cinematográfico, é sobretudo conhecido pelo Furacão *— publicado também em Itália — com o qual venceu um Prémio Stalin para a literatura e a que depois deu seguimento ideal com o romance* As Grandes Mudanças Verificadas numa Aldeia Serrana.

CHIOU LI-PO

A família do outro lado da montanha

Na sombra das árvores que a Lua projectava sobre o declive, caminhávamos para um casamento do outro lado da montanha.

Porque se vai a um casamento? A esta pergunta poder-se-ia responder: por vezes, as pessoas gostam de ir a um casamento para ver a alegria dos outros e, por reflexo, receber também um pouco dela.

Na nossa frente seguiam algumas moças. Quando as moças seguem em grupo, riem sempre. Estas riam continuamente. Uma delas teve mesmo que parar na beira da estrada, dobrada ao meio pelas gargalhadas. E mesmo continuando a rir, resmungou qualquer coisa na direcção da que provocava a risota. Porque riam? Não fazia a mais pálida ideia. Geralmente não percebo muito de moças. Mas consultei um conhecedor, que delas percebe muito. Ele observou que riem «porque lhes apetece». A princípio, pareceu-me que esta resposta era muito inteligente. Mas outro, depois, disse-me que, embora não se possa dizer, porque riem, contudo, falando na generalidade, a juventude, a saúde, a vida sem preocupações na cooperativa, os campos verdejantes em que trabalham, o facto de serem pagas como os homens, aquele ténue luar, o subtil perfume das flores, um amor indefinido ou real... todas estas coisas podem ser o motivo da alegria delas».

Pensei que também nestas palavras havia muito bom senso.

Ultrapassada a montanha, chegámos a casa do noivo: duas pequenas divisões num edifício de tijolo. À porta de casa estava pendurada uma lanterna vermelha de estilo antigo. As moças

entraram como um enxame de abelhas. Segundo a tradição local, podiam utilizar este privilégio sempre que numa família se festejava uma ocorrência feliz. Antigamente, na noite de núpcias duma amiga, as moças solteiras costumavam escutar à porta ou pela janela do quarto nupcial. Quando ouviam frases como «Uhm, tens sono?», escapavam rindo como perdidas. Continuavam a rir no dia seguinte. Mas outras vezes não ouviam nada. De facto, quem tinha uma certa experiência neste género de coisas, naquela primeira noite de beatitude permanecia completamente em silêncio, de modo que as moças que escutavam para lá da janela tinham que se ir embora desiludidas.

O grupo de pequenas que nos precedia entrou todo junto para o quarto. Teriam vindo para escutar?

Tinha apanhado camélias para oferecer aos noivos. Dum lado da porta vi uma tira de papel vermelho em que estavam escritos alguns caracteres. À luz da lanterna lia-se perfeitamente:

«Canta-se nas ruas
E em casa há alegria.»

Mal entrámos, veio receber-nos um jovem sorridente. Era o noivo, Tsou Mai-chiu, o dispenseiro da cooperativa. Era pequeno e robusto, com o rosto gentil. Alguns diziam que era um homem simples e honesto, mas outros afirmavam que não era assim tão simples pois tinha encontrado uma bela noiva. Diz-se que as mulheres bonitas não amam os homens simples. Quem sabe? Vejamos a noiva.

Tendo entregado as camélias ao noivo, passámos para o quarto de dormir.

No gradeamento de madeira das janelas, tinha sido posto papel novo, decorado na parte central com a palavra «felicidade» recortada em papel vermelho. (1) Nos cantos do quarto, sempre recortados em papel, havia peixes, orquídeas e dois belíssimos vasos com dois gordos leitões aos lados.

(1) Fala-se aqui dos famosos recortes em papel de arroz, arte antiga e muito comum na China, fruto de extrema paciência e habilidade, com que os Chineses são capazes de reproduzir seja o que for: coisas, pessoas, animais, objectos.

Entrámos no quarto. As moças já lá estavam e riam e conversavam entre si. Assim que entrámos, elas saíram em fila. E desataram a rir.

Observámos depois a sala. Havia muita gente. A noiva e a madrinha de casamento, que era também sua cunhada, estavam ambas sentadas na beira da cama. Esta última tinha ao colo o seu menino de três anos e ensinava-lhe uma canção:

«Com os sapatinhos vermelhos um menino de três anos
Vai com passinhos trémulos para a escola, como o irmão [mais velho.
Não me ralhes, professor, que eu já volto;
Vou a casa beber um golo de leite do peito de minha mãe.»

Olhei para a noiva, Po Hsui-lien. Ainda que não fosse duma beleza arrebatadora, não era feia. Tinha as linhas do rosto e a figura agradáveis. Concluímos assim que o noivo era um homem simples, ainda que não demasiado. Apesar de sentir os olhos de todos postos em si, a noiva permanecia impecável e nada intimidada. Pegou no sobrinho do colo da mãe e fez-lhe cócegas para o fazer rir; depois, levou-o para brincar no quintal. Passando ao nosso lado, deixou atrás de si um rasto perfumado.

Acendeu-se o candeeiro de querosene. A luz avermelhada iluminou o ambiente. A cama era velha e o mosquiteiro e as franjas da colcha de brocado só tinham sido parcialmente substituídas. As únicas coisas novas eram as duas almofadas.

Em cima da mesinha de laca vermelha, junto da janela, havia dois castiçais de casquinha e dois espelhinhos rectangulares. Havia também chávenas de porcelana e um bule decorado com o carácter «felicidade» em papel vermelho. Dentre tantas prendas, ressaltavam dois monjes em porcelana, meio-nus, com enormes ventres, que riam como perdidos. Porque riam? A eles, monjes, aquela festa devia parecer como uma coisa completamente frívola e vazia. Porque tinham eles vindo ao casamento? Pareciam também felizes. Penso que tivessem aprendido a manter uma atitude um pouco mais esclarecida perante a vida.

Entre toda aquela gente que falava e ria, estava o chefe da aldeia, o director da cooperativa, o veterinário e a mulher deste último. O chefe da aldeia era um homem muito sério. Quando os outros brincavam ele, nunca se ria. E mesmo quando

era ele a brincar, o seu rosto ficava impassível. Era um homem muito ocupado. Não tinha a menor intenção de vir ao casamento. Mas, como Tsou fazia parte do pessoal da cooperativa e era também seu vizinho, tinha tido que fazer pelo menos acto de presença. Mas, mal tinha posto o pé em casa, a mãe do noivo tinha-lhe dito: «Vieste em boa altura. Precisamos justamente duma pessoa competente». E com estas palavras queria dizer que tinha de ser ele a oficiar o ritual.

Por isso foi forçado a ficar. E falava e fumava enquanto esperava o início da cerimónia.

O director da cooperativa também era dos que tinham muito que fazer. Tinha normalmente que participar em duas sessões por dia, e fazer pelo menos três discursos duma certa responsabilidade. E ainda trabalhava nos campos. Por vezes, a mulher queixava-se-lhe de que ele, à noite, vinha sempre tarde. Ele trabalhava muito e nunca se lamentava. Contudo, apesar dos afazeres, tinha-se vindo congratular pela união destes dois jovens: Tsou Mai-chiou era um dos seus melhores colaboradores. Quisera estar presente para demonstrar a sua simpatia e para oferecer os seus préstimos.

De todos os convidados, o veterinário era o mais falador. Depois de ter focado diversos assuntos, falou finalmente de matrimónio.

«Há também aspectos positivos nos casamentos combinados. Assim, não se tem a preocupação de procurar mulher», disse ele, e de facto ele tinha sido casado segundo o regime antigo, ou seja, de modo arbitrário, mas sentia-se igualmente muito feliz. Na verdade, com o rosto marcado pelas bexigas e pelo álcool, só por si nunca teria encontrado uma mulher tão linda.

«Eu sou pela livre escolha no matrimónio», disse o director da cooperativa. A mulher que ele tinha desposado também segundo os velhos costumes, ralhava muito com ele, e isso fazia com que detestasse o velho sistema.

«Concordo contigo». O chefe da aldeia tomava a posição do director da cooperativa. «Há até uma canção que fala dos casamentos à antiga».

«Que diz?» — convidou-o o director da cooperativa.

«O casamento à antiga não promete qualquer liberdade;
A mulher chora e o homem aflige-se;
Ela chora até fazer transbordar o rio Yangtsé,

Ele aflige-se até cobrir com um penacho branco o cimo [das verdes montanhas.»

«Mas é realmente assim tão mau?», riu-se o director da cooperativa.»

«Nós nem choramos nem nos afligimos», disse o veterinário, olhando com orgulho para a mulher.

«És como um cão cego que bate numa coisa boa para comer», disse o chefe. «Falar de lágrimas lembra-nos os usos do Tscinsci». Calou-se, para acender o cachimbo.

«Que usos?», perguntou o director.

«Quando numa família se casa uma filha, pagam-se pessoas para chorar. As famílias ricas alugam às dúzias.»

«E o que é que acontece se não souberem chorar?», inquiriu o veterinário.

«Mas contratam gente capaz! Em Tscinsci há profissionais do pranto, verdadeiros técnicos deste negócio. Seguem quase um ritmo, como no canto, e é uma coisa agradável de ouvir.»

Do lado de fora da janela, ouviu-se rir. As moças, que se tinham afastado, evidentemente já estavam à escuta. Incluindo a noiva, todos se uniram àquela gargalhada. As únicas pessoas que permaneceram impassíveis foram o chefe da aldeia e a bela esposa do veterinário.

«Tens alguma coisa?», perguntou o marido baixinho.

«Anda-me a cabeça à roda e estou enjoada.»

«Não estarás grávida?», sugeriu o director da cooperativa.

«Já foste ao médico?», perguntou a cunhada do noivo.

«Mas se todas as noites dorme com um médico na cama! Não precisa de ir procurar outro!», disse o director a rir.

«Dizeres essas coisas com a tua idade! Tu, o director da cooperativa!»

«Estamos prontos» chamou alguém. «Por aqui, se fazem favor». Entraram todos para a outra divisão. Com o menino ao colo, a cunhada seguiu a noiva. As miúdas entraram também. Encostaram-se à parede, ombro a ombro e de mãos dadas. Olhavam para a noiva, sorrindo e fazendo comentários em voz baixa.

Num canto do quarto, havia uns carrinhos, cestas e esteiras de bambu, que pertenciam à cooperativa. Na mesa do centro tinham sido acendidas duas velas vermelhas, que brilhavam entre dois vasos de camélias.

A cerimónia começou. O chefe da aldeia tomou lugar. Leu os vários artigos do contrato de casamento, disse poucas palavras e foi sentar-se ao lado do director da cooperativa. A moça que fazia de mestre de cerimónias anunciou que agora falaria um dos convidados. Quem quer que tivesse estabelecido o programa, tinha deixado para o fim o discurso da noiva, que era sempre o mais interessante na cerimónia. Assim, todos esperavam, impacientes, que os oradores se despachassem.

Foi convidado a falar primeiro o director da cooperativa, mas ele limitou-se a dizer:

«Deixem falar a noiva. Eu estou casado vai vinte anos e já me não lembro o que é estar casado de fresco. Que vos havia de dizer?»

Todos riram e aprovaram. Contudo, quem se levantou para falar não foi a noiva mas o veterinário com o rosto marcado pelas bexigas e pelo álcool. Falava lentamente, como um actor. Começou a falar da nossa terra, antes e depois da libertação; para chegar, por fim, com uma desfilada de termos técnicos, à situação internacional.

«Tenho um encontro marcado. Vou-me embora», disse baixinho o chefe da aldeia ao director da cooperativa. «Fica tu até ao fim».

«Mas eu também tenho que ir.»

«Não. Não nos podemos ir os dois embora», respondeu o chefe da aldeia. Fez um aceno com a cabeça à mãe do noivo, para se desculpar, e saiu. O director da cooperativa foi assim obrigado a ficar. Aborrecido de ouvir o orador, disse para quem estava a seu lado: «Quem sabe o que tem a ver este casamento com a situação internacional?»

«É sempre assim, e até agora só tocou dois temas. Mas ainda há muitos outros.»

«Devíamos inventar qualquer coisa que fizesse comichão em quem fala. Assim, tinha de se coçar em vez de falar», disse o director.

Cerca de meia hora depois, os convidados aplaudiram outra vez. O veterinário tinha finalmente acabado o seu discurso. Era a vez da noiva. Com as tranças atadas com um fio de lã vermelha, ostentava uma atitude impassível, mas tinha o rosto em chamas. Começou: «Camaradas e amigos», sinto-me muito feliz esta noite, muito, muito feliz».

As pequenas riram-se estupidamente. Mas a noiva, que naquele momento afirmava ser muito, muito feliz, nem sequer

sorria. Pelo contrário, estava nervosíssima. Continuou: «Casámos há um ano».

Ao princípio, os presentes ficaram espantados, mas depois começaram a rir. Perceberam que com a atrapalhação tinha falado de casamento em vez de noivado.

«Casamo-nos hoje. Sinto-me muito feliz». Interrompeu-se e, antes de continuar, olhou para os convidados. «Por favor, não interpretem mal quando digo que sou feliz. Isto não quer dizer que vou ficar em casa regalada, sem fazer nada. Não tenho intenção de depender do meu marido. Eu também farei a minha parte. Trabalharei na cooperativa, e veremos então quem trabalha melhor.»

«Hurrah! E procura batê-lo também!» Um jovem aplaudiu.

«Isto é quanto tenho a dizer». E a noiva, corando, afastou-se da mesa, no centro da sala.

«É tudo?» Uns queriam que falasse mais.

«Falou pouco demais», dizia um insatisfeito.

«Agora, toca aos parentes da noiva», disse a que fazia de mestre de cerimónias.

Com o menino ao colo, levantou-se a cunhada.

«Eu não estudei e não sei falar». Corou e voltou a sentar-se.

«Perguntemos a Tsou se aceita o desafio da noiva», sugeriu alguém.

«Onde está?»

«Mas não está aqui», descobriu então alguém.

«Foi-se embora», afirmou um.

«Foi-se embora? Porquê?»

«Que havia de fazer?»

«Só de doidos. Que raio de noivo!»

«Talvez se tenha assustado por ela querer competir com ele!»

«Vamos procurá-lo. É incrível! Os parentes da noiva estão ainda aqui. Vamos procurá-lo, vá» disse o director da cooperativa.

Saíram todos, munidos de tochas e lanternas eléctricas. Procuraram-no pelas montanhas, junto dos ribeiros, nos pântanos, em todo o lado. O director da companhia, com os outros homens que se tinham vindo a reunir durante as pesquisas, notou finalmente uma luz na cave onde se conservavam as batatas doces.

«Afinal, estás aqui. Mas tu estás doido...»

Ouviu-se qualquer coisa parecida com uma imprecação.

«Porque te foste embora? Receias o desafio da tua mulher?», perguntou o director.

Com uma lanterna na mão, Tsou Mai-chiu saiu da cave. Sacudindo a poeira do fato, ergueu as sobrancelhas e disse em voz baixa, com calma: «Em vez de estar para ali a ouvir o parvo do discurso do veterinário, pensei que era melhor dar uma vista de olhos às nossas batatas».

«És um bom dispenseiro, mas não há dúvida de que és um marido medíocre. Não pensaste que a noiva se podia ofender?», perguntou o director da cooperativa em tom de reprimenda, mas ao mesmo tempo encorajante.

Nós fomo-nos embora depois de ter acompanhado a casa Tsou Mai-chiu. Novamente, à sombra das árvores iluminadas agora pela Lua, que caía para ocidente, voltámos pelo mesmo caminho. O grupo de moças que tinha vindo connosco ficou para trás.

Estávamos no início do Inverno e a brisa da noite, embebida do perfume das flores, trouxe-nos o eco das suas gargalhadas. Deviam estar à escuta. Teriam já captado qualquer coisa de interessante?

13

Dizer que cada início tem em si o gérmen do fim e que depois cada fim significa outra vez início, não é novidade. Um conceito que, se por um lado se reencontra no momento revolucionário do materialismo moderno, na China, (como aliás já noutras civilizações antigas), já pode ser detectado no século VI a. C. e exactamente no filósofo Lao-tse, «pai» do taoismo verdadeiro, que, tendo sofrido não poucas degenerescências durante os séculos, sobretudo de carácter religioso, através dos séculos se impõe sempre como vital alternativa ao imobilismo confuciano. Ao contrário de Confúcio e do seu mundo de valores absolutos e intocáveis (pelo que ontem é igual a hoje e hoje a amanhã), Lao-tse significou sempre a realidade nova, diferente e relativa, quer dizer, significou a mutação: não foi por acaso que teve como seu símbolo a água. Um aspecto que nunca foi suficientemente evidenciado pelos estudiosos do pensamento de Mao é a persistência no chefe chinês desta matriz antiga, entendida em termos modernos. Na verdade, não é errado afirmar que, se Mao é marxista, é-o, no fundo, duma maneira completamente nova, porque também taoista. Será esta dinâmica dialéctica, presente desde os seus mais antigos escritos, que o leva, em 1966, facto desusado na História, a armar os jovens quase contra si próprio e contra os órgãos por si mesmo constituídos.

A literatura chinesa de meados dos anos 60 só pode ser compreendida à luz duma evidência fundamental. Precisamente nesses anos se concluía um ciclo: os «construtores» de '49 eram agora «velhos mestres», e a palavra velho e a

palavra mestre soavam como palavras estranhas, de sabor antigo, para aqueles que tinham sido os revolucionários, homens com capacidade para mudarem a realidade que, depois de alterada, pretendiam por sua vez imutável.

O filho de Hsi-erh, «a rapariga dos cabelos brancos» é agora adulto, e são os jovens como ele, a primeira geração nascida com o 49 — ou seja, em circunstâncias diferentes da dos pais — que empurram as portas, com toda a violência das suas diversas exigências. Volta assim, ainda que sob outra veste, a antiga contradição entre confuciano e taoísta, e a nova juventude tende por sua vez a «construir» e não apenas a viver ao abrigo, por vezes regressivo, das construções de outrem.

Quem nos fala dos «velhos mestres» e dos novos jovens é Hu Wan-chiuan, um operário metalo-mecânico de Xangai (cidade em que nasceu em 1929), autor de algumas selectas de contos, Juventude, Onde Começa o Amor *e* Os Homens dos Milagres.

HU WAN-CIUN

Dois antigos mestres

Era domingo, e Chen, um dos operários mais antigos da fábrica estava em casa.

Do lado de fora da janela, pendiam, imóveis, os ramos verdes dum salgueiro. Estava muito calor nessa tarde. Sem se cansarem, as cigarras estridentes cantavam a sua canção estival.

Mas parecia que qualquer coisa que tinha em mente, impedia Chen de descansar um só instante. Agora já com cinquenta anos, estava um pouco duro de ouvido. Apesar disso, mal ouviu passos na escada, reconheceu imediatamente quem estava a chegar. Um momento depois, ouviu-se por detrás da porta uma pancada de todo inútil. «Entra, velho Liu», disse então Chen, sem vontade. «Não faças cerimónia».

Coçando a cabeça rapada de fresco, entrou na sala um homem mais ou menos da mesma idade. «Não sou bem-vindo, ou quê? Nesse caso, volto para casa...» disse sorrindo.

«Claro que és bem-vindo, camarada!»

Chen nunca fazia cerimónia com o velho Liu, que geralmente não esperava para se sentar e se servir do chá. De facto, sentou-se e empunhou um grande leque feito com uma folha de palmeira. «Que dizes tu duma partida de xadrez?», perguntou, abanando-se.

«Não. Não me apetece». Chen abanou a cabeça.

«De acordo. Parece-me que andas com qualquer coisa nessa cabeça», disse Liu como que por acaso, bebendo o chá.

Chen não negou. Os dois homens trabalhavam juntos havia 15 anos e conheciam-se bem. Em todos aqueles anos, nem

uma mudança se tinha verificado no velho Liu: continuava magro, tinha sempre um rosto de pele escura, o uniforme cinzento e os sapatos de pano preto. Chen lembrava-se perfeitamente de que, em 1949, quando tinha vindo trabalhar com eles, Liu trazia um velho uniforme de caqui, e os mesmos sapatos de pano preto, com a única diferença de que não tinha meias e os sapatos tinham dois atilhos. Chen nutria grande admiração pela maneira simples do viver de Liu, e sob esse aspecto procurava imitá-lo. Coisa mais importante, Liu tinha tomado parte na Longa Marcha, era um velho revolucionário, tinha sido ferido no campo de batalha e durante um certo período comandara um batalhão. Primeiro-secretário do Partido na fábrica, tinha ajudado Chen e o seu aprendiz, A-tang, a formarem-se e a alcançarem uma certa maturidade política, e por isso a distinguir-se entre os melhores membros do Partido. Chen fora depois promovido a chefe da oficina, enquanto que todos os «rapazes» tinham alcançado quadros de primeiro plano.

Só o velho Liu ainda era secretário do Partido. Todos tinham voado mais alto. Mas Liu tinha ficado no seu velho ninho.

«Não posso esconder-te o que tenho em mente, velho Liu», disse Chen, com um suspiro. «Mas custa-me por ti».

«Porquê? Não me queixo de nada». Liu estava admirado.

«Uniste-te à Revolução antes de mim. Foste o meu guia e como que nos abriste o caminho», continuou Chen, muito lealmente. «E agora tu és secretário do Partido e eu sou chefe da oficina. Não me parece justo estarmos no mesmo plano.»

«Que parvoíce», disse o velho Liu, sorrindo.

Chen corou e calou-se.

Mas Liu apercebeu-se de que não era isto que preocupava Chen. Outra coisa qualquer o tinha levado a fazer estas considerações. Sentiu-se perturbado. Um antigo operário como Chen não devia encarar assim as coisas. Mas Liu não sabia como enfrentar o assunto.

«Tu... Tu!». Na janela em frente, uma criança soprava na sua corneta. Um som que rachava os tímpanos.

«Aquele menino é o retrato de A-tang. Ele e o pai são iguaizinhos», observou Chen fechando a janela.

O coração de Liu aqueceu ao ver aquele menino com as bochechas vermelhas inchadas pelo esforço. Lembrava-se de quando, em 1950 — a oficina tinha formado uma banda — A-tang, o pai do menino, se exercitava todas as manhãs à janela, com a corneta, tal como agora estava fazendo o filho.

Nesse tempo, A-tang tinha quinze anos, o rosto redondo e gorducho. Certa vez que, com toda a boa vontade, continuava a enfiar notas erradas umas atrás das outras, Liu aproximou-se dele e disse-lhe: «Deixa ver. Eu explico». E, como tocava bastante bem, era um prazer ouvi-lo.

«Tocavas trombeta?», perguntou-lhe A-tang.

Liu acenou que sim.

«Quando?»

Liu ergueu os olhos, pensativo. «Bom, durante a Longa Marcha, quando tinha a tua idade».

«Então eras soldado?», perguntou A-tang, cheio de admiração.

«Uhm...»

Desde aquele momento, A-tang nunca mais o deixou, escutava o que ele contava sobre a Revolução e aprendeu com ele a tocar trombeta.

Com a ajuda de Liu, A-tang fez enormes progressos. Era agora a vez de o filho de A-tang pegar no mesmo instrumento. Este pensamento encheu o coração de Liu duma satisfação imensa. Levantou-se, para abrir a janela.

«Ó menino!», gritou ao garoto. «Parece-me que te estás a enganar».

«Achas?» Foi o meu pai que me disse para fazer assim».

«Ouve-me lá». E o velho Liu levou a mão à boca, em jeito de trombeta.

«Tu-tu-tu-ti-tu-tu-to-ti-tu-to...»

«É assim, é», disse o menino com vivacidade. «O papá ensinou-me, mas eu não consigo tocar certo.»

«Vai pouco a pouco! Aprende primeiro cada nota separada.»

«Vou experimentar. Obrigado.»

«És o corneteiro dos Jovens Pioneiros?»

«Sou, mas ainda não sei tocar.»

«Logo aprendes. É só preciso um pouco de paciência.»

Respirando profundamente, Liu afastou-se da janela. «Aquele menino promete bem. Como o pai», observou, confiante.

«Velho Liu, estás-te a portar como uma criança, também», disse Chen.

«Mas não sentes satisfação? Devias-te sentir também tu contente. É o filho do teu aprendiz». E Liu começou a tecer louvores a A-tang.

«Basta. Deixa de o incensar.»

«Sei que és um tanto...»

Apercebendo-se que Chen corava, deixou a frase em suspenso. Ele bem sabia o que o amigo tinha na cabeça. Montador há mais de trinta anos, Chen ensinara dez aprendizes. Dantes, aborrecia-se quando eles não mostravam grande vontade de aprender, e agora parecia que o que mais lhe fazia zanga era aquele que melhores resultados tirara — precisamente A-tang. Que teria feito A-tang para o irritar? Criança pobre da velha sociedade, apenas com 11 anos tinha começado a trabalhar. Com a cabeça rapada, os olhos tristes, ali estava junto do torno de Chen, pesado e quase ridículo. Mas era uma rapaz sério, que tinha muito respeito pelo seu mestre. E Chen tinha-se por sua vez afeiçoado a ele, comportando-se como um pai com aquele rapaz sozinho no mundo, e entretanto ensinava-lhe um ofício.

Após a libertação, o rapaz tinha feito rápidos progressos. Chen estava contente e costumava dizer: «Vai muito bem. Segue o seu caminho com vontade. Sinto-me orgulhoso dele».

Nos anos seguintes, A-tang fora classificado de operário-modelo duas vezes. «É um dos meus melhores aprendizes», dizia Chen a toda a gente.

Finalmente, quando Chen foi nomeado chefe da oficina, A-tang ocupou o lugar do chefe de secção, e Chen continuou a ajudá-lo como até ali. Em 1958, A-tang foi eleito chefe da secção tecnológica. Isto colocara-o no mesmo plano de Chen, que contudo se mostrara muito contente com isso. Mas nos últimos tempos, devia ter acontecido qualquer coisa...

«Velho Liu, sabes que a comissão do Partido te queria dar a ti aquele lugar da secção tecnológica?» Chen não podia continuar calado. «Não te parecia justo? Mas tu continuaste a dizer que não estavas à altura e insististe para que lá pusessem A-tang.»

«Sabes bem que eu não me sinto muito bem de saúde; tenho sempre o estômago esquisito e as velhas feridas que me fazem novamente doer... E, além disso, temos que responsabilizar sobretudo os jovens. A-tang é mais qualificado do que qualquer de nós dois. É jovem e forte. E, além do mais, sabe o que quer. Foi mais do que justo promovê-lo.»

«Era uma coisa que se podia fazer gradualmente. A-tang tem só vinte e nove anos. Terá capacidade para preencher um lugar tão importante?», observou Chen, suspirando. «A experiência conta. Penso que terá dificuldades.»

«Isso não é problema. Seremos nós, os antigos, que o ajudaremos.»

Da janela da frente, chegou outra vez o som da trombeta. Ouviu-se depois a voz dum homem. «Conseguiste! É assim, escuta. «O velho Liu olhou pela janela e viu A-tang com um cigarro na mão esquerda, explicando ao filho o que havia de fazer. O rosto de A-tang, tão infantil doze anos atrás, tinha agora uma expressão amadurecida. Pegou na trombeta e começou a tocar.

«Estás a ver? Dantes, A-tang não sabia tocar. E agora, não toca bem?» O velho Liu sorriu. «Para que um homem faça progressos é necessário que outro o ensine, mas ele é que tem de ter força de vontade. É este o único modo de ganhar experiência.»

Desanimado, Chen baixou a cabeça.

«Olá, é o velho Liu!», gritou A-tang. «Lembras-te? Foste tu que me ensinaste a tocar corneta e eu agora ensino trombeta ao meu filho». E acariciou a cabeça do rapaz. «Chefe, controlaste as medidas no novo laminador?», perguntou depois. «O director faz outra vez uma reunião amanhã de manhã, para acertar uma coisas.»

O velho Liu olhou para Chen que, com voz bastante hostil, respondeu: «Sim, director!» e bateu com o punho na perna.

«Chefe, gostas de brincar?» E A-tang riu-se.

Quando A-tang e o filho entraram em casa, Liu disse para Chen: «Não foi bonito o que fizeste.»

«Como havia de responder?», perguntou Chen, furioso.

«O trabalho está antes de tudo.»

Chen queria dizer mais qualquer coisa, mas calou-se. Acendeu um cigarro. Não podia esquecer o que tinha acontecido na tarde da véspera. Na comissão directiva estavam discutindo o funcionamento do novo laminador, e quando ele tinha chegado para fazer a sua relação, tinha visto que A-tang era o presidente da reunião. A situação era embaraçante. Onde é que já se vira alguma vez o mestre apresentar o relatório ao seu aprendiz? Por isso ficara em silêncio, sentado na cadeira, até o próprio A-tang lhe dirigir a palavra. «Chefe, é a tua vez de nos falar do novo laminador». Corando até à ponta das orelhas, Chen tinha sentido todos os olhares postos em si. Seguira-se um instante de silêncio, mas, imediatamente depois, alguém incitara: «Não temos muito tempo, despacha-te, por favor». Hesitante e contra vontade, Chen fizera o seu comen-

tário. Mas quase não podia acreditar nos próprios ouvidos quando tinha entendido a voz de A-tang dizer: «Bom, andamos a fazer cera. A tua oficina também tem que acelerar, chefe. Alguns operários informaram-me de que as medidas da base da máquina não correspondem às necessidades». Chen empalideceu. Um aprendiz a criticar publicamente o seu mestre! Estava quase para explodir, mas não sabia que dizer. Por isso limitara-se a sair sem uma palavra. Ardia-lhe ainda dentro a lembrança daquela cena. «Velho Liu», disse «se tu fosses director eu não me importava nada de fazer a minha comunicação e nem me ralava muito que me fizesses críticas. Mas A-tang era o meu aprendiz. Como é possível que eu receba ordens dele?»

Liu aproximou-se e pôs-lhe uma mão no ombro. «Ouve, amigo», disse-lhe, muito sério. «O nosso banco de prova, quero dizer, teu e meu, é hoje, entre outras coisas, ver se somos capazes de aceitar ordens daqueles que «estão abaixo de nós».

«Isso para mim é novo e está fora das minhas possibilidades. Pronto!», disse Chen, tirando um bloco do bolso e pondo-o em cima da mesa. «Aqui estão todos os dados sobre o novo laminador. Faz tu o comentário.»

Irritado, Liu agarrou no bloco e passou uma vista de olhos pelas páginas antes de as meter no bolso. «Está bem, faço eu o relatório a A-tang», consentiu no fim.

Tudo se tornou estranhamente tranquilo na sala. Fora da janela, as cigarras estavam silenciosas e os ramos do salgueiro pendiam imóveis. Caía o crespúsculo. No céu azul, as brancas núvens tingiam-se de vermelho; era o entardecer. A Natureza parecia absorta.

«Chefe, adivinha o que aqui tenho!»

Com um sorriso, A-tang entrou de chinelos. Tinha uma garrafa de vinho na mão esquerda, um embrulho com carne cozida na outra. Não se apercebendo nada da tensão que andava no ar, pôs tudo em cima da mesa, pegou em tijelas e nos pauzinhos, e deitou o vinho.

«Chefe, estas são as coisas de que tu gostas; não é verdade? Porco e vaca». Voltou-se depois para o velho Liu e disse: «Tu não sabes, velho Liu, o que Chen me dizia sempre, dantes». A-tang, «dizia ele», quando fores grande, hás-de ser mais competente do que eu. Mas não te esqueças de mim. Basta-me

um pouco de vinho e um prato de porco ou de vaca. E o teu mestre sentir-se-á contente com o teu triunfo».

«Palavras lindas, não são?»

«Estavas a dizer isto a A-tang?», perguntou Liu.

«Estava». Era impossível descrever o embaraço de Chen.

«Sabes, nesse tempo, Chen não me ensinava apenas o ofício, mas até me cosia os fatos. E, se eu estava sem fazer nada, dava-me cada rabecada... Vá, velho Liu, toca a beber por cima! Nunca julguei que pudesse ser assim tão severo. Mas, se não fosse ele, teria aprendido bem pouco». A-tang bebeu do vinho, com o ar sereno duma criança .«Quando se zangava ou estava de mau humor, eu ficava doido para o fazer sorrir. Acredita que sabia muito bem como tratar com ele».

Da janela da frente, chegou uma apitadela.

O velho Liu e A-tang começaram a rir. Finalmente, Chen também sorriu. A atmosfera começou a aliviar. O velho Liu tirou então o bloco e disse: «A-tang, faço agora o comentário?»

A-tang ficou surpreendido. «Tu, porquê, não me dirás?»

«Não é o mesmo? Primeiro, ouve-me e depois diz-me o que pensas. De acordo?»

E, muito sério, o velho Liu leu os apontamentos. Apercebeu-se no fim, de que A-tang estava irritado. «Não te zangues. Pensa no trabalho e não nas pessoas que o executam. Que tens ainda a dizer?»

«Velho Liu, tu és mais velho do que eu, como podes...? Ainda se fosse o meu mestre, não teria nada contra. Sabes bem que, ainda hoje, quando é preciso, ele diz-me as verdades na cara, e me ralha; mas tu...». A-tang estava visivelmente embaraçado.

«Com que então fazes diferença entre mim e o teu mestre?»

«Bom, não, sim, uma pequena diferença há...»

«Gostaria de que me tratasses do mesmo modo.»

Este discorrer impressionou Chen. Ficara muito sensibilizado. «A-tang, diz lá o que pensas», interveio. «Eu é que te devia fazer o relatório, mas eu, bem, deixa lá... Diz a tua opinião claramente».

«A-tang expôs o seu ponto de vista.»

«Faremos o que o director achar justo», declarou Liu por fim, muito sério.»

«Eu sou jovem e não tenho muita experiência», disse A-tang. Preciso da vossa ajuda. Vá, toca a beber à vossa saúde, à de vocês dois, velhos mestres!»

Chen estava tão comovido, que a mão lhe tremia. Brindou com os outros e depois disto A-tang foi buscar duas tijelas com massa.

«As ondas detrás empurram as da frente», citou Liu, com certa ênfase. «Velho Chen, nós, mestres antigos, não viveremos eternamente — quem continuará a nossa causa? Devemos deixar essa missão às gerações mais novas; devemos ser felizes de as ver crescer. Devemos facilitar-lhes o caminho e deixá-las ir pelo seu pé.»

Pensativo, Chen concordou.

O menino recomeçou a tocar na sua trombeta, mas desta vez o som já não irritou Chen.

Era ao entardecer. Fora, as cigarras murmuravam, nas moitas. As núvens resplandeciam por detrás do verde-escuro dos salgueiros. Descia sobre a Terra uma noite fresca, que trazia um vigor renovado.

14

A temática aberta com os Dois Velhos Mestres *continua e completa-se com* O Serviço-Maternidade, *a história contada por uma mulher, Ju Chi-chiuan, (nascida em Sekiang em 1925), autora de várias obras entre as quais* Os Lírios, Ser Camaradas, Uma Promessa Mantida *e* O Calor da Primavera.

Se recuarmos no tempo, foi certamente com um sorriso de suficiência que em 1966 se ouviu falar de um «histórico» banho que Mao Tse-tung, já não muito novo, tinha tomado, nadando num dos maiores rios chineses. Contudo, aquele gesto, ainda que teatral, simbolizava qualquer coisa de mais profundo. Mao, de facto, moveu-se na água — a água, símbolo taoísta de mutação. Pouco depois, iniciou-se a Revolução Cultural, um acontecimento para o qual convergem vários motivos e sobre o qual permanecem várias incógnitas ainda não resolvidas ou resolúveis.

O facto é que, em 1966, circulavam pelas estradas da China os jovens, os guardas-vermelhos, a contestar, e por vezes com certa violência, uma certa renovada e talvez inevitável confucionização da sociedade — entenda-se por isto revisionismo, burocratização da sociedade, «nova classe», e já talvez a presença evidente daquele pequeno burguesismo embrionário, mas latente, no conto A Nova Casa. *Não podemos calcular actualmente o alcance do gesto de Mao: se foi como o último arranque de velho leão (talvez o gesto definitivo da sua época ou talvez a última centelha duma grande esperança que nasce na sua época) dando vida à contestação dos jovens, ou se esta surgiu espontaneamente, pondo-se ele*

à sua cabeça para a guiar ou para lhe dar novas dimensões. Em último caso, poderiam ser verdadeiras todas as hipóteses. E isto significa que, na base dos movimentos de 1966, havia sobretudo o problema de criar uma segunda geração de revolucionários (que faltou na Rússia, por exemplo, com as consequências já conhecidas), quando a primeira estava saindo da cena e após a qual se não queria que viesse o dilúvio, ou mesmo a paralisação.

A literatura chinesa, até pouco antes da explosão de 1966 propõe continuamente tal problemática; ou seja, que a substituição duma geração operante não seja apenas uma simples passagem de idades (sempre mais fácil solução sob certo aspecto, ainda que com amargas consequências), mas sim que, mercê dessa mudança, a Revolução continue e seja projectada no futuro.

JU CHI CHIUAN

O serviço-«maternidade»

A última luz do dia teve um clarão mais intenso, depois desapareceu, e no horizonte permaneceram apenas os traços leves das núvens, semelhantes a pinceladas de aguarela. As florinhas cor-de-rosa, sobre o muro de cerca da maternidade, foram-se tornando cada vez mais opacas, até desaparecerem completamente da vista. Caía a noite.

Com o balanço e dois baldes, a tia Tan encheu de água a grande tina. Depois, sem sequer parar para tomar fôlego, correu a preparar o jantar para as suas duas pacientes. Ainda que muito entrada em anos, gabava-se de nunca estar parada em todo o dia. Preparado o jantar, passou para a sala do meio. Tendo acendido a luz, pareceu-lhe que o local, ao mesmo tempo escritório e sala de partos, era maior. E que tudo brilhava: os lençóis alvos, as paredes, o tecto... era simplesmente maravilhoso como a luz eléctrica tornava tudo mais branco e resplandecente! Semi-cerrando os olhos, mirou em volta, depois, correu a atiçar o lume, para ferver o esterilizador com os ferros.

As duas pacientes dormiam tranquilas. A água ainda não fervia. A tia Tan apagou a luz. Na penumbra, até os rumores pareciam chegar mais nítidos. Os baques surdos da bomba eléctrica no rio, a rádio da Sociedade no seu máximo volume. No campo desportivo, alguns rapazes jogavam à bola; ouvia-se um assobio de quando em quando. Todos estes sons davam à tia Tan um sentimento de satisfação.

Antes de a localidade ser libertada, quem é que ouvira alguma vez falar de um serviço de maternidade, de esterilizador, de uns dias de repouso durante e depois do parto, ou

de luz eléctrica? Em 1950, quando a nora da tia Tan tinha tido o filho, a parteira tinha feito sair a placenta saltando sobre a barriga da mãe. Em 1956, quando tinham formado a cooperativa agrícola, Thu, nesse tempo director e hoje secretário do Partido na comuna, tinha mandado a tia Tan para a cidade, para o hospital, para praticar os novos métodos científicos do parto. Mas que difícil tinha sido depois fazer a sua propaganda! Quer as parturientes, quer a família, não tinham confiança nela; não faziam o que ela dizia. E nas redondezas prosperavam as aparadeiras de molde antigo. A falta de experiência tornava ainda mais difícil o seu trabalho. Certa vez, que se apresentou um parto complicado, a parturiente foi mandada para o hospital tarde demais, e assim o menino morreu. O facto provocou uma verdadeira sequela de murmúrios e aborrecimentos. Uma das velhas aparadeiras, a avó Pan, acusou-a de ter matado o menino. Isso aumentou a zanga da pobre mãe e o escândalo cresceu. Humilhada e ofendida, a tia Tan tinha-se literalmente fechado em casa. Morriam imensas crianças nas mãos das velhas aparadeiras, mas ninguém lhes ia à mão, e toda a culpa era simplesmente atribuída ao destino. E agora, por um passo falso, tinha sido posta de parte! Um dia, desesperada por aquelas falsas acusações, a tia Tan, lavada em lágrimas, foi ter com o secretário Thu. Encontrou-o na eira, onde punha a macerar as sementes antes de as plantar. Ouviu-a, esfregou as mãos calosas e, ainda que gentilmente, disse em tom grave: «Tia, à missão da nossa geração não é nada simples. Estamos modificando a sociedade e temos que o continuar a fazer! As coisas evoluem com uma velocidade incrível, mas as velhas ideias e os antigos costumes morrem lentamente. É o nosso trabalho que faz a revolução, mas também o nosso estudo. Temos que aprender aquilo que não sabemos fazer; temos que descobrir aquilo que não compreendemos».

Após formada a comuna, o secretário Thu decidiu fazer um serviço de maternidade. Para esse fim, a comuna designou três salas. Sozinha, a tia Tan fez uma secretária, preparou uma cama alta para os partos e cinco camas normais para as pacientes. Três salas vulgares que bem depressa se transformaram numa silenciosa e limpa maternidade.

«Bom, quase que parece um hospital!» Tão excitada estava, que na primeira noite quase não conseguiu dormir. Pôs-se então a recordar o passado, quando tinha ficado viúva aos 39 anos. e a pensar no lugar que actualmente ocupava na maternidade... Mas que lugar ocupava? Era difícil estabelecê-lo com exactidão. Por fim, silenciosamente, decidiu-se por «obstetra».

Naquela maternidade, «que parecia quase um hospital», a tia Tan aprendeu a dar injecções, a visitar, a medir a tensão, a fazer as análises de sangue, o dar e tirar pontos. Quando, para as intervenções menos graves, vinha um médico da cidade, era sempre ela que lhe fazia de assistente, e recebia sempre parabéns pela sua calma e habilidade. Alguns médicos chegaram mesmo a propor-lhe que fizesse ela própria as intervenções menos graves. Mas a tia Tan, àquela proposta, tinha sorrido, ao mesmo tempo divertida e orgulhosa por aqueles doutores considerarem o seu serviço-maternidade em condições de enfrentar casos certamente mais próprios para hospitais de cidade.

No esterilizador, a água borbulhava alegre, quase em uníssono com a alegria da mulher. Foi então que a porta se abriu subitamente. Tia Tan acendeu a luz e no patamar viu uma moça morena, de rosto luminoso. Estava encalmada e vermelha. Aos ombros tinha o rolo com o necessário para dormir, e debaixo do braço uma garrafa de oxigénio.

«Tia, lembras-te de mim?», perguntou a pequena, com um sorriso.

«Olha quem aqui está! Ho-mei!» Filha da tia Chiang, que cuidava dos lameiros, Ho-mei havia pouco tempo que se diplomara em obstetrícia na cidade. Tia Tan e Tia Chiang eram amigas desde pequenas. Muito contente, a tia Tan ajudou Ho-mei a poisar as suas coisas, e depois convidou-a a sentar-se.

O rosto escuro de Ho-mei tornou-se cor-de-rosa sob a luz, enquanto os seus olhos vivos olhavam em volta com interesse. «Tia, mandaram-me trabalhar para cá», disse. Agarrou no seu rolo e levou-o para um canto da sala.

Aquele grande rolo não devia pesar nada pouco, mas, levado assim pela moça, parecia de papel. Ho-mei voltou ao seu lugar e depois quis saber tudo sobre o serviço de maternidade.

«Está bem, filha». A tia Tan apreciava aquele seu modo de agir, maduro e sério. «Estou tão contente por teres vindo, minha querida; Serás o meu braço direito. Calculo que já saibas muitas coisas a nosso respeito. O nosso serviço ocupa-se das mulheres das duas brigadas locais. Há também uma certa tia Chiou que vem dar uma ajuda. Em dois anos, ou seja, desde que montámos o serviço, já ajudámos a nascer trezentos e cinquenta e seis crianças, e sempre correu tudo bem». Ao

falar dos meninos, a tia Tan animou-se. Trezentos e cinquenta e seis. Não tinha sido fácil. Significava ansiedade e preocupação, até porque o serviço não tinha condições para enfrentar a mais pequena complicação. Em muitos casos a tia Tan tinha tido que decidir em poucos minutos, se havia de chamar o doutor ou enviar a parturiente para o hospital da cidade. O mínimo erro podia custar uma vida. Por isso tinha acentuado cada palavra da última frase.

«Vês, querida, que temos sobre os ombros um pesado fardo, cheio de riscos? Em dois anos, fizemos tudo para que não acontecesse nenhum acidente. E de facto nunca aconteceu nada, nem às mães nem aos meninos. Uma mulher chega aqui sozinha e sai com um filho nos braços...» Incapaz de exprimir por palavras aquilo que sentia, a tia Tan levantou-se para mostrar o local a Ho-mei. Levou-a primeiro à enfermaria, uma grande sala com cinco camas de variado tipo e tamanho. Naquele momento, só havia duas ocupadas, mas as outras também estavam prontas, em ordem.

De quando em quando, Ho-mei fazia um aceno de aprovação. «Tia Tan, têm tido alguns partos difíceis?», perguntou de repente.

«Se houve! E este é o problema. Assim que se prevêem complicações, corro a telefonar para a ambulância.»

«Mas supondo que já não há tempo?»

«Telefono e chamo o doutor.»

«Onde é que se lavam as mãos?», perguntou Ho-mei depois.

«As mãos?» A tia Tan ficou interdita. «Na bacia, claro». Estava preocupada perante todas estas perguntas. Abriu, mesmo assim, as três gavetas da secretária, para mostrar à amiga o seu conteúdo. Mas Ho-mei não compreendeu todo o orgulho que havia naquele gesto. Com a cabeça erguida e as curtas tranças que apareciam espetadas, passou revista com o olhar à sala, sem prestar a mínima atenção aos instrumentos dentro da gaveta.

«Claro, minha filha, que nada disto se pode comparar com os grandes hospitais que há na cidade». A tia Tan estava um pouco magoada e falou com uma certa dureza.

«Não, claro», respondeu Ho-mei, sem se aperceber da queixa implícita naquelas palavras, e abrindo entretanto a janela para olhar lá para fora, no escuro. Depois, de repente, saiu da sala, como se procurasse qualquer coisa.

Uma atrás da outra, tia Tan fechou as gavetas, lentamente. Não sentia já nenhum desejo de contar coisas à moça, nem de lhe mostrar os seus tesouros. «Estou desperdiçando o fôlego», disse deprimida. «Mais vale que me vá já deitar».

«Tia, resolvi!» Ho-mei entrou a correr na sala, com os olhos luminosos. «Escuta! Ainda que duma maneira um tanto rudimentar, podemos construir uma conduta para a água corrente. Na creche da comuna fizeram uma para os meninos. Uma maternidade ainda tem mais necessidade disso. Pensei em tudo. O poço está bastante perto, é só fazer um buraco na parede...»

A tia Tan olhou para Ho-mei, em silêncio. Depois, disse: «Anda, que te mostro a tua cama». Guiou-a para o quarto a levante, e, indicando-lhe uma cama vazia, acrescentou: «Podes dormir aqui, é da tia Chiou, mas agora não vem».

A impressão que a tia Tan tinha colhido deste seu primeiro encontro com Ho-mei, sua nova colega, não era muito positivo, ainda que não conseguisse, na realidade, compreender exactamente como estavam as coisas. Havia qualquer coisa na pequena que a chocava. Todas aquelas perguntas sobre os partos difíceis, sobre as complicações... Era, todavia, tolice deixar-se perturbar por uma simples criança como Ho-mei.

«Estes jovens!...», suspirou a tia Tan. «Desde que se lembram, sempre tiveram uma tijela de arroz. Para eles, tudo é natural, ter a terra, comer, ir à escola ou seguir um curso. E é o mesmo para tudo, esta maternidade, a luz eléctrica, os tractores. Que sabem eles dos tempos difíceis, das amarguras e dos sofrimentos?...» Teria sido, porém, um erro, ignorar a moça. Era melhor falar claramente com ela. Quando acabou de arranjar o lume, já estava Ho-mei deitada, com todas as coisas em ordem.

«A tua mãe vai ficar contente por te ter em casa» disse a tia Tan, sentando-se na beira da cama.

«Com certeza!» Debaixo do cobertor quentinho, Ho-mei sorriu contente.

«Não foi fácil, sabes, querida? Hoje, há tudo, parteiras, um serviço de maternidade... mas, dantes, ter um filho era um verdadeiro problema. Nem sequer imaginas os sofrimentos que as mulheres passavam. E apesar disso, vocês, jovens de hoje, têm sempre qualquer coisa a apontar. Como se para vocês nunca nada estivesse certo. Quando nós éramos novos, nem por sombras se pensava em ter uma vida assim serena.

Se não fosse a comuna, hoje que seríamos? Os novos deviam compreender.»

«Tens razão, tia». O rosto de Ho-mei tinha agora uma expressão séria, e a tia Tan sentiu-se tranquilizada, ao ver que as suas palavras tinham produzido o efeito desejado. Depois, enquanto se preparava para ir para a cama, a tia Tan viu que não tinha apagado a luz no outro quarto. Com toda aquela história da água corrente, até se tinha esquecido. Dirigiu-se para lá, e antes de apagar ainda deu uma olhadela em volta e arrumou uma última coisa.

«Agora temos luz eléctrica e a nossa vida melhora continuamente...». Mas, entrando na outra sala, viu que Ho-mei já tinha adormecido, com as curtas tranças que apareciam dum lado e uma mão sob a almofada.

«Nasceram no tempo certo», disse a tia Tan para consigo, olhando para o rosto sereno da moça, no sono. De repente, Ho-mei virou-se, pronunciou algumas palavras: «Tia, amanhã arranjamos a água corrente...». Um instante depois, dormia profundamente.

«Até a dormir vê a água corrente! Estes jovens são todos iguais». A tia Tan abanou a cabeça, apagou a luz e foi-se deitar.

Em volta da Lua havia uma auréola branca, luminosa. As sombras das árvores estendiam-se, imóveis, não se mexia uma folha, e apesar disso tudo fazia crer que no dia seguinte ia haver muito vento.

Na manhã seguinte, cedinho, quando saiu do seu quarto, a tia Tan irritou-se. Ho-mei tinha mandado levantar as duas pacientes e estava-lhes a ensinar exercícios de ginástica. Pareciam as três muito alegres, dobravam a espinha e agitavam as pernas, rindo e brincando.

Ora, não havia nada de estranho na ginástica após o parto; a própria tia Tan a tinha visto fazer no hospital da cidade. Mas não era sua intenção aplicá-la aqui, no seu serviço. Não gostava de ver as mulheres, e sobretudo as mães recentes, bater com os pés e agitar os braços daquela maneira; ela própria não teria feito aqueles movimentos tão pouco dignos. Além disso, era opinião corrente na aldeia que sono, repouso e bom alimento eram as melhores receitas para a convalescença duma parturiente. Nunca fora atribuída à ginástica a menor importância. E eis que Ho-mei, mal tinha chegado, punha em prática os métodos aprendidos no hospital e sem tão pouco

pedir a sua autorização. A tia Tan sentiu-se aborrecida. Dirigiu-se-lhes, decidida a fazê-las parar.

«Tia, isto vale mais do que qualquer remédio!», disse Ho-mei, sorrindo sem se perturbar.

«É divertido!». disse uma das duas mulheres. «É melhor do que estar todo o dia na cama». A outra também concordou. E isso aumentou a zanga da tia Tan, ao ver que ambas se sentiam inclinadas para este novo e fantasioso achado.

«Se é essa a vossa opinião, continuem», concluiu então, com um sorriso forçado.

Geralmente, a tia Tan era muito activa. Mas naquele dia não conseguia fazer nada de jeito. Começou a fazer qualquer coisa no escritório, mas antes de ter acabado deu por si a dar grandes passadas na cozinha. No quintal, as três mulheres pareciam divertir-se. Ouvia a voz de Ho-mei: «Um, dois, três e quatro» e as outras que obedeciam rindo.

Parecia que um vento subtil tinha entrado no serviço de maternidade, para perturbar a ordem e a paz. Então, a tia Tan agarrou num cestinho de bambu e saiu rapidamente. Para encontrar uma justificação, decidiu ir buscar ovos às capoeiras da comuna.

Caminhava lentamente. O trajecto era apenas de dois li. Tinha a cabeça oca, qualquer coisa lhe pesava dentro. Não sabia explicar a si própria o motivo do aborrecimento. «Ai, quanto mais envelheço, mais descontente me acho! Mas que será que me torna assim infeliz?», perguntou duramente.

Daí a pouco, iria aparecer o Sol no horizonte: os campos de algodão formavam como que um tapete verde, aqui e além manchado de branco por qualquer flor tardia. Já havia gente nos campos. As mulheres conheciam a tia Tan e de longe enviavam-lhe uma saudação. Uma disse que já tinha desmamado o menino, outra informou-a de que A-fang já andava. Aquelas saudações afectuosas actuaram como um bálsamo no coração da tia Tan. Começou a acenar, a sorrir, a chamar por uns, a dizer adeus a outros. Bem depressa a felicidade afastou o mau-humor.

Na frente das capoeiras, havia um tanque coberto de plantas aquáticas que criavam como que uma mancha verde de cor mais clara. Ao aproximar-se, a tia Tan viu a avó Pan — que trabalhava ali desde quando se tinha formado a comuna — caminhar muito devagarinho em volta do tanque.

«Que diabo anda a fazer?», pensou a tia Tan. Mas, quando a chamou, a outra nem sequer levantou a cabeça, evidentemente atenta a qualquer outra coisa na margem do tanque. De repente, saltou sobre aquela coisa. No mesmo instante, uma rã, com um baque, desapareceu na água.

«Assustaste-me».E a avó Pan voltou-se resmungando.

«Andas às rãs para fritar, avó Pan?»

«São para as galinhas». Com uma bilha cheia de rãs que coaxavam alto, dirigiu-se com a tia Tan para sua casa.

«Avó, as tuas galinhas têm vícios... agora até comem rãs.»

Divertida com aquela velha de cabelos brancos, com a sua bilha cheia de rãs, a tia Tan admirou contudo nela a vontade de desempenhar apropriadamente a missão de que tinha sido encarregada.

«Sabes que fazemos um campeonato?». A avó Pan disse estas palavras com a voz de quem quer fazer participar outra pessoa dum segredo maravilhoso. «Cada um de nós ocupa-se de duzentas e cinquenta galinhas, e depois no fim vai-se ver quem as alimentou melhor, e quais as que põem mais ovos. Era melhor dar-lhes lagartas, mas com a campanha que a comuna faz para a protecção das árvores, e com o facto de pôr insecticida em cada folha, não se encontra nem uma. Eu substituo-as, fervendo alguns mexilhões da baía e estas rãs. Pelo menos, sempre lhes dão um certo alimento». E a avó Pan riu-se.

A tia Tan ficou surpreendida com a expressão gentil e arguta daquele rosto enrugado. Estava admirada com a mudança que se dera nela. Dantes aparadeira à antiga, a avó Pan fora mesquinha e áspera. Difundindo os novos métodos, a tia Tan tinha atraído toda a sua cólera. Imprecando e chorando, a velha tinha vindo muitas vezes à sua porta. Mas agora estava mudada. Os olhos luminosos, o rosto gentil... tinha-se tornado uma pessoa simpática.

«A Revolução faz coisas maravilhosas. A sociedade mudou, e com ela os homens». A tia Tan recordou as palavras do secretário do Partido.

Havia um grande gráfico no quintal das capoeiras, com o plano de produção. Quando de lá saiu com os ovos, a tia Tan parou um instante a observar o gráfico. Sob o nome de avó Pan, uma risca vermelha subia orgulhosamente para o alto. «Mudou? Sim, a avó Pan mudou». E qualquer coisa perturbou novamente a tranquilidade da tia Tan. Ficara descontente e perturbada.

Durante todo o regresso, continuou a pensar nas mudanças que se iam dando. O filho deste aprendia a guiar as locomotivas, a filha do outro os tractores. E, amanhã, a avó Pan seria qualificada de trabalhadora-modelo! Quem sabe o que o amanhã ainda reservaria... Havia agora uma rede de canais e de represas para irrigar os campos, ouviam-se dia e noite os golpes surdos das bombas, havia luz eléctrica — que iria acontecer depois?... Subitamente, compreendeu que não há um dia igual ao anterior, e que precisamente cada dia significa uma mudança.

Sim, tudo em volta dela mudava rapidamente e enormemente.

Quando a tia Tan chegou à maternidade, parou estarrecida à porta. O escritório, que nessa manhã ela tinha cuidadosamente limpo de pó e varrido, estava agora cheia de serradura, de roscas e de pedaços de bambu. Os bancos de pernas para o ar, e a barrica de madeira de guardar o arroz tinha um furo no cimo. No chão, havia diversas canas de bambu, recém-cortadas. Mas o pior de tudo é que, num daqueles belos muros brancos, tinha sido feito um furo, e aí Ho-mei estava tentando encaixar duas canas de bambu, uma na outra. As duas pacientes da tia Tan, em vez de estaram na cama, estavam ali, e passavam a Ho-mei o que lhe era necessário.

Ho-mei tinha percebido que o poço onde a tia Tan ia buscar água ficava num terreno mais elevado em relação à maternidade. Com as canas de bambu, tinha feito chegar a água directamente a casa. Assim que viram a tia Tan, as três jovens gritaram: «Anda cá ver o nosso sistema de água corrente!»

«Água corrente?...» A tia Tan endireitou um banco e sentou-se pesadamente. Estava de rastos. Aquilo era demasiado para ela. Ho-mei, que trabalhava febrilmente no novo projecto, esperava surpresa e adesão por parte da tia Tan, mas esta não abriu a boca. Ho-mei ficou atrapalhada.

«Minha querida filha», disse finalmente a tia Tan». Aqui no campo, não temos todos as comodidades da cidade. Mas procuremos ao menos não nos tornarmos tão delicados que nem se possa já com um balanço. Não me parece justo».

«Concordo», respondeu imediatamente Ho-mei. «Mas olhe, tia, estas aldeias não ficarão eternamente atrasadas. Não vejo motivo de orgulho em ficar eternamente agarrados aos nossos balanços quando há a possibilidade de canalizar a água corrente. Seria ficar para trás...»

«Concordo com Ho-mei», disse uma das duas mulheres, corando. «Não fazer melhoramentos quando há essa possibilidade é ficar para trás. Esta nova canalização é mais nova, mais higiénica e mais científica. Vou contar isto quando chegar a casa».

«Com certeza!», respondeu a tia Tan, impressionada por aquelas palavras familiares. Três anos atrás, ela própria tinha dito essas palavras para falar dos novos métodos de parto. A quantas pessoas tinha dito: «É uma coisa higiénica e científica!». Tinha-o dito às mulheres, às sogras, aos maridos e mais que a ninguém, à avó Pan. Olhou para as novas canalizações da água, para a garrafa de oxigénio que ela trouxera, e depois para os olhos cintilantes de Ho-mei. O seu olhar parou finalmente na luz eléctrica...

Como que internamente percorrida por uma corrente invisível, de repente a tia Tan compreendeu quais deviam ser os sentimentos da avó Pan três anos atrás, porque razão a velha se tinha zangado e suplicado, ao mesmo tempo dura e patética. Ainda que recusando admiti-lo, a avó Pan tinha tido receio de ficar atrás do tempo.

«Sou como era avó Pan há três anos...»

O céu escurecia. As árvores dançavam no vento que a auréola em volta da Lua na noite anterior anunciava. A tia Tan levantou-se para fazer qualquer coisa, e, mecanicamente, pegou no seu pau de balanço. Naquele instante, entrou Ho-mei radiante porque tinha conseguido ligar as canas! Em silêncio, a tia Tan deixou cair a vara.

«Tia Tan!», gritou uma voz ansiosa, vinda da porta. Havia um homem no limiar, que amparava uma mulher grávida. «A minha mulher! Julgo que é a hora».

Reencontrando toda a sua energia, a tia Tan deu um salto. Ho-mei esqueceu-se das canas. Enquanto as outras duas iam para o outro quarto, Tsai-ti, a mulher, foi imediatamente metida na cama. A maternidade tinha recuperado a sua função.

«Meu grande palerma!». A tia Tan voltou-se, encantada, para o marido de Tsai-ti. Trazê-la a pé!»

O homem teve um sorriso tonto, depois, com ar solene, contou à tia Tan que agora era camionista e que tinha trazido a mulher com a camioneta, parqueada lá fora. Tinha que dar a volta a recolher as esteiras, porque se aproximava um temporal. Acrescentou algumas palavras de agradecimento e foi-se embora.

Ora, Tsai-ti e o marido tinham tido um papel determinante na carreira da tia Tan. Tinha ela regressado havia pouco do curso de obstetrícia, quando, uma noite, anos atrás, o marido de Tsai-ti a tinha vindo chamar de bicicleta. Nesse tempo, ela não tinha muita experiência, e o coração batia-lhe só ao pensar que se tratava do primeiro filho de Tsai-ti. A noite estava fria, choviscava. Sentada no porta-bagagens, a tia Tan batia os dentes. O jovem marido pedalava como que possesso da ideia da sua iminente paternidade. Com ele, demasiado excitado para ver por onde ia, e ela atrás, a tremer como uma folha, a bicicleta dera um solavanco e acabaram os dois no chão, de pernas para o ar. A tia Tan tinha-se magoado bastante numa perna. Aquele menino tinha agora quatro anos, mas a tia Tan continuava a chamar ao pai dele «meu grande palerma».

«Agora que guias a camioneta, lembra-te bem que, se não tens juízo, ainda te metes nalguma encrenca!», gritou a tia Tan para o homem, e Tsai-ti sorriu atrás do biombo. A tia Tan estava cheia de vontade de contar a Ho-mei toda a história, para que soubesse como é que, anos atrás, tinham sido introduzidos os novos métodos, quatro anos antes. Mas Ho-mei limitou-se a sorrir sem perguntar nada. Pôs uma bata branca, fez correr a água pelas novas condutas, para lavar as mãos, sentou-se depois junto de Tsai-ti e começou a massajar-lhe os rins e a ensinar alguns exercícios respiratórios, preparando-a para o parto sem dor.

Com um renovado sentimento de paz a tia Tan observava-a, nada perturbada pela água corrente e pelos gestos profissionais de Ho-mei. A chegada do jovem casal tinha-lhe trazido à lembrança todas as conquistas de que se sentia orgulhosa, e o duro labor para difundir os novos sistemas. Com o álcool, esterilizou cuidadosamente as mãos; depois, começou a contar a Ho-mei a história do primeiro filho de Tsai-ti e mostrou-lhe a cicatriz que tinha na perna. Ho-mei ria a bandeiras despregadas.

O céu estava cada vez mais escuro. Fora, ouvia-se sibilar o vento. Os altifalantes nos campos e nas estradas transmitiam a voz do secretário do Partido. Era preciso trabalhar depressa, cobrir as colheitas e abrigar o algodão do vento. Não se devia perder nem um bacelo.

Os homens e as máquinas iniciaram a luta contra o vento. Ouviam-se as buzinas dos camions, vozes excitadas e os altifalantes que transmitiam palavras encorajadoras. Trazidos por

rabanadas de vento mais violentas, estes rumores chegavam fragmentados à maternidade; depois, o vento mudava de sentido, e todas as coisas caíam novamente no silêncio. A luz caía juntinha sobre a cama e o grupo — as duas parteiras — a jovem e a velha —, e a mãe de esperanças.

Tal como um veterano de cem batalhas, a tia Tan ali estava, forte e serena. No trabalho do parto, a mulher entregava-se-lhe, completamente. E a tia Tan correspondia a esta confiança como um verdadeiro soldado, como as parteiras dos grandes hospitais, firme no seu posto, à espera do grande e maravilhoso instante do parto. Num momento de pausa entre uma e outra contracção, Tsai-ti abriu os olhos e fitou a lâmpada, lá no alto. Sorriu, pensando na diferença entre este parto e o do seu primeiro filho. E sonhou com o futuro dos seus filhos.

«Têm apenas quatro anos de diferença. Mas, tia, não te parece que este menino vai ter mais sorte do que o outro?»

«Os antigos diriam que nasce num momento propício. Se a comuna tivesse sido fundada apenas poucos anos antes, o teu primeiro filho também teria nascido sob a luz eléctrica.»

O vento soprava e gemia com insistência. Por contraste, a sala parecia particularmente tranquila. Ho-mei continuava a massajar os rins da mulher. Tsai-ti começava a dar sinais de cançaso. Bocejava. Parecia que ia adormecer. As contracções diminuem.

Tanto a velha como a jovem sabiam que, se a um dado momento a parturiente começa a bocejar, haveria complicações. O menino teria de ser tirado com o fórcipe, para não morrer sufocado e pôr em perigo a vida da mãe. O parto com o fórcipe era uma intervenção simples, que durava no máximo dez minutos. Foi então que a tia Tan se levantou precipitadamente. «Vou telefonar», disse, abrindo a porta. Ho-mei correu atrás dela, mas a mulher desapareceu imediatamente, na escuridão e no vento que gemia.

A tia Tan corria velozmente para o escritório da brigada. O vento levantava-lhe as saias, assobiava-lhe nos ouvidos. Não era a primeira vez que corria a telefonar, parecia-lhe que era o melhor que havia a fazer. A luz permanecia acesa sobre a cama. Sim, tudo estava como devia estar, excepto a pobre tia Tan que nada podia fazer senão correr ao telefone. Tinha sido assim desde o início. Agora, havia a luz eléctrica na comuna, camions e tractores, e apesar disso ela tinha que ir a correr telefonar, para uma intervenção de dez minutos.

E, pela primeira vez, teve vergonha de pedir auxílio ao hospital.

O céu estava negro. Na noite escura e profunda, o vento sibilava. Através dos campos, sobre os telhados, nas estradas, ecoava distintamente a voz de Thu secretário do Partido. «Camaradas, o vento quer levar-nos o nosso algodão, mas a gente não vai deixar! Vamos proteger planta por planta. Não há-de levar nem um bacelo...» E a tia Tan viu-o murmurar: «Tia, a missão da nossa geração não é nada simples. Estamos modelando a sociedade e temos de o continuar a fazer! As coisas evoluem com uma velocidade incrível, mas as velhas ideias e os antigos usos morrem lentamente...». A tia Tan enxugou o suor da fronte e moderou o andar.

Dois feixes de luz investiram nela frontalmente. Passou-lhe ao lado uma camioneta cheia de esteiras. Os primeiros camionistas da comuna estavam no seu posto. Os primeiros condutores de tractores estavam no seu posto. A primeira parteira diplomada... Viu então na sua frente um jovem rosto luminoso, um rosto sorridente, com duas tranças curtas, espetadas, em ângulo recto. «Ho-mei!» A tia Tan parou. Quando tinha deixado a maternidade, o rosto de Ho-mei estava sereno e composto. Sim, a primeira parteira diplomada da comuna estava no seu posto. Não tinha abalado a correr pela noite fora, para telefonar. A tia Tan fez marcha atrás e dirigiu-se para a maternidade, que, agora, tinha o seu doutor, entrava em nova fase. Foi nesse momento que a tia Tan compreendeu claramente todas as coisas.

O vento empurrava-a com força e os seus pés quase não tocavam o chão. Tendo chegado à maternidade, encontrou Ho-mei, que estava a vestir uma bata esterilizada. Não estava tão tranquila como a tia Tan tinha imaginado: não propriamente nervosa, mas um pouco tensa. Tsai-ti continuava a dormitar.

«Tia, não podemos esperar mais», disse Ho-mei, preocupada.

«Despacha-te filha!». E havia uma infinita ternura na voz da tia Tan.

«Estou nervosa. Só usei o fórcipe duas vezes e estava o médico ao pé de mim.»

«Não te preocupes, filha. Agora estou eu aqui. Da primeira vez temos sempre medo, mas depois, não se resolvem os problemas?». A tia Tan levantou-se e esterilizou as mãos, tirou as luvas de borracha da gaveta e ajudou Ho-mei e calçá-las.

Eram diversas as emoções que sentia: excitação, felicidade, uma pontinha de inveja e uma boa dose de auto-crítica. Enquanto seguia Ho-mei, que se movia com a máscara sobre a boca e o fórcipe, a tia Tan sentiu que era precisamente isto que significava adaptar-se aos tempos daquela luz eléctrica que pendia sobre as cabeças de ambas.

«Há bocadinho, Tsai-ti disse uma coisa certa. O seu primeiro filho não teve tanta sorte como este, e Ho-mei teve mais sorte do que eu. É estúpido falar de momentos propícios e de horóscopos, mas não há dúvida de que é melhor nascer agora, começar agora a viver.»

Fora, o vento sibilava, enfurecido, mas ela sentia nítida, nas orelhas, a voz do secretário Thu: «... é o nosso trabalho que faz a Revolução, mas também, certamente, o nosso estudo».

«Não! Somos nós, os velhos, que temos de tomar a iniciativa. E eu quero dar o exemplo. Posso aprender, secretário Thu, e quero aprender! Quero trabalhar pela Revolução...». E, endireitando as costas, a tia aproximou-se de Ho-mei. As pernas tremiam-lhe, como quando tinha ajudado a nascer o primeiro menino.

Ao vê-la parada na sua frente, Ho-mei percebeu o tímido apelo que o rosto da tia Tan exprimia. Naquele instante compreendeu toda a história do Serviço Maternidade, a batalha travada para difundir os novos sistemas. Imaginou a tia Tan, de noite, no porta-bagagens da bicicleta, que ia ajudar a nascer um menino; recordou o orgulho com que ela tinha acendido a luz eléctrica...

Ho-mei esteve mesmo para abraçar aquela velha tão jovem e forte. Mas o tempo só dava para poucas palavras: «Tens razão, tia. Não é difícil. Desta vez, trabalhamos juntas. Mas para a próxima serás tu sozinha».

A tia Tan fez correr a água, lavou outra vez as mãos, passou-as com álcool, depois aproximou-se da cama.

Tudo se passou facilmente, ainda que a tia Tan tenha deixado de ver o branco da cama, a luminosidade da luz e o grito do vento. Viu só as mãos hábeis de Ho-mei, que se moviam rápidas e seguras, ouviu apenas as poucas palavras com que pedia este ou aquele ferro. De repente, o choro duma criança. Era um rapazinho, outro «doido varrido» como o pai.

Quando a tia Tan se levantou, Ho-mei apertou-a com força nos braços vigorosos. «Tia!» Nos olhos brilhavam-lhe lágrimas de alegria.

«Bom trabalho, tia!», disseram, entranto, as duas pacientes. A tia Tan sentou-se com um sorriso. Olhou para a luz, tão luminosa. Aquela luz que pendia tranquila não era o único meio de iluminação: havia como que uma força invisível no seu esplendor. A tia Tan pareceu-lhe ouvir outra vez a voz do secretário Thu: «A tarefa da nossa geração não é nada simples. Estamos mudando a sociedade, e temos de o continuar a fazer...»

«Podes ficar tranquilo, secretário!», tranquilizou-o silenciosamente a tia Tan. «Bem sei que o nosso trabalho é que está fazendo a Revolução, e também o nosso estudo. Assim avançamos e aprendemos».

Como que conquistado pela firmeza desta afirmação, o vento começou a cair. A noite voltou a estar tranquila. Os ponteiros do relógio marcavam meia-noite. Tal como em todas as aldeias e vilas da China, o Serviço-Maternidade encaminhava-se para um novo dia — um dia explêndido, nunca antes sonhado.

15

Com a esperança num «futuro esplêndido nunca antes sonhado», conclui-se o último conto apresentado, que é como quem diz, conclui-se a cultura pré-66. Já na sociedade chinesa após '49 surgiram não poucos problemas e contradições, nem sempre passíveis de serem resolvidos com um simples aperto de mão, muitas vezes apenas existente no papel. Os contrastes, em incubação há anos, explodem com violência e precisamente naquele campo artístico e ideológico que tanto pode preparar uma revolução como uma contra-revolução.

Nos finais de 1965, nos jornais e revistas, abriu-se um debate a respeito da obra dum velho escritor, Wu Han, intitulada A Deposição de Hai Jui. *Tratava-se da história do «leader funcionário» do século XVI, injustamente deposto pelo Imperador porque suspeito de defender os interesses do povo, quando na realidade era um fervoroso paladino da ordem constituída. A história, de sabor antigo, tem um ponto de relação com a actualidade: por leais funcionários, leia-se: os novos mandarins da idade de Mao.*

Agora, o privilégio ressuscitado é abatido, e também o leal funcionário, quando a sua lealdade não for a favor do povo; a luta de classes não se extinguiu, mas não se combate, pelo menos por ora, a nível de estrutura. Entre os primeiros objectivos, vem, na verdade, o de «transformar a instrução, a literatura e a arte, e todos os outros sectores da superestrutura que não correspondam à base económica do país». Com essa finalidade «não se deve ter medo da desordem». Uma palavra que já tinha corrido em 1919.

A desordem dá-se: fechadas as escolas e as universidades, os guardas-vermelhos partem ao ataque para «bombardear o quartel-general» (o slogan *é do próprio Mao). É uma revolução na Revolução guiada por um velho chefe; é, mais uma vez, aprender a nadar, nadando e não doutra maneira. É o regresso e o chamar para a frente da resistência, para o espírito de Yenan, para uma nova forma de guerrilha a combater com a arma ideológica do pensamento de Mao, divulgado de maneira capilar «e criativamente» aplicado.*

Eis a difusão maciça das Citações, *«do* Livro Vermelho», *e dos seus discursos de 1942, cujas ideias «não foram fundamentalmente aplicadas nos círculos literários e artísticos», tanto é que neste campo surgiu uma «linha negra».*

A literatura do período da Revolução Cultural é muito peculiar. Uma visão de conjunto tem que compreender os cantos e os escritos dos guardas-vermelhos, a crítica feita a romances e obras precedentes, e alguns exemplos de um novo género de escrever.

REGRESSO A YENAN

«(...) A grande e actual polémica sobre a frente cultural não é questão que diga apenas respeito a poucos artigos, obras de teatro e filmes. Nem tão pouco é uma questão académica. É uma luta de classes, extremamente aguda. É a luta para defender o pensamento de Mao (...) O Presidente Mao ensina-nos que as classes e as lutas de classes persistem mesmo numa sociedade socialista, e que a luta entre a via do socialismo e a do capitalismo permanece aberta. A revolução socialista no sector económico (entenda-se a propriedade dos meios de produção) não basta e não se pode consolidar sozinha. O que precisamentos é uma completa revolução nas frentes políticas e ideológicas.

(...) De facto, como Mao acentuou, não houve um ano, um mês ou um dia durante o qual, nestes dezasseis anos que se seguiram à libertação, não se tenha manifestado a luta de classes (...) Uma luta segue-se a outra e cada uma age sempre em profundidade. Arranca-se um fio negro e logo outro surge, e a luta continua... Com todos os meios possíveis, os elementos anti-partido e anti-socialismo reavivam continuamente a sua natureza burguesa.

(...) Contudo, aquilo que se diferencia na nova situação da luta de classes é que os ataques que nos são dirigidos por aqueles poucos elementos anti-partido e anti-socialismo se manifestam com novas características. Quero dizer, desfraldam «bandeiras encarnadas» para se oporem à Bandeira Vermelha, mascaram-se com o marxismo-leninismo e com o pensamento de Mao para se oporem ao marxismo-leninismo e ao pensamento de Mao Tse-tung. Aproveitando das posições

e dos poderes que lhes são fornecidos pelo governo, puseram sob o seu **contrôle** pessoal algumas instituções, contrariando as directivas do Partido, e utilizando «bonecos» nas suas mãos, desenvolvem criminosas acções anti-partido e anti-socialismo (...) e a nossa luta contra eles é até à última gota de sangue. É necessário saber isso e vigiar atentamente.

(...) Antes que a Revolução vencesse na China, o Presidente Mao avisava-nos: «Após termos aniquilado os nossos inimigos armados de espingarda, ainda ficarão os inimigos sem espingarda, que lutarão desesperadamente contra nós: «não os devemos menosprezar» (...) cada restauração contra-revolucionária inicia-se, no campo do pensamento — quer dizer ideologia, superstrutura, trabalho teórico e académico, literatura e arte — e daqui parte à conquista da opinião pública. (...) Se não tivermos cuidado com estes inimigos sem espingarda, se não passarmos resolutamente ao contra-ataque, mas deixarmos via livre às ideias burguesas e permitirmos que as suas conspirações cheguem a bom porto, pode acontecer que as bases do nosso socialismo sejam minadas e que a nossa terra mude de cor.

(...) Sobre a teoria do Presidente Mao acerca da existência de classes e da luta de classes que se funda a orientação do camarada Lin Piao de dar prioridade à política. A política é a luta duma classe contra a outra. Dar prioridade à política significa dá-la à política proletária, assumir o pensamento de Mao como guia, a luta de classes como base, e combater para difundir a ideologia proletária e liquidar a ideologia burguesa (...) nunca devemos menosprezar a influência que tem sobre nós a luta de classes na esfera ideológica. Boas obras literárias e artísticas e bons artigos podem elevar a nossa consciência política e reforçar a nossa vontade de luta. Mas filmes, romances e obras de teatro más, se não os entendermos por aquilo que são, se não os criticarmos e não os desprezarmos, acabarão por envenenar os nossos cérebros e por nos conduzir, transformando-nos, por um caminho errado (...) A grande e actual revolução cultural socialista é a educação mais viva e mais prática da luta de classes (...)

de «Não Esquecer a Luta de Classes»; Editorial do «Quotidiano do Exército de Libertação», 4 de Maio de 1966.

A revolução é rebelião e a rebelião é a alma do pensamento de Mao Tse-tung... Pensar, falar, agir, abrir um espaço à força e fazer a revolução; por outras palavras, revoltar-se, é a qualidade fundamental e preciosa dos revolucionários proletários... Não se rebelar é simplesmente reviosionismo! (...) O reviosionismo aninhou-se nas nossas escolas por 17 anos. Se não nos revoltamos hoje, quando é que o vamos fazer? Aqueles que são contra a rebelião (...) acusam-nos de ser demasiado duros (...) de ir longe demais (...) O Presidente Mao disse: «E nós consideramos aqueles que ocupam altos cargos simples poeira» (...) Dizem que somos duros? Temos, que o ser (...) Ser moderados para com o inimigo significa ser cruéis para com a revolução! (...) Dizem que vamos longe demais? Digamos claramente que o vosso «evitar ir longe demais» é reformismo; é um «compromisso pacífico» (...) Havemos de vos atirar para a poeira, e ali haveis de ficar (...) Dobrados às convenções, obsequiosos, fechados na vossa casca revisionista, mal sopra uma leve brisa de rebilião, vocês ficam logo nervosos, e têm medo.

(...) Pode dizer-se que tenham sido eliminadas completamente as velhas ideias e a velha cultura, os velhos usos e os velhos costumes? Não!

(...) Pode dizer-se que tenha sido completamente eliminado o imperialismo, o moderno revisionismo e todos os reaccionários? Não! Não! Não!!!

E, nestas circunstâncias, nós, a classe proletária, não nos devíamos revoltar?

(...) Cavalheiros burgueses das direitas, podemos compreender muito bem a vossa atitude: nós exercemos a ditadura sobre vocês. Acham-na pesada e agora também querem vocês gritar: «revolta». Nenhum espanto se, recentemente, se assistiu ao estranho fenómeno de a esquerda e a direita gritarem em uníssono: «revolta!» Mas também vos dizemos francamente que os olhos dum peixe não se devem confundir com pérolas.

(...) Todos os revisionistas de hoje e do passado, quer na China quer nos outros países do mundo, dizem: a exploração é justificada, a opressão é justificada, a agressão é justificada, o revisionismo é justificado, mas não é justificado que o proletariado se revolte. O Presidente Mao disse: «Em última análise, todas as verdades do marxismo-leninismo se podem reunir numa só frase: revoltar-se é justificado».

(...) Os revisionistas burgueses preparam rebeliões contra nós todos os dias. Se tu te não rebelas contra eles, são eles que se revoltam contra nós (...) Devemos lançar-nos numa grande rebelião revolucionária, contra estes grupos criminosos, contra o velho mundo, contra a cultura, os velhos usos e os velhos costumes, e contra seja o que for que se oponha ao pensamento de Mao Tset-ung!... Estes cavalheiros (...) que concedem a si próprios o revoltar-se contra o proletariado, mas impedem o proletariado de se revoltar contra eles. Isto significa que «enquanto aos magistrados é permitido incendiar casas, à plebe comum nem é permitido acender uma lamparina» (...) Revoltar-se é tradição dos rebeldes proletários, a tradição de que as guardas vermelhas devem apoderar-se, desenvolvendo-a. (...) Revoltámo-nos no passado, revoltamo--nos hoje, havemos de nos revoltar no futuro! Havemos de nos revoltar enquanto houver classes e lutas de classes! Havemos de nos revoltar enquanto existirem estas contradições. O que significa cem, mil, dez mil, cem milhões de anos futuros!

De alguns jornais murais em grandes caracteres, escritos pelos guardas vermelhos da escola média agregada à Universidade de Tsinghua de Pequim, Junho-Julho de 1966.

Somos os herdeiros da Revolução,
os filhos do Exército Vermelho, dos operários e dos
[camponeses da China,
crescemos nutrindo-nos do pensamento de Mao Tse-tung
e nas nossas veias corre sangue revolucionário.
Queremos ser os dignos sucessores da causa revolucoinária
[proletária,
sem nunca mudar ou vacilar,
mas só levando por diante e sempre a revolução,
e avançando sempre seguros na tempestade revolucionária,
seguindo o Presidente Mao.

(Canto dos guardas vermelhos.)

Basear-se apenas na força física não é, afinal muito
[importante;

mas, baseando-se no pensamento de Mao Tse-tung,
Pode-se construir um novo céu e uma nova terra.

Se as balas e as granadas não podem competir
com a bomba atómica espiritual do pensamento de Mao
[Tse-tung,
as dificuldades bem podem envolver-te por todos os lados,
mas, através do pensamento de Mao, pode-se encontrar
[solução para tudo.
Embora ocupados,
nunca nos esqueçamos de estudar as obras de Mao
e de as aplicar de maneira criativa.
Se não aprenderes com Mao a ter uma clara consciência
[de classe,
podes até vir a trair o Partido.
O cão feroz teme a bengala,
o lobo feroz teme a espingarda do caçador
mas o inimigo teme mais que tudo o pensamento de Mao
[Tse-tung.

(Estribilhos revolucionários do Exército de Libertação)

A 18 de Agosto de 1966 encontrei o Presidente Mao no largo Tien An Men. Estava muito excitado. Perguntei ao camarada de serviço se podia oferecer ao Presidente uma fita vermelha para pôr no braço, como sinal da fé infinita e do amor ilimitado que temos por ele. O camarada guiou-me até ao Presidente. Foi com grande comoção que lhe pus no braço a faixa das guardas vermelhas.

(...) O Presidente perguntou-me como é que me chamava. «Sung Pin-pin» respondi: «Pin significa «tranquilo?», perguntou. «Sim», afirmei. Então ele, gentilmente, disse-me: «Tens de ser militante»... Aquele conselho ecoou-me nos ouvidos e fez-me compreender que estava bem longe dos seus desejos, e indicou-me o caminho a seguir (...) Antes da libertação, a nossa velha geração, tendo a mão firme na espingarda, seguiu o Presidente e lutou em todo o país. Assim a violência revolucionária construiu a nova China. Assim o poder político nasce do cano duma arma. A necessidade de ser «militante» foi então verdade, é verdade hoje, será verdade amanhã (...) Actualmente, numa nova fase da revolução socialista (...),

temos que aprender com os nossos predecessores a ser militantes. É com este espírito militante que o Presidente Mao envergou o uniforme verde-azeitona para se vir encontrar connosco (...) No passado, o sistema educativo revisionista procurou amarrar-nos firmemente, apagar a nossa vivacidade revolucionária e transformar-nos em tranquilos e amáveis ratos de biblioteca, incapazes de qualquer revolta (...) A passagem de **pin** (tranquilo a **wu** (militante) reflecte a grande mudança que se deu nas ideias do povo e a fase de amadurecimento dos jovens revolucionários (...)

de «Coloquei uma faixa vermelha no braço do Presidente Mao», de Sung Yau-wu (ex-Sung Pin-pin), guarda vermelha da escola média feminina agregada à Universidade Normal de Pequin.

Chegaram, chegaram
as obras de Mao!
Chegaram, chegaram
as verdades que tudo iluminam!
O bater de mil corações ardentes torna-se mais rápido
e lágrimas de alegria brilham em milhões de olhos.
(...) Durante longos dias e noites
esperámos pelas obras de Mao:
são o trigo, as armas, a bússola dos revolucionários.
Pode um homem que navega passar sem um farol?
Pode um soldado revolucionário passar sem uma
[espingarda?
É possível criticar o velho mundo
sem as obras de Mao?
As grandes ondas da Revolução Cultural
desmascararam a linha negra anti-partido e anti-socialismo;
as obras foram publicadas em larga escala
e a decisão da Comissão Central
tornou possível que o nosso desejo de anos se realizasse.
Porque não nos havíamos de alegrar?
Porque não havíamos de deitar uma lágrima de alegria?...

de «Chegaram as obras de Mao!), por um grupo de estudantes do Instituto Técnico de Pequim.

Durante os anos de guerra, (Mao) usava o uniforme e guiou o povo chinês para uma revolução que devia desembocar no governo proletário. Hoje, na grande revolução cultural, tem novamente vestido o uniforme e leva-nos a combater contra os fantasmas e os monstros, para tornar mais firme o governo em todo o país. Este uniforme encoraja-nos a manter para sempre as nossas gloriosas tradições de luta.

(...) Alguém disse: «Porque é que, para fazermos experiências entre nós, estudantes, não organizamos uma pequena longa-marcha?». «De acordo. Pernas já nós temos. Vamos a Pequim;». (1)

Esta proposta repentina electrizou toda a escola. Muitos estudantes aprovaram-na, poucos tiveram dúvidas ou se opuseram. Alguns disseram: «Não é má ideia, mas não me parece que possa ser realizada». Quais os problemas que havia? teriam de deixar as suas aulas luminosas e os seus alojamentos confortáveis, teriam de ignorar os modernos meios de transporte para se atirarem para o cadinho da sociedade entre operários e camponeses, para se temperarem e se tornarem proletários revolucionários.

(...) De Talien a Pequim havia duas mil **di,** mas, iluminados pelo pensamento de Mao, esta distância parecia como que um esplêndido caminho socialista. Trinta anos antes, com pés incansáveis, o Exército Vermelho tinha percorrido os vinte cinco mil **li** para alcançar Yenan, o coração revolucionário da China de então. Hoje, os guardas vermelhos da era de Mao seguem a estrada revolucionária que os mártires antes deles deixaram marcada com o seu sangue, e encaminham-se na direcção do coração da grande revolução proletária de hoje: Pequim!... Excitados, discutiram estas palavras de Mao:

---

(1) Como já se disse, em 1966 as escolas e universidades foram encerradas na China e o país foi atravessado duma ponta à outra por estes grupos móveis de guardas-vermelhos que deram vida a outro tipo de contestação juvenil e que representaram o aspecto mais avançado e combativo do movimento (o exército teve um papel mais estabilizador, mais de «modelo a seguir»). Escolas e universidades foram abertas, gradualmente, a partir do fim de 1967, mas foi um «regresso à escola» diverso (ver-se-á isso na poesia **Nós Dois**), com uma relação diferente entre mestres e alunos.

«A Longa Marcha... é um manifesto, uma forma de propaganda, uma máquina de semear». Disseram: «Nós também temos que fazer uma longa-marcha, propagar o pensamento de Mao e deitar por todo o lado sementes revolucionárias, devemos integrar-nos com os camponeses e os operários e aprender com os anciãos o que são a consciência de classe e o método revolucionário».

(...) Onde quer que chegavam, nas cidades, aldeias, nas escolas, uniam-se as massas, comiam, viviam, trabalhavam com eles (...) «Os componeses pobres são os nossos melhores mestres» diziam. Devemos ser seus alunos, seus filhos, e não os herdeiros de professores burgueses». O afectuoso ensino que lhes foi transmitido pelos operários e pelos camponeses passou como uma onda pelo coração daqueles rapazes, eliminando qualquer resíduo de quanto tinham aprendido durante os estudos académicos, e dia após dia a sua ideologia tornou-se mais firme. Fazei do país inteiro uma grande escola do pensamento de Mao! Demolir o velho mundo e construir outro novo!

de «A Longa Marcha das guardas vermelhas», páginas do diário de Cing Ciun.

Com o coração cheio de amor e de esperança,
e o sangue ardente que nos corre nas veias,
nós, soldados, viemos aqui à praça Tien An Men
e em cada um brilha um sol de oiro!

Desfilamos rápidos aos pés das muralhas altivas,
perante o retrato do Presidente saudamos,
e com solenidade prometemos ao nosso comandante
[supremo
segui-lo por toda a parte para fazer a Revolução!

Olhando as bandeiras vermelhas que ondulam lá no cimo,
pensamos naquelas, mais modestas, entre os montes
[Chi kang,
do Exército Vermelho, que, seguindo o seu guia,
lutou a norte e a sul do país para fazer nascer a Revolução.

O chapinhar das verdes águas contra a ponte
lembra-nos as ondas cristalinas do Yen;
destas margens a mão do Presidente ergueu-se poderosa
e um exército de milhões se pôs em marcha.

Com o coração cheio destes pensamentos, destes episódios,
de garganta escancarada cantamos O Oriente é Vermelho;
depois, tendo aprendido as verdades de Mao,
deixamos Tien An Men para uma nova campanha!

de Nós, soldados, viemos aqui à praça de Tien An Men», de Yu Tsung-hsin.

Uma manhã cedo, em Pequim, o autocarro n.° 11 estava à espera no portão ocidental para iniciar a carreira. Quando a revisora estava a subir para o autocarro, ouviu uma voz atrás de si: «Camarada, já está alguém para ler as citações do Presidente Mao?». Envolvidas pelo sol da manhã, com a faixa vermelha no braço, que brilhava como lume, apareceram dois guardas vermelhos. «Não», respondeu a revisora. Com um grito de alegria, os dois guardas vermelhos subiram para o autocarro.

Os dois garotos tinham-se posto a caminho de madrugada, quando ainda a última estrela não tinha desaparecido do céu, esperando chegar antes de outros guardas vermelhos. Tinham oferecido os seus serviços a um autocarro atrás de outro, mas só para ficarem a saber que tinham sido precedidos por outros sorridentes garotos... Não era muito simples realizar aquilo que tinham em mente. Mas finalmente ficaram encantados por ter encontrado um autocarro em que pudessem fazer propaganda do pensamento de Mao.

O autocarro inicou a sua carreira e os dois guardas vermelhos pegaram nas suas matracas e fizeram-nas soar. Dezenas de olhos amigáveis se dirigiram para eles. Com calma, sorrindo, fazendo ecoar as matracas, começaram a declamar:

«A água fica estagnada se não corre;
Um barco vai ao fundo se não for reparado;
As espingardas enferrujam se não levarem óleo;
O povo faz marcha atrás se não estuda os escritos do
[Presidente Mao.»

A exibição dos dois rapazinhos tinha tido tanta graça, que os passageiros estavam encantados e teriam gostado que continuassem. Mas o som das matracas interrompeu-se quando os livrinhos vermelhos das **Citações do Presidente Mao** apareceram nas suas mãos e eles gritaram, com espírito revolucionário: «Camaradas, estudemos primeiro as citações do Presidente Mao!». Depois, enquanto um fazia a pergunta e o outro respondia, começaram: «Quem é revolucionário em sentido absoluto? Quem quer que alinhe com o povo é um revolucionário — é revolucionário...». Perante esta cena, os passageiros pegaram cada um no seu livrinho e releram os ensinamentos do Presidente Mao, juntamente com as duas crianças. Esta leitura a várias vozes encheu o autobus e espalhou-se pelas ruas (...) O condutor disse: «Não estudar as citações é como querer guiar sem volante». Leais ao Partido e ao Presidente Mao, os guardas vermelhos iniciaram a leitura das **Citações** em quase todos os autocarros girando pelo centro e fazendo propaganda do pensamento de Mao Tse-tung. Verificaram-se deste modo numerosos e estimulantes encontros. (²)

O autocarro n.º 11 continuava o seu caminho e os passageiros cada vez mais numerosos (...) Depois de se terem consultado em voz baixa, os dois rapazinhos abriram caminho na multidão que enchia o autocarro e disseram em voz alta: «O camarada Lim Piao disse que mesmo um bom cantar é uma importante lição política. E se cantássemos **Cruzar os mares depende do timoneiro?**» «Boa ideia!», aprovaram os passageiros. Os dois guardas-vermelhos mostraram-se hábeis dirigentes (...) Quando o canto acabou, várias vozes disseram: «E se cantássemos outro?» E assim, um cantar após outro foi surgindo, e até a revisora se uniu ao coro enquanto recolhia o dinheiro dos bilhetes.

O autocarro estava a chegar ao fim da carreira, e os passageiros prepararam-se para descer. Os guardas vermelhos despediram-se calorosamente: «Até à vista, camaradas! Procure-

(²) Na verdade, este tipo de reunião improvisada não acontecia apenas nos autocarros. A partir de 1966 e quase até 1968 (ou seja, no grande fluxo da Revolução Cultural), estas coisas eram bastante frequentes quase em toda a parte: nas estradas, nas fábricas, nos campos. Geralmente sob a orientação dum guarda vermelho, lia-se Mao em grupo, ou «representava-se», de certo modo, e finalmente cantavam-se em coro aquelas citações e aqueles pensamentos que tinham sido até musicados.

mos, unidos, manter bem alta a bandeira do pensamento de Mao e, em diferentes frentes, levar por diante até ao fim a grande revolução proletária!»...

de «Autocarros cheios de Sol enchem as estradas de cantares», de Miao Hsin.

De manhã, primeira coisa, os homens
sentam-se ao lado das suas tendas,
respiram o ar fresco
e estudam as obras de Mao Tse-tung.

Cada frase é como uma gota de chuva ou de orvalho.
que alimenta os pensamentos dos homens:
cada obra é como uma brisa de Primavera
que abre as janelas no cérebro dos homens.

... Sentem-se electrizados por estas palavras de sabedoria
que melhoram os seus conceitos e o seu modo de pensar:
palavras cheias de verdade,
que lhes dão mais força.

de «O estudo de manhã» de Kuo Kuo-tung operário e escritor.

As mesmas montanhas, as mesmas colinas
o mesmo rio, o mesmo canal...
Estes homens que nós amamos regressam:
saudemo-los calorosamente!
Como uma turbina, uma onda violenta
o passado volta à nossa mente.

(...) Aqui, o Exército e o Povo desbravaram a montanha
[em terraços,
canalizaram os ribeiros numa corrente;
aqui, gota a gota, o seu suor dissolveu a neve da Primavera.
... ...
Lutando pela Revolução e pela produção,
o Exército e o Povo unidos
deram vida à corrente da amizade.

E hoje, estes nossos soldados regressaram para junto de
[nós.
... ...
Mais uma vez, o Povo e os soldados estão lado a lado;
trazem-nos as últimas sugestões,
ajudam-nos a preparar os nossos cursos de estudo;
o Presidente Mao diz que devemos combater o egoísmo,
repudiar o revisionismo e prosseguir em frente.

... ...
Depois, afastam-se lentamente, entre colinas e rios.
Os camponeses vêem-nos partir: nunca mais os esquecerão.
Aqui, deram início a uma nova escola,
connosco se estudam os pensamentos de Mao
... connosco trabalharam nos campos.
trabalharam connosco para nos ajudarem a compreender.»

Partem, ainda que com pena,
mas sabem que outra missão os espera.
«Camaradas, não se preocupem!
Bem alto teremos erguida a bandeira vermelha que nos
[deixaram!»

de «O Exército Popular de Libertação regressou à nossa aldeia entre as serranias» de Chin Yen, e de «O profundo afecto que une o Exército e o Povo», de Lu Hsing. [3]

---

[3] A Revolução Cultural deu-se em várias fases. Os escritos apresentados até aqui, nesta parte intitulada **Regresso a Yenan**, dizem respeito ao período de 1966/67, o mais radical e guerreiro. Com 1968 inicia-se nova fase de reconhecimento das proposições e também das novas estruturas revolucionárias que emergem das desordens e das «tempestades» dos dois anos anteriores. Pelos fins de 1968, de facto, os velhos organismos do poder, a nível de região, de comuna, de fábrica ou de escola, são renovados no seu interior com a emissão de novas forças nascidas em 1966. Eis a origem das comissões revolucionárias baseadas na aliança a três, ou seja entre representantes das organizações revolucionárias, ou que se tornaram tal através dos movimentos de 1966. É dedicada à formação das comissões revolucionárias (que significam a vitória da «linha vermelha» de Mao) a poesia que se segue.

Dum lado e doutro da Grande Muralha, ondulam as bandeiras
[vermelhas;
A norte e a sul do Yangtsé ouvem-se cantos de vitória.
A nossa terra ficou vermelha até ao último campo:
a notícia abala o céu e difunde-se rapidamente.

... ...
Até à mais distante praia, a nossa terra tornou-se vermelha,
a mentalidade dos homens está mudando e o país muda
[de aspecto:
foram formadas as comissões revolucionárias
e a ditadura agora está firme nas mãos do proletariado.
Das tempestades da luta de classe
Emergem os sucessores da causa proletária revolucionária,
o sol vermelho resplandece sobre rios e montanhas,
a nossa grande pátria é forte:
Uma muralha de ferro contra o imperialismo e o
[revisionismo,
alta, indestrutível, no Oriente do mundo!

Até à mais distante aldeia a nossa terra tornou-se vermelha.
... ...
A contra-revolução naufragou
... ...
a tentativa de restaurar o capitalismo foi bloqueada
e foram abatidos os desejos e ambições
dos imperialistas, dos revisionistas e de todos os
[reaccionários
que queriam a China, de maneira «pacífica»,
voltasse as costas à Revolução.
Até ao último pico a nossa terra ficou vermelha.
... ...
e a quantos gritam: «muitos centros»,
nós opomos a teoria: «nenhuma centralização!»

de «Até à última praia a nossa terra ficou vermelha» de Yang Ciun-cing, membro do grupo de propaganda do pensamento de Mao Tse-tung, da Universidade de Pequim.

O Presidente Mao ensinou-nos: «O modo de garantir que o nosso Partido e o nosso país não mudem de cor, será não só ter uma linha de conduta correcta e uma política correcta, mas também educar e instruir milhões de sucessores que levem por diante a causa da Revolução».

A história de hoje intitula-se: **Para que as sementes germinem.»** (4)

(...) Em frente da aldeia corre uma ribeira de água límpida. Nessa manhã, havia um homem na margem, descalço, com as mangas e as calças arregaçadas. Perto dele havia alguns cestos cheios de sementes de arroz, já seleccionadas depois de terem estado devidamente de molho em água de cal. (7)

Em silêncio, mergulhava-os na água corrente e lavava-os com as mãos. Aquele homem era Wan Yung-ciun, o chefe da brigada da Bandeira Vermelha... e tinha vinte cinco anos. Nos últimos dias, qualquer coisa tinha perturbado a sua mente. Os membros da comuna brincavam entre si:

(4) A revolução cultural foi movida e levada por diante sob o símbolo do estudo e da aplicação «criativa» do pensamento de Mao. Pelo que diz respeito ao estudo, já vimos; vejamos agora o lado criativo. Na realidade, os pensamentos de Mao não são dados glosados ou comentados, mas propostos de forma lapidar e essencial (basta pensar no «livro vermelho»), que é tanto para aprender de cor como para viver e compreender à luz duma experiência pessoal ou de grupo. De certo modo poderia dizer que são propostos, por um lado, como «um tema para desenvolver» (e desenvolver um tema é já pesquisa e elaboração), e por outro lado como um ponto de referência, um valor, uma moral ou um guia onde se apoiar e fazer ponto de referência para a solução dos pequenos e grandes problemas. Esta é, teoricamente, a temática cultural que Mao quis em 1966, tendo em vista um reforço ideológico interior do indivíduo; na prática, porém, regista-se também a repetição mecânica, tipo noção, completamente destituída de interiorização, como se regista uma certa calcificação das ideias e não poucas formas do «culto da personalidade» (aliás, o próprio Mao o reconheceu, falando com Edgard Snow em 1970, e disse que lhe ia pôr termo. De facto, desde 1972/73, está em acto na China uma nova dimensão do culto de Mao).

Pelo que diz respeito ao carpo da cultura, nos anos entre 1967 e 71 (mas a coisa tem-se vindo atenuando) tornou-se normal um certo tipo de prosa demonstrativa da temática maoísta que alternava o pensamento de Mao com a experiência prática e a experiência prática com o pensamento de Mao. Um exemplo de tal escritura é o trecho do conto que aqui apresentamos.

(7) Como a semente do arroz possui um tegumento impermeável que atrasa a germinação, a imersão em água de cal é um dos métodos utilizados para abrandar o tegumento e facilitar a germinação.

«Se trabalha em silêncio
com o sobrolho carregado,
Há qualquer coisa que não corre bem!»

Na realidade, Yung-chiun não conseguia desenvencilhar-se de toda uma série de pensamentos que o perturbavam. Por seu lado, tendia para deitar as culpas para cima de outrem. Em quem? Nele, Wang Fu-sceng, naturalmente, que tinha sido chefe da brigada antes dele... Era um homem de sessenta e três anos, parente afastado de Yung-chiun. O pai de Yung-chiun tinha morrido novo, antes da libertação e desde então o velho Wang tinha tratado o rapaz como um filho. Depois da libertação, na época em que Yung-chiun tinha entrado para os Jovens Pioneiros até quando se tinha inscrito no Partido, toda a aldeia tinha demonstrado uma certa estima por ele, com grande satisfação do velho Wang. Dois anos antes, o velho Wang tinha dito ao secretário do Partido: «Yung-chiun é jovem e competente. Eu estou a ficar velho e gostaria que fosse ele a ocupar o meu posto». Todos os membros da comuna concordaram, e assim Yung-chiun tornou-se chefe da brigada.

No seu novo cargo, Yung-chiun tinha-se ocupado muito da produção e os êxitos alcançados tinham feito com que fosse elogiado por diversas pessoas. Estes cumprimentos deram-lhe volta à cabeça e tornaram-no vaidoso. Consciente das suas origens na classe camponesa e da sua habilidade, nem por sombras se apercebeu de que estava errando e que se devia auto-criticar. As ideias burguesas começaram a infiltrar-se como pó no seu cérebro, acumulando-se a pouco e pouco e levando-o a cometer alguns erros (...) Como chefe da brigada, Yung-chiun tinha de participar em muitas reuniões comunais e também tinha que se deslocar frequentemente ao mercado e à cidade; acabou por monopolizar a maior parte do tempo a única bicicleta da brigada. Quando depois teve de controlar o trabalho dos diferentes grupos, ganhou o hábito de andar para trás e para diante, sempre de bicicleta, ao longo dos diques dos campos. Aos trabalhadores, a coisa não passou despercebida, e foi comentada negativamente:

«Dring-dring! Ele toca a campainha
e ignora a lei!»

Lentamente, o modo de vida de Yung-chiun mudou também. De inverno, vestia um sobretudo acolchoado, de verão, uma camisa branca, e raramente se reunia já ao trabalho dos grupos. Quando, certo dia, num arrozal, teve que arregaçar as calças, um velho camponês olhou para ele e disse: «Yung-chiun, as tuas pernas estão mais brancas que dantes!».

No início da Revolução Cultural, Yung-chiun não supunha que tinha defeitos, estando agora cego para todas as coisas e pensando apenas nos seus triunfos. Mas, quando o movimento se começou a desenvolver, os membros da comuna começaram a criticá-lo. E quem o criticava mais que todos, era precisamente o antigo chefe da brigada. Como gostava dele, o velho Wang desejava que Yung-chiun demonstrasse ser um bom chefe de brigada, que seguisse o Presidente Mao e que avançasse pela estrada do socialismo e do comunismo. Mas Yung-chiun tinha acabado por ser como um piloto que não sabe segurar com firmeza o leme e deixa o barco ir contra um escolho. O velho Wang estava desolado. Sabendo que o fim da revolução cultural proletária era assegurar o país contra uma mudança de cor, pegou o toiro de caras e escreveu, uns atrás dos outros, nove jornais murais em grandes caracteres, nos quais criticava violentamente os defeitos de Yung-chiun. Os membros da comuna fizeram outro tanto. Escreveram uma quantidade de jornais murais sobre Yung-chiun. Nas reuniões de crítica, a voz que mais alto se ouviu foi precisamente a do velho Wang. Uma por uma, pôs em evidência as faltas de Yung-chiun.

Como resultado, Yung-chiun fez marcha atrás. «Fecham os olhos sobre os meus lados positivos e só vêem os negativos!», pensou. E o velho chefe da brigada faz uma montanha de cada grão de poeira. «Sentia-se deprimido, e as suas ideias acabaram por se confundir totalmente. Tomou então uma decisão: «Visto que não executei bem o meu trabalho, vou-me ocupar menos dos problemas da brigada e vou trabalhar mais nos campos. Deste modo, dificilmente poderei errar». Foi ele próprio, por isso, que pediu ao chefe de produção que lhe confiasse a tarefa de preparar as sementes do arroz. Quando o velho Wang o veio a saber, pediu para poder ele também fazer o mesmo trabalho. Pensava que isso lhe iria permitir ajudar melhor Yung-chiun. O Presidente Mao disse. «Nós sustentamos uma activa luta ideológica, porque esta é a arma para assegurar a unidade no seio do Partido e das organizações revolucionárias, no interesse da nossa luta». O velho Wang tinha estudado esta citação e estava cada vez mais convencido a ajudar Yang-chiun, esperando ser capaz de o fazer. Pensava: «Desembaraçar a meada dos pensamentos de Yung-chiun é como preparar as sementes para que germinem».

... Por isso, quando estava ocupadíssimo, junto do rio, a lavar as sementes, Yung-chiun ouviu alguém que o chamava. Olhou em volta e viu o velho chefe da brigada, que se aproximava com duas cestas cheias de sementes de arroz, oscilando nas duas pontas duma canga. O olhar que lançou ao velho Wang não foi de boas-vindas. «Vem para me agredir outra vez», pensou Yung-chiun. E fingiu que o não tinha ouvido. O velho Wang ergueu a voz e gritou. «Yung-chiun! Vamos fazer o trabalho juntos! Tenho a certeza de que, unindo a tua juventude à minha velhice, poderemos fazer nascer plantazinhas fortes e vigorosas, capazes de resistir a tudo, nos campos, ao vento e à chuva...» Pensando que esta frase tivesse um duplo sentido a seu respeito, Yung-chiun cortou logo: «Porque é que não vais escrever qualquer jornal mural em grandes caracteres?, parece-me que a coisa mais importante, hoje, seja fazer críticas...» O velho Wang colocou os seus cestos na margem. Agarrou numa mão-cheia de sementes das que Yung-chiun já tinha lavado, e examinou-as atentamente. Algumas não estavam bem lavadas. «Devias lavá-las melhor», disse o velho Wang. «Têm uns resíduos de cal. Cada semente estragada é uma plantazinha a menos. Devemos procurar fazer bem o nosso trabalho». Yung-chiun olhou-o enfastiado. Sim, na verdade, algumas sementes não estavam bem lavadas. Sabia que estava errado, mas não queria dar o braço a torcer. Procurando com dificuldade manter-se calmo, respondeu: «Para que se há-de fazer uma tragédia duma coisa de nada? Que mal é que faz um resíduo de cal? Em vez de reconhecer os merecimentos duma pessoa, andas sempre à procura de culpas, tu!»

O velho chefe da brigada sabia o que é que o jovem tinha dentro si. Não se ofendeu, portanto, com estas palavras, mas procurou encontrar o melhor meio para alcançar a raiz daquilo que perturbava Yung-chiun. Depois duma pausa, disse: «Não se podem deixar passar os pequenos problemas, Yung-chiun: os grandes problemas não são senão um molho de pequenos problemas. O Presidente Mao ensinou-nos: «Não fiques à espera de que os pequenos problemas se tornem grandes e te dêm por isso muito mais que fazer para os resolver». Mesmo

poucas sementes mal lavadas podem corroer, fermentar e inutilizar um saco inteiro; o que não é uma brincadeira. Era melhor que as lavasses outra vez». Como Yung-chiun não se mostrava ofendido, o velho Wang pensou que era o momento de lhe dar mais alguns conselhos. Continuou, pois: «Sucede a mesma coisa com as nossas ideias. Tal como disse o Presidente Mao: «Se uma sala não for limpa regularmente, o pó começa a acumular-se; se não lavarmos a cara regularmente, ficará suja. Também na cabeça dos nossos camaradas e no trabalho do Partido se pode acumular o pó, e pode ser preciso limpar e lavar...»

Yung-chiun sabia como o velho era observante dos princípios. O que tinha a fazer era lavar novamente as sementes. Começou. Mas, sabendo que o velho Wang não estava ali a falar apenas das sementes, enquanto trabalhava meditou naquilo que o outro lhe tinha dito. «O velho chefe tem razão», pensou. «Não podemos permitr que um pequeno erro comprometa todo o nosso trabalho. Se um de nós raciocina de maneira errada, se comete erros, estes estão destinados a recair sobre a colectividade». Depois de ter voltado a pensar nisso com toda a atenção, percebeu que, afinal, o velho Wang não era tão severo como isso. Ee sentiu-se mais próximo dele.

de «Para que as sementes germinem», de Scen Cin-hsien.

Desde que a crítica de massa se intensificou, operários, camponeses e soldados de Xangai (...) aprofundam e ampliam a sua crítica em relação ao escritor reaccionário Chiou Er-fu, autor de **Manhã em Xangai,** que avilta a classe operária e valoriza a burguesia ([8]). Muitos dos textos que apareceram em 1949 e 1966 (e alguns deles incluídos na presente antologia) foram objecto de duríssimas críticas durante a Revolução Cultural, considerados «irrecuperáveis» e retirados da circulação. Outros, «recuperáveis», tiveram evidentemente sorte diversa: foram «renovadas» à luz das exigências do novo tempo (é este o caso da Moça dos Cabelos Brancos, de que a seguir se falará). Nesta breve panorâmica da cultura chinesa de 1966 aos nossos dias, pareceu-me oportuno também inserir uma crítica e uma readaptação, por serem bastante demonstrativos de toda uma problemática e das escolhas que dela derivaram).

(...) Numa reunião de crítica de massa (...) alguns disseram: «Nós trabalhamos numa fábrica de algodão; portanto, temos toda a autoridade para falar disso». (...) Há quem afirme que, com base numa «análise da situação naquele período», a descrição de Chiou «é verdadeira» e que, portanto, «nada de extraordinário há a dizer». (...) Na reunião participaram muitos velhos operários, que no passado tinham sido explorados pelo capitalismo. (...) Um destes, Chen Chiu-mei, disse: «Por exemplo, há uma personagem no romance, Tang Ah-ying, que nos é apresentada como uma mulher que não tem casa, mas, mal é empregada na fábrica de algodão, pode imediatamente mandar metade do salário aos pais. O autor insinua deste modo que o capitalismo «mantinha vivos» os operários. O que é uma pura distorsão da verdade. Nessa época, pouco faltava para se morrer de fome. Como se poderia mandar meio salário para casa?».

(...) «Eram os operários que mantinham «vivo» o capitalismo, ou vice-versa?», perguntou Wang Lin-mei, outro operário. «Eu comecei a trabalhar na fábrica de algodão aos 9 anos. Durante um ano, não recebi um tostão. Onde foi parar o meu salário? Ao bolso dos patrões! Na velha sociedade, tínhamos sobre os ombros três montanhas: o imperialismo, o feudalismo e o capitalismo burocrático. Nesse tempo, éramos tratados como animais. É melhor que todos saibam o que foi a opressão e a exploração. Chiou Er-fu descreve-nos a nós, operários, como pessoas atrasadas e sem sentimentos» (...) enquanto a classe operária de Xangai tem uma história militante de dezenas de anos atrás, se empenhou em muitas batalhas com os inimigos de classe, tem um alto grau de consciência política, uma organização compacta e uma rica experiência de lutas operárias. Chiou Er-fu altera a verdade quando fala da «ignorância» dos trabalhadores e a contrapõe aos «conhecimentos» dos capitalistas, e isso para criar na opinião pública as condições para uma restauração do capitalismo. (...) Operários, camponeses e soldados criticam o romance, também porque «embelezava» os reaccionários capitalistas. O autor fala destes capitalistas «vermelhos», que já não exploram as pessoas e que numa noite sofreram uma «transformação histórica». ([5])

([5]) Lembre-se quanto foi dito na apresentação de Manhã a Xangai, ou seja, que a rica burguesia industrial foi inicialmente mantida na China comunista. Mas a sua adaptação à nova sociedade, pela qual se não tinha

(...) Ho Yung-lung, um operário reformado, disse: «Deduz-se do romance que os capitalistas «fizeram muitas coisas boas para a nação». O que é absurdo. Que género de «coisas boas» pode fazer um capitalista pelo Estado? Quais os seus «méritos?» (...) «embelezar» os capitalistas é esconder a natureza de classe da burguesia». (...) Chiou Er-fu afirma que, «levados pelo desejo de salvar o país e o povo, industriais e homens de negócios da velha China fizeram muito pela China (...)». A História prova que os capitalistas lutaram até ao último, antes de ceder. Esta é a natureza da sua classe. Nenhum capitalista pode ter sofrido uma «transformação histórica» numa só noite», como sugere Chiou Er-fu.

... «Na vida de hoje», disse Pan Chi-hao, «não existem capitalistas «vermelhos». Chiou Er-fu criou um tipo de capitalista que aceita o marxismo-leninismo, que tem uma consciência socialista e luta contra os capitalistas que violam as leis e as ordenações do Estado. O que é inverosímil». (...) Como é inverosímil que um capitalista «vermelho» se auto-revolucione e aceite numa única noite a estrada socialista. Nesse caso, onde está a natureza da burguesia e a luta de classe? No conto **Manhã em Xangai**, afirma-se que a burguesia mudou a sua natureza. A finalidade é evidente. O Autor vale-se do romance para contestar a linha correcta do Partido e de Mao, e fornecer uma base teorética à tese de Liu Sciao-chi, do «fim da luta de classe» e da restauração do capitalismo. (...) A crítica de massa vira-se também contra uma das personagens principais do romance, Yang Chien, «um leader do Partido». «No romance», disse um operário de uma refinaria de Xangai, «quando (dado que o patrão Hsu Yi-te tinha fechado o refeitório para boicotar algumas disposições governamentais que lhe eram prejudiciais), os operários, indignados, pedem a Yang Chien uma acção revolucionária contra este, Yang Chien coloca-se do lado de Hsu e diz: «Se o fizermos, perderemos terreno. O que Hsu está a fazer não é certamente legal. Mas nós não o devemos combater com outra ilegalidade». A ideia de Yang Chien da «ilegalidade» é a mesma da burguesia, ou

certamente batido, resultou forçada, e por isso formal e ambígua, e além disso reivindicava ideias burguesas e revisionistas, que frequentemente acabam de se canalizar em verdadeiras correntes de oposição a Mao. Um dos fins da Revolução Cultural foi também de combater tais pessoas e o mundo que nelas ainda vivia.

seja, que o capitalismo pode atacar o proletariado, mas que o proletariado não pode contra-atacar a burguesia (...) Que classe representa, portanto, Yang Chien?... É um simples lacaio dos seus patrões».

(...) Por isso, **Manhã em Xangai** é uma semente venenosa (...) Os operários, os camponeses e os soldados sabem que tudo aquilo não é apenas uma diatribe contra uma obra literária, mas uma luta de classes entre operário e burguês. Uma luta que não acabou. E a crítica de massa continua.

de «Ulteriores críticas a Manhã em Xangai».

Cheguei à brigada chamada do Rio, cheia de canaviais, perto do sol-posto, e fui acolhido com muita cordialidade por Chiang Tzu-sceng, o secretário local do Partido, que me elucidou sobre as condições da zona antes de me acompanhar a casa da tia Hou, onde iria ficar alojado. (6)

Tratava-se duma casa ensolarada de três vãos, e o quarto a poente tinha sido preparado para mim, enquanto que no de levante dormiam a tia Hou e o neto. A tia Hou estava fora naquele momento; Ching-ming, o neto, fazia sozinho os seus trabalhos escolares, à luz duma lampada eléctrica. Vivia com a avó, disse, porque os pais trabalhavam na cidade. Esperei um bocadinho por ela, depois fui para o meu quarto e estendi-me sobre a cama.

Era a primeira vez que ia a uma aldeia depois da Revolução Cultural. Estava de tal maneira excitado com a nova vida que me esperava e por aquilo que poderia vir a aprender, que

(6) O trecho que aqui apresentamos é extraído dum conto recentíssimo de Hao Jan, um dos poucos autores conhecidos dos anos finais de 60, princípios de 70 (anos durante os quais não surgiram personalidades excepcionais, enquanto que abundaram, segundo a directiva de Mao — trabalho manual mais trabalho intelectual — poesias e novelas de operários-camponeses-soldados e escritores.) Hao Jan nasceu em 1932 e tem no seu efectivo algumas selecções de contos (**Lua de Mel, A Chuva de Primavera**), além dum romance **Límpidos Céus.** Vive a experiência inversa dos operários-camponeses-soldados-escritores, no sentido de que, como todos os intelectuais chineses de hoje, passa determinados períodos de trabalho nos campos ou nas fábricas, com o fim de conhecer e compreender a vida do povo, do qual e para quem escreve. Como se verá, este seu escrito é como que o epílogo da Revolução Cultural.

fiquei muito tempo desperto antes de adormecer. Acordei quando me batiam à porta: «Camarada, estás deitado?» Era a voz de uma mulher de idade: a tia Hou devia ter chegado. Ia-me a levantar, mas a voz continuou: «Não te levantes se estás deitado. Aproximei-me várias vezes da tua porta, mas pensei que estavas a trabalhar». Desci da cama e pus o casaco pelos ombros... «Bati apenas para te dizer que apagues a luz antes de adormecer», esclareceu ela. «É um desperdício deixá-la acesa. Bom, volta para a cama, vá!» Ela foi-se embora e eu apaguei a luz.

(...) Acordei de madrugada e ouvi vozes no quintal. (A tia Hou ralhava com um rapaz que tinha subido ao pessegueiro para roubar os frutos ainda verdes. «Não vale a pena» gritava a tia Hou «partir um braço ou uma perna por causa disto»). Era uma mulher com cerca de cinquenta anos, alta e magra, as mãos e os pés calejados de quem sabe o que é trabalho duro. Além disso, tinha um olhar severo. «Bom dia» disse-me. «Dormiste bem?» Respondi-lhe com um sorriso, fiz algumas observações genéricas e pedi-lhe que não se preocupasse comigo. «Tu não és nenhuma preocupação para mim», disse, abanando a mão. «Muitos camaradas vêm de longe para se unir à nossa brigada e combater pela Revolução. Nós somos como uma família. «Então expliquei-lhe que tinha vindo para um breve período de trabalho, para aprender com a brigada». «Cada um tem os seus lados bons e maus», respondeu. «Ajudamo-nos uns aos outros».

(...) De tarde, verificou-se outro incidente. Depois do trabalho, eu tinha regressado a casa e estava a tomar alguns apontamentos, quando ouvi gritar no quintal. Corri a ver... Vi Ching-ming em cima do portão. «Que se passa?», perguntei. Respondeu-me que a avó estava a discutir com o vizinho de casa, Hou, a quem chamavam o Rapa-tudo. «Ele procura apropriar-se de tudo. De quando em quando, muda a paliçada que divide os nossos quintais e de cada vez chega-a um pouco mais para o nosso lado». A tia Hou gesticulava e gritava: «Quanta terra me apanhaste desta vez? Porque queres tu sempre abusar das pessoas?» Hou, o Rapa-tudo, era um velhote curvo, astuto. Com a enxada na mão, defendia-se também energicamente: «Estás-me sempre a acusar de te roubar a terra, e vais dizendo isso a toda a gente. Onde estão as provas, ehe?» «Diz-me lá, quem plantou esta árvore! Não fui eu? E então, se puseres aqui o marco, de que lado fica a árvore?» «Se tiro daí o marco para o outro lado da árvore, para mim é como dar um passo atrás».

«Não te deixo roubar nem mais um centímetro da minha terra, quanto mais um passo! Deixa de te apropriares das coisas dos outros, se não, vou ter com o secretário Chiang!» «Não fiques tão zangada!» «Não queres reconhecer a tua culpa! Então vamos juntos falar com ele». «Não me quero zangar contigo. Vou mudar o marco, está bem?» «Sim, mas deixa o sulco onde o fizeste». «Não queres que o cubra de terra?» «Não, deixa-o como está. Quero que todos os membros da comuna o vejam e percebam a situação e tirem disso exemplo».

Todas estas coisas tinham acabado por me perturbar. A mim parecia-me que a tia Hou não era tão aberta e altruista como me tinha dito o secretário Chiang. Pois, se o vizinho tinha admitido o erro, para quê tanta coisa? Depois de ter trabalhado nos campos com os camponeses, durante a pausa da tarde sentei-me no bordo do arrozal com o secretário Chiang. Disse-lhe que gostaria de mudar de alojamento. Deitou-me um olhar: «Porquê?» Expliquei-lhe que achava preferível assimilar-me melhor aos camaradas da brigada. «Bem. A casa da tia Hou é precisamente o que te faz falta. Não se inscreveu no Partido, mas é um dos elementos da nossa comuna que mais receberam a influência da Revolução Cultural. É uma mulher da velha geração, que conheceu as condições da antiga sociedade. Poderás compreender melhor os resultados da Revolução Cultural verificando as mudanças e os progressos que ela produziu em pessoas como ela. «Então, disse-lhe que a mulher me parecia egoísta e contei-lhe a cena com o vizinho. O jovem secretário desatou a rir: «Não conheces a tia Hou, camarada. A tia Hou proteje a sua terra porque é a prova concreta das suas misérias de um tempo e o símbolo do seu ódio pelo passado. Anos atrás, nem ela nem a sua família tinham um centímetro de terra ou um tecto onde se abrigar... E há ainda uma razão mais profunda na zanga deles. Hou, o Rapa-tudo, era um camponês abastado, e tem uma mentalidade retrógrada. Há dois anos foi criticado pelas massas porque especulava. Agora, mudou de táctica. Procura ampliar a sua terra, não só roubando a da tia Hou, mas também com prejuízo dos campos colectivos que se estendem a elvante da sua casa. A tia Hou vigia atentamente, para desmascarar os seus truques nojentos.

Nessa noite, sentindo-me quase culpado, voltei para aquele quintal que tanto significado tinha para tia Hou e pus-me a escrever na mesa da cozinha. «Se quiseres, podes levar a mesa para o teu quarto», disse a tia Hou. «Aqui o meu neto pode distrair-te». Respondi que deste modo poupávamos luz. «Temos que a poupar quando podemos, mas usá-la quando serve», respondeu ela, sorrindo. «Construímos algumas pequenas fábricas e temos mais máquinas agora na nossa aldeia. Por isso procuramos poupar a luz; para que as fábricas e as máquinas funcionem!» Falava com simplicidade, sem superioridade, nem sequer me estava a dar uma lição. Sim, pensei, era um elemento aberto e conhecedor naquela comuna. As suas acções fizeram-me compreender quanto era errado o meu velho modo de pensar, e levaram-me a fazer a minha auto-crítica e a aprender com ela.

Três dias depois, estalou um temporal. Como era impossível trabalhar nos campos, enquanto a tia Hou tinha ido a uma reunião de estudo das obras filosóficas de Mao, eu fiquei em casa a ajudar Ching-min a reparar os estragos causados pelo mau tempo. O estalar de um chicote e gritos fizeram-nos correr.

«Deve ser outro carro que se afundou na lama» disse o rapaz... Tratava-se duma nova estrada que, da ponte sobre o rio Chienkan, antes de alcançar a recta em frente duma fábrica de construção recente e dum celeiro, tinha que fazer uma curva para ultrapassar o quintal da tia Hou. Como a estrada ficava a um nível mais baixo que o quintal, cada vez que chovia ou o rio transbordava, tudo aquilo se transformava numa massa lamacenta. Tinha realmente encalhado um carro. Suando em bica e desesperado, o carreiro agitava o chicote e incitava o cavalo, enquanto uma sombra inclinada na lama procurava mover a roda no lodo... Era a tia Hou... «Ajudem-nos!» disse ela. Sob a direcção da tia Hou, empurrámos o carro com toda a força; a roda começou a girar sobre o eixo, mesmo quando o secretário do Partido chegava a correr para ajudar, com mais alguns membros da brigada. O cocheiro começou a agradecer a todos. «Deixa-te disso», disse o secretário. «Fizemos simplesmente o nosso dever. Procuraremos arranjar a estrada em poucos dias. Vamos levantar o nível do terreno de modo que os próprios autocarros aí possam passar».

(...) Nos dias seguintes, admirei-me de ver a tia Hou inquieta e pensativa. Certa manhã, acordou-me um rumor no quintal. Vesti-me rapidamente e saí. Fiquei varado. Com a ajuda

do neto, a tia Hou estava serrando o tronco do grande pessegueiro do seu quintal. Perguntei, estupefacto, por que razão ia abater aquela árvore. A tia Hou sorriu. «Não estás a ver? Não é suficiente erguer o nível do terreno, e é preciso muito tempo para o fazer. A causa do problema, que é também perigoso para o tráfego, é aquela curva que a estrada tem que fazer para passar ao lado do meu quintal. Mas eu cedo metade da minha terra à comuna, e assim a estrada poderá passar a direito». Senti por ela uma admiração extraordinária. Mas também tinha pena de que se despojasse da sua terra. «Não se poderia pensar noutra solução, tia Hou?», perguntei. Abanou a cabeça. «Porque não hei-de fazer um pequeno sacrifício para construir uma estrada para a Revolução?». Então, compreendi e ajudei-a a fazer aquilo que desejava.

de «O quintal da Tia Hou».

Meu pai tem trinta e oito anos
e foi sempre leal ao Partido.
Quando eu contestei quem dizia que
«o conhecimento dos livros não serve»,
concordou comigo.
«No passado», disse,
«os pobres, tal como as bestas de carga
foram privados durante gerações
do direito ao estudo.
Depois, surgiu o sol no Oriente,
um sol de luz alegre e brilhante,
e nós, pobres, conquistámos um lugar para nós no mundo.
e tornamo-nos senhores duma terra esplêndida.
Mantendo o poder em campo cultural, para a vitória da [Revolução,
poderemos emancipar o mundo!»

Esta noite, voltando para casa depois do trabalho,
o meu pai disse-me, sorrindo feliz:
«O Partido manda-me para a universidade:
operários, camponeses, soldados,
pegaremos na pena e saberemos controlá-la;
a nossa classe levará a cabo a tarefa
de revolucionar a educação!»

Meu pai e eu, unidos,
contestamos quem dizia que «o conhecimento dos livros [não serve».
Sempre seguindo o Presidente Mao,
com coragem, vamos em frente.

de «Nós os dois», de Chen Chien-yuan.

A lenda da Moça dos Cabelos Brancos era muito conhecida no Hopei na época da guerra de resistência ao Japão. A história é conhecida. A velha edição da Moça dos Cabelos Brancos, ainda que focando a exploração e opressão dos camponeses pelos senhores feudais, apresentava de qualquer modo graves defeitos, e talvez o pior fosse o de oferecer um quadro inadequado do espírito de rebelião dos médios e pobres camponeses. Por exemplo: quando o senhor Huang obriga o camponês Yang a subscrever com a marca do seu dedo o acto de venda da filha, Yang voltava para casa desesperado e deixava-se morrer. O que faz parecer débil e completamente desarmado o velho camponês perante o patrão. Outro defeito é o tom do amor entre Hsi-erh e Ta-chiun. Depois da libertação da aldeia e do processo ao senhor Huang, os apaixonados reunem-se: este fim favorável dá ao público a impressão de que a Revolução se concluiu felizmente.

A actual versão cinematográfica da Moça dos Cabelos Brancos ([7]), baseia-se na mesma história, mas o tema central e as personagens foram enfrentados e apresentados de maneira diferente. O filme acentua o indomável espírito de oposição dos médios e pobres camponeses para com a classe dos proprietários de terras. Yang não é um tímido e velho camponês, mas um rebelde, capaz de desafiar o senhor Huang e capaz de erguer a sua canga para lhe bater quando o patrão lhe quer levar a filha. ([8])

([7]) O filme é de 1972, e nesse mesmo ano foi apresentado em Locarno. Uma primeira versão cinematográfica da obra é de 1950 e em 1951 obteve uma menção especial no festival de Karlovy Vary.

([8]) Yang é, por isso, assassinado, ou seja, já se não deixa morrer numa noite gélida, como na primeira apresentação da obra. Depois disso, Hsi-erh não volta a pôr os pés na casa do senhor Huang em obediência a um contrato, assinado ou não à força, mas é raptada por ele.

O mesmo espírito nada servil, mas consciente, encontra-se em Hsi-erh quando o patrão tenta seduzi-la. ([9])

Na nova edição, estes heróicos personagens Hsi-erh, Ta-chiun e Yang, exprimem a revolta de milhões de camponeses contra a classe dos proprietários de terras da velha China. E o acento tónico não é colocado sobre o amor dos jovens, mas sim sobre o seu profundo espírito de classe, vivido «como camaradas». Ta-chiun une-se ao exército de libertação não para vingar apenas Hsi-erh, mas para libertar milhares e milhares de mulheres do mesmo destino dela. Até o final do filme é novo. Sim, o senhor Huang é condenado, mas existem ainda o imperialismo... os reaccionários... a luta de classes... Com base nesta verdade histórica, também Hsi-erh se une ao exército de libertação, para levar até ao fim a Revolução sob a guia do Presidente Mao e do Partido Comunista. Isto exemplifica o conceito marxista de Mao, da continuidade da Revolução. De facto, o acento tónico e colocado sobre a luta de classes, a luta armada e a direcção do Partido.

(...) Segundo as directivas do Presidente Mao — que o passado deve servir o presente e que aquilo que é estrangeiro deve servir a China —, a Escola de Dança de Xangai inaugurou esta nova edição da Moça dos Cabelos Brancos, tendo presentes as exigências do conteúdo revolucionário e das personagens, além do das massas, e introduziu audaciosas inovações, que derivam do bailado ocidental. Mas, sempre conservando as características do bailado tradicional, incorporou muitos elementos da dança clássica chinesa, da popular, da luta e das acrobacias da velha ópera chinesa, considerando precisamente estas forças mais apropriadas para exprimir um conteúdo revolucionário. O contraste com as convenções ocidentais nasce também do canto, que se alterna com a dança, coisa que há séculos é uma das particularidades mais típicas do teatro chinês.

([9]) Não vem mencionado neste escrito, que é da autoria do realizador do filme, um facto bastante elucidativo. Enquanto que na primeira versão da obra Hsi-erh é seduzida pelo senhor Huang e tem dele um filho, na actual sessão cinematográfica, tal como nas teatrais, Hsi-erh não é seduzida, porque se revolta, nem tem nenhum filho nos braços quando se esconde nos montes e lá vive. Em relação à finalidade da Revolução Cultural, um filho não seria já uma concessão ao amor materno ou a um humanitarismo de tipo burguês, mas mais propriamente um factor de enfraquecimento daquele espírito de luta de classe que se quer acentuar e promover.

(...) Dantes, a palavra do realizador era a lei. Era ele o árbitro de qualquer decisão. Mas, durante a Revolução Cultural, verificámos esta falta de discussão democrática e adoptamos o sistema de centralização democrática. Explicamos primeiro tudo aos actores e aos operadores: quais são os temas do filme, o realizador, os efeitos cénicos, de maneira que eles possam discutir esses problemas. Consultamo-los em todas as fases do trabalho, e frequentemente acrescentamos ou tiramos qualquer coisa, com base nas sugestões que eles nos dão. Um realizador deve auscultar, estudar e analisar as ideias de todos. Deve saber acolher as ideias dos outros e resumi-las, mas sobretudo deve ter a coragem de o fazer.

de A propósito do filme «A Moça de Cabelos Brancos», de Sang Hu.

ÍNDICE

Premissas 9

LU HSUN — A China emudecida 17

MAO TSE-TUNG — Discursos sobre literatura e arte na conferência de Yenan 22

1949 29

1. YANG MO — O Canto da Juventude 35
2. WANG YUAN-CIEN — Arroz para a guerrilha 47
3. HO CING-CI e TING YI — A rapariga dos cabelos brancos ... 67
4. A POESIA REENCONTRADA 81

Os ricos e os pobres. — As contas do patrão. — Uma palavra. — Comer. — O velho feudalismo. — Ao pobre uma possibilidade. — Coro. — Sementes que germinam. — Profecia. — Depois chegou o partido comunista. — Horizontes que se abrem. — Por favor, tomem conta da minha «casa». — Os pobres tornam-se senhores. — A terra dividida. — Os legítimos donos. — Sujeitar-se já não. — O grupo de socorro mútuo. — A alvorada. — Algo de novo sobre a nossa terra. — Este ano. — A margem do campo é a sua aula. — Três bombas atómicas.

5. CIOU ER-FU — Manhã em Xangai 95
6. LIU CHING — Os construtores 107
7. AI WU — Uma nova casa 123
8. LI CIUN — A história de Li Sciuang-sciuang 139
9. CHIAO SCIU-LI — O Patriarca 163
10. OS CANTOS DA BANDEIRA VERMELHA 177

Esta classe do povo. — Escrevemos as nossas poesias com coragem. — Operários, poetas e artistas. — Não te rias de mim. — Se cantarmos o partido. — Os seus raios iluminam a terra. — Estou a chegar! — Mil, dez mil dragões. — Depende de nós. — Se pergunto. — A lua, cansada, foi-se deitar. — O galo confunde-se. — A água sobe as colinas. — Esta água profunda é ouro. — Estes rios, donde vêm? — A oriente da nossa aldeia há uma reserva de água. — Pode deslocar-se uma montanha. — Um camponês só é como um fiozinho de erva. — As comunas são como pontes de ouro. — As máquinas cantam em coro. — Um dragão sobe para o céu. — Aos sete anos. — Calculador no lugar do ábaco. — O adeus ao deus da pestilência.

11. O GRANDE MUNDO 189
O oriente é vermelho 191
A nova geração 196
12. CHIOU LI-PO — A família do outro lado da montanha 201
13. HU WAN-CIUN — Dois antigos mestres 211
14. JU CHI CHIUAN — O serviço «maternidade» 221
15. REGRESSO A YENAN 239

Composto e Impresso por
PERES - ARTES GRÁFICAS
para EDITORIAL ASTER
Agosto — 1975